

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA**

FEMINISMO, PORÉM ATÉ CERTO PONTO!

**REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS
PROFISSIONAIS E DE GÊNERO**

Dissertação que apresenta ao Departamento de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia (UFPE) para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Russel P. Scott

Lady Selma Ferreira Albernaz

Recife, 1996

AGRADECIMENTOS

Aos/Às informantes, que tão gentilmente me revelaram as suas opiniões, descrevendo-me um pouco de suas vidas.

Ao Prof^o. Dr^o. Russel Parry Scott, que aceitou dar continuidade à orientação do projeto inicial, e, no acompanhamento deste trabalho, acreditou na minha capacidade, dando-me sugestões precisas e originais, importantes para o equilíbrio da discussão dos resultados aqui apresentados.

À Prof^a. Dr^a. Gisélia Franco Potengy, amiga e incentivadora do meu ingresso na Antropologia, apontando-me a pertinência deste estudo, cujo estímulo ao desenvolvimento das primeiras idéias do projeto, permitiram-me vislumbrar a possibilidade de dar curso à investigação das representações do feminismo.

À Prof^a. Dr^a. Hulda Stadler, a quem devo valiosas indicações para as reformulações deste trabalho a partir da sua primeira versão, e pela cumplicidade no gosto pelo tema, propiciadora de discussões profícuas e do sentimento de não estar só.

A todos/as professores/as do Mestrado em Antropologia, em especial à Judith Hoffnagel e à Josefa Salete Cavalcanti, que acompanharam o surgimento deste projeto, mostrando-se sempre interessadas pelo seu desenrolar.

A todos/as os funcionários do Mestrado, em especial à Regina S. S. Leão, cuja amizade, simpatia e bom humor, aliviava um pouco as angústias dos momentos mais difíceis.

À amiga Marion Quadros, pelo companheirismo e solidariedade, lembrando sua seriedade na prática profissional, sempre pronta a indicar novas bibliografias, ainda mais quando tratamos de temas limites. Saliento também as várias oportunidades, em que, em conversas informais, despertava a reflexão para novos caminhos nesta Dissertação.

À Fátima Paz Alves, amiga conquistada, “vizinha de computador”, com quem compartilhei manhãs e tardes infindas, e que muitas vezes suspendeu suas atividades para me encorajar e trocar impressões sobre os textos nascidos naqueles instantes.

À Nara Sales, Francisca, Felipe, Homero, Mácia Adriana, Adriano Campelo, Elinildo, sempre solidários e cúmplices no desenvolvimento deste trabalho, cuja convivência bem humorada, amenizava os sofrimentos e incertezas da sua realização.

Ao “petit comitê”: Grazia, Kátia (leitoras críticas da primeira versão deste trabalho), Sílvia (pela experiência mútua da primeira maternidade) Clélia, Zuleica e Ivson, pelos muitos momentos de convivência, amizade e divertimento, além dos incentivos e apreciações recíprocas para publicações, continuidade da vida acadêmica e profissional. Sem esquecer das amigas Rita e Rose (que nunca negaram o acolhimento e o empréstimo de material) e do amigo Ulisses, pela oportunidade de partilhar situações semelhantes.

Às companheiras Andréa e Jô, com as quais continuei o caminho durante o mestrado, aprofundando os estudos sobre gênero. Como também às feministas que atuam na cidade do Recife, em especial Cristina Buarque e Sílvia Camurça, cada uma a sua maneira, responsáveis pelo meu “rito de passagem” e ensinamentos, enquanto militante do movimento, onde se forjaram as primeiras reflexões sobre este trabalho. Também às amigas Milena e Bia, que me descortinaram os “horizontes” de Minas.

À Poliana e Ronaldo, amigos prestimosos, que me “socorreram” na digitação de muitos trabalhos do cumprimento dos créditos do mestrado. Como também a Suerda, que me prestou igual solidariedade.

Às amigas Marli e Leda, sempre presentes nos momentos difíceis e de solidão destes últimos meses, cuja generosidade, confiança, estímulo e carinho foram essenciais para realização deste trabalho.

Aos amigos Marcelo e Veruska pela convivência amena e dedicação afetiva e efetiva.

À Irmã Maria, pelo carinho e cuidados dispensados a Pedro, nas minhas ausências obrigatórias; Soraia pela sua contagiante alegria de viver; Letícia e Verônica pela hospitalidade e interesse demonstrados.

À Vanderlúcia, em memória, pela sua curiosidade lúcida e intensidade de viver.

À Capes, pelo financiamento de 30 meses desta pesquisa.

SUMÁRIO

	Pg.
RESUMO	
INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO I - MARCO TEÓRICO.....	27
CAPÍTULO II - METODOLOGIA.....	42
CAPÍTULO III - O DISCURSO SOBRE AS PRÁTICAS PROFISSIONAIS: trajetória acadêmica e relações de gênero.....	49
3.1- A Escolha da Profissão.....	53
3.2 - A Trajetória Acadêmica.....	63
3.3- A Classificação das Profissões segundo o Gênero.....	87
CAPÍTULO IV - O DISCURSO SOBRE AS PRÁTICAS AFETIVAS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO.....	101
4.1 - A Articulação das Atividades Domésticas e Profissionais...	104
4.1.1 - Filhos/as: responsabilidades de criação/ educação e projetos de tê-los.....	113
4.2 - Igualdade/Desigualdade nas Uniões	119
Afetivas.....	
4.3 - Aborto: opiniões e justificativas.....	144
CAPÍTULO V - AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO: a nebulosa feminista e as práticas profissionais e afetivas.	152
5.1 - A Noção de Nebulosa	154
Feminista.....	172
5.2 - Feminismo e Mudanças nas Relações de Gênero.....	
5.3 - As Representações do Feminismo.....	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	201

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	212
ANEXO.....	221

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é investigar a construção das representações do feminismo que tende a ser negativa, sendo contrastiva com sua atuação para estabelecer mudanças nas relações de gênero e construir a igualdade neste campo de poder, como também com o desejo, observável nas relações homem/mulher, de estabelecer uma maior igualdade entre si. Para tanto são consideradas as práticas/representações no campo do gênero, especificamente, na esfera profissional, na esfera doméstica e nas uniões de namoro e casamento que envolve esta esfera, reveladoras de relações de igualdade e desigualdade entre os sexos, a partir dos discursos de um grupo de alunos/as dos cursos de mestrado de Física e História da UFPE; e por outro lado, as relações que o feminismo e as feministas estabelecem com a sociedade que o/as circunscreve, que por seu aspecto multifacetado (dado o elevado número de correntes e concepções defendidas internamente ao movimento), tende a configurar-se como representações ambíguas ao mesmo tempo positivas e negativas.

No final dos anos 60, na Europa e Estados Unidos, e no Brasil dez anos depois, emerge o que passou a ser denominado “novo feminismo” porque: *"A mulher se descobre ou se quer, como sujeito de seu próprio corpo, de sua sexualidade, de sua vida - o que produz as mais diversas conseqüências políticas, econômicas, culturais. O feminismo arroga para as mulheres um espaço exclusivo de atuação política, de luta por*

seus interesses percebidos como específicos" (Franchetto, et al., 1981:16); numa trajetória de conseguir a igualdade entre os sexos. Desde então as ciências sociais¹, inclusive no Brasil, consideram o feminismo, juntamente com as transformações na composição da mão de obra por sexo (derivadas das inovações tecnológicas e dos seus impactos nas relações de produção); com a descoberta de novos métodos contraceptivos; com as transformações políticas; com a revolução sexual, entre outros fenômenos (e que também configuram o contexto de surgimento deste movimento), uma das variáveis que explicam as mudanças da condição da mulher e das relações de gênero nas três últimas décadas².

O feminismo também passa a ser estudado enquanto um movimento social, e como tal, um articulador das propostas de transformação para as relações de gênero, nas quais, na maioria das sociedades humanas conhecidas, a mulher assume um lugar de subordinação ao homem (Alves, 1980; Buarque 1993; Goldberg V. Cruz, 1982; Goldberg, 1987 e 1989; Saffioti, 1987; Rosaldo, 1979). Os objetivos centrais do feminismo são a produção de conhecimento, e, a eliminação das hierarquias sexuais, através de uma prática social crítica aos mecanismos de subordinação das mulheres que constituem impedimentos à sua autonomia (Soares, 1994, p.15). Na produção de

¹ Dentre elas, a antropologia se destaca de maneira especial ao oferecer a possibilidade de comparação entre as culturas e assim demonstrar que as diferenças de sexos são construções sociais, e como tais envolvem arranjos diferenciados, não determinados pela biologia. Remeto a Heilborn (1992) e Machado (1992), para as considerações sobre as contribuições recíprocas entre o feminismo e esta disciplina. Por sua vez, Stadler (1995) assinala o debate recente sobre a criação de uma antropologia feminista, enquanto uma especialidade desta disciplina.

² A esse respeito existem muitos estudos, a exemplo de Bruschini, (1985, 1994a, 1994b) que explora as relações entre mulher e trabalho doméstico e assalariado; Rosemberg (1994) que se preocupa com as mudanças na escolaridade feminina; Saffioti (1976, 1987, 1992) que entre outros temas, relaciona os estudos de classe aos de gênero; Lobo et al. (1987) e Lobo (1988, 1992) que estuda a divisão sexual e social do trabalho do ponto de vistas das relações entre homens e mulheres; Durham (1983) sobre as igualdade e desigualdade entre os sexos nos setores público e no privado; Goldberg V. Cruz (1982), e Goldberg (1987, 1989) que interessa-se mais especificamente sobre a trajetória do movimento feminista no Brasil; entre outras autoras.

conhecimento³, o encontro feminismo/academia, e isto não apenas no Brasil, mostra-se profícuo, tanto pela intensificação da produção científica sobre a condição da mulher, que inicialmente voltaram-se para dar visibilidade à participação das mulheres nos processos históricos (Goldberg, 1989, Saffioti, 1987), quanto porque vem ensejando a construção de novas explicações para as relações homem/mulher, a exemplo da noção de gênero como um meio de falar de sistemas de relações entre os sexos (Scott, s/d)⁴.

Por outro lado, as investigações sobre o tema tem revelado impasses na convivência de valores de mudança com a permanência de relações de subordinação feminina no campo do gênero, ou seja, de um lado, o desejo da construção da igualdade entre homens e mulheres, e de outro, a recorrência a padrões de comportamento estabelecidos e legitimadores das desigualdades entre os sexos. Dentre esta produção se destacam os estudos sobre a participação feminina no mercado de trabalho, onde se verificam as mudanças mais evidentes; e, estudos sobre a reprodução e divisão sexual do trabalho⁵, onde as desigualdades de gênero são mais persistentes, e geralmente, justificam-se pela associação mulher/mãe e homem/provedor⁶ (Chodorow, 1979).

Neste sentido, Lobo et al. (1987) mostram o ingresso da mão de obra feminina na indústria metalúrgica, que era de exclusivo domínio masculino. Bruschini (1994b), nota que a mulher está, de maneira contínua, disseminando a sua participação

³ Benhabib & Cornell (1987) na Introdução da coletânea: Feminismo como crítica da modernidade, colocam em evidência as contribuições do feminismo na crítica do conhecimento moderno.

⁴ Entretanto, sem esquecer os aspectos da resistência que a institucionalização do tema provocou, e ainda provoca, no interior da academia (Saffioti, 1987, pp. 120-26).

⁵ Concorde com Combes e Haicault (1987, p. 24-26) ao considerarem que a reprodução é a produção social de seres humanos, enquanto a produção é a produção social de bens, sendo que a reprodução e a produção são indissociáveis, não se podendo pensar uma sem a outra. E assinalam que, em toda parte, homens e mulheres participam desigualmente destas duas esferas, cabendo às últimas um papel decisivo na reprodução, que no mais das vezes implica na sua exclusão do campo sócio-político, expresso em termos da divisão sexual do trabalho. Divisão que, se é anterior ao capitalismo, será acirrada por este. O que não implica que a determinação da divisão sexual do trabalho explique a subordinação social das mulheres.

pelas mais diversas atividades laborativas, em que pese a permanência de mecanismos sutis que propiciam o direcionamento delas para áreas profissionais mistas ou femininas (guetos profissionais) (Ferrand, 1994; Rosemberg, 1994). Continuam desiguais as remunerações salariais percebidas, sendo as femininas sistematicamente inferiores às masculinas (Lobo et al., 1987). Quanto às explicações para o ingresso feminino no mercado de trabalho como estratégia para aumentar a renda familiar, dada as sucessivas crises econômicas vividas no país, elas tendem a ser contestadas, pois *“a ampliação da atividade econômica das esposas não é provocada apenas pela pobreza, mas é mais elevada nos níveis mais altos de renda, sobretudo na zona urbana”* (Bruschini, 1994b, p.185).

As relações entre a produção e reprodução, e a divisão sexual do trabalho, como assinalam Combes & Haicault (1987), colocam em pauta as diferenças entre as trajetórias profissionais de homens e mulheres. Neste aspecto os estudos de Bruschini (1994b; 1985), indicam que a trajetória profissional feminina depende de fatores como a posição da mulher no interior do grupo doméstico e do ciclo de desenvolvimento deste grupo, e da escolaridade feminina, enquanto a trajetória masculina é relativamente independente da vida familiar. Da mesma forma que, a persistência da designação prioritária das mulheres para as atividades domésticas, ainda que tenham um trabalho remunerado, cria uma nova desigualdade: a dupla jornada de trabalho, facilmente negada pela sistemática ocultação econômica do trabalho doméstico (Durham, 1983; Fougeyrollas-Schwebell 1994).

Entretanto, vários estudos têm evidenciado transformações recentes na família brasileira, tanto do ponto de vista demográfico (Goldani, 1994), como da perspectiva dos valores que orientam as práticas das pessoas que as constituem

⁶ Porém estas duas esferas, atualmente, não são vistas de forma isolada, sendo o sentido dos estudos com ênfase numa ou noutra esfera o de aclarar as suas mútuas influências.

(Figueira, 1987), principalmente no que se refere à participação do homem nas atividades relacionadas à criação dos filhos, com a simultânea assunção das mulheres ao mercado de trabalho⁷. Boa parte destes estudos referem-se ao contexto da região sudeste do país, especialmente as camadas médias⁸, e baseiam as explicações destas mudanças na adoção dos valores individualistas, posto que esta ideologia tem como princípio a busca da liberdade e da igualdade nas relações pessoais e familiares (Velho, 1987).

Mas, para Heilborn, há um dilema entre o igualitarismo que esse sistema propala com a realidade “...eivada de assimetrias constitutivas. Mas é justo no âmbito desse modo de significar o mundo - primazia do indivíduo que possui uma lógica anterior à do próprio social - que faz emergir o questionamento dos papéis de gênero.” (Heilborn, 1991, p. 36)⁹. E o questionamento por ela referido é o (re)surgimento do movimento feminista atual. Porém, “...as representações existentes na sociedade brasileira acerca das feministas não eram nada enaltecidas nem encorajadoras para as militantes, ainda estigmatizadas e assimiladas a mulheres frustradas, mal-amadas, lésbicas sexistas cuja principal luta seria contra os homens.” (Goldberg V. Cruz, 1982, p. 54). Se isto foi verdade para o final dos anos 70, quando o movimento dava os primeiros passos

⁷ Uma parte dessas mudanças também se orientavam no sentido de romper com valores “machistas”, neste aspecto Luz (1982) indicava uma tendência, ainda incipiente, do surgimento de um “novo homem” e de uma “nova mulher”, que rompiam, parcialmente, com o pacto da mulher do “lar” e do homem provedor, associados/as, por oposição, às qualidades de frágil, instintiva, sensível, emotiva / forte, racional, inteligente, frio, respectivamente. A respeito do “novo homem” ela diz que: “Se já fez autocrítica do machismo passado, ainda não conseguiu força suficiente para a prática da nova forma de relacionamento - igualitária - e para as exigências, muitas vezes desgastantes, que essa nova forma de relacionamento homem-mulher certamente suscitará.” (Luz, 1982:31)

⁸ Exemplos de estudos sobre a transformação das relações de gênero em camadas médias do Recife, são os trabalhos de Almeida (1988) e Araújo (1994), que apontam aspectos de mudança e permanência nestas relações no interior das famílias pertencentes a estas camadas. Scott, R. P. (1994), analisa gênero e classe comparando famílias de trabalhadores pobres com as de camadas médias, assinalando, nestas últimas, a existência de mecanismos que “invisibilizam” o trabalho feminino na casa e na rua, contraditório com o ideal de igualdade contido nas representações que as camadas médias tem sobre si mesmas.

⁹ A contextualização histórica do feminismo dentro do sistema individualista é também salientado por Franchetto *et al.* (1981, pp. 34-35).

no Brasil, não parecem de todo eliminadas, nos dias de hoje, representações semelhantes, inclusive, Costa e Sardenberg (1991), apontam a persistência de representações, negativas do feminismo e das feministas ainda nos anos recentes¹⁰.

Daí, parece proveitoso investigar as representações do feminismo e como elas se constróem, considerando-o um dos interlocutores das propostas de igualdade entre os sexos, um vez que a sociedade brasileira passa por várias mudanças no âmbito das relações homem/mulher. Todavia, esta mesma situação de mudança nas relações de gênero, aqui apontada, revela-se contraditória. De um lado surgem situações que assinalam para uma maior igualdade, e de outro, permanecem práticas marcadas por maiores desigualdades entre homens e mulheres, sugerindo a possibilidade de uma relação entre as práticas de gênero e as representações do feminismo¹¹. E por sua vez, permite indagar: o que dizem eles e elas, sobre suas práticas na esfera profissional, e na esfera doméstica e uniões de namoro e casamento que a envolve? Estas práticas se apresentam passíveis de uma assimilação com as propostas feministas, ou são mais afiguradas com práticas tradicionais das relações de gênero?

Neste sentido, a seleção dos indicadores dos aspectos de igualdade e desigualdade nas relações de gênero (nesta investigação) é norteada, tanto pelo ângulo da maior visibilidade com que se apresentam socialmente estas mudanças/permanências, e que foram discutidas anteriormente (pp. 11-12); quanto por caracterizarem-se (também) como uma das propostas do “novo feminismo”. Por isto,

¹⁰ Moreno (1988 *apud* Costa & Sardenberg, 1991, pp. 25-6) afirma a continuidade da imagem das feministas como “masculinizadas”, cristalizadas enquanto mulheres severas (como os homens), coerentes, engajadas, resolvidas, sem conflitos, o que além de “sufocar” estas mulheres, serve de argumento para afastar outras mulheres do relacionamento com as feministas. Vasconcelos (*apud* Costa & Sardenberg, 1991, p. 26), indica que entre as pesquisadoras havia uma certa resistência em se denominarem feministas, ainda que concordassem com o feminismo.

¹¹ Tal sugestão tem por base a associação entre prática e representação segundo Bourdieu, onde a segunda seria a teoria “espontânea” da primeira. (*apud* Romano, 1987, p. 52).

cabe uma pequena digressão sobre a história do feminismo¹², para apontar quais as propostas do movimento que são consideradas no recorte dos indicadores desta pesquisa.

Os primeiros grupos de mulheres que postulam a igualdade de direitos para os dois sexos que se tem registro, são do século XVIII, no período pós-Revolução Francesa, tendo por base as transformações produtivas e a ideologia liberal de igualdade, fraternidade e liberdade (Buarque, 1993). A exemplo de Buarque, outros estudos situam neste período o início da história do feminismo moderno, sendo que ela assume maior vulto no século XIX com a luta pelo voto, desenvolvida pelas sufragistas na Europa e Estados Unidos da América (Alves, 1980; Michel, 1982). Além de um feminismo liberal, são registradas as discussões das mulheres socialistas no interior de partidos e sindicatos (feministas socialistas), que influenciadas pelas idéias de Engels (1982), identificavam a origem da opressão das mulheres com o advento das classes sociais, de maneira que, o fim das classes também seria o fim desta opressão, sugerindo que a incorporação das mulheres à produção criaria as bases da sua libertação (Costa & Sardenberg, 1991, pp. 7-8)

Hahner (1978), Alves (1980), Bernardes (1988), assinalam que no Brasil, no final do século XIX, existiu uma imprensa feminina, voltada para reivindicar educação, trabalho e direitos legais para as mulheres brasileiras, dentro dos preceitos do liberalismo. Porém, a exemplo do que ocorria nos outros países e, talvez até para lograr legitimidade pública, apoiavam-se no melhor desempenho do papel de mãe e educadoras dos futuros cidadãos como justificativas destes direitos. As reivindicações pelo voto, no Brasil, só tomarão corpo nas décadas de 20 e 30 deste século (Alves,

¹² Nunca é demais salientar, que este histórico é breve. Ele não esgota, e nem tem esta intenção, a discussão sobre o desenvolvimento ou história do feminismo, sendo apenas uma das versões possíveis, entre muitas outras, sobre este processo de constituição e surgimento do movimento. Sem perder de vista que a sua

1980). O feminismo socialista, deste início de século, não tem uma atuação distinta daquele desenvolvido na Europa, como visto no parágrafo acima (Costa & Sardenberg, 1991, pp. 17-18).

Michel (1982, p.73) indica que na França, a partir da década de 20 as feministas impulsionavam suas lutas pela filosofia do “personalismo” invocando a dignidade da pessoa, e não a complementação de renda ou educação dos filhos, para justificar o direito das mulheres ao trabalho e à participação política. Já Goldberg V. Cruz (1982, p. 40-41), situa o período que vai da segunda guerra mundial até a década de 60, como de relativo interregno nas lutas e reivindicações feministas, principalmente nos países europeus. Costa & Sardenberg (1991) registram, para este mesmo período no Brasil, a existência de diversos grupos de mulheres (socialistas e liberais) voltados para apelar por melhores condições de vida e igualdade de direitos entre homens e mulheres no plano público¹³. Ainda que a obra de Simone de Beauvoir (1980) “O segundo sexo”, tenha sido lançada em 1949 e seja considerada a “inspiradora” de muitas questões do “novo” feminismo, que se consolida no final dos anos 60¹⁴, parece haver um relativo consenso, entre as autoras citadas aqui, em considerarem o pós-guerra como de certa acomodação das lutas feministas¹⁵.

Chamo a atenção do leitor para dois aspectos: o primeiro, diz respeito às características do feminismo até aqui apontadas, que já indicam uma certa diversidade do movimento que vão além da oposição liberalismo e socialismo, acima referidos¹⁶. O

discussão, se faz no sentido de identificar as propostas que serão usadas na seleção dos indicadores desta pesquisa para alguns aspectos de igualdade/desigualdade, nas relações de gênero.

¹³ Costa Pinheiro (1981) traça uma descrição semelhante para este mesmo período.

¹⁴ A respeito da importância desta obra para o “novo” feminismo ver Franchetto et al. (1981), Saffioti (1987), Goldberg V. Cruz (1982), Bandeira & Oliveira (1989).

¹⁵ As considerações acima, sobre o período que compreende o pós-segunda guerra até os anos 60, sugerem a necessidade de mais estudos que o enfoquem.

¹⁶ Costa & Sardenberg (1991) apontam as diferenças das organizações dos grupos no sentido de serem mais ou menos pacíficos na expressão de suas reivindicações; Alves (1980) indica ainda, os aspectos das alianças com outros grupos sociais, significando também o tratamento das questões específicas das mulheres juntamente

segundo diz respeito aos impactos que estas idéias certamente devem ter causado na sociedade da época, fato que vem acompanhando o feminismo desde então¹⁷.

Mas, no que diz respeito a esta investigação, as propostas do movimento feminista que orientam a circunscrição dos indicadores de igualdade/desigualdade nas relações de gênero, constelam em torno do “novo” feminismo. Na década de 60 o “ressurgimento” do feminismo, na Europa e Estados Unidos da América, e também no Brasil na década seguinte, vem acompanhado do adjetivo “novo” por colocar em pauta: a autonomia (controle do próprio corpo, e autodeterminação pessoal); a sexualidade (separar o prazer da procriação); a realização pessoal das mulheres (a partir da (re)inclusão das mulheres na esfera pública, pela crítica severa à divisão sexual do trabalho); que giram em torno da idéia de que o “pessoal é político” (Goldberg V. Cruz, 1982, p. 39-43)¹⁸. A possibilidade destas “reapropriações” situam-se, no campo político, nas transformações das esquerdas, ou nova esquerda, (releitura do marxismo a partir da guerra do Vietnã e dissidências no leste europeu); nas lutas das minorias raciais e sociais (movimentos negro, homossexual e ecológico), cujo ápice são os acontecimentos do Maio de 1968. No campo do conhecimento, a antropologia, a psicanálise, a escola de Frankfurt, questionam temas como o autoritarismo, as diferenças entre os sexos e sua construção cultural, a política sexual. No campo da

com os direitos humanos, como a luta abolicionista nos Estados Unidos, e as cruzadas assistencialistas. Da mesma maneira Michel (1982) mostra a relação do feminismo europeu com questões da mesma ordem referidas por Alves, além das propostas pacifistas no período do entre guerras.

¹⁷ Remeto aqui para uma artigo de Heloísa Buarque de Hollanda (1992) que ao investigar o ingresso de Raquel de Queiroz na Academia Brasileira de Letras oferece um panorama das discussões no seio da intelectualidade do país e que também envolvem as reivindicações feministas, tanto das décadas de 30, quanto da de 70. Inclusive, a polêmica reveste-se de um certo tom picaresco, pois os acadêmicos, senhores circunspectos e com a investidura de tratar sobre normas gramaticais, enfronharam-se numa querela circular sobre o substantivo “brasileiro” nato (desinência neutra que indica o gênero humano), dos seus estatutos e que assinalava uma das características dos possíveis imortais, incluiria ou não a metade feminina da população.

¹⁸ Michel (1982, p. 67-73) cita vários exemplos de mulheres que, a partir do século XVIII, pleiteiam redefinições semelhantes destes elementos de construção das identidades de gênero, porém são exemplos isolados, sendo preponderante postular o direito à igualdade nos termos liberais sem questionar a posição das mulheres na família .

reprodução humana as novas tecnologias para controle da natalidade, como a pílula anticoncepcional, vislumbraram a separação entre o sexo, o prazer e a procriação (Goldberg V. Cruz, 1982, pp. 39-40)¹⁹.

Ressalto que algumas das correntes que compõem o “novo” feminismo passarão a ser vistas como radical, porque explicam as desigualdades entre homens e mulheres com base nas diferenças biológicas. Eles/as são constituintes das duas classes em luta ao longo da história, através do sistema patriarcal²⁰. Esta base biológica faz das mulheres “irmãs”, essencialmente iguais²¹, as quais são convocadas a estabelecer uma nova sociedade, seja para substituir o princípio masculino pelo feminino na organização do mundo; seja para construir a unissexualidade (uma sociedade sem sexos), sendo Firestone (1976) considerada o exemplo emblemático desta última proposição²². De maneira que, este debate também incorpora, ou talvez tenha as idéias liberais²³ como substrato.

¹⁹ Ver também Franchetto et al. (1981) para esta contextualização e a importância das contribuições da Antropologia.

²⁰ Sistema patriarcal é entendido como aquele que sustenta as desigualdades de gênero, onde o pai detém todo o poder sobre a família (poder este sobre a mulher e o controle sobre seu corpo: procriação/sexualidade) (Saffioti, 1987, 1992; Barbieri, 1993; Badinter, 1986; D’Euboe, 1977; Bachofen, 1987, entre outras/os).

²¹ Esta identificação propicia a organização das mulheres em grupos de autoconsciência (ou de Reflexão, no caso brasileiro), que são característicos da estrutura do movimento feminista. São constituídos por um pequeno número de mulheres que se reúnem sistematicamente, mas negam uma estrutura hierárquica, para discutir: sexualidade, saúde, contraceção, as desigualdades e dominação masculina, e que têm inspiração em técnicas terapêuticas da psicologia, justamente pelo seu caráter de redefinição da identidade pessoal valorizando-se a mulher (Goldberg V. Cruz, 1982, p.55). Ver também Costa & Sardenberg (1991); Costa (1987); Fox-Genovese (1992); Moraes (1985). São neste grupos que se forja a idéia de que o “pessoal é político”.

²² Várias são as autoras que discutem as questões do feminismo radical, se há um relativo consenso na crítica à Firestone, por sua vez não se pode negar a valorização do feminino na hierarquia de gênero que é um resultado necessário da luta contra as desigualdades entre os sexos, porém também são criticados os excessos da constituição de uma sociedade apenas de mulheres (Franchetto *et al.*, 1981; Saffioti, 1987; Costa & Sardenberg, 1991). Para uma discussão destas correntes nos Estados Unidos da América ver Fox-Genovese (1992) a reflexão a partir da ótica da irmandade feminina, associado ao slogan “o pessoal é político”, permite à autora apontar os limites políticos desta concepção, e os prejuízos para a percepção das diferenças entre as mulheres tais como classe, geração, raça e etnia. Inclusive, a autora fornece algumas pistas do aspecto sedutor deste argumento da irmandade. Por sua vez, com exceção de Saffioti (1987, pp. 111-2) que se fixa numa crítica às posturas de Firestone (cujas propostas forneceriam toda sorte de argumentos para os críticos do feminismo), há um relativo consenso em torno da importância dos grupos de autoconsciência (nota 21) na elevação da autoestima feminina; na politização das desigualdades surgidas na esfera privada; na coletivização das experiências pessoais; na “harmonização” das propostas de autonomia das mulheres com apropriação do seu corpo e

O feminismo socialista tendo como discussão central, a origem da opressão/exploração das mulheres, assume novas características nesta conjuntura do “novo” feminismo: 1 - intensificam-se as polêmicas sobre a autonomia das organizações de mulheres, relativamente aos partidos; 2 - avolumam-se os debates sobre a aliança entre patriarcado e o sistema de classes capitalista; 3 - renovam-se as temáticas políticas pela injunção da “nova esquerda” e a premência da redemocratização dos países da América Latina (Eisenstein, 1984; Astelarra, 1984; Saffioti, 1987, Alvarez et. al. 1990)²⁴. Sem esquecer, que as várias correntes socialistas, no seu aspecto de classe e partidos, refletem diversos feminismos.

De maneira que, retomando a discussão dos indicadores desta investigação, entre as idéias singulares do movimento que o precede, o “novo feminismo”, apesar de toda sua diversidade organizativa e ideológica, continuará a pleitear de forma unitária a realização da mulher enquanto pessoa através do exercício profissional²⁵, ou seja, pelo ingresso na esfera pública (Goldberg V. Cruz, 1982, pp. 39-40), incorporando a crítica à reserva de profissões por sexo (guetos profissionais). Surgem ainda como aspectos novos, a crítica à divisão sexual do trabalho, interrelacionada à conquista do espaço profissional. Da mesma forma que as propostas anteriormente citadas, a conquista da autonomia e do livre exercício da sexualidade pelas mulheres são indicadores valiosos das relações de poder e de igualdade e

sexualidade; entre outros aspectos. De forma que, mesmo sendo diferentes, os grupos conseguem uma unidade em torno de pontos básicos dos resultados da opressão da mulher, como o controle do corpo e da sexualidade, a violência de que são vítimas, a desvalorização do trabalho doméstico, e por extensão do que se classifica como feminino, entre outros aspectos.

²³ Rohden (1995) ressalta a afiliação ao liberalismo na máxima de Sturat Mill: “meu corpo me pertence”, que o feminismo adota como premissa. Ver também Pallares-Burke (1993) sobre a discussão de autonomia, enquanto um princípio do iluminismo e da revolução burguesa.

²⁴ Yannoulas (1994), assinala as semelhanças entre o feminismo socialista com as propostas do feminismo radical quando se quer a construção de uma sociedade igualitarista, sem que hajam diferenças, de qualquer sorte, entre seus membros. Machado (1992) também empreende uma discussão que identifica a aproximação das correntes feministas em termos das propostas, as quais partem de explicações diferentes das desigualdades entre os sexos. Esta discussão será retomada no marco teórico.

desigualdade entre os sexos. Portanto, a partir destas propostas do “novo” feminismo, busco perceber aspectos de igualdade e desigualdade entre homens e mulheres, numa leitura dos seus discursos sobre as suas práticas na esfera da profissão (trajetórias) e no espaço da casa, inclusive das uniões de namoro e casamento; e posto que, estão norteadas pelas propostas do próprio movimento feminista, é sugestivo assimilar estas práticas com tais propostas e ao mesmo tempo com as representações que são elaboradas sobre o feminismo.

Entretanto, além de considerar que as representações do feminismo têm por base as próprias práticas de homens e mulheres no campo do gênero, e que aqui são investigadas, também entendo que as relações que o movimento (especificamente o “novo” feminismo) estabelece com a sociedade na qual se insere, mostram-se relevantes nas classificações, positivas e negativas, que se tecem sobre o mesmo. Portanto, enfoco a seguir alguns aspectos do “novo” feminismo no Brasil para situar a discussão da relação e inserção deste movimento nesta sociedade.

A análise da história, a observação, e também a participação, em muitas das atividades do movimento feminista, levaram-me a perceber a complexidade da sua organização e as muitas facetas com que ele se configura no contexto brasileiro, que até mesmo a discussão acima já oferece um panorama. O “novo” feminismo instala-se no Brasil recortado pelo início da luta contra a ditadura, em meados da década de 70, e se expressava num movimento constituído, majoritariamente, por mulheres, reunidas sob a bandeira da anistia, contra carestia, violência contra mulher, melhores condições de vida (água, luz, saneamento) nos bairros populares (Costa e Sardenberg, 1991). Para Moraes (1985, p. 1), a proclamação de 1975 como Ano Internacional da Mulher, como também a década subsequente, por iniciativa das Organizações das Nações

²⁵ Para tanto ver Michel (1982, p.73), já indicada anteriormente.

Unidas (ONU), foi fundamental para a constituição do feminismo no Brasil, e desde então a autora salienta a atuação de grupos feministas em Recife-PE (p. 22)²⁶.

Assim, o surgimento do feminismo brasileiro, assume um aspecto particular frente ao europeu e norte-americano, qual seja, a defesa de propostas que não são específicas à dominação feminina. De certa forma este seu caráter se explica pela representação negativa do feminismo, aqui já referida (ver nota 10). Além disso, nos setores de esquerda havia a acusação de ser um movimento pequeno-burguês criticado duramente quanto ao direito de constituir-se como uma organização autônoma, e por isso, divisor da luta de classes, sendo mais premente a redemocratização do país, passo fundamental na conquista do socialismo brasileiro, momento em que se resolveria naturalmente a contradição entre os sexos (Costa & Sardenberg, 1991; Saffioti, 1987). A polêmica sobre a autonomia e luta geral-classes/específica-mulher, também perpassa as relações entre feministas e movimento de mulheres (com reivindicações gerais, mas que afetam a condição da mulher, além do que são elas que estão lutando) na tentativa de traçar os limites entre ambos (Costa e Sardenberg, 1991; Alvarez et al., 1990). De maneira que estas várias polêmicas vão refletir-se nos grupos feministas que se dividem quanto a organização, na oposição entre "ação para dentro" - que são os grupos de reflexão (na Europa e Estados Unidos grupos de autoconsciência²⁷), "ação para fora" - como divulgar a proposta feminista para outras mulheres e que tinham um caráter irregular e esparso (Malheiros, 1987); o que de certa forma, contribuía para que fosse visto como um feminismo único (Saffioti, 1987; Costa e Sardenberg, 1991).

Por sua vez Costa (1987) assinala a existência de um grupo com as características daqueles de autoconsciência no início da década de 70, na cidade de

²⁶ Para uma discussão do movimento feminista no Nordeste, como também em Recife, remeto a Buarque (1986), que aponta, para esta região, características semelhantes àquelas aqui sugeridas como peculiares do feminismo brasileiro. Destaco, inclusive, uma carência de estudos neste sentido, o que indica a necessidade de novas investigações posteriormente.

São Paulo, constituído por mulheres de nível universitário, muitas delas de carreira acadêmica. Assim como na Europa, onde o feminismo surge com forte ligação com o Maio de 1968 e portanto, relacionado com a academia, sendo suas pesquisas assumidamente do movimento (Goldberg V. Cruz, 1982); no Brasil, porém, esta associação tem algumas peculiaridades. Segundo Costa (1987), havia uma tendência de demarcação entre ser feminista militante e não desenvolver pesquisas sobre o feminismo na academia; e ser acadêmica especialista na problemática da condição feminina, assumindo uma certa distância do feminismo militante. Esta polêmica reflete, até certo ponto, a representação negativa do feminismo na sociedade brasileira aqui já referidas, que em muitos aspectos se associa ao teor das suas reivindicações e o receio de não ser considerada feminina (Goldberg V. Cruz, 1982, também a nota 10 acima). Além disso, no âmbito da academia brasileira havia resistência ao tema, considerado perpassado pela subjetividade das pesquisadoras, o que afetava a objetividade, comprometendo o resultado das pesquisas científicas²⁸.

A partir de 1979, com a anistia brasileira consolidada, intensifica-se a organização específica de mulheres no país. Sendo que, o retorno das mulheres exiladas (principalmente na Europa), imbuídas dos sentidos das diferenças de interpretações e explicações para transformar a condição da mulher (feminismo radical e socialista, vistos acima), propicia questionamentos dentro do movimento feminista brasileiro que culminarão em cisões, alianças e surgimento de novos grupos (Sarti, 1988). Neste processo, a constituição dos novos partidos políticos (reforma partidária de 1982) acirra a discussão sobre autonomia do movimento, favorecendo novas rupturas (Moraes, 1985)²⁹. Este fato se repete com a criação dos Conselhos da Condição

²⁷ Ver nota 21 acima.

²⁸ A este respeito ver também Saffioti (1987).

²⁹ Numa discussão recente, Pinto (1994) põe em evidência a maior valorização da representação parlamentar no jogo democrático, o que em muito obscurece a importância da atuação dos movimentos feministas no Brasil,

Feminina como órgãos do Estado, na década de 80 (Costa & Sardenberg, 1991; Saffioti, 1987). Outro aspecto nestas mudanças internas do feminismo brasileiro, é a tendência à especialização dos grupos nos seguintes temas: saúde/sexualidade, violência contra a mulher; trabalho/geração de renda (Moraes, 1985; Saffioti, 1987). Mas como disse anteriormente, a idéia de um feminismo único ainda perpassava a sociedade brasileira, aliada com a sua divulgação através dos meios de comunicação, que tendia a desvalorizá-lo em bloco, ou a incorporar suas propostas com uma releitura própria³⁰.

Assim, esta trajetória de formação do feminismo brasileiro, que caracteriza-se pela pluralidade de correntes e opiniões que são defendidas dentro dele, é paradoxalmente percebido como um feminismo único. Isto se deve, também, a ações de divulgação para o grande público, geralmente, de caráter irregular e esparso; pela apropriação que a imprensa faz das idéias feministas (que ora é fiel, ora transmuta seu conteúdo); pelo seu caráter de participação política, mais do que de representação democrática (ver nota 29). Aliando todos estes aspectos à imagem negativa do feminismo no Brasil (que o acompanha desde o seu surgimento), tem-se os fatores que se apresentam sugestivos para a formulação da noção de “nebulosa feminista”.

Ou seja, esta noção de “nebulosa feminista”, que não deixa de perder sua nuance de imagem metafórica³¹ ao ser empregada em uma análise científica mas,

que privilegia a participação na sua ação política. E na minha opinião se avizinha do *slogan*: “o pessoal é político”.

³⁰ Um exemplo dessa apropriação ao mesmo tempo que “fiel” (quando discutia sexualidade, direitos da mulher, em que pese os sentidos dados aos assuntos em pauta), mas que ao mesmo tempo veicula os quadros tradicionais, especialmente moda e beleza, dos programas femininos é o Programa TV Mulher, criado na década de 80 (Rede Globo); e algumas novelas brasileiras (Toscano e Goldenberg, 1992).

³¹ *Nebulosa* (**substantivo**), segundo Aurélio B. de H. Ferreira, são nuvens de poeira e gás situadas, em geral, fora do sistema solar. E *nebuloso* (**adjetivo**) é aquilo que está coberto de nuvens; sem transparência - turvo; pouco definido - indistinto; pouco claro - obscuro. (Ferreira, 1993, p. 380). E aqui, me refiro a *Nebulosa* nos dois sentidos, tanto de distanciamento, enquanto uma metáfora com o substantivo, quanto das qualidades expressas pelo adjetivo nebuloso. Foi também inspiração desta metáfora a conferência sobre *Nebulosa Místico-esotérica*, proferida por Françoise Champion, no Mestrado de Antropologia da UFPE, em 1994, quando o projeto desta Dissertação estava em andamento. A conferencista, ao situar a nova religiosidade francesa, caracteriza-a como heterogênea ao conter princípios religiosos e mágicos, mas assume um aspecto de

principalmente, pretende sintetizar esta relação que o feminismo estabelece com a sociedade, a qual se afigura pouco clara, difusa, opaca, dada as características do movimento, principalmente o seu feitio multifacetado, pelas muitas correntes e posições que nele são defendidas. Relação que contribui para que seja visto como único, quando é plural. Além do teor de transformação que nele se expressa propiciador de representações negativas na maioria das vezes, mas dado a ideologia individualista maior na qual está contido (Heilborn, 1991) pode, de forma ambígua, ser valorizado positivamente.

Reforçam esta noção de nebulosa feminista a atuação das feministas de maneira independente, e que podem ser vistas como “o feminismo”, afora as impressões pessoais negativas que as mesmas possam despertar nos seus interlocutores. Além disso, a tomada de consciência pelas mulheres de sua condição de gênero como construção social, e por isso mesmo, passível de transformação, tem duas vias: isoladamente no processo de uma individualização³²; ou através de grupos que reivindicam o feminismo. (Goldberg, 1987:77). De forma que, esta primeira via, pode ser um dos argumentos para negar a legitimidade do movimento, posto que desnecessário num processo de transformação da condição feminina, coadunando-se com a sua representação negativa.

Mas isto não implica a negação do feminismo pela sociedade, há canais oficiais que revelam seu reconhecimento em nível internacional, a exemplo da ONU, que já organizou quatro conferências internacionais de mulheres, sendo a última em Pequim, 1995 (Guedes, 1995), contando com a participação oficial do Brasil (e das feministas).

homogeneidade na valorização do individualismo e do holismo. Também contribuiu para tanto, as conversas com o Prof. R. P. Scott sobre as características multifacetada do movimento, paralela a sua síntese social como único e as ambigüidades da sua representação, ao qual agradeço a valorosa sugestão.

³² Segundo a própria Goldberg (1987, p.77), esta individualização opera-se no contexto de uma sociedade orientada pelos valores individualistas, e pela noção de projeto, segundo a definição de Gilberto Velho, que ela tem por referência.

Nacionalmente, também se instituiu um órgão governamental para tratar dos assuntos concernentes aos direitos da mulher, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, atitude repetida em alguns estados e municípios, sendo todos eles resultantes de pressões e reivindicações de setores dos movimentos feministas e de mulheres. Também foram criadas Delegacias Policiais específicas para o atendimento dos casos de violência contra a mulher, em resposta às propostas destes movimentos. A atuação das feministas e do movimento de mulheres foi marcante na elaboração da Constituição Federal de 1988, quando foram conquistados/consolidados vários direitos para as mulheres (Costa & Sardenberg, 1991; Saffioti, 1987; Moraes, 1985, esta última, especialmente, sobre os Conselhos da Condição Feminina e a atuação da ONU).

Estes são exemplos reveladores do reconhecimento do feminismo e da sua atuação enquanto interlocutor na sociedade para as transformações das relações de gênero. Eles também reforçam a necessidade de entender como se processam as representações sobre o feminismo, tanto pela análise das práticas das relações de gênero de homens e mulheres, quanto tendo em vista a forma como ele se apresenta à sociedade, a partir do estudo de um grupo específico.

Assim, o interesse de investigar esta problemática circunscreve-se a um conjunto de alunos/as universitários. A sua escolha é orientado por três razões básicas: 1- o fato do feminismo, tanto no Brasil, como na Europa ter surgido em ambientes acadêmicos ou próximos a ele; 2- o acesso ao conhecimento formal que caracteriza o grupo, que pode propiciar uma maior racionalidade no tratamento da questão, sem no entanto fugir do senso comum. Por outro lado, a universidade apresenta-se com uma certa área de abertura para idéias novas³³, especialmente em nível dos/as alunos/as. Se são verdadeiras tais características, podem propiciar um certo controle dos

³³ Bourdieu, qualifica de vanguarda elite, intelectual, certos setores da universidade a quem tudo é permitido, mas também facilmente desqualificável como composto de “preciosas ridículas” (*apud* Costa 1987, p. 88).

resultados encontrados, diminuindo a intensidade das representações negativas do feminismo; 3- a última destas razões, é o fato de que as mudanças no comportamento da mulher tornam-se tanto mais acentuadas quanto maior é o nível de instrução da mesma, pois ela anula os efeitos do estado conjugal na correlação com o trabalho, e influi na diminuição do número de filhos/as (Bruschini, 1994b). É entre pessoas de nível universitário que o quadro de mudanças referidos acima, principalmente no sudeste do país, são investigados e verificados. Dessa forma, esta população parece atender o objetivo de investigar as representações do feminismo num contexto de mudança das relações de gênero.

Cabe fazer uma observação sobre a população, ou melhor duas: a primeira é quanto à escolha de alunos/as em cursos de nível de mestrado, sendo um nível intermediário na formação acadêmica, aponta para diminuir as dúvidas que envolvem a etapa da graduação, mas que são substituídas por outras como a decisão de fazer ou não um doutorado, de seguir ou não uma carreira acadêmica, etc.; e assim, mantendo um pouco das características do universo em que se insere a população no sentido de estarem numa etapa de preparação para o exercício das suas carreiras, ou estarem retomando uma especialização. A segunda observação diz respeito à seleção de duas áreas de conhecimento específicas a Física e História, para as quais considere: o lugar de cada uma delas na hierarquia do campo científico; a composição do alunado por sexo; e as diferenças da área de conhecimento em si.

Então, retomando, o problema desta pesquisa é uma indagação: Qual a associação que existe entre as práticas das relações de gênero, enquanto reveladoras de igualdade e desigualdade entre homens e mulheres, com as representações do feminismo enquanto o interlocutor das propostas de igualdade e de mudança para estas relações, e como por sua vez, a organização desse movimento, e sua visibilidade enquanto uma nebulosa, reflete-se nestas representações?

A teoria da prática de Bourdieu (1983a, b e c) é o suporte para a investigação deste problema, posto que, ao associar práticas e representações este autor as considera mutuamente relacionadas, possibilitando um aprofundamento do estudo, e principalmente indicando os perigos das explicações com aspectos deterministas, ainda mais num assunto por si só polêmico. O conceito de *habitus*, noção fundamental desta teoria, configura-se valioso pela possibilidade de sugerir, a partir das ações de hoje, quais as disposições passadas que as informam. Por outro lado, o arcabouço teórico deste autor considera que as relações sociais são relações de poder e que desenvolvem-se em campos específicos, todos eles concorrentes no campo maior, o campo do poder. Dessa maneira, além de fornecer elementos de contextualização da própria população investigada enquanto um campo científico, principalmente em termos do entendimento das trajetórias das carreiras específicas, também possibilita a ponte para a utilização das teorias de gênero, por este ponto comum entre elas: as relações de gênero enquanto relações sociais são relações de poder.

Porém as relações de gênero, requisitaram uma construção teórica específica, sobre as quais me baseio para entender as igualdades e desigualdades entre homens e mulheres. Assim, as teorias das relações de gênero tem por primícia que estas são relações de poder construídas a partir das diferenças percebidas entre os sexos (Scott, s/d; Safiotti, 1992; Heilborn, 1992), e como tais fornecem pistas para a explicação das representações do feminismo.

Por sua vez, a noção de nebulosa feminista, ainda que uma construção incipiente a qual também pretendo demonstrar, tem uma ponte com a própria teoria de Bourdieu, posto que ela se baseia nas práticas do movimento com a sociedade, na qual se insere, e como estas relações podem sugerir explicações para as representações do

feminismo, enquanto relações que classifico de nebulosas³⁴. Mas, nos limites deste trabalho, esta noção se complementa com alguns aspectos classificatórios do feminismo, desenvolvidos por teóricas do próprio movimento, expostos no capítulo I.

De maneira que o estudo destas questões numa população mista traz contribuições para o aprofundamento do conhecimento do sistema de gênero, e mais ainda, dá relevo ao sentido relacional na construção do poder entre homens e mulheres, que as teorias sobre o gênero já vem chamando a atenção. Também pode contribuir para o aprofundamento da percepção do homem sobre aspectos da divisão social do trabalho e da reprodução. Outro aspecto relevante é a possibilidade de comparação qualitativa de trajetórias profissionais de homens e mulheres dentro de uma mesma carreira. Por fim, mas não menos importante, preencher as lacunas de estudos sobre a representação do feminismo.

Assim, partindo do pressuposto maior da associação entre prática e representação, a investigação pretende atentar para os seguintes aspectos: mapear quais as práticas profissionais dos entrevistados, considerando o campo de conhecimento, a realização pessoal, a sua classificação como masculina e feminina e as relações de gênero. Entender as suas práticas afetivas de namoro e casamento, tentando vislumbrar as mudanças nas relações de gênero, consoante as propostas do movimento feminista nas duas últimas décadas, como também relacionada com o investimento profissional. Perceber ainda, neste âmbito, as representações e práticas das atividades domésticas, derivadas da divisão sexual do trabalho e a (re)distribuição igual/desigual destas responsabilidades entre os sexos. Investigar, também, como são

³⁴ Concordo com Fourastié (1994, p. 24), quando ela afirma que: *“Afiml, o conceito é útil apenas para encarar certos aspectos da realidade, notadamente construindo hipóteses, ordens de possibilidades, associações que não existem dessa forma na realidade. Constituem puramente uma construção do espírito, necessária mas não suficiente para avaliar os fenômenos da natureza e das culturas.”* Aproveito para ressaltar também que, muitos outros fenômenos sociais podem se afigurar “nebulosos”, por isso aqui, sempre

percebidas por estes informantes, algumas propostas do movimento, principalmente o aborto e a responsabilidade contraceptiva. Finalmente, é circunscrita a construção das representações do feminismo, partir dos discursos desses depoentes.

Para apresentar os resultados aventados acima, o trabalho está dividido em 5 capítulos:

O capítulo 1, **Marco Teórico**, apresenta a discussão das teorias que fundamentam esta dissertação. A definição do feminismo no campo ético-filosófico, que norteia a interpretação da noção de *nebulosa*. Empreendo a discussão sobre a representação social no campo antropológico, aprofundando as contribuições de Bourdieu e como foi utilizado o conceito de *habitus* e sua pertinência na efetuação dos resultados. Finalmente, mas não menos importante, e sem, tampouco, perder de vista as possibilidades de interligação entre as teorias anteriores, foi discutida a aplicação das teorias relacionais de gênero na análise e interpretação dos dados obtidos.

No capítulo 2, **Metodologia**, descrevo o percurso de construção dessa dissertação, assim ela se desloca desde a escolha do grupo investigado, passando pelos instrumentos de coleta de dados, até os procedimentos da análise do material conseguido. Nela também faço as considerações sobre as dificuldades encontradas para o acesso aos(as) entrevistados(as), e àquelas que remetem ao exercício da construção do conhecimento, considerando a intersubjetividade.

O terceiro capítulo, **O Discurso sobre as Práticas Profissionais: trajetória acadêmica e relações de gênero**, analisa as diferentes trajetórias profissionais consoante os campos de inserção, recortadas pelas diferenças de gênero, considerando as escolhas profissionais, a composição das profissões por sexo e a interpretação dos informantes, e situa a profissão relativamente a outros aspectos,

que o empregar, mesmo que não venha qualificado como feminista, será às características do feminismo que

principalmente as uniões de namoro e casamento, e a sua possibilidade de realização pessoal para homens e mulheres. No desenvolvimento do capítulo são apontados aspectos de igualdade e desigualdade entre os sexos e em que se assimilam às propostas do feminismo.

No quarto capítulo, **Os Discursos sobre as Práticas Afetivas e as Relações de Gênero**, são discutidos os seguintes aspectos: as práticas e representações das atividades domésticas - consoante profissão e gênero; as práticas de namoro e casamento no que se refere a autonomia, independência, expectativas de características de personalidade de homem/mulher pela ótica das relações de gênero, e, como estas duas responsabilidades são articuladas com a profissão de acordo com o gênero; finalmente, discuto as posições sobre aborto. O tratamento dos dados privilegia as relações de gênero e são recortadas pelas assimilações com as propostas do feminismo.

O quinto capítulo, **A Construção das Representações do Feminismo: a nebulosa feminista e os discursos sobre as práticas profissionais e afetivas**, traz a última parte de apresentação dos resultados, e tem por suposto apresentar a construção das representações do feminismo, e sua interrelação com as práticas discutidas nos capítulos precedentes. Nele se consubstancia a pertinência do emprego teórico do conceito de *habitus* na explicação das representações encontradas nas entrevistas, como também a relação do movimento feminista com o grupo investigado, no sentido de demonstrar a validade da noção de nebulosa feminista e a seu alcance explicativo para a construção das representações sobre o mesmo, no contexto do grupo investigado.

Finalmente, nas **Considerações Finais**, apresento o conjunto das interpretações que me foi possível encontrar ao longo das discussões. Suas

estarei me referindo para justificar a noção de nebulosa feminista.

interrelações, e pertinência para construção do conhecimento feminista e antropológico. E, aponto também, as possibilidades de novas investigações indicados pelos resultados apresentados.

CAPÍTULO I

MARCO TEÓRICO

Neste capítulo apresento a discussão teórica que propicia e norteia a análise dos dados e sua aplicabilidade na investigação das representações do feminismo, pelos dois ângulos que proponho a sua interpretação: a partir das práticas profissionais e na esfera doméstica e das uniões de namoro e casamento; e por outro lado, a partir da inserção do feminismo/feministas na sociedade, segundo as falas do grupo investigado, composto de estudantes universitários dos mestrados de Física e História da UFPE.

Decorre da história do feminismo, que atualmente as suas principais estudiosas³⁵ percebem a existência, ao longo do seu desenvolvimento, de três afiliações fundamentais para explicação do sistema de poder entre os sexos e onde a mulher situa-se no polo dominado, que se traduzem, às vezes, em diferentes propostas de mudança desta situação. Assim estas três correntes seriam a “irmandade” (Fox-Genovese, 1992) ou “sororidade”/“diferença radical” (Machado, 1992), ou ainda “essencialista” (Yannoulas, 1994; Collin 1993a e b); a “igualdade” (Machado, 1992), ou a “racionalista” (Yannoulas, 1994; Collin 1993a e b); e, a “pluralidade”/“igualdade na diferença” (Machado, 1992; Yannoulas, 1994; Collin 1993a e b)³⁶.

Assim a corrente essencialista considera que as mulheres e os homens são radicalmente diferentes dado as especificidades biológica e fisiológica dos seus corpos, desdobrando-se para os aspectos constitutivos das suas personalidades (psicologia). Daí se constróem diferentes poderes, como também qualidades e atributos para cada um dos sexos, inscritas na natureza dos seres humanos (Yannoulas, 1994, p. 7-8). Esta explicação das diferenças entre homens e mulheres permite postular uma identidade instintiva e harmônica entre as últimas independente da classe, etnia, idade, *status*, sendo assim irmãs semelhantes em todos os sentidos (Fox-Genovese, 1992). A proposta do essencialismo para a transformação da dominação da mulher, baseia-se na substituição do padrão masculino pelo feminino conforme as características imemoriais

³⁵ Neste estudo empreendo esta discussão a partir de quatro autoras, as quais apresentam classificações semelhantes para as correntes feministas, são elas: Fox-Genovese (1992), que se detém na análise dos limites da noção de irmandade pelo feminismo norte-americano; Machado (1992), que analisa as três correntes (sororidade, igualdade, pluralidade) mostrando as semelhanças entre os pontos de chegada, quando os pontos de partidas são dessemelhantes, e aponta as suas conseqüências para as discussões do feminismo no Brasil, principalmente na definição de gênero; Yannoulas (1994), que também analisa as três correntes denominando-as essencialistas, racionalistas e pluralistas; e Collin (1993a e b), que embasa parte das discussões das duas últimas. De forma que, na minha leitura destes textos, percebo que cada autora permite elucidar aspectos diferentes do estudo destas correntes, entretanto sem serem contrárias ou contraditórias.

³⁶ Neste trabalho faço a opção de usar a terminologia de Yannoulas (1994), que apresenta uma denominação para cada corrente que facilita a distinção entre elas, já que a noção de igualdade e diferença (preferida por Machado, 1992) são fundamentais nas reflexões feministas, perpassando todas as correntes.

de sensibilidade, amor, compreensão, já que as diferenças entre os homens e mulheres são naturais e imemoriais (Yannoulas, 1994). Além disso, esta substituição se justificaria, quando se constata a falência do modelo masculino concorrencial, hierarquizado, explorador, insensível do patriarcado dominante, portanto, as mulheres são as novas salvadoras da humanidade³⁷ (Machado, 1992).

A corrente racionalista postula que as diferenças e desigualdades entre os sexos são construções culturais e sociais, posto que os seres humanos são essencialmente iguais (natureza humana) (Yannoulas, 1994, p. 7, 10). *“Segundo este discurso, o problema principal era acabar com qualquer tipo de discriminação sexual. Ultrapassado este problema fundamental, reinaria a homogeneidade em um mundo sexualmente não diferenciado.”* (Yannoulas, 1994, p.10).

Para Yannoulas (1994) e Machado (1992), a igualdade indiferenciada para os sexos, assemelha-se às propostas do marxismo do fim das classes, de maneira que, especialmente a primeira autora, considera o feminismo socialista como uma das vertentes do feminismo racionalista. O feminismo socialista assume especial destaque na América Latina, inclusive no Brasil, e tenta conciliar socialismo e luta contra o patriarcado (Astelarra, 1984; Eisenstein, 1984; Alvarez, et. al. 1990). Num certo sentido, as correntes marxistas e o feminismo racionalista, têm a mesma matriz política, ou seja, a constituição dos estados-nações e os postulados de igualdade para todos segundo os princípios das democracias ocidentais (Yannoulas, 1994).

Na década de 80 vem se consolidar a corrente pluralista, homens e mulheres são diferentes entre si e entre eles e elas também existem diferenças. É a tentativa de alcançar a igualdade entre os sexos, mas preservando as diferenças construídas socialmente, a partir da aceitação do gênero como uma categoria que se

³⁷ Sorj (1992), salienta os perigos desta proposta, principalmente o seu recente retorno através do eco-feminismo, que associa mulher e natureza.

preenche de símbolos e signos culturais³⁸. Segundo Machado (1992, p. 32): *“O gênero é constituído simbolicamente, tem uma configuração histórica, mas tem uma dimensão universal, faz parte da história humana, assim como o nascimento, a morte, a finitude. Contudo, a formulação do que sejam estas diferenças biológicas já é cultural.”* Para Yannoulas (1994), esta corrente significa um ganho, pois o feminismo sai do campo teórico da proposta racionalista, que valoriza o público, e do campo da valorização essencial do feminino, que aloca as mulheres num lugar de fixidez privada³⁹, possibilitando colocar o feminismo no campo ético-político, o campo do diálogo: *“A diferença sexual só aparece na experiência do diálogo, que confronta uma mulher e um homem, mulheres e homens, um sujeito-mulher (ou homem) e a sua condição de gênero, no espaço público, social ou privado.”* (Yannoulas, 1994, p. 16) Outro aspecto importante é que um sujeito-mulher não é a mulher, *“não se reduz à sua feminidade”* (Yannoulas, 1994, p.13), ou seja as mulheres não são uma essência, uma feminilidade típica e atemporal, mas são pessoas concretas e históricas que podem mesclar atributos dos gêneros masculinos e femininos, assim como o homem também.

Machado (1992) salienta que, se na Europa e Estados Unidos da América, no contexto do “novo” feminismo (como definido na Introdução), estas correntes surgem paulatinamente, primeiro a racionalista nos anos 60, depois a essencialista na passagem para a década seguinte, e finalmente a pluralista nos anos 80; no Brasil, a tendência foi das mesmas ocorrerem de forma paralela. Por sua vez, dentro do próprio movimento feminista, em particular o norte-americano, as afiliações a

³⁸ Esta terceira corrente surge num contexto de intensificação da interdisciplinaridade, Machado (1992) enfatiza as contribuições da Lingüística, Antropologia e Psicanálise, na construção das primeiras teorias do gênero, que será retomada mais adiante neste capítulo.

³⁹ A este respeito Fox-Genovese (1992) faz uma excelente discussão sobre os impasses da irmandade, que ao definir a mulher como igual, mas a partir de um lugar específico de classe (as mulheres brancas norte-americanas de classe média), exclui uma gama de outras mulheres (pobres e negras), e limita o político ao

explicações distintas sobre as desigualdades entre os sexos, a exemplo de Rubin (1993), que partia do arbitrário cultural para a origem destas desigualdades (racionalista) e Firestone (1976)⁴⁰, que partia da biologia e psicologia (essencialista), desembocavam numa mesma proposição: a igualdade radical entre homens e mulheres e a construção da unissexualidade, em suma o fim do gênero (Machado, 1992, p. 28-29).

Este esforço de explicação do movimento feminista, que tanto identifica onde se localiza a origem das desigualdades, quanto as propostas de transformação das relações entre homens e mulheres, possibilita entender a sua trajetória e as nuances das diferenças internas de suas diversas correntes. Assim, tomando esta classificação como base, enseja o tratamento das representações do feminismo pelos/as informantes, como também onde se encontram, nestas representações, os aspectos que resultam da inserção social do feminismo que nesta investigação constitui a noção de nebulosa feminista. Ou seja, a partir desta classificação do feminismo por suas teóricas é possível identificar as injunções de várias correntes, que sintetiza o feminismo como único, contidas na construção das representações, positivas e negativas, do mesmo pelo grupo investigado, e que justificam sugerir que as relações que o feminismo estabelece com a sociedade se afiguram nebulosas, como defino na Introdução desta Dissertação.

As representações são construídas com base nas relações sociais. Neste sentido se o feminismo se apresenta como uma "nebulosa" - a partir das suas práticas políticas ou pelos exemplos históricos de mulheres que individualmente superaram uma condição de opressão, paradigma de uma conquista de igualdade isolada - as

privado, pois a idéia de irmandade se afilia fortemente à experiência comum da maternidade que as mulheres vivem (igualmente) em qualquer tempo ou lugar.

⁴⁰ No original o estudo de Rubin é de 1975, e o de Firestone é do início dos anos 70 (Machado, 1992, p. 29). Cabe perguntar porque a segunda autora foi traduzida tão rapidamente para a nossa língua (edição de 1976), quando Saffioti (1987) assinala que a corrente radical, da qual a mesma é emblemática, não alcançou grande representatividade no Brasil, o que sugere estudos futuros sobre esta problemática do feminismo brasileiro.

representações, são então preenchidas por tal conteúdo⁴¹. Ou seja, da relação social que se estabelece entre não-militantes e feministas, ou mais precisamente entre o feminismo e a sociedade que o circunscribe.

As representações obedecem a categorias do pensamento. Se as categorias no sentido de Durkheim, construídas a partir de Kant, são *a priori*, seu conteúdo são dados pelas relações sociais (Silva Filho, 1992). Entretanto, se toda categoria é representação social, nem toda representação é categoria. Este é o caso do feminismo, mesmo que sua construção seja em torno da categoria gênero, categoria que ele reinveste de um novo sentido, propondo novas relações entre homens e mulheres para preenchê-las de conteúdo (Heilborn, 1992).

Posto que, o feminismo coloca em questão as relações de gênero instituídas nas sociedades atuais, numa conjuntura de valorização da ideologia individualista, redefinindo as relações sociais pelo princípio de liberdade e igualdade entre as pessoas, inclusive na família (Heilborn, 1991), se configura então um contraste entre as representações do mesmo se elas são negativas, e uma convergência se elas são positivas, a partir das práticas de gênero neste contexto de mudança⁴². Daí porque, nesta investigação, também entendo que as representações do feminismo se constroem a partir das práticas de gênero vividas pelo grupo que me proponho estudar, e não apenas como resultantes das relações que o feminismo estabelece com a sociedade. Além disso concordo com Bourdieu (*apud* Romano, 1987, p. 52) quando ele afirma serem as representações as teorias espontâneas das práticas.

Na perspectiva de construir o conhecimento praxiológico, a mediação entre o agente social e a sociedade enquanto uma relação dialética, Bourdieu (1983b, p. 46-48) considera fundamental desfazer a polaridade antagônica entre os métodos

⁴¹ Para uma discussão das representações como resultado das relações sociais ver Godelier (1981:76-90).

⁴² A respeito da conjuntura de mudança nas relações de gênero remeto para as discussões da Introdução.

fenomenológico (que privilegia apenas a experiência primeira ou a subjetividade individual) e o objetivismo (que constrói as relações objetivas que estruturam as práticas individuais). Assim, a teoria da prática propõe uma análise que comporte estes dois métodos, percebendo as práticas como interiorização da exterioridade, e exteriorização da interioridade (Bourdieu 1983b, p. 60). Como resposta a este objetivo Bourdieu (1983b p. 60-61) constrói o conceito de *habitus* que enquanto sistema de disposições duráveis (a partir das socializações que se encadeiam e se transformam, ou não) é matriz de percepção, de apreciação e de ação, que se realiza em determinadas condições sociais. Aqui, há uma relação dialética entre a subjetividade do sujeito e a objetividade social. No entanto o sujeito não necessariamente tem consciência do que nele é internalizado. Assim a subjetividade não é determinante, e nem a objetividade é apenas exterioridade⁴³.

De maneira que, ao relacionar práticas e representações partindo do conceito de *habitus* é possível sugerir que disposições anteriores das relações de gênero norteiam as práticas atuais neste campo, e como estas disposições são também matriz de apreciação do feminismo, um dos fatores nas transformações sociais recentes destas relações. Em síntese, as relações/práticas de gênero (profissionais, domésticas e afetivas) do grupo investigado, permite analisar as representações do feminismo, vistas como uma situação de influência mútua com estas práticas de gênero, detectadas a partir dos discursos deste grupo.

Por outro lado, a teoria de Bourdieu (1983c, p. 42-45) pressupõe que as relações sociais são relações de poder, realizadas nos campos: espaços onde a posição dos agentes são fixadas pela estrutura social. Todos eles são concorrentes entre si no campo maior no qual se inserem, o campo do poder, esta concorrência

⁴³ Note-se aqui que, a teoria de Bourdieu permite avançar no estudo das representações, as quais não estariam apenas no plano da subjetividade, já que o *habitus*, que informa práticas e representações é ao mesmo tempo

evidencia a autonomia relativa de cada campo e suas propriedades fundamentais. A luta entre os atores se dá neste espaço, em ações ortodoxas (os dominantes) e heterodoxas (os dominados). Em todo este processo o *habitus* orienta as práticas concretas entre os atores. *Habitus* de dominantes e dominados. Nestes campos estão em jogo a conservação ou a transformação da sua lógica interna, ou seja a distribuição de poderes e a perpetuação da estrutura (Bourdieu, 1983c, p. 40).

Dentro do campo científico, onde busquei a população investigada, Bourdieu (1983a, p. 128-129) afirma a existência de hierarquia entre as disciplinas, que orientam as escolhas e vocações. As ciências naturais são, então, parâmetro para definir o que é científico, como também tem maior autonomia relativa, interna ao campo e a ordem social em que se insere. No outro extremo, as ciências humanas buscam se legitimar espelhando-se na metodologia das ciências naturais, além da menor autonomia relativa dentro deste campo e frente a ordem social que o circunda. Quanto maior é a autonomia do campo, maior será a homogeneidade da distribuição de poder entre os atores, o que resulta numa luta entre ortodoxia e heterodoxia voltada mais diretamente para descobertas no próprio campo, do que um reflexo da legitimidade conferida pela ordem social. Vale ainda notar que tanto a heterodoxia quanto a ortodoxia se recortam “...sobre o pano de fundo da *doxa*, conjunto de pressupostos que os antagonistas admitem como sendo evidentes, aquém de qualquer discussão...” (Bourdieu 1983a, p. 145). Esta orientação teórica, então, sugere a possibilidade de comparação entre as duas áreas do conhecimento investigadas nesta pesquisa (Física e História), como também as diferenças/semelhanças entre as trajetórias segundo o sexo, internamente a cada uma delas.

interioridade e exterioridade, e os discursos são base analítica riquíssimos, quando assim se pensa.

No campo das relações de gênero considero que o feminismo constitui uma prática heterodoxa na tentativa de derrubar a ortodoxia do universal masculino. Como prática heterodoxa, apresenta-se eivado de crítica pela ortodoxia dominante, daí pode haver a tendência, de uma representação negativa e positiva do movimento feminista, a partir do padrão estabelecido da *doxa* do campo de gênero, contribuindo ainda para tal fato a prática em si do movimento que se apresenta nebuloso, mesmo que constitua um *habitus*, onde se destaca as subjetividades individuais. O que se mostra pertinente para uma avaliação da posição do feminismo no campo das relações de gênero, questionando os poderes e a estrutura deste campo, e como esta posição se apresenta na explicação das representações, tanto sobre as posições de homens e mulheres no campo do gênero na convivência de relações mais e menos igualitárias, como do feminismo e feministas.

Por outro lado, além das conquistas individuais da consciência de gênero, as últimas décadas foram marcadas por transformações de diversas ordens, interferindo nas práticas no campo do gênero que podem levar a histerese do *habitus* de gênero, ou seja um desacordo entre as disposições (para mim as práticas desiguais) e as ocasiões (o desejo de igualdade da sociedade atual) (Bourdieu *apud* Romano, 1987, p. 80-1). Neste sentido as práticas podem estar divergindo da ortodoxia, ou apresentarem-se ambíguas entre mudança e permanência das relações desiguais de gênero. Portanto, os *habitus*, podem estar oscilando entre a ortodoxia e a heterodoxia, retraduzindo-se numa representação do feminismo, a partir destas práticas de gênero, de maneira positiva e negativa, e na vivência dos indivíduos estudados enquanto uma histerese do *habitus* de gênero.

Não posso esquecer, entretanto, a crítica de Ortiz (1983) a Bourdieu, quando enfatiza que sua teoria não prevê a mudança ao privilegiar o consenso (*doxa*) -

onde heterodoxia cumpre um ritual com a ortodoxia, se transformando, lentamente a primeira, nesta última (através de incorporação das idéias ortodoxas ou da massificação do heterodoxo). Estas relações são de reprodução da sociedade, tanto de uma estrutura, como dos *habitus* e através dele, pois o antagonismo é estrutural. Apesar de reconhecer este limite, entendo que a interpretação do pesquisador desta teoria no confronto com seus dados, possibilita transcendê-la. No caso específico desta investigação vislumbro tal possibilidade por ser o feminismo um movimento de mudança, o que pode se evidenciar, inclusive, na contradição prática/representação ou na sua ambigüidade. Além de tudo, nenhuma teoria é perfeita ou poderá explicar toda a riqueza da realidade, mas apenas delinear os caminhos da pesquisa a partir de um passado que estabelece por onde ir ou não ir, nas palavras do próprio Bourdieu ao definir como o *habitus* indica quais as práticas e representações do indivíduo no presente, e suas implicações para o futuro, partindo de suas experiências passadas.

Por outro lado, se a teoria de Bourdieu, referida acima, traz valorosa contribuição para uma análise das representações, considerando-as como mutuamente relacionadas com as práticas e ações dos indivíduos em sociedade, o recorte desta investigação requerer também um suporte teórico específico para a análise das relações de gênero. Tendo em vista os pontos de semelhanças dos pressupostos destes dois enfoques: as relações sociais são definidas enquanto relações de poder, a utilização de ambas aponta para o aprofundamento e enriquecimento do tratamento dos dados aqui considerados. Principalmente porque, as relações que aqui se põe em pauta, são aquelas que se desenvolvem no campo de gênero.

As teorias recentes que desenvolvem a análise das relações de gênero, convergem ao remeterem a "origem" das discussões ao diálogo entre academia e movimento feminista nas duas últimas décadas. Especialmente Machado (1992) e Dias

(1992), entre as autoras que ora analiso, discorrem mais longamente sobre o "diálogo" dando relevo à interdisciplinaridade. (Scott, s/d) acrescenta que este "nascidouro", contextualiza-se também na crise epistemológica das ciências humanas, que culmina na corrente pós-moderna: sair das explicações causais para a interpretação, do "porque" para o "como", seguindo a proposta de Geertz na Antropologia; da objetividade para subjetividade; dos fatos para as representações. De maneira que fica evidente o caráter recente desta discussão no contexto das duas últimas décadas⁴⁴.

Este esforço teórico que situa-se na pós-modernidade científica de desconstrução de dicotomias, em maior ou menor grau, perpassa a discussão do gênero, indo da radicalidade de negar a realidade em favor das representações, até a posição do equilíbrio entre ambas (Dias, 1992). Sorj (1992) empreende uma análise, que critica os exageros da aproximação feminismo e pós-modernidade. Para ela o feminismo é produto da modernidade, sendo obrigado a criticá-la pelo impasse gerado entre a conquista moderna de direitos legais e a permanência de padrões comportamentais que não liberta o feminino devido a dicotomia público/privado⁴⁵. De maneira que, a autora alerta para o perigo da diluição das dicotomias, apontando os limites da hermenêutica radicalizadora que acaba por gerar uma nova verdade: o particular se explica pelo particular.

As autoras aqui citadas convergem também na definição, por assim dizer, básica do gênero: "as relações de gênero são construções culturais a partir da diferença percebida entre os sexos". De maneira que, a dicotomia clássica da oposição natureza/cultura, recorrente nos estudos sobre a condição feminina, como indicam as

⁴⁴ Na discussão sobre as correntes feministas, mais acima, já havia sido enfatizada a relação entre a construção do conceito de gênero a partir das reflexões feministas, interdisciplinaridade e academia.

⁴⁵ Esta dicotomia recobre/recorta a discussão do gênero em todas as autoras aqui citadas. Elas alertam para o impasse gerado na separação destes espaços, pois os valores de um e outro se interpenetram. As críticas remetem para uma relação de dependência mútua e conflituosa entre ambos os espaços. Numa analogia das

discussões das correntes feministas essencialistas e racionalistas, apontava para sua resolução, pois os dois pares são considerados como em mútua interrelação no tratamento das desigualdades e diferenças entre homens e mulheres. Por outro lado, indica que, para resolver as desigualdades, não é necessário negar as diferenças que são elaboradas cultural, social e historicamente entre os dois sexos.

Mas as discussões tomam orientações distintas, no que se refere ao sentido da construção do gênero na ordem social, ou seja, se instaura hierarquia, antagonismos, valor, poder, assimetrias. Para Saffioti (1992), constrói antagonismo, (contradição de poder). Para Lobo (1992), constrói hierarquias de poder. Para Heilborn (1992), constrói hierarquias de valor. Para Machado (1992) constrói assimetrias, comportando a complementaridade; a autora critica gênero como instaurador primordial do poder, esta concepção seria resultado do recobrimento das relações de gênero pelo poder, derivado do campo sociológico. Mesmo com estas diferenças, estas autoras voltam a convergir criticando Rubin (1993), quando postula uma sociedade sem gênero, posto que esta categoria seria fundamental nas sociedades humanas.

Como já afirmei acima, concordo que as relações sociais são relações de poder, sendo coerente com esta premissa, e também com a escolha de Bourdieu para a referência teórica desta investigação, elegi três autoras para dar suporte às análises dos dados, tanto das práticas de gênero (na profissão e esfera afetiva), como dos aspectos destas práticas que transparecem na leitura das representações do feminismo no grupo investigado. Estas autoras são Saffioti (1992), Heilborn (1992) e Scott (s/d), esta última se evidencia como referência constante na literatura brasileira desta temática⁴⁶.

relações homem/mulher se coloca que eles não se odeiam necessariamente por conta das desigualdades entre eles, mas, pelo contrário, podem se amar.

⁴⁶ Das autoras vistas até esta altura apenas Machado (1992) e Heilborn (1992) não citam Joan Scott nas suas bibliografias. As demais, inclusive, citam o mesmo trabalho "Gênero: uma categoria útil para análise histórica" (que é também minha referência).

Heilborn (1992) considera que o gênero é uma categoria do pensamento⁴⁷, portanto é um constructo arbitrário a partir da observação do real, mas como tal desnaturaliza homens e mulheres, sendo preenchido por símbolos culturais arbitrários de conteúdo racional (Heilborn, 1992, p. 103-106). É a forma elementar de significar/representar alteridade, pois o universo circundante passa por uma categorização de gênero (Héritier *apud* Heilborn, 1992, p. 103). Assim, se constitui em uma espécie de matriz de outras classificações simbólicas. Mas, o conceito não se esgota aí, sendo complementado pela hierarquia, que nas palavras de Heilborn: "... organiza a estrutura binária dos modelos classificatórios (...) trata-se de uma ordenação do mundo hierarquizada em termos de um princípio de valor, que promove densidades diferenciadas a cada plano e a cada categoria em jogo." (Heilborn, 1992, p. 104). A autora assume que as assimetrias são valorativas, e como tal exclui a virtualidade de organizações simétricas ou complementares (Heilborn, 1992, p. 105).

O trabalho de Saffioti (1992), tem por objetivo discutir a pertinência da articulação classe/gênero nas pesquisas empíricas. Nele é feito o percurso da gênese do gênero, onde ela critica, enfaticamente, os conceitos que se fundamentam em oposições duais (natureza/cultura; público/privado, etc.). De certa forma esta crítica se articula com a definição de classe assumida pela autora, dado que negará determinação da produção sobre a reprodução, como também da infra-estrutura sobre ideologia, fazendo opção pelo imbricamento entre elas, que resultará na mútua determinação (Saffioti, 1992, pp. 197-8). O conceito de gênero defendido por Saffioti (1992) é aquele formulado por Joan Scott (s/d): "... gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma maneira primordial de significar relações de poder" (Joan Scott *apud* Saffioti 1992, p. 197).

⁴⁷ Para uma discussão sobre categoria do pensamento na antropologia remeto a Oliveira (1988, pp. 13-48).

Relações de poder que são contraditórias, e por isso dialéticas (Saffioti 1992, p. 192). Deste conceito a autora destaca a articulação entre classe e gênero na trama das relações de poder. E por outro lado, o fato de gênero construir duas visões de mundo (homens e mulheres) a autora postula a possibilidade de união das lutas de classe e gênero, baseando-se no conceito de experiência de Thompson, onde classe se constrói em luta, permeada pela existência de homens e mulheres (Saffioti 1992, p. 200). Por fim, na discussão sobre produção/reprodução a autora conclui que a produção e reprodução se interpenetram. Desse modo a reprodução está permeada pelas relações de classe, assim como a produção o é pelo gênero, e portanto, também, relações de classe e gênero se interpenetram.

Scott (s/d) faz o percurso de construção do conceito de gênero, que iria da crítica à teoria do patriarcado, passando pelas feministas marxistas e estruturalistas, até as teorias psicanalistas, que tentaram explicar e traçar a origem da opressão/subordinação/dominação/exploração das mulheres nos sistemas sociais constituídos. Gênero é definido como "*a conexão integral entre duas proposições: gênero é o elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de significar as relações de poder.*"⁴⁸ (Scott s/d, p. 14). Neste sentido é uma categoria do pensamento, na minha interpretação, indo na direção da definição Heilborn (1992), acima referida. Gênero como categoria que constitui relações sociais, implica em quatro elementos interrelacionados: 1) Símbolos culturais; 2) Conceitos normativos, que interpretam estes símbolos; 3) Instituições e relações sociais; 4) Identidade subjetiva. Ou seja, o gênero é a base para dar significado aos símbolos, ao mesmo tempo que normas são investidas sobre eles, resultando na

⁴⁸ Na minha compreensão esta primeira parte do conceito significa que gênero é uma categoria do pensamento (Heilborn, 1992). O próprio título do artigo de Scott é revelador: "*Gênero: uma categoria útil para análise histórica*". Já a segunda, é semelhante ao "*elementar para significar alteridade*" do conceito de Hérietier (*apud* Heilborn, 1992), sendo que esta autora não coloca o poder na alteridade.

estruturação das instituições que implica nas identidades subjetivas, ao mesmo tempo que gênero é basilar para classificar outras esferas sociais - e não apenas os indivíduos sexuados - sendo produzido e reproduzido na tecitura social como um todo, ao mesmo tempo que a produz. O ganho da conceituação de Scott está na afirmativa *"gênero é primordial para dar significado as relações de poder"*. Neste sentido as relações entre os sexos são organizadas como sistemas de poder, mas não universaliza seus arranjos históricos e culturais especificados; não implica uma determinação do poder do homem sobre a mulher e vice-versa. Por outro lado, as relações de gênero não são submetidas a uma única esfera social, tais como: parentesco, família, reprodução. Expande o significado para toda sociedade, reinstaurando o valor heurístico das pesquisas e indagações que tentam solucionar - seja explicando ou interpretando - porque a diferenciação de gênero permeia a política, o trabalho, o lazer, as profissões, a história, a religião... Aponta também para a necessidade de perceber a totalidade, mesmo que o estudo seja um recorte da realidade, temos sempre que ver o imbricamento das esferas, ressaltando a dinamicidade dos sistemas sócio-culturais e a complexidade de suas relações internas. Talvez seja por essa inovação que Scott se tornou tão importante nas reflexões atuais sobre as relações sociais entre os sexos, tendo influenciado, tão fortemente, a produção brasileira.

Esta perspectiva que situa gênero como categoria de pensamento, e assim sendo constitutivo das relações sociais, abre novas possibilidades de reflexão sobre a complexidade dos sistemas sociais, inovando as análises que podem ir além de "mostrar o fenômeno da participação feminina na sociedade". Neste sentido, as posições de homens e mulheres nas sociedades surgem como relações entre eles, não apenas para produção da espécie evidenciado no parentesco; ou na divisão do trabalho cristalizada na sexualização de profissões e atividades, mas recortando toda a

organização social que não pode prescindir do fato biológico de sermos, os seres humanos, uma espécie com dois sexos. De maneira que esta dimensão que as teorias sobre o gênero apontam, revigora a análise partindo destes mesmos indicadores, que deixam de constituírem-se como explicação, e passam a ser a situação, as práticas, em que vivem homens e mulheres reais.

Gostaria ainda de salientar que o uso destas três autoras neste estudo oferece um sentido de completude, posto que, ao tratar de representações estarei tratando de classificações que a reflexão de Heilborn (1992) indica. Classificações, que ao serem construídas sobre a categoria gênero, transcendem o aspecto de ser homem ou mulher, instaura novas classificações para o universo no qual se vive e se pensa. Assim, gênero opera hierarquias, como as profissões, que são diferentemente valorizadas. Já a análise de Saffioti (1992), ao se deter mais sobre as relações concretas entre homens e mulheres, fazendo injunções com as classes, possibilita operacionalizar mais de perto com Bourdieu (1983a, b, e c), principalmente nos termos das relações de poder que entre eles/as se estabelecem, e que para Heilborn (1992) estão mais num plano de assimetria. Por fim, Scott (s/d), na minha interpretação, mesmo enfatizando o aspecto de poder nas relações de gênero, o define como categoria, o que sugere estar o seu conceito em trânsito entre as outras duas autoras.

De forma que parece muito rico, para a análise das representações e práticas como mutuamente relacionadas, considerar não apenas a teoria de Bourdieu, mas também as reflexões que são feitas sobre gênero, tanto enquanto surgido no contexto do “novo” feminismo, como também pelo fato desta reflexão relacionar intimamente as relações constituídas e as representações nelas investidas.

Uma última observação se faz necessária, ao longo da discussão e análise dos dados outros conceitos são empregados para sua explicação e interpretação. Como também resultados de investigações anteriores que fortalecem a

argumentação, ou contrariam os achados demonstrados. De forma que, eles são colocados dentro dos próprios capítulos, em permanente diálogo com a teoria que dá suporte a este trabalho, acima exposta, como também com os resultados sugeridos pela análise.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

A pesquisa de campo para coleta de dados compreendeu o período de abril a agosto de 1994. Na sua primeira parte, constou do levantamento do número de alunos e alunas nos cursos de mestrado nas áreas de ciências humanas e da natureza⁴⁹ na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; e na segunda, da realização de vinte entrevistas entre alunos e alunas dos cursos de mestrado de Física e História, sorteados dentre o total matriculado.

A escolha dos universitários, homens e mulheres, como universo de investigação decorre da minha convivência de quase 10 anos com esta comunidade. Também coincidiu meu período de militância feminista, com o de graduação em Ciências Sociais, quando observei a resistência ao feminismo, expressa em frases como: "respeito você como feminista, mas as outras que conheço não dá nem para conversar". Tal aceitação da minha pessoa vinha mais por laços de amizade do que por idéias defendidas, já que as críticas se referiam a idéias semelhantes às minhas, professada por outras militantes.

⁴⁹ Feita a partir das informações obtidas nas secretarias dos seguintes cursos: Filosofia, História, Antropologia, Geografia, Ciência Política, Sociologia, Psicologia; e, Química Fundamental, Física, Informática, Matemática, nesta área o Departamento de Estatística estava com o curso de mestrado desativado.

Por outro lado, sempre tive que conviver com alusões, muitas vezes irônicas, pelo fato de ser feminista, como algo pernicioso. Ou ainda, que se fosse uma pessoa sensata, abandonaria tais idéias. Desde então, perguntava-me a razão dessa representação negativa, quando percebia nas pessoas da minha convivência, ou próximas a mim, que os homens não queriam ser vistos ou chamados de machistas; e, as mulheres tendiam para comportamentos de independência e dedicação a construção de uma carreira profissional como realização pessoal. Eles e elas, nas suas relações de namoro ou casamento, buscavam também relações mais igualitárias e questionadoras da dominação masculina. Esta é a razão de fundo, de cunho subjetivo, que ensejou o desejo pelo tema, particularmente entre estudantes universitários.

Além disso, o interesse de investigar esta problemática entre um conjunto de alunos/as universitários foi também orientado por três razões básicas: 1- o fato do feminismo, tanto no Brasil, como na Europa ter surgido em ambientes acadêmicos ou próximos a ele; 2- o acesso ao conhecimento formal que caracteriza o grupo, último patamar da formação educacional, que pode propiciar uma maior racionalidade no tratamento da questão, também porque à universidade liga-se uma certa áurea de abertura para idéias novas, especialmente em nível dos/as alunos/as. De certa maneira estas últimas características do grupo, se ela é verdadeira, pode propiciar um certo controle dos resultados encontrados, no sentido de não assoberbar as representações negativas do feminismo.

A terceira e última destas razões, é o fato de que as mudanças no comportamento da mulher tornam-se tanto mais acentuadas quanto maior é o nível de instrução da mesma: a associação entre alta escolaridade (mais de 12 anos) e trabalho anula os efeitos do estado conjugal; assim, as taxas de atividades das mulheres casadas com este número de anos de estudo, é igual à das solteiras (Bruschini, 1994b). Por sua vez, as mulheres de maior escolaridade tem um número menor de filhos/as, do

que as com baixa escolaridade. E finalmente, é entre pessoas de nível universitário que o quadro de mudanças no sentido de uma construção de relações igualitárias, inclusive entre os sexos, referidos na bibliografia de suporte para esta pesquisa, principalmente no sudeste do país, são investigados e verificados. Posto o objetivo de investigar a tendência para a representação negativa do feminismo, num contexto em que o mesmo se afigura como interlocutor de mudanças, este requisito parece ser atendido pela população escolhida.

Mas a universidade se afigura como um contexto muito variado: classe, etnia, religiões, recortados pelos próprios campos de conhecimento que ela encerra. Como também tem outra sorte de similitudes: construção de carreiras, cumprimento de uma trajetória social de classe, proximidade geracional. E estas similitudes tendem a ser incrementadas na medida em que se elevam os graus acadêmicos dos cursos oferecidos, mesmo que não seja pela certeza da construção de uma carreira, mas pelo menor número de pessoas que os freqüentam. Pensando nas diferenças e similitudes que caracterizam o universo da população foi que escolhi alunos/as em cursos de nível de mestrado, sendo um nível intermediário na formação acadêmica, aponta para diminuir as dúvidas que envolvem a etapa da graduação (onde a população é mais heterogênea). Mas tais dúvidas ainda podem estar presentes como por exemplo, a decisão de fazer ou não um doutorado (onde o universo é ainda menor e mais homogêneo), de seguir ou não uma carreira acadêmica, etc. De maneira que, o pertencimento a este nível acadêmico intermediário, que são os cursos de mestrados, pode ao mesmo tempo garantir uma certa homogeneidade à população, mas sem retirar da mesma o caráter heterogêneo da sua constituição.

Por sua vez, a escolha de duas áreas de conhecimento levou em conta garantir a variedade de conhecimento que a universidade comporta. Para tanto escolhi duas áreas bem demarcadas quanto ao tipo de saber produzido; o lugar de cada uma

delas na hierarquia do campo científico⁵⁰; e, a composição do alunado por sexo, selecionando uma disciplina na área das ciências naturais, e outro das ciências humanas. As ciências naturais são precisas, utilizam a mensuração, a previsão, constroem leis estáveis, comprovadas. Estas características pode implicar na construção de uma visão de mundo pragmática e objetiva, na busca de soluções técnicas, tanto para satisfazer as necessidades, como para aprimorar o conforto da espécie humana.

As ciências humanas, desde os seus primórdios, lutam contra a herança filosófica para se afirmarem como ciência. Apesar de generalizar os fatos, vem se debatendo entre correntes de pensamento diferentes sobre a construção de leis. O grau de previsibilidade é pequeno, com um relativo consenso sobre esta característica. O problema da prova nas suas teorias é um constante dilema para seus autores, favorecendo críticas internas e externas ao seu campo. Neste sentido, as ciências humanas lidam com um grau de incerteza maior nos seus paradigmas, ficando mais próximas das agruras da existência, e com os limites dos conhecimentos enquanto construção social, que é processual e mutável.

As disciplinas escolhidas foram a Física e a História. A primeira, por ser paradigmática como conhecimento natural, mais elevada na hierarquia acadêmica e predominância masculina. A segunda, por ter delimitado seu objeto de estudo de forma mais demarcada (frente as outras disciplinas das ciências humanas); por ter maior tradição acadêmica; e, pelas recentes mudanças que aproximaram-na da antropologia (Dias, 1992). Também, por ter uma posição inferior na hierarquia quando comparada com a Física, ser uma disciplina mista.

Desde a definição do problema de pesquisa já estava claro para mim investigar numa perspectiva das relações de gênero. Por isso a amostra foi composta

⁵⁰ Para estas diferenças ver também Bourdieu (1983).

por homens e mulheres. As pesquisas que abordem apenas homens ou mulheres podem ter um enfoque relacional, porém entendo que existe cada vez mais uma necessidade de abordagens de gênero considerando as perspectivas dos dois sexos. Além do que, pelo objetivo proposto, era extremamente pertinente ter uma análise da representação dos dois sexos sobre o feminismo. Tanto pelo que ele implica em mudanças do comportamento feminino, como do masculino.

Para chegar até os entrevistados lancei mão da relação de alunos regularmente matriculados, segundo informações das secretarias dos cursos. A seleção dos mesmos foi por sorteio. Esta opção teve por suposto evitar grupos de amizade, que poderia viciar o instrumento de coletas de dados, principalmente que o universo da amostra (alunos dos mestrados) seria reduzido.

O tamanho inicial da amostra foi delimitada em 20 indivíduos, sendo 10 em cada curso, subdividido igualmente entre os dois sexos. Esta delimitação não levou em conta a representatividade estatística, mas ao ser retirada de um universo relativamente circunscrito, poderia garantir uma certa homogeneidade ao grupo, caso isso não se verificasse a repetição dos dados permitindo a classificação e interpretação, lançaria mão de novos sorteios para aumentá-la, o que não se fez necessário.

A escolha do método qualitativo se deu levando em consideração o objetivo aqui proposto. Um levantamento de representações construídas com base em relações sociais, implica na apreensão de conceitos, idéias, linguagens que só uma repetição ao longo da fala do indivíduo pode torná-la evidente para o pesquisador. Assim, se fazia necessário criar condições para uma fala mais prolongada, com chances de interligações do raciocínio, que um instrumento quantitativo não me permitiria alcançar. Foi neste âmbito que busquei meu instrumento, optando pela entrevista semi- estruturada. A sua pertinência, mais uma vez, se remete aos objetivos - coletar dados sobre práticas afetivas e profissionais, em certo sentido também uma

representação - já que não me foi possível observá-las; e, sobre as representações do feminismo. Dado o variado campo de investigação se fazia necessário estabelecer limites para estas falas, como também ordená-las de maneira a não ter cortes abruptos, mas também, por não ser possível, até pelo tamanho da amostra, deixar o entrevistado falar livremente sobre os temas investigados.

O roteiro de entrevista foi submetido a um pré-teste, o que possibilitou algumas mudanças e acréscimos de outras perguntas ao mesmo, mostrando a riqueza em utilizar este recurso. Realizei duas entrevistas com tal objetivo, sendo uma com um homem do mestrado de Física, e outra com uma mulher da própria antropologia, pela dificuldade de contatar pessoas no mestrado de História.

O roteiro de entrevistas (ANEXO) constou de duas partes, uma de dados pessoais - e outra de conteúdo - com três blocos de perguntas, sendo o primeiro, profissão, o segundo afetividade e o último feminismo. Tal ordenação levou em consideração estabelecer um grau de intimidade conquistada a partir de uma temática, aparentemente mais impessoal, passando para aspectos mais íntimos, até chegar nas opiniões sobre feminismo, um tema por si só polêmico. Busquei também não estabelecer rupturas entre os temas encadeando-os de maneira que parecesse uma fluência de uma conversa de cunho mais informal, numa tentativa de estabelecer a confiança com o/a informante, principalmente para que ele/a se sentisse à vontade para revelar suas impressões sinceras sobre a temática do feminismo.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa de investigar as práticas profissionais e da esfera doméstica, inclusive aspectos das uniões de namoro e casamento que a elas se relacionam, as quais são recortadas a partir das propostas do feminismo; como também os elementos que estão circunscritos na noção de nebulosa feminista (como conheceu; opiniões avaliativas do feminismo e feministas). O roteiro foi elaborado no sentido de levantar indicadores capazes de cercar estes objetivos. Assim,

no que se refere à profissão, enquanto possibilidade de realização pessoal, considerei a escolha da profissão e a trajetória profissional, de forma subjacente também as classificações das profissões pelo gênero.

Quanto aos aspectos de igualdade e desigualdade entre os sexos, são indicadores as responsabilidades/divisões para articular as atividades domésticas e as demandas das uniões afetivas com aquelas derivadas da profissão. Através da noção de autonomia, foram também considerados a forma de tomar decisões dentro dessas uniões, a independência pessoal e a sexualidade e valores que a envolve. Sobre o feminismo investiguei as definições e avaliações pessoais dos informantes sobre o tema, norteados, inclusive, pelos fatores da *nebulosa*: forma de conhecer, importância para a mudança, percepção sobre as feministas.

O tempo médio das entrevistas foi de 60 minutos. Três delas foram realizadas nas casas dos informantes. As demais ocorreram no ambiente da universidade, seja no mestrado de História, seja no de Física.

Encontrei maior dificuldade em contatar os/as informantes de História. Nesta área houve uma recusa, pois a pessoa selecionada considerou o tema da pesquisa muito íntimo, mesmo que lhe fosse asseverado a proteção do anonimato. Além disso, foi necessário realizar quatro substituições (todas por sorteio) devido a impossibilidade de contatar os anteriormente escolhidos.

Em Física não houve recusas, e geralmente após o primeiro contato, a entrevista já ficava agendada. Em apenas um caso senti resistência, chegando o informante a não comparecer ao encontro marcado.

No decorrer das entrevistas, em alguns momentos sentia-me pouco à vontade justamente por investigar algo íntimo das biografias dos depoentes, bem como pelo sentido de alteridade que marca o exercício do antropólogo. Por outro lado, minha

condição de feminista, várias vezes, tornou bastante onerosa emocionalmente, a necessidade de abstrair-me da problemática enquanto pesquisadora.

Ao transcrever as entrevistas enriqueci suas interpretações levando em conta as pausas, as hesitações, as iterações, que no contexto do discurso permitiram inferir verdades que não eram tão facilmente explicitadas.

Na análise dos dados, considerando os indicadores contidos, no roteiro das entrevistas, acima citados, primeiro busquei construir similitudes e diferenças nos discursos, tendo em vista a teoria relacional de gênero, como também a comparação entre as duas áreas de conhecimento. Da mesma forma, analisei os dados no intuito de perceber os aspectos de permanência e mudança nas práticas, com base na literatura produzida e na qual me respaldo. Por outro lado, estas práticas, evidenciam as ambigüidades em torno da igualdade e desigualdade das relações de gênero. Assim como, a noção de *habitus* pôde indicar aspectos de resistência/reprodução de práticas ortodoxas frente a propostas heterodoxas no campo do gênero. Estes aspectos se revelaram, sobretudo, nas representações quando comparadas com as práticas. Utilizei-me da noção de nebulosa feminista (já definida na Introdução) para vislumbrar classificações negativas sobre o feminismo e/ou feministas.

Finalmente, para analisar os dados das entrevistas levei em conta a bibliografia específica sobre o tema; textos de jornais e revistas; e, informações referentes aos cursos das áreas aqui estudadas fornecidas pelas suas respectivas secretarias.

CAPÍTULO III

O DISCURSO SOBRE AS PRÁTICAS PROFISSIONAIS:

trajetória acadêmica, e relações de gênero

A produção humana de bens, serviços e conhecimentos está organizada a partir de relações e valores sócio-culturais. Os valores positivos que recobrem o trabalho/profissão nas sociedades modernas são, entre outros, os de igualdade e autonomia, além do aspecto de, através dele, os seres humanos produzirem o mundo⁵¹. Daí que, entre outras conseqüências, o trabalho possibilitaria ao indivíduo a sua realização como pessoa. Porém, as relações entre os/as trabalhadores/as revelam as divisões sexual e social do trabalho, e assim as desigualdades e diferenças a partir da sua organização social e histórica concreta, inclusive em função das relações de gênero (Combes & Haicault, 1987; Kergoat, 1987; Lobo *et.al.*, 1987; Lobo, 1988 e 1992).

A divisão sexual e social do trabalho, assim como as relações de gênero (entre outras) que lhes dão suporte, tem merecido historicamente, a atenção do feminismo, particularmente a exclusão das mulheres do direito ao trabalho por uma lado, e por outro, as desigualdades que enfrentam nestas divisões por serem mulheres (Alves, 1980; Michel, 1982). Os limites das representações dos papéis sexuais que designam para as mulheres o lugar de esposa e mãe, complementados pelo papel de provedor reservado aos homens, legitimavam, até bem pouco tempo, o acesso ao mercado de trabalho apenas para estes últimos, enquanto para as primeiras, a

⁵¹ Arendt (1987) faz uma distinção entre labor - atividade humana apenas para o consumo e satisfação das necessidades biológicas, e o trabalho - atividade humana que transforma a natureza e produzir, assim, o mundo. E também que, a moderna sociedade trouxe consigo a glorificação do trabalho, transformando-a numa sociedade operária, portanto, de iguais. Igualdade esta, propiciada pelo trabalho (p.12 e 15-19). Mas não posso esquecer que, a proposta da autora para a conceituação do trabalho não se esgota nesta discussão anteriormente apontada, tendo me valido dela apenas para referendar o valor positivo que o trabalho contém na construção da sociedade moderna, de um lado e da igualdade dentro do gênero humano, por outro.

legitimação deste direito se daria, na maioria das vezes, em caráter de ajuda à renda do grupo familiar (Bruschini, 1994b)⁵². Nesta situação de exceção as possibilidades das mulheres alcançarem os valores de igualdade, autonomia, além da produção do mundo, que o trabalho contém nas sociedades ocidentais modernas, ainda que idealmente, estariam quase sempre subordinadas ao seu papel de esposa/mãe e, por isso mesmo, difíceis de serem conseguidas⁵³.

Porém, não restam dúvidas que as mulheres sempre participaram das atividades produtivas humanas, como também que sua posição têm um caráter diferente e desigual da inserção dos homens nesta esfera social (Combes & Haicault, 1987). Em face dessas diferenças e desigualdades, só recentemente se verifica a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, aliada a sua permanência no mesmo de maneira estável. Entretanto não se desfez o ideal cultural da mulher como mãe e esposa, ensejando situações de conflito entre os papéis femininos; e, é neste contexto de mudança e permanência das atribuições femininas que o feminismo retoma suas forças reaparecendo no cenário político com novas roupagens (Goldberg V. Cruz, 1982).

Paralelamente, surge nas ciências sociais, e paulatinamente se consolida, uma área específica de estudo sobre a condição feminina, destacando-se a temática da mulher e do trabalho (Bruschini, 1994a). Estes estudos apontaram, entre outros fenômenos, a existência de: guetos profissionais segundo o sexo; mecanismos de inclusão e exclusão das mulheres do mercado de trabalho; desigualdades salariais entre

⁵² A esse respeito ver o sentido de mudança que já se insinua e referido na Introdução desta dissertação (Bruschini, 1994b, p. 185).

⁵³ Rosaldo e Lamphere (1979), ao discutirem as desigualdades entre homens e mulheres nas sociedades contemporâneas como também as possibilidades de reconstrução da igualdade de poder e *status* entre os sexos, argumentam que: “A mudança deve prosseguir em duas direções. Para começar, é imperativo integrar o homem na esfera doméstica (...) [e] ...a evidência transcultural da importância da participação feminina, e o controle dos lucros da produção econômica, indicam que o status feminino será elevado somente quando ela participar igualmente com o homem no mercado de trabalho.” (p.31)

homens e mulheres aliada à desvalorização do trabalho feminino; dupla jornada de trabalho para as mulheres; gratuidade e invisibilidade do trabalho doméstico e sua relação com a esfera produtiva (Aguiar, 1983 e 1984; Brumer, 1988; Bruschini, 1994b; Castro, 1992; Durham, 1983; Kergoat, 1987; Lobo, *et. al.*, 1987).

Com base nesses estudos e também numa proposta mais ampla de mudança para as relações de gênero, o movimento feminista tem as seguintes metas: retirar a conotação de “ajuda” à renda familiar que recobre o trabalho feminino; dar visibilidade ao trabalho doméstico; denunciar as desigualdades salariais (Alves, 1980; Michel, 1982)⁵⁴; dessexualizar as profissões (guetos profissionais)⁵⁵; lutar pela emancipação da mulher encarando o trabalho feminino enquanto uma realização pessoal (Michel, 1982; Goldberg V. Cruz, 1982), segundo os valores ideais contidos na noção de trabalho.

A intenção de investigar as práticas profissionais de homens e mulheres, em duas áreas de conhecimento diferentes quanto a sua posição no campo científico; a sua composição por sexo; e, enquanto ciência da natureza e humana, visa perceber em que sentido a população investigada se porta frente à classificação das profissões por sexo, e quanto ao trabalho como realização pessoal. Assim, possibilita assimilar os achados com estas propostas do feminismo, o que se coaduna com a construção das representações do feminismo (discutidas no capítulo cinco) pelos/as entrevistados/as.

⁵⁴ Esta discussão é desenvolvida na Introdução, onde se demonstra a importância do trabalho como um meio das mulheres alcançarem a realização pessoal, mantendo-se como uma proposta do “novo” feminismo. Sobre este aspecto Alves (1980) cita exemplos de mulheres no século dezoito, reivindicando o seu direito ao trabalho (p. 55-57 e 93). Sobre o Brasil, a esse respeito ver também Bernardes (1988). Enquanto proposta do “novo” feminismo ver Goldberg V. Cruz (1982), inclusive sendo um argumento para crítica à divisão sexual do trabalho.

⁵⁵ A discussão da dessexualização das profissões pelo movimento feminista se desdobrou dos estudos sobre a inserção feminina no mercado de trabalho que colocou em evidência as desigualdades salariais e a divisão sexual do trabalho, implicando na crítica da reserva de profissões de acordo com o sexo biológico (guetos profissionais, segundo a classificação de Bruschini, 1994b).

No presente capítulo busco entender a importância da profissão, para o grupo selecionado, a partir das trajetórias acadêmicas e profissionais consoante as relações de gênero e as áreas de inserção do conhecimento. Para tanto, debruço-me sobre a motivação da escolha da profissão; a trajetória profissional revelada pela linearidade, tempo para a obtenção e esforço despendido na especialização; o lugar da profissão frente a outras esferas da vida (principalmente no que denomino esfera afetiva⁵⁶) e/ou a realização pessoal por ela proporcionada; como se dá concretamente a distribuição de sexo nas duas profissões; e finalmente, como os/as entrevistados/as explicam tal distribuição, nas suas respectivas profissões, a partir de sua percepção pessoal⁵⁷. A análise das falas referentes a estas práticas dão o substrato para entender o percurso de construção das representações do feminismo no grupo estudado.

3.1 - A ESCOLHA DA PROFISSÃO

Neste item são abordadas as motivações da escolha do curso de graduação, a passagem para o mestrado⁵⁸, e as razões de mudança de curso quando ela ocorrer. O acompanhamento desse percurso me permite entender o planejamento/vocação da escolha profissional e, se nesta escolha, existem limites colocados pelas relações de gênero, como por exemplo classificar a profissão em masculina e feminina. Também é útil para perceber se homens e mulheres, na escolha

⁵⁶ A afetividade, no curso deste trabalho, inclui namoro/casamento, filhos e também a esfera doméstica, especificamente as atividades de manutenção da casa. Tal inclusão se justifica porque estas atividades se realizam a partir de um núcleo afetivo familiar nas sociedades urbano-ocidentais, sejam pelas relações parentais de família (pai/mãe-filhos/as) sejam pelas relações entre os cônjuges. Mas neste capítulo é tratado especificamente como namoro/casamento.

⁵⁷ No último sub-item deste capítulo é apresentado a distribuição de sexo dentro das profissões aqui estudadas, Física e História, e das outras profissões das respectivas áreas de conhecimento (natureza e humanas) nas quais elas estão inseridas. Estes dados se baseiam nas listas dos alunos matriculados em todos os cursos das duas áreas de conhecimento aqui consideradas, que me foram fornecidas pelas secretarias desses cursos.

profissional, põem em pauta uma realização pessoal, especialmente as mulheres que assim, nos seus motivos, assimilaram-se às propostas do movimento feminista, em contraste com o caráter exclusivo de ajuda para a renda familiar, normalmente atribuído ao trabalho feminino.

O primeiro dado importante é o curso de graduação realizado pelos/as entrevistados/as. O quadro 1, abaixo, ilustra esta situação. Nele observa-se que, quanto à origem dos/as mestrados/as aqui considerados, os de História⁵⁹ advêm de cursos de graduação variados, enquanto os de Física vêm, na sua maioria, de uma graduação em Física.

QUADRO 1 - cursos de graduação dos mestrados/as de Física e História da UFPE

CURSO DE GRADUAÇÃO	MESTRADO DE HISTÓRIA			MESTRADO DE FÍSICA		
	homem	mulher	total	homem	mulher	total
FÍSICA	-	-	-	5	4	9
HISTÓRIA	3	3	6	-	-	-
ENGENHARIA	-	-	-	-	1	1
DIREITO	1	1	2	-	-	-
BIBLIOTECONOMIA	1	-	1	-	-	-
ARQUITETURA	-	1	1	-	-	-
TOTAL	5	5	10	5	5	10

Fonte: entrevistas, num total de 20, realizadas no ano de 1994.

Estes dados indicam uma diferença em termos de trajetória profissional, onde a definição dos/as físicos/as é mais contínua. Em História, por sua vez, verifica-se uma definição profissional descontínua. Os dados desse quadro indicam também que,

⁵⁸ Chamo a atenção que quando me referir a “curso”, sem que haja especificação, estarei me referindo ao nível de mestrado das áreas de Física e História.

⁵⁹ O mestrado de História tem duas áreas de concentração: História e Pré-História do Brasil (dados do edital de convocação/divulgação para seleção deste mestrado) sendo esta última referida como arqueologia pelos/as entrevistados/as, como se fosse um mestrado específico. No grupo estudado um homem e uma mulher cursavam arqueologia. Porém, não há entre ele/a e o restante do grupo diferenças que justifiquem tratá-lo/a em separado. Assim, apenas quando houver alguma diferença significativa entre ele/a e o restante do grupo, é que será referida a sua área de concentração.

neste aspecto da escolha profissional, não há diferenças significativas de gênero dentro de cada um dos cursos, para a população estudada.

Além desses dados, de caráter objetivo, há que se considerar aqueles referentes às motivações da escolha do curso, marcados por demandas afetivas, econômicas e de gênero.

Das razões apresentadas pelos/as entrevistados/as para a escolha do curso de Física uma se destaca: o fato desta ciência proporcionar um conhecimento da natureza de maneira profunda (assim o desejo de conhecer o objeto de estudo desta disciplina); e, a segunda razão relevante, é a classificação da Física como a ciência fundamental, no sentido de ser a base para todas as outras. Abaixo seguem três exemplos, na coluna da esquerda um homem que resume os dois motivos acima, na coluna da direita o de duas mulheres, cada uma enfatizando um deles para a escolha do curso de Física:

“Porque eu acho que era uma coisa mais bonita. Eu podia, eu podia, é... pesquisar todo o universo em seus detalhes. Eu podia pesquisar cada matéria, cada porção de qualquer coisa. Eu poderia pesquisar bem direitinho, mais profundamente. (...) Mas eu acho que a ciência mais fundamental mesmo é a Física.” (Vitor)

“... ciências⁶⁰ era uma parte de... dos estudos acadêmicos muito bonita, que eu podia ir por ele.” (Máira)

“Olha! eu me fascino por todos os fenômenos da natureza, e eu sempre quis tentar entender do ponto de vista científico. E isso, quem trabalha com isso, é a Física...” (Carla)

Entretanto, mesmo que entre os/as entrevistados/as do mestrado de Física tenha predominado a realização do mesmo curso de graduação, ocorreram alguns percursos acidentados, tanto no sentido da passagem por outros cursos, como no de pensar inicialmente em outra carreira. Nestes casos, a outra opção esteve nas áreas de engenharia, pelo seu prestígio e valor econômico, tal como dito explícita ou

⁶⁰ O fato de não especificar qual ciência ou área de conhecimento, eu interpreto como sendo decorrente da representação da Física como a ciência fundamental. Ou ainda, pode ser apenas uma referência aos tempos de colégio, quando a separação entre as disciplinas científicas é menos evidente, mas ao se remeter a isto, permanece a representação forjada na escola formal sobre a Física, enquanto “A Ciência”.

implicitamente. Uma das mulheres não realizou a engenharia pretendida por ser oferecida no Instituto de Tecnologia Aeronáutica (ITA), que não permitia⁶¹ a entrada de mulheres (o que evidencia a existência de mecanismos de exclusão das mulheres, nesta profissão, reflexo das relações de gênero). Pelo exposto, o fato de todos, com exceção de uma única mestranda, virem da graduação em Física, não significa que a escolha não tenha envolvido dúvidas e incertezas, e, que só a realização do curso possibilitou confirmar o seu acerto. Assim vejamos alguns depoimentos (de homens à esquerda e mulheres à direita):

“O porquê de ter escolhido Física e não engenharia prá essas duas... já que eu optei, estaria fazendo prá engenharia também... ainda é um mistério prá mim [ele fez ao mesmo tempo vestibular para duas universidades, sendo um para engenharia e outro para Física]. Eu não consigo me situar exatamente porque eu fiz isso. Apenas eu lembro de ter visto um prospecto (...) um jovem, (...) demonstrava saber o que estava fazendo, um certo conhecimento sobre o nosso mundo ao redor...” (Alberto)

“... é que eu fiz vestibular aqui na federal, num é? para informática⁶². Lá na FESP [Faculdade de Ensino Superior de Pernambuco] eu fiz prá engenharia elétrica, que era a coisa mais valorizada na época, né?” (Nélio)

“Realmente Física é uma coisa que eu gosto, mas primeira opção (...) na época (...) 17, 18 anos prestando vestibular, eu queria engenharia aeronáutica... (...) então é lógico que foi uma frustração. Na época fiquei revoltadíssima, pelo fato de ser vetado no ITA, né? a entrada de mulheres. É o único curso do Brasil.” (Carla)

“Porque eu gosto de Física. Eu ia fazer minha graduação em Física, depois resolvi fazer engenharia. Mas como eu entrei em engenharia eu não quis trancar curso, trocar curso, e resolvi fazer e enfrentar. Já durante a graduação, já pensava em fazer mestrado em Física.” (Laura)

A fala de Laura (acima), demonstra que a única pessoa que veio de outro curso de graduação, guarda muitas semelhanças em suas motivações para com as motivações e dúvidas do restante do grupo, e assim, tal fato não se destaca do que foi visto até aqui.

⁶¹ O ITA, no ano de 1996, retirou o veto ao ingresso de mulheres nos seus cursos, tendo sido realizada a primeira seleção para este ano letivo. (Isto é, nº 1372, 17/01/96, p. 16). Ver também Schtruck (1995), sobre o ingresso de mulheres em profissões eminentemente masculinas.

⁶² O curso de Física foi sua segunda opção no concurso vestibular realizado por ele para ingressar na UFPE, no qual foi aprovado.

Além dos motivos de escolha profissional anteriormente vistos, as mulheres do curso de Física apresentaram mais outras duas razões: a influência de professores durante o segundo grau (quatro delas referiram-se diretamente a isto, tanto para a escolha de Física como para a escolha de um curso na área de ciências exatas); e, a ênfase ao “gosto pelos números” (ao qual todas se referiram). Esta situação é claramente exemplificada no depoimento a seguir:

“...escolhi a Física primeiro porque desde o colégio que eu sempre tive facilidade em Física e Matemática. Isso aí foi desde pequena que eu gosto de Matemática. E no colégio. Então eu pensei assim, né? eu fiquei com muita dúvida entre a engenharia, entre fazer uma das engenharias e a Física. Só que eu tinha... é... no segundo ano eu peguei um professor de Física maravilhoso, como se diz, né? e aí ele ensinou assim, uma maneira diferente, e me levou também para conhecer o departamento ... (...) eu acho que a influência desse professor foi muito grande prá eu tomar essa decisão de fazer Física.” (Simone)

Analisando as motivações de homens e mulheres não parece haver uma razão de gênero no momento da escolha da profissão, como por exemplo a visão de que a Física é uma disciplina masculina. Isto pode ser interpretado, entre outras formas, de dois modos: em primeiro lugar, elas podem admitir a naturalização dessa profissão como masculina, e, portanto, se sentem (inconscientemente ou não) exceção neste campo (“eu gosto de números”)⁶³; em segundo lugar, não consideram mais necessário ponderar que estão ingressando numa profissão classificável como de homem ou de mulher. Esta última suposição é assimilável à proposta/questionamento do feminismo

⁶³ Michèle Ferrand ao estudar, na França, o ingresso de mulheres na área de Ciências da Natureza, particularmente a Física, conclui que existe uma prática de sutil exclusão das mesmas na referida área. Tal conclusão se baseia nas seguintes exigências feitas às mulheres, mas que não se dão com a mesma intensidade para os homens: comprovação de um gosto precoce pela ciência (a maioria das mulheres do curso de Física, naquele país e por ela entrevistadas, declararam um gosto precoce por esta matéria) - por sua vez, para os homens não se faz esta mesma exigência; e, a terem apresentado desempenho excelente no curso secundário, ou seja serem superiores ou iguais aos homens neste mesmo aspecto. Vale notar ainda que, na França, o efetivo de mulheres na área de Ciências da Natureza é de aproximadamente 10%, sistematicamente explicado pelo reduzido número de candidatas ao concurso de seleção para tais áreas do conhecimento (FERRAND, 1994 pp. 360 e 365).

sobre os guetos profissionais. Por outro lado a maioria delas revelam como motivação da escolha o incentivo de professores no segundo grau.

Entretanto, a escolha feminina traz subjacente a idéia da naturalização do "gostar dos números" como uma vocação do berço, o que revela uma contradição. Ou seja, elas não se percebem "gostando dos números" pelo aprendizado, inclusive diferenciado pelas relações de gênero, pois na escola formal (a não ser enquanto exceções, como subentende-se nos seus depoimentos) e na família (nenhuma delas menciona incentivo de familiares) as mulheres não são estimuladas a tal aprendizado. Quanto à influência dos professores na escolha profissional dessas mulheres, mesmo que exclusiva para as exceções que "gostam de números", na minha interpretação, pode ser assimilado às conquistas do movimento feminista que, a partir das suas polêmicas com a sociedade/cultura, vem propiciando uma abertura do campo profissional para as mulheres⁶⁴.

As razões da escolha do curso de História pelos/as entrevistados/as se aglutinam em torno da afetividade, exemplificada nos termos: "gostar", "fascinar", "apaixonar-se" (falas da coluna da esquerda). Apenas uma mulher colocou também a idéia de que a História possibilita entender a estrutura social - o que evidencia uma escolha diretamente relacionada ao objeto de estudo desta disciplina (coluna da direita). Vejamos os depoimentos:

"Foi a partir do... do curso de pedagogia que eu descobri que gostava de História (...) me vi assim apaixonado ..." (Wagner)

"Olha, é uma disciplina que eu sempre gostei, desde que eu fiz o ginásio... principalmente na área de pesquisa histórica." (Juliana)

"Vou fazer vestibular prá História! Eu já tinha um certo amadurecimento, né? Assim, eu já tinha uma área profissional que eu trabalhava. (...) Então minha idéia era fazer o que é gostoso prá mim. (...) E eu também via muita exploração lá no meu trabalho. (...) ... entender o capitalismo era minha ânsia, né?"

⁶⁴Algumas delas fazem referência a terem sido a única mulher na turma da graduação ou do mestrado de Física. Lobo *et al.* (1987 p. 132) apontam mudanças qualitativas da inserção feminina na força de trabalho na indústria de transformação. Ver também Schtruck (1995).

(Glória)⁶⁵

Há uma tendência, verificada entre os homens do curso de História, de serem influenciados por familiares ou amigos, mesmo que indiretamente, como se vê nas falas abaixo:

“... eu nasci e me criei numa família, vamos dizer assim, de livre pensadores. Meu pai é um livre pensador e para ele era familiar Voltaire, Rousseau, Spinoza (...) Eu acho que o meio, é... eu posso dizer que o meio me ajudou bastante a tomar essa decisão, é... de ser historiador.” (Nilton)

“Eu comecei a gostar de História já no final do segundo grau. Tinha alguns amigos, que eu fui conhecendo, que faziam História, eu passei a me interessar.” (Carlos)

A escolha do mestrado de História pelas mulheres apresenta-se mais descontínua do que esta escolha para os homens, o que pode ser inferido pelos seguintes fatos: aprovação no vestibular em segunda opção; e, mudança de curso de maneira não racional e planejada, que em um dos casos aqui estudados se reforça pela condição de casada. Vejamos os depoimentos daquelas que mudaram de curso, que mostram um encadeamento de acontecimentos fortuitos levando a profissão de historiadora:

“Eu fiz Arquitetura, tinha escritório. Depois eu comecei a enveredar prá o lado da antigüidade, restauração. (...) E fui prá Itália acompanhando meu marido. (...) Então lá, eu procurando alguma coisa prá fazer na minha área, eu entrei no grupo de análise físico-química da politécnica de [uma cidade européia] (...) fazendo análise em obras de arte. Aí quando eu voltei, eu queria continuar nessa área, e resolvi entrar em História prá fazer análise em pintura barroca. Paguei as disciplinas de História. Depois de um ano, que eu fiquei conhecendo o pessoal da arqueologia (...) todo mundo extremamente interessado. Eu vibrando, né? adorava! Eu passava pelos corredores me chamavam prá ver as pinturas rupestres. Aí resolvi mudar para Arqueologia.” (Alba)

⁶⁵ Em outros contextos, algumas pessoas do grupo estudado deram evidência ao sentido social atribuível à História como sugere este comentário de Glória. O que será visto mais adiante neste capítulo, principalmente para justificar a realização pessoal que a profissão propicia.

“Mas aí eu decidi fazer por eliminação, ficou Direito e História. Por uma questão de preconceito eu não quis colocar História num primeiro plano, né? (...) Passei aqui na Federal [UFPE], e fiz o curso, né? Quando eu tava no segundo ano de Direito, (...) que eu vi que não era bem aquilo que eu esperava, sabe? (...) O curso de Direito é muito mais técnico, do que propriamente, assim, um curso mesmo da área de ciências humanas. (...) Aí eu disse: Não! Vou fazer vestibular [para o curso de História]. Aí fiz, passei... (...) Aí, assim que eu terminei Direito eu não esperei concluir História. Aí eu vim e fiz a seleção de mestrado e passei. (...) Quando eu terminei os créditos aqui [no mestrado de História] Sabe? aí eu terminei o curso [de graduação], só para ter o diploma.” (Paula)

Mesmo que entre os homens do mestrado de História tenham ocorrido mudanças de curso, tanto neste nível como na graduação, tais fatos não assumiram a conotação dada por estas mulheres acima. Para eles, mudar de curso ou permanecer naquele com o qual não se identifica, são decisões operadas por fatores objetivos: acesso ao mercado de trabalho e ganhar tempo. O exemplo a seguir, refere-se a estas duas razões:

“Pesou a questão financeira. O Direito ele dava, abria um leque maior de possibilidades prá emprego. Depois de formado... [e já trabalhando] num local que eu gosto, que tá relacionado com História (...) Então eu fui traçando o meu caminho pro lado do meu gosto pessoal que é a História.” (Jairo)

Neste sentido, há uma diferença no grupo estudado no mestrado de História entre homens e mulheres. Qual seja, a escolha profissional destas últimas assume um caráter mais descontínuo e contingencial do que entre os primeiros. Os homens, por outro lado, referem-se à influência de amigos e familiares na decisão de fazer o curso de História. Mas, vale lembrar, que homens e mulheres do curso de História se assemelham, pois predomina na explicação deles/as a motivação afetiva e não a motivação para conhecer o objeto próprio da disciplina em questão.

Segundo Rosemberg (1994, p. 58), a composição de sexo no ensino de primeiro e segundo grau revela uma predominância da mão de obra feminina. Para os homens, a influência afetiva de amigos e parentes, a qual eles se referiram, pode ter sido necessária para facilitar o ingresso num campo profissional aparentemente feminino (possivelmente o campo de atuação mais visível desta profissão). Por outro lado, nas falas dos/as entrevistados/as não houve uma recorrência para dicotomizar ensino e pesquisa, mesmo que no mestrado de História da UFPE (considerando-se que este grau acadêmico inicia a formação de pesquisador) exista uma predominância masculina em torno de 60%⁶⁶. Assim não posso afirmar que existe um preconceito masculino em ingressar no curso de História, mas, antes, que existem canais facilitadores para sua escolha. Comparando estes homens com aqueles do curso de Física, lembro que os últimos não se referiram a uma influência afetiva na sua escolha profissional, o que pode ser atribuído à classificação desta área como masculina, mesmo que não dito nos seus depoimentos.

Ainda sobre a composição da mão de obra no ensino de primeiro e segundo graus, onde predominam mulheres, este fato pode justificar a opção das entrevistadas pelo curso de História conforme a tradição vigente. Tal opção sendo operada, não apenas pela predominância numérica feminina, pois, como supõe Rosemberg (1994), é possível que as mulheres, em geral, condicionem sua inserção profissional à facilidade de conciliar as responsabilidades deste campo com as atribuições da esfera doméstica, principalmente para aquelas que apresentam escolhas descontínuas no âmbito da amostra estudada⁶⁷. De certa forma, é como se a área de

⁶⁶ Dados da secretaria do mestrado em História, dispostos no quadro da distribuição de sexo dos cursos estudados e que se encontra no último item deste capítulo.

⁶⁷ Bruschini (1994b) afirma que a trajetória profissional das mulheres se caracteriza pela intermitência no mercado de trabalho devido as responsabilidades, culturalmente atribuídas a elas, de preservarem o núcleo familiar/afetivo. O que se assemelha com a descontinuidade da escolha profissional das mulheres do curso de História.

História tivesse uma maleabilidade maior, do que a área de Física, para acolher seus futuros profissionais, pois a descontinuidade que se verifica na primeira, quanto ao ingresso profissional feminino, também caracteriza alguns ingressos masculinos; enquanto que, na segunda área considerada, é mais marcante a certeza da escolha profissional (sempre ter gostado de Física de maneira precoce, para os dois sexos), sendo exigida das mulheres, além da certeza, um sentido de excelência (“*gostar de números*”) (Ferrand, 1994).

Também quanto à continuidade e à certeza das escolhas profissionais, diferentes para as duas áreas em questão, elas sugerem que para o ingresso no curso de Física se faz necessário uma empatia com o próprio objeto de estudo da disciplina (a natureza); enquanto na área de História as justificativas motivacionais para a sua escolha, segundo os/as entrevistados/as, encontram-se no plano da afetividade (“gostar” de História), sendo o desejo de conhecer o objeto da disciplina (os processos sociais diacrônicos das relações humanas) mencionado apenas excepcionalmente. Esta diferença propicia, pelo menos, duas explicações: a primeira diz respeito aos limites que demarcam os campos de estudos das ciências Humanas, que são mais tênues do que os limites entre as disciplinas do campo das ciências da natureza; a segunda, de certa forma interdependente com a primeira, aponta para um sentido vocacional que recobre as escolhas do curso de Física, que é ainda mais fortemente exigido das mulheres que nela ingressam.

Assim, considero que, mesmo existindo semelhanças entre homens e mulheres na escolha profissional dentro de cada campo aqui estudado, se mantêm restrições para o ingresso feminino no curso de Física quando é exigido delas uma característica peculiar “gostar de números”, ainda que apareçam canais facilitadores para o ingresso das mulheres no referido campo (incentivo dos professores no segundo

grau, assimilados às propostas do feminismo). Além do que, exige-se também no trajeto da escolha profissional, uma certeza tão, ou mais evidente, para as mulheres do que para os homens deste curso. Por outro lado, o curso de História propicia, aparentemente, a descontinuidade da escolha feminina, que como foi visto, ainda que presente nos homens, ela se deu mais fortemente entre as mulheres. Neste sentido, de maneira sutil, se mantém restrições ao ingresso feminino em determinadas profissões, mas o gênero masculino e feminino não surgiu nas falas dos/as entrevistados/as para classificar cada uma delas, no momento das suas escolhas; o que possibilita sugerir uma determinação das mulheres do curso de Física no sentido de romper com a reserva profissional segundo o sexo biológico. De maneira que há uma tendência de relações de gênero igualitárias e ao mesmo tempo desiguais na população estudada no que se refere ao ingresso profissional, requerendo um esforço pessoal maior para assunção a postos masculinos⁶⁸.

Mas, do ponto de vista da escolha profissional ser um indicador da busca de uma realização pessoal, tanto os homens quanto as mulheres, dos dois campos aqui enfocados, tentaram colocar em evidência que suas escolhas direcionaram-se neste sentido: gostar do que se faz, ou tentar apreender um objeto que fascina. Assim, posso assimilar este aspecto às discussões do feminismo que questionam a entrada das mulheres no mercado de trabalho apenas para complementar a renda do grupo familiar.

O item seguinte, sobre a trajetória acadêmica dos/as entrevistados/as, possibilita a corroboração dessas interpretações e aprofunda a análise da importância da profissão para os/as entrevistados/as.

⁶⁸ Algumas mulheres, a partir do seu esforço pessoal, vem aumentando a participação feminina em profissões classificadas como masculinas (Schtruk, 1995; Veja, agos/set, 1994) o que talvez assinale uma intensificação da tendência de romper com os guetos profissionais, mas que merecem outros estudos. Por sua vez é possível assimilar esta tendência em andamento como um resultado das polêmicas do feminismo com a sociedade a esse respeito e/ou resultado da socialização (primária e secundária), nas famílias onde os dois cônjuges trabalham fora.

3.2 - A TRAJETÓRIA ACADÊMICA

A trajetória acadêmica dos/as entrevistados/as é aqui analisada tendo por base o investimento na especialização. Assim enfoco a linearidade temporal na trajetória acadêmica; o tempo empregado na realização do mestrado; a disponibilidade de mudança de moradia (esforço despendido) para obter os graus acadêmicos; e finalmente, como é equacionada o lugar da profissão frente a outras esferas da vida, tais como: casamento/namoro ou a sua importância para a realização pessoal. Assim, pretendo investigar a importância da profissão no âmbito da vida das pessoas como um todo.

a) tempo de obtenção dos graus acadêmicos

A idade dos/as entrevistados/as é um indicador que permite perceber a linearidade para a obtenção dos graus acadêmicos, pois ela pode revelar se houve interrupção nessa trajetória, que condicionam o investimento profissional a outros fatores das suas vidas⁶⁹. O quadro 2 apresenta os anos de nascimento das pessoas que compõem o grupo investigado:

QUADRO 2 - anos de nascimento dos/as entrevistados/as, agrupados em períodos.*

HISTÓRIA		FÍSICA	
homem	mulher	homem	mulher
1962 -1968**	1954 -1965	1967-1971***	1966 - 1970

Fonte: entrevistas, num total de 20, realizadas no ano de 1994.

⁶⁹ Mesmo que alguns dos/as entrevistados/as mais velhos tenham ingressado no mestrado logo após a graduação, os dados ainda permitem inferir que houve uma interrupção dos estudos entre o segundo e terceiro graus, permanecendo o caráter descontínuos nas trajetórias dos/as informantes frente às pessoas da mesma geração.

* Os dados foram agrupados em períodos porque há uma distribuição equilibrada dos anos de nascimento dentro de cada grupo de entrevistados/as conforme a disposição acima, com exceção de dois homens (um em cada área) cujas idades são desviantes do grupo em que se inserem, segundo a composição da amostra estudada. Eles são discriminados logo abaixo.

**Um deles nasceu na década de 40

***Um deles nasceu na década de 50

Considerando-se ainda que os dados foram colhidos no período em que os/as entrevistados/as faziam seus respectivos mestrados, eles (estes dados) permitem inferir que os graus acadêmicos são conseguidos de forma linear ao longo do tempo entre os/as alunos/as de Física. Corroboram também a continuidade da escolha profissional, no âmbito do curso de Física, visto no item anterior, onde quase não houve mudança de curso na passagem para o mestrado. Enquanto no mestrado de História tem-se um ligeiro aumento de idade, tanto para homens como para as mulheres, que permite inferir a existência de um hiato temporal (interrupções) nas suas trajetórias de estudos, comparativamente com o grupo estudado na área de Física. Este hiato de tempo reforça o argumento da descontinuidade na escolha profissional do grupo estudado na área de História. Dentro de cada campo, Física e História, para a linearidade/interrupções na obtenção dos graus acadêmicos, não há diferenças de gênero significativas.

Estes dados se encadeiam com o tempo de permanência no mestrado, que se percebe pelo ano de ingresso no curso, o qual levando-se em consideração o período de realização das entrevistas, revela a rapidez para a obtenção dos graus acadêmicos em cada uma das disciplinas estudadas. O quadro 3, ilustra a situação dos/as entrevistados/as:

QUADRO 3 - anos de ingresso dos/as entrevistados/as nos mestrados de Física e História da UFPE, agrupados em períodos *

HISTÓRIA	FÍSICA
----------	--------

homem	mulher	homem	mulher
1993 -1994**	1989-1994	1990-1993***	1992-1994

Fonte: entrevistas, num total de 20, realizadas em 1994.

* Os dados são agrupados em períodos porque há uma distribuição equilibrada dos anos de ingresso no mestrado, dentro de cada grupo de entrevistados/as, conforme a distribuição acima.

** Neste grupo ocorreram dois ingressos anteriores nos anos de 1982 e 84, com posterior retomada no período acima.

*** Neste grupo, o entrevistado que estava há mais tempo no mestrado é o mais velho e também o único casado.

Os dados sugerem que no mestrado de Física a tendência é a obtenção rápida do grau de mestre. Reforça, assim, o argumento da especialização linear, demonstrada pelas idades. Neste sentido interpreto que os/as físicos/as investem na formação profissional de forma planejada, o que se encadeia com a interpretação de vocações contidas na escolha da profissão.

No curso de História os dados demonstram que a obtenção do grau de mestre se dá mais lentamente, tanto para homens quanto para mulheres⁷⁰. Essa conclusão pode ser assinalada também no Quadro 2, onde observa-se que os/as entrevistados/as do curso de História, de maneira geral, são mais velhos que os do curso de Física, que sugere hiatos temporais nas trajetórias de estudos destes/as entrevistados/as. Esta tendência é ainda mais evidente entre as mulheres do curso de História, que são as mais velhas frente a toda população estudada. Interpreto daí que, a especialização em História tem um caráter não linear, sugerindo um não planejamento profissional, principalmente para as mulheres. Também se coaduna com a descontinuidade que caracteriza a escolha da profissão enquanto historiador/a.

A interpretação acima é corroborada pela média de tempo para a obtenção do grau de mestre nos cursos de Física e História da UFPE. Segundo a

⁷⁰ Pela amostra dos homens do curso de História, que se concentrou nos anos de entrada de 1993-1994, não seria possível fazer esta inferência. Porém, ao se considerar os casos de abandono e retomada do curso após 10 anos do primeiro ingresso, esta inferência se torna possível.

secretaria do curso de Física a média de tempo, dos/as alunos/as para a obtenção do grau de mestre, situa-se entre 2,5 a 3 anos. Enquanto que, segundo ainda a secretaria do curso, o tempo médio para obtenção do grau de mestre em História oscila entre 3 e 4 anos. Para os dois cursos, constituem exceções as pessoas que realizam o mestrado em um número de anos aquém dos limites mínimos. Aquelas pessoas que ultrapassem os limites máximos de anos na realização do mestrado são submetidas a uma avaliação das suas situações pelos colegiados dos cursos conforme o parecer do professor que o orienta dizendo do seu rendimento, sendo a tendência geral, nestes casos, a desvinculação das mesmas tanto na área de Física, quanto na de História, segundo a informação das duas secretarias.

As diferenças de linearidade e continuidade entre as áreas de Física e História pode ser atribuída ao lugar hierárquico desta última no campo científico que é inferior ao lugar ocupado pela primeira. Como salienta Bourdieu (1983a e c), quanto mais inferior for a posição da disciplina na hierarquia científica, menor será a sua autonomia (relativa) frente as relações sociais que as circunscreve⁷¹. Assim, a influência de fatores sociais na trajetória dos/as historiadores/as aqui entrevistados/as, parece bem evidente. Em diferentes contextos das falas dos/as mesmos/as, são assinalados como motivos para não linearidade temporal dos estudos: a proibição de estudar por ser mulher; o casamento; a existência de filhos; e, a necessidade de trabalhar para contribuir com a renda da família de origem. Sendo que há uma diferença entre homens e mulheres do curso de História, pois elas além da questão de renda ou posição na família são especificamente proibidas de estudar por serem mulheres. Também porque,

⁷¹ Segundo Bourdieu (1983c, p. 42), a autonomia de qualquer campo frente ao campo do poder (onde todos eles se encontram, inclusive o campo científico) é apenas relativa, pois dentro do campo do poder os demais atendem aos interesses dominantes. É por isso que as Ciências Naturais têm uma autonomia relativa maior do que aquela das Ciências Sociais, e por extensão das Ciências Humanas e a História, porque as Ciências da Natureza atendem aos interesses econômicos da classe dominante com os resultados das suas pesquisas,

a posição (mãe/esposa/filha) na família, casamento e filhos acarretam maior interferência nas trajetórias profissionais femininas do que nas masculinas (Bruschini, 1994b).

Além dessa diferença profissional, intrínseca à hierarquia acadêmica, e recortada pela estrutura social, também existem aquelas do mercado de trabalho. Tal como os dados da amostra estudada informam, os/as físicos/as, freqüentemente, direcionam-se para a pesquisa⁷², conforme os depoimentos (os da esquerda femininos e os da direita masculinos) abaixo:

“eu quero seguir carreira acadêmica. Já está estabelecido desde que eu terminei a graduação. (...) na maioria das universidades, você só consegue entrar como professor se você tiver doutorado.” (Carla)

“Olha eu acho que eu senti vontade de ser um cientista, ou seja procurar tentar entender o máximo a natureza.” (Mário)

“... terminar esse mestrado, terminar o doutorado e trabalhar mesmo na área. Quer seja numa universidade, quer seja num instituto de pesquisa.” (Simone)

“Eu já nasci um pouco com isso aí, quer dizer, gosto de fazer ciência.” (Ivson)

Em História, a trajetória acadêmica apresentou-se imbricada com várias experiências paralelas em outras atividades no mercado de trabalho - dentro ou fora dessa profissão. O Quadro 4 mostra as práticas dos/as historiadores/as no mercado de trabalho.

QUADRO 4 - experiência (anterior/atual) no mercado de trabalho dos/as mestrandos/as de História *

ATIVIDADE	HOMEM	MULHER
PROFESSORES(AS)	3	3
DOCUMENTAÇÃO	2	-
PESQUISADORA	-	2
NEGÓCIO PRÓPRIO	1	1
ARQUITETA	-	1
BANCÁRIA	-	1

enquanto as humanidades podem, em alguns momentos, legitimar a ordem estabelecida (Bourdieu, 1983a, p. 147).

⁷² Em toda a amostra apenas um entrevistado do curso de Física se colocou em dúvida quanto a seguir a carreira de pesquisador, tendo em vista a possibilidade de dar continuidade a um empreendimento familiar.

SECRETÁRIA	-	1
------------	---	---

Fonte: entrevistas, num total de 10, realizadas com 5 homens e 5 mulheres do curso de História, em 1994.

* A soma das experiências ultrapassa o total acima porque alguns/as dos/as entrevistados/as exerceram mais de uma atividade.

Os dados sugerem que a especialização em História também pode ser adiada em favor da experiência no mercado de trabalho como professor/a ou documentalista, ou conciliada com estas últimas. Sugerem ainda, que o projeto profissional, em alguns casos, sofrem a interferência da renda e posição no grupo familiar (pai/mãe, cônjuge, filho/a). Ou seja da necessidade de contribuir com a renda familiar trabalhando em outras profissões, ou ainda da necessidade das mulheres adiarem o seu projeto profissional para se dedicarem às atividades domésticas (Bruschini, 1994b; Durham, 1980).

Neste sentido, nos termos das profissões estudadas, o mercado de trabalho em Física estimula a especialização para posterior ingresso em empregos, enquanto que a área de História permite a aquisição da especialização concomitante, ou posterior, ao ingresso no mercado de trabalho.

Portanto, a prática dos/as físicos/as indica uma trajetória acadêmica linear e contínua com um planejamento racional da especialização; enquanto que, a prática dos/as historiadores/as parece seguir uma trajetória menos linear, descontinuidade, comportando um menor planejamento para a obtenção da especialização, como demonstram as idades, o tempo de permanência no mestrado e as motivações de escolha da profissão, dos dois grupos acima considerados.

Estas conclusões tem sua explicação, no que se refere aos dados aqui expostos, na estrutura do mercado de trabalho que exige alto grau de especialização para acessar as colocações de pesquisador/a como profissionais da área de Física;

enquanto na área de História os indivíduos, do grupo investigado, são alocados profissionalmente logo a após a graduação.

Assim, as semelhanças das trajetórias acadêmicas de homens e mulheres, dentro de cada uma das áreas de conhecimento e para o grupo de pessoas aqui investigadas, são decorrentes da própria estrutura do mercado de trabalho, tendo em vista a alocação pretendida neste mesmo mercado (na área de Física a prioridade é a esfera de pesquisa, enquanto na área de História as opções disseminam-se por várias esferas). Ou seja, as mulheres que optam pelo curso de Física são levadas a assumir um projeto cuja trajetória profissional é similar àquela definidas como masculinas. Os homens e as mulheres que optam pelo curso de História apresentam uma trajetória com características tidas como femininas nas suas profissões, ainda que para as últimas tais características se dêem de forma mais marcantes - o que enseja a construção de trajetórias mais fluidas⁷³.

Destarte, não é apenas por serem mulheres que a trajetória acadêmica das historiadoras parece colocar, mais claramente, a profissão em segundo plano na esfera maior de suas vidas, pelo menos no contexto comparativo do grupo estudado, mas porque a profissão escolhida por elas assim o permite. Este dado vem reforçar que as mulheres podem usar como estratégia, na escolha profissional, inserir-se em campos que facilitem conciliar estas responsabilidades com aquelas atribuídas ao seu sexo dentro da divisão sexual do trabalho. O que inclusive, parece servir para incrementar as possibilidades de descontinuidades nas trajetórias profissionais femininas, pois entre os

⁷³ As trajetórias profissionais masculina são caracterizadas como lineares, contínuas e planejadas, pois sofrem menor interferência do desenvolvimento do ciclo de vida familiar; por sua vez as trajetórias femininas são caracterizadas de maneira inversa, porque estão mais sujeitas a interferências do desenvolvimento deste mesmo ciclo (Bruschini 1994a). Além do mais, os papéis sexuais do homem provedor e da mulher esposa e mãe, obriga os primeiros a serem bem sucedidos profissionalmente, o que pode implicar na representação do trabalho feminino como complementar da renda da família.

homens e as mulheres do curso de Física não há diferença significativa quanto a este aspecto.

Mesmo assim, as diferenças de trajetórias das mulheres de História acima analisadas, não inviabilizam a interpretação de que para homens e mulheres a profissão assume um caráter importante para a realização pessoal, assimilando-se às propostas do feminismo. Porém, ainda se mantém a interferência de fatores ligados à renda e

desenvolvimento do grupo doméstico nas trajetórias femininas, que colocam limites sutis no espectro de escolha das carreiras profissionais e inversamente as direciona para determinadas profissões, sugerindo a manutenção de desigualdades nas relações de gênero.

b) esforço empregado na especialização

O esforço para conseguir a especialização profissional é fortemente perceptível na disponibilidade em mudar-se da sua cidade de origem no intuito de realizar o mestrado⁷⁴. Além do que, em alguns casos, realizar esta mudança significa a busca de um curso que ofereça a melhor qualidade nos termos da especialização idealizada, dando ainda maior significado a tal empreendimento do ponto de vista da implementação de uma carreira profissional.

Este esforço de mudança, como se vê no Quadro 5 abaixo, foi mais freqüente entre os/as físicos/as. Já os/as entrevistados/as do curso de História são predominantemente pessoas do Recife. Dentro de cada um dos campos profissionais

⁷⁴ Apesar de considerar a existência de muitos outros tipos de esforços a que os/as informantes se submeteram em prol da especialização, optei por me deter na análise do esforço empregado na mudança do local de moradia, praticada de uma cidade ou de um estado para outro, porque pode implicar em ruptura/aquisição de laços afetivos; da mesma forma, o não mudar-se pode decorrer da necessidade de manter tais laços. Em ambos os casos, a mudança é reveladora do investimento profissional, e alia-se às relações de gênero, pois é mais

não existem diferenças significativas de gênero no que se refere a esta predisposição de mudança.

QUADRO 5 - cidade de origem dos/as mestrandos/as de Física e História da UFPE

CIDADE	HISTÓRIA			FÍSICA		
	homem	mulher	total	homem	mulher	total
RECIFE - PE	4	4	8	2	1	3
SÃO LUÍS - MA	-	-	-	2	1	3
JOÃO PESSOA - PB	1	-	1	-	-	-
PORTO VELHO - RO	-	1	1	-	-	-
BELO HORIZONTE - MG	-	-	-	1	-	1
NATAL - RN	-	-	-	-	1	1
CAMPINAS - SP	-	-	-	-	1	1
CALI - (Colômbia)	-	-	-	-	1	1
TOTAL	5	5	10	5	5	10

Fonte: entrevistas realizadas em 1994 para um total de 20 entrevistados/as.

Porém, há que se considerar as razões apresentadas pelos/as entrevistados/as para terem escolhido o mestrado da UFPE tanto na área de Física quanto na área de História. Tais razões se apresentam bem diversificadas, indo desde a qualidade do mestrado passando por questões afetivas, financeiras, e regionais; e, são reveladoras dos esforços empregados quando se faz necessário uma mudança de moradia.

A primeira razão e, também a mais citada, para a escolha do mestrado de Física da UFPE é a qualidade do curso oferecido em relação a outras universidades do país, como mostram os depoimentos abaixo, os da esquerda de mulheres e os da direita dos homens:

“O departamento de Física daqui é considerado o melhor do Nordeste inteiro e nos padrões do estado de São Paulo... (...) Porque, é como eu já te falei, não queria fazer um suicídio intelectual (...) Para fazer um doutorado fora vai pesar muito aonde você fez

“Então, a universidade do Recife é classificada como uma das melhores do Nordeste, né? se não uma das melhores do país...” (Mário)

comum que as mulheres mudem-se ou permaneçam nas suas localidades para acompanhar a família ascendente ou descendente.

o seu mestrado. “ (Carla)

“... não tive uma boa formação na graduação e preciso ter uma boa formação na pós. Então o mestrado daqui é considerado, no país inteiro, como bom, e o departamento também tem uma boa imagem internacionalmente.” (Telma)

“É, esse departamento daqui é um dos melhores que tem a nível de Brasil. Então, aqui no Recife, eu não teria outro se não a Federal de Pernambuco.” (Vitor)

A segunda razão mais freqüentemente citada (inclusive para aqueles que mencionam primeiro a qualidade) para a escolha do mestrado de Física da UFPE é: a proximidade geográfica e afinidade regional do Recife com as cidades de origem dos/as entrevistados/as que tiveram de mudar-se, fatores que facilitam os deslocamentos e a adaptação cultural, conforme os exemplos seguintes:

“... e pelo fato de ser na mesma região, né? (...) e já ameniza um pouco o impacto, o choque né? entre os costumes diferentes, né?” (Mário)

“... Recife é excelente nessa área de Física experimental, e também é mais próxima e tudo. Aí eu... por isso eu vim prá cá.” (Simone)

“... eu então, no sentido de querer mais proximidade com eles [pai e mãe], porque nossa relação afetiva é extremamente forte...” (Alberto)

Na fala da direita (cujo informante não mencionou a qualidade do mestrado) as razões para escolher o mestrado de Física da UFPE imbricam-se com outra razão, que é a manutenção de laços afetivos, inclusive para aqueles/as que permaneceram em Recife. Não só laços de família, como também o fato de conhecerem pessoas aqui, ou desejarem acompanhar o/a parceiro/a (namorados/as ou cônjuges) ou desejarem permanecer aqui por este último motivo. Para estes/as últimos/as, a qualidade manteve-se, ainda, como primeira razão da escolha. Os exemplos da esquerda são masculinos e os da direita são femininos:

“A outra prioridade, foi pessoal, porque eu tinha um envolvimento com determinadas pessoas aqui do Recife.” (Vitor)

“É. Fazer o mestrado, e porque eu tava prá me casar. Meu noivo veio primeiro.” (Carla)

“Mas minha família, na época que eu entrei, a minha família dependia muito de mim, certo? Então por isso que eu fiquei aqui...” (Nélio)

“Além de ser um mestrado bom, tinha a chance de fazer doutorado também aqui, porque meu marido é do estado [funcionário público estadual]. Então, prá mim, me locomover e sair, ficava difícil.” (Laura)

Vale notar que as mulheres, nos exemplos acima, selecionaram a universidade em função do prosseguimento de uma relação de namoro/casamento, independente de uma mudança de cidade. Mesmo que a qualidade do curso tenha sido considerada, subjaz a esta escolha o comportamento, recorrente nas mulheres, de acompanhar ou permanecer junto aos seus parceiros, acomodando os anseios profissionais a partir do plano de, tradicionalmente, preservar o núcleo familiar (Bruschini, 1994b). Porém, o exemplo de Vítor, também menciona o aspecto de prosseguir relações afetivas com pessoas que já moravam em Recife; enquanto o exemplo de Nélio evidencia permanecer em Recife por conta da família de origem. Neste sentido, há uma possibilidade de maior envolvimento masculino com os aspectos de preservar o núcleo familiar, sugerindo uma mudança nesta responsabilidade segundo as relações de gênero.

Por fim, quero ressaltar que uma das entrevistadas considerou na sua escolha, também, o fato do mestrado de Física da UFPE ser noutra cidade, pois assim, separava-se da sua família de origem sem ruptura de laços afetivos, mesmo que, para a mudança, tenha sido considerada a proximidade da sua cidade de origem com o Recife. Tal desejo se originava na sua educação que baseava-se num forte controle da liberdade das mulheres de sua família, inclusive em relação à sexualidade, veja-se o que ela nos diz:

“Você sai numa boa. É, quer dizer, você sai prá estudar, que é uma coisa que, para eles, é uma coisa boa. E ao mesmo tempo se livra, de certo modo, dessa, dessa coisa... essa pressão toda em cima de você.” (Simone)

Este exemplo, mesmo isolado, revela que a profissão pode ser usada pelas mulheres, conscientemente, como um instrumento para alcançar a liberdade e autonomia frente a dominação exercida sobre elas a partir do núcleo familiar, e indiretamente, conseguir cavar espaços de poder nas relações de gênero em direção a igualdade entre homens e mulheres. E também pode ser assimilado à proposta do feminismo do trabalho ser um instrumento para questionar as desigualdades de gênero.

Em síntese, de um modo ou de outro, os dados indicam que entre os/as físicos/as a razão colocada em primeiro plano na escolha do mestrado, e que justifica a mudança da sua cidade de origem, é a qualidade do curso oferecido na UFPE. Entretanto, a esta se somam a afinidade regional e a proximidade geográfica das cidades de origem com o Recife; e, a manutenção dos laços afetivos com pai/mãe e/ou namorado/esposo/a.

Para os/as entrevistados/as do curso de mestrado em História da UFPE (aqueles/as que já moravam em Recife desde a graduação) a razão preponderante das suas escolhas do referido curso, segundo seus depoimentos, é familiaridade com esta universidade, em particular com o departamento de História, ou o desejo de conhecê-lo. Isto se expressa nos discursos nos seguintes termos: já conhecerem o mestrado e os professores (exemplos da esquerda) e o desejo de conhecer o departamento de História da UFPE, no caso dos que fizeram a graduação em outra universidade do Recife (exemplo da direita):

“Primeiro porque eu conhecia o mestrado, a formação desse curso específico (...) É, conheço e admiro vários professores (...) E porque a tese (...) as minhas fontes documentais estão em Pernambuco.” (Jairo)

“Até porque era realmente o mesmo prédio, os mesmos professores, então tinha esse componente que ajudava bastante, né?” (Carlos)

“Mas o mestrado, eu acho que aqui é fundamental. Porque eu fiz minha licenciatura na UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco). E a Universidade Federal, apesar de serem próximas, as universidades do Recife, elas são, de certa forma, desvinculadas.” (Glória)

Em apenas dois casos, há referências à qualidade do mestrado de História da UFPE, entretanto não sendo uma razão para a escolha do mesmo pelas entrevistadas. Além do que, nos depoimentos, esta qualidade se expressa de diferentes formas, o que dilui ainda mais o seu significado enquanto uma tendência dentro do grupo de historiadores/as. Assim, uma das entrevistadas refere-se a esta qualidade numa comparação negativa do mestrado da UFPE frente aos cursos similares oferecidos nas regiões do centro-sul do país; e, a outra entrevistada, por sua vez, indiretamente frisa a qualidade, a partir da tradição acadêmica da UFPE no âmbito da região Nordeste, como se vê no seu depoimento abaixo:

“É Recife além de ter esse, essa tradição de ser um polo econômico, também é um polo cultural e intelectual. Aí atrai esse pessoal da Paraíba, Alagoas, Sergipe...” (Paula)

Outras razões da escolha da UFPE para realizar o mestrado em História foram apresentadas por um/a ou outro/a entrevistado/a, não constituindo, todavia, uma tendência para este grupo, mas que se aproximam de alguns motivos apresentados pelos/as físicos/as. Um entrevistado preferiu não se mudar do Recife pela sua afinidade com a região Nordeste, em especial o estado de Pernambuco. Outra entrevistada não o fez por conta do marido e filhos/as.

A última razão, aqui tratada, para permanecer em Recife pelos/as historiadores/as é de ordem econômica: seria oneroso constituir uma nova casa, tal como afirma um dos homens; e, não ter bolsa garantida se fosse em outra região, como expresso na fala de uma das mulheres. Nos dois casos, estas razões inviabilizam a mudança de cidade para os/as entrevistados/as, mesmo que fosse para um curso de maior renome nacional. Vale salientar que, nenhum dos/as mestrandos/as

entrevistados/as no curso de Física apresentaram restrições de ordem econômica para mudar-se da sua cidade de origem ou permanecer em Recife⁷⁵.

Das duas pessoas que vieram cursar o mestrado de História da UFPE vindas de outra cidade, uma o escolheu pela proximidade geográfica do Recife com a sua cidade de origem; e outra, por ter amigos aqui e afinidade com a região Nordeste. Só em segundo plano ele/a ponderaram o fato do mestrado oferecer subsídios para seus projetos de pesquisa.

Em síntese, a escolha da UFPE e que justifica a permanência no Recife para realizar o mestrado de História, segundo os/as entrevistados/as, tem as seguintes razões: primeiro, a familiaridade com esta universidade; segundo, laços afetivos e apego à região (que eventualmente se associam com a primeira razão); terceiro, fatores financeiros. Os/as que são de outras cidades, justificam a escolha da UFPE e a mudança para o Recife, com a segunda razão (acima) enquanto principal, e acrescentam a esta a questão da proximidade geográfica da sua cidade de origem com o Recife.

Destarte, os/as historiadores/as não consideraram na escolha do mestrado a qualidade do curso oferecido pela UFPE, como se deu entre os/as Físicas/as. Da mesma forma, a familiaridade com a universidade (mais citada pelos/as historiadores/as) se constitui numa razão subjetiva, ligada ao plano da afetividade, que sugere a possibilidade de subordinação (ou equivalência) do projeto profissional a outras instâncias de suas vidas; enquanto que a qualidade (mais freqüente nas considerações dos/as físicos/as) é uma razão objetiva para a escolha do mestrado revelando um planejamento racional da especialização, que coloca, provavelmente, a

⁷⁵ Ainda que, na amostra aqui estudada, não houvesse uma seleção dos/as entrevistados/as pelo critério de renda, na minha observação foi possível constatar que havia uma certa homogeneidade no grupo selecionado neste aspecto. Não esquecendo que há uma margem de erro nesta suposição, pois a mesma não se deu por critérios objetivos, mas antes pelo treino do olhar enquanto antropólogo, que nos faz observar a dicção, vícios de linguagem, a formulação das frases, a forma de vestir, caminhar, sentar-se entre outros elementos que são

profissão num primeiro plano de suas vidas. Estas evidências se encadeiam logicamente com as diferenças de linearidade e continuidade da trajetória acadêmica, reforçando o caráter racional da trajetória da especialização entre os/as físicos/as.

A diferença na ênfase da qualidade dos cursos, no momento da escolha da UFPE, justificaria, para os/as entrevistados/as, a predisposição para mudança de cidade/estado/país com o intuito de realizar o mestrado, que se revela maior para os/as físicos/as do que entre os/as historiadores/as. Porém, este diferencial em tal predisposição de mudança, dentro do grupo estudado, pode ter outras causas, relacionadas às diferentes exigências e/ou estímulos oferecidos, dentro das duas áreas, para a formação do pesquisador, que nos dois cursos de mestrado da UFPE aqui considerados, se revelam nos seguintes aspectos: primeiro, a qualificação dos dois mestrados pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)⁷⁶. Os conceitos atuais dos mestrados de História e Física da UFPE, são respectivamente B (mais) e A (mais), este último a classificação máxima atribuída pela Capes aos cursos de pós-graduação⁷⁷. Segundo, a maior valorização acadêmica da Física frente a História, que, especificamente para a UFPE, torna-se perceptível na observação que fiz das estruturas Físicas dos dois mestrados, na qual a área de Física

características exteriores das pessoas para distinguir seu grupo ou nível de renda frente aos “outros” - no sentido cultural deste termo.

⁷⁶ A avaliação dos cursos de mestrado e doutorado pela Capes, é considerada a mais importante no gênero feita no país. A avaliação é realizada por comissões de consultores científicos, membros do corpo docente e pesquisadores dos programas de mestrado e doutorado, para tanto baseiam-se em relatórios e visitas periódicas e em dados fornecidos pelas coordenações dos cursos sobre o corpo docente, a estrutura curricular, as atividades de pesquisa, a produção científica, técnica e artística, e ao corpo discente. Os conceitos variam de A a E em escala decrescente, sendo o A indicado para os cursos consolidados, e o E para aqueles que preenchem os requisitos mínimos de pós-graduação *stricto sensu*. Os sinais mais e menos, indicam tendência crescente ou decrescente em relação ao conceito atribuído (Ciência Hoje, 1995, pp. 61-62).

⁷⁷ O mestrado de História, pelo seu conceito B (mais), revela uma boa qualificação. Inclusive é corroborada pelo fato dele atrair pessoas de vários outros estados. A lista de alunos matriculados no mesmo, a que teve acesso, consta de 49,2% de alunos vindos de outras cidades, deste percentual 46,2% são homens e 53,8% são mulheres (vale notar que estas últimas na população total do mestrado representam 40%). A secretária do referido mestrado foi quem me apontou quais eram os alunos de fora e os da cidade do Recife. Mesmo que a amostra tem sido selecionada por sorteio, nela predominou pessoas do Recife.

se destaca pela melhor infra-estrutura das suas instalações⁷⁸. Tais fatos justificariam, por si só, o esforço da mudança de moradia para outra cidade, especialmente tendo em vista os estímulos oferecidos pelo mestrado de Física da UFPE, no sentido de efetuar a especialização ser mais evidente entre os/as entrevistados/as deste curso do que entre aqueles/as do curso de História da UFPE, no grupo aqui estudado.

⁷⁸ Na observação das instalações dos dois mestrados notei as seguintes diferenças: o Departamento de Física da UFPE ocupa toda a ala oeste de um prédio de três pavimentos, novo e bem conservado - onde funcionam, também, os demais departamentos do Centro de Ciências da Natureza (Estatística, Informática, Matemática, Química). Nos três pavimentos, da ala oeste destinado ao Departamento de Física, distribuem-se a secretaria e coordenação do curso, laboratórios de pesquisa e de computação, biblioteca, salas de aulas, dos professores e dos alunos, uma copa que dispõe de água e café, anexa a uma sala de estar ampla (para alunos e professores), além das instalações sanitárias para cada pavimento. O departamento de Física é o único que dispõe de ar condicionado central em todo o prédio. Dispõe ainda de central telefônica, inclusive com ramais nas salas destinadas aos estudantes (aproximadamente 4 alunos por sala). O prédio é silencioso e calmo, sendo impecavelmente limpo, o que favorece ainda mais a sensação de bem estar do ambiente aclimatado. Nas oportunidades em que visitei o mestrado de Física, sempre cruzei com vários alunos, seja indo para as suas salas de estudos, seja indo para as salas de aula, ou ainda nos momentos de intervalos para água e café. As conversas que pude entre ouvir, referia-se aos estudos e pesquisas em andamento. Em um das minhas visitas pude conversar com outros alunos, apresentados a mim por uma das informantes, que propiciou uma conversa sobre a antropologia muito interessante no tocante às diferenças e semelhanças das nossas áreas de conhecimento. Assim, mesmo que às vezes me sentisse estrangeira naquele território, tanto mais que os olhares transversais dos/as físicos/as denotavam o seu estranhamento, sentia o ambiente cheio de vida e atividade. O Curso de Mestrado em História da UFPE funciona, no décimo andar de um prédio de 15 andares, junto aos demais departamentos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (Ciências Sociais, Geografia, Filosofia, Psicologia). O edifício é antigo, mal conservado, e não muito limpo. Os três elevadores de que dispõe, quebram constantemente, o que dificulta o acesso aos andares mais elevados. O Centro possui uma biblioteca situada no terceiro andar. O pavimento em que funciona o mestrado de História, enquadra-se na caracterização Física geral do edifício. Nele estão dispostos a secretaria e coordenação do curso, um auditório de aproximadamente 60 lugares, as salas de aula, dos professores, e para estudos coletivos ou destinadas a alguns grupos de alunos (de maneira mais individualizada), contam também com um laboratório de computação (na época desta observação com dois computadores). Os laboratórios de Arqueologia funcionam uma parte no décimo e outra no décimo primeiro andar. Também ligado a área de concentração em Pré-História funciona um museu arqueológico. O mestrado dispõe de uma pequena copa para água e café, mas não tem uma sala de estar. As instalações sanitárias são acanhadas. Não há ar condicionado central, em apenas uma sala de alunos existe ramal telefônico, pelos menos das duas a que tive acesso. As salas voltadas para o nascente são frescas e arejadas, entretanto, as situadas no poente são desconfortáveis no período da tarde mas, de modo geral, o prédio é bastante ventilado. As áreas de circulação do mestrado estavam quase sempre desertas, poucas vezes cruzei com alunos do mestrado, as pessoas que circulavam eram sempre as mesmas e trabalham no setor da arqueologia. As salas destinadas aos estudantes - tanto as poucas existentes destinadas a pequenos grupos, como as maiores e coletivas, quase sempre estavam desocupadas, dando um sentimento de abandono e solidão ao ambiente, e quanto mais próxima a História é da minha área, mais eu sentia a desconfiança por parte das pessoas que lá circulavam. Esta breve descrição, que se mistura com outras impressões, aponta para as diferenças de investimentos financeiro na infra-estrutura material das duas áreas em questão, o que sugere um menor aporte de verbas para a pesquisa na área de ciências humanas como um todo, conseqüentemente um menor estímulo à formação dos futuros pesquisadores.

Corroboram a explicação acima, quanto ao maior esforço dos/as físicos/as frente àqueles dos/as historiadores/as, as colocações de Neiva (1995) sobre o Departamento de Física da UFPE como um todo. A autora assinala o reconhecimento e valorização regional, nacional e internacional deste Departamento dentro da sua área de conhecimento, dando destaque, entre outros, aos seguintes fatos: a) o credenciamento do mestrado em Física deste departamento como centro de excelência pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) desde 1974 (um ano após sua criação em 1973); b) o apoio que o departamento recebe de instituições fomentadoras de pesquisa científica como a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), o CNPq, a Capes e a Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia - Governo do Estado de Pernambuco (FACEPE); c) a colaboração que ele mantém com universidades estrangeiras, como por exemplo, a Oxford-Inglaterra, como também a colaboração com grandes empresas privadas multinacionais, como a IBM⁷⁹. E ainda, do ponto de vista da infra-estrutura de instalações para pesquisa, o Departamento de Física da UFPE possui a única Sala Limpa, em todo Nordeste, que trabalha com nitrogênio superseco, onde o ar é trocado a cada minuto para evitar partículas de poeira.

Chamo a atenção para este último fato que evidencia o alto investimento necessário para incrementar a qualidade dos cursos de Física, o que restringe a possibilidade de ser oferecido, sempre em bom nível, em várias universidades, ainda mais no Nordeste do Brasil, região de poucos recursos. Assim, aumentam os atrativos deste curso da UFPE, para os/as estudantes de outros estados da região, e até mesmo de outro país.

Unem-se, para reforçar as diferenças de esforços para a mudança entre as profissões, as relações dos/as entrevistados/as com o mercado de trabalho. Como

⁷⁹ Tais colaborações mantidas pelo mestrado de Física, sugere a possibilidade de ingressos em cursos de doutorado fora do país e/ou alocação imediata no mercado de trabalho em grandes empresas, provavelmente

foi visto anteriormente, os/as historiadores/as considerados/as tendem a trabalhar e paralelamente cursar o mestrado, o que pode inviabilizar uma mudança de cidade tendo em vista a especialização, fatos que ensejam o desenho de trajetórias acadêmicas mais e menos lineares e contínuas nas áreas de Física e História. Outro fator que também reforça estas diferenças é o estágio do ciclo de vida familiar em que se encontram os dois grupos investigados. Adianto aqui que, no curso de História há uma ligeira predominância de pessoas casadas e com filhos/as, em comparação com aquelas da área de Física, podendo interferir numa mudança residencial, mesmo que não se considere as diferenças de gênero no desempenho profissional decorrentes do estado civil⁸⁰.

O crivo econômico, como razão de permanência em Recife para os/as historiadores/as pode ainda se relacionar com as condições de classe dos indivíduos⁸¹. Mas parece mais certo as diferenças de incentivos governamentais à pesquisa e formação dos pesquisadores. E este último fator é bem demarcado entre a Física e a História, como já foi visto acima.

Porém, as diferenças pessoais, de certo modo, se sobressaem no conjunto estudado, pois tanto na História, como na Física, para homens e mulheres, a necessidade/exigência de mudança de cidade está imbricada com fatores subjetivos e afetivos. Assim, os objetivos profissionais não se separam das relações sociais mais abrangentes: região, família, grupos de amigos, além das relações de namoro. Ainda que, a área de Física seja mais elevada do que a de História na hierarquia acadêmica,

com altos salários.

⁸⁰ No capítulo 4, que se segue, analiso mais detalhadamente a relação entre profissão e esfera afetiva/doméstica, como também, nele estão expostos os laços de namoro e casamento e o número de filhos/as dos/as entrevistados/as.

⁸¹ Apesar de ter sido percebido uma certa homogeneidade na população estudada, no que se refere aos aspectos exteriores que indicam o nível de renda, como visto na nota 25 deste capítulo, não considero que invalide uma restrição financeira diferente entre os/as entrevistados/as da área de Física e de História. Além do que a

implicando numa maior autonomia relativa frente às relações sociais circundantes (Bourdieu, 1983a, p.147), as ponderações de tal ordem continuam válidas para a escolha do novo local de moradia, nos dois grupos estudados.

O fato de todos/as entrevistados/as apresentarem razões pessoais para explicar a opção de ficar ou mudar-se para uma determinada cidade, demonstra que, tal mudança, requer um esforço dos mais onerosos, para conseguir a especialização. O que torna mais relevantes as diferenças entre trajetórias acadêmicas nessas duas áreas, Física e História, no aspecto da linearidade, da continuidade, e aqui especificamente, dos esforços empreendidos para conseguir a especialização.

Noto que a semelhança de trajetórias profissionais entre os sexos, que já venho apontando, circunscrita aos campos de Física e História na população considerada, mantém-se para o esforço de mudança do local de moradia em favor da especialização. Ainda mais que alguns dos homens aqui estudados mudaram-se para, ou permaneceram em Recife, tendo em vista a continuação de uma relação afetiva (o caso de Vítor - Física), ou a necessidade de colaborar com a gestão do grupo familiar (o caso de Nélio - Física)⁸², mesmo que algumas mulheres entrevistadas tenham apresentado razões semelhantes como, em geral, é a regra.

Tendo em vista as considerações acima, sobre as semelhanças de trajetórias para homens e mulheres em cada área, mantém-se a pertinência da interpretação sobre a profissão assumir um sentido de realização pessoal tanto para homens como para mulheres, nos casos estudados. De maneira que, sem negar as diferenças decorrentes das relações de gênero nas trajetórias acadêmicas dentro de cada área de conhecimento, parece-me que, para o conjunto da população, as

mudança de cidade, no caso dos/as historiadores/as que residem em Recife desde a graduação, seria para uma região mais rica (o centro-sul), que também tem um custo de vida mais elevado frente à região Nordeste.

⁸² O que normalmente acontece com as mulheres a partir das suas atribuições dentro das relações de gênero (Bruschini, 1994b).

diferenças de trajetórias são mais significativas quando se comparam as áreas de Física e História do que quando se comparam homens e mulheres dentro de cada uma delas.

c) profissão na esfera da vida

Outro aspecto importante das práticas profissionais se refere à inserção da profissão na esfera da vida dos/as entrevistados/as. Na ótica dos/as entrevistados/as, esta inserção assumiu dois aspectos: um deles é dimensionar a profissão frente aos outros planos, como afetivo/família, político, espiritual e o lazer; e o outro, é a possibilidade de realização pessoal através do desempenho profissional. Estas falas estão num plano de avaliação daquilo que se faz ou se propõe fazer, no sentido de investimento profissional. Assim, há a possibilidade de comparar as práticas vistas anteriormente, com as projeções que se têm para o futuro sobre o desempenho pessoal enquanto profissional de maneira a se perceber contradições ou convergências, entre o ideal futuro e a ação atual⁸³.

Entre os/as físicos/as entrevistados/as alguns consideraram importante dimensionar a profissão diante de outras esferas da vida, principalmente em relação ao namoro/casamento. Houve mais mulheres que homens com esta preocupação, mas divergindo entre si quanto à posição relativa da profissão neste contexto mais amplo. Para os homens ela estaria no mesmo plano de importância de outras esferas (depoimento da esquerda); para as mulheres a profissão seria o aspecto mais importante, a longo prazo ou neste momento (respectivamente as falas das duas últimas colunas):

⁸³ Há muitas semelhanças entre as discussões que faço com a definição de projeto individual segundo Velho, ou seja uma ação planejada visando um objetivo específico. Porém, como ele salienta, existe um limite na noção de projeto de desvendar a intenção vivida daquilo que realmente se coloca em prática, por sua vez, esta noção, requer trabalhar história de vida e biografia (Velho, 1987, p.15-37), de certa forma fugindo do meu objetivo principal, nesta Dissertação, de investigar as representações do feminismo. Além do que, o conceito de *habitus* comporta perceber a ação realizada como uma estratégia objetiva que deve seu sucesso à inconsciência e

“Mas hoje em dia eu coloquei a Física no lugar devido, ou seja, como a profissão. Uma coisa que eu adoro fazer, (...) mas que é uma profissão pra mim. (...) mas que existem outras coisas, entendeu? (...) eu tenho minha namorada (...) tenho meus amigos, essas coisa que eu não desisto por causa da Física, tá entendendo?” (Ivson)

“Toda importância. Porque eu centrei minha vida na profissão. É assim, eu tenho, todas as minhas ambições está dirigida para ela.” (Máira)

“... atualmente, é, todos os meus esforços estão ligados, tão voltados pro lado profissional. (..) A importância é essa, porque, é, eu vou conseguir, é, talvez, ficar satisfeita comigo mesma trabalhando no... exatamente na área que eu tenho afinidade.” (Telma)

Outros/as entrevistados/as consideraram importante colocar o desejo de uma realização pessoal através do desempenho profissional no sentido de, por exemplo, elaborar um trabalho original e reconhecido que contribua para o conhecimento da humanidade. Apenas uma das mulheres tem tal opinião, como mostra a sua fala à esquerda:

“Em nível, assim de realização pessoal mesmo. (...) eu acho interessante você colocar, para o Brasil, ou pra o mundo, uma coisa nova, né? (...) Dá uma contribuição a tecnologia, no meu caso.” (Laura)

“... E não é só profissional, é de físico mesmo, de fazer o trabalho e ser reconhecido” (Vítor)

No grupo dos/as entrevistados/as do curso de Física, apenas um homem não sabe se permanecerá nesta profissão; e outro, ainda tem dúvidas quanto ao seu futuro profissional.

Apesar dessas posições de incerteza frente ao futuro, a prática dos/as físicos/as está de acordo com o lugar que atribuem à profissão na esfera maior de suas vidas. Existe entre eles/as uma trajetória acadêmica linear e contínua empregando-se todo o esforço necessário para conseguir a especialização evidenciando sua racionalidade e planejamento, o que se coaduna com o desejo de sucesso. Porém,

desinteresse, ou seja, ela é eficaz independente daquilo que o agente sabe ou quer (Bourdieu, *apud* Romano, pp. 76-7). (Velho, 1987, p.15-37)

parece que o esforço das mulheres desta profissão é ainda maior do que entre os homens, pelo fato delas, no momento da entrevista, colocarem a profissão como esfera principal de suas vidas. Ou então, está muito mais no nível da razão do que da emoção, dado que algumas se mudaram ou permaneceram em Recife, também, para estar junto aos seus parceiros (namorado/marido). Talvez esta racionalidade seja necessária para sobrepujar as relações de gênero dominantes, no sentido de conseguir construir a carreira profissional.

O desejo de sucesso, mais enfatizado nos depoimentos dos homens, na minha interpretação, pode ter dois motivos: a manutenção do papel de provedor, que na nossa sociedade remete ao sucesso profissional; e a transferência das responsabilidades pelos homens a outrem (às mulheres) para resolução de conflitos derivados do imbricamento da profissão com outras esferas da vida (especialmente da esfera afetiva).

Para os/as historiadores/as é mais recorrente colocar que pretendem, através da profissão, alcançar uma realização pessoal, sem que se destaque um maior número de homens ou mulheres com esta posição. Esta realização adviria da possibilidade, enquanto professores/as de História, de promover uma conscientização dos/as alunos/as para a transformação/participação da/na sociedade (exemplos da primeira coluna, um homem, e, da segunda, uma mulher). Ou seja, a finalidade social do curso, que poderia ter sido uma razão objetiva da sua escolha mas não ocorreu, como já foi visto no item 3.1 deste capítulo. Outro fator da realização pessoal, através da profissão, reside na idéia de ser um profissional competente, ou realizar um trabalho original (exemplo da última coluna).

“Eu creio que a importância maior tá nessa possibilidade de... assim... de na sala de aula, como professor de *“É... levar esse monte de jovem a entender o que é o processo histórico, como é que é a nossa sociedade,* *“A especialização e a produção de alguma coisa original, é o meu grande objetivo.” (Jairo)*

*História, como historiador é... transformar ou não.” (Glória)
Estar contribuindo com a
formação, né? do futuro
cidadão. Prá mim, quando eu
estou em sala de aula, a
minha preocupação maior é
essa.” (Wagner)*

Já o dimensionamento da profissão frente a outros planos da vida, se deu com menor freqüência, também se distribuindo igualmente nos dois sexos. A posição de todos/as os/as entrevistados/as é colocar a profissão em pé de igualdade com namoro/casamento, lazer ou religião, como mostram respectivamente as falas abaixo:

“É a minha realização, o outro lado, né? (...) a gente tem o lado da família, de filhos. (...) Quer dizer, esse lado é um lado gratificante, né? também. Mas ele por se só não basta. Tem que ter o outro lado, né? (...) É de muita importância para mim (rindo). Eu me senti bem dentro dela... da arqueologia.” (Alba)

“Olha, eu não sei desvincular uma vida feliz sem uma profissão, sabe? Sem aquela... sem uma boa profissão, né? Você é boa profissional daquilo que você gosta.” (Inês)

“Eu diria que um seria espiritual, a parte mais... que preenche mais o espírito. E o outro lado que me preenche mais... a parte acadêmica, a parte mais material mesmo, a parte profissional.” (Orlando)

Não parece haver uma consonância entre o desejo de realização pessoal como historiador/a e as práticas dos/as entrevistados/as, pois entre eles/as, tais práticas têm uma menor linearidade e continuidade. Da mesma forma, o esforço empreendido para a especialização na área de História se deu com menor freqüência, no que se refere à mudança de residência.

Porém, esta contradição entre desejo e prática diminui ao se considerar que os/as historiadores/as remetem a realização pessoal, não ao sucesso individual (como entre os físicos, principalmente os homens), mas para o lugar da História na vida das pessoas, no momento presente, principalmente no aspecto da inserção social como sujeitos cujas ações trarão mudanças nos arranjos sociais. Ou então, que tal ênfase

remeta a um vir a ser, ou seja à idéia de que a profissão se torne o eixo central das suas vidas.

No que se refere à dimensão da profissão frente a outras esferas, ela se coaduna com as práticas, já que entre os/as historiadores/as estudados/as os vários planos da vida estão num mesmo nível. O que pode inverter, momentaneamente, a prioridade do investimento profissional devido as exigências de outras esferas.

A maior concentração, enquanto profissional, no ensino elementar ou em instituições governamentais de pesquisa, onde predomina a baixa remuneração, foi motivo de queixa e frustração⁸⁴ para os/as historiadores/as, inclusive provocando abandono/retomada da profissão, sendo um elemento que pode reforçar o desenho das práticas dos/as entrevistados/as do curso de História.

Mas se é verdade que há uma relativa contradição entre o desejo de realização profissional com as práticas dos/as historiadores/as, também é verdade que tais práticas se coadunam com as exigências do mercado de trabalho em tal área (apontadas mais acima neste item). Assim, mais do que uma contradição se dá uma acomodação às exigências do mercado de trabalho de História, que se incrementam pelo aspecto desestimulante das remunerações de algumas instituições. Às condições deste mercado, soma-se o lugar hierárquico da História no campo científico, como um fator que propicia um investimento profissional menos evidente, aliado às relações sociais circundantes que nela interfere de variadas formas.

Por sua vez, a convergência entre o desejo de realização e o desenho das trajetórias do grupo investigado na área de Física, obedece às exigências do mercado de trabalho, sendo possível atendê-las dado o lugar da Física no campo

⁸⁴ No mestrado de Física, o retorno financeiro baixo foi aludido em apenas um caso. Foi mais freqüente se queixar do tempo necessário para especializar-se, e o conseqüente adiamento para ingressar no mercado de trabalho, mas que também não chegou a ser significativo.

científico que se consubstancia em estímulos evidentes à especialização profissional, e menor interferência dos fatores externos à academia.

Portanto, no âmbito das áreas aqui consideradas, o comportamento de homens e mulheres tendem a convergir quanto às suas práticas o que implica na equivalência da importância dada a profissão em relação a outras instâncias das suas vidas. Em que pese as diferenças de gênero dentro de cada área, são mais significativas, na caracterização de cada uma das trajetórias acadêmicas, as peculiaridades dos campos do conhecimento em que se situam Física e História.

Encerrando a discussão sobre as práticas profissionais apresento, no próximo item, as justificativas dos/as entrevistados/as sobre a distribuição de gênero nas suas respectivas profissões.

3.3 - A CLASSIFICAÇÃO DAS PROFISSÕES SEGUNDO O GÊNERO

A intenção de proceder a uma análise sobre como os/as entrevistados/as explicam a distribuição de sexo nas suas profissões, relaciona-se mais diretamente com o objetivo de entender as representações do feminismo, (discutido no capítulo V) no sentido de colocar em evidência a permanência (ou não) da sexualização, para o grupo estudado. Ou seja, classificar as profissões pelo gênero feminino, masculino ou neutro, nas quais devem ingressar preferível e respectivamente: mulheres, homens, ou ambos de maneira equitativa. Por outro lado, esta análise mantém uma ligação com as motivações dos/as informantes na escolha dos cursos aqui analisados.

Para introduzir a discussão apresento a seguir o Quadro 6, que demonstra como se dá a distribuição por sexo nos cursos de mestrado de Física e História da UFPE.

QUADRO 6 - distribuição por sexo dos/as alunos/as dos mestrados de Física e História da UFPE

MESTRADO	HOMEM	%	MULHER	%	TOTAL	%
FÍSICA	23	72%	9	28%	32	100%
HISTÓRIA	39	60%	26	40%	65	100%

Fonte: Dados coletados em abril de 1994 nas secretarias dos mestrados de Física e História - UFPE.

Estes dados põem em evidência que, no curso de Física os homens são uma ampla maioria, mais de dois terços do total, como já era esperado. Mas em História, o equilíbrio numérico tende a ser rompido, havendo uma predominância masculina expressiva, na margem de 20%. Inclusive indo de encontro com a tendência verificada para os cursos de mestrado das ciências humanas como um todo, onde o percentual de homens e mulheres está em torno de 50% (só superado por Ciência Política), como se verifica no Quadro 7.

QUADRO 7 - distribuição de homens e mulheres nos cursos de mestrados na área de ciências humanas - UFPE

CURSO	HOMEM	%	MULHER	%	TOTAL	%
ANTROPOLOGIA	16	33%	32	67%	48	100%
CIÊNCIA POLÍTICA	21	75%	7	25%	28	100%
FILOSOFIA	19	53%	17	47%	36	100%
GEOGRAFIA	20	56%	16	44%	36	100%
HISTÓRIA	39	60%	26	40%	65	100%
PSICOLOGIA	4	15%	23	85%	27	100%
SOCIOLOGIA	14	45%	17	55%	31	100%
TOTAL	133	49%	138	51%	271	100%

Fonte: dados coletados nas secretarias dos mestrados dos referidos cursos, em abril/agosto de 1994.

Por outro lado, o curso de Física tende a aumentar o percentual masculino da área de ciências da natureza (sendo superada apenas pelo curso de matemática), que se apresenta em torno de 60%, e o feminino em 40%, como demonstrado no Quadro 8.

QUADRO 8 - distribuição de homens e mulheres nos cursos de mestrados na área de ciências da natureza* - UFPE

CURSO	HOMEM	%	MULHER	%	TOTAL	%
FÍSICA	23	72%	9	28%	32	100%
INFORMÁTICA	45	57%	34	43%	79	100%
MATEMÁTICA	11	92%	1	8%	12	100%
QUÍMICA	10	40%	15	60%	25	100%
TOTAL	89	60%	59	40%	148	100%

Fonte: dados coletados nas secretarias dos mestrados dos referidos cursos, em abril/agosto de 1994.

* O Departamento de Estatística da UFPE, que funciona nesta área, na época da coleta dos dados desta pesquisa, encontrava-se desativado.

Porém, neste trabalho não pretendo desenvolver uma análise mais detalhada da distribuição enfocada nos Quadros 7 e 8, tendo ela o sentido de ilustrar a tendência geral nas áreas em que se inserem as duas profissões dos/as entrevistados/as⁸⁵. Mas não posso deixar de perceber que existem cursos (além dos de Física e História), nos dois campos (natureza e humanidades), que exacerbam a concentração ora de homens, ora de mulheres, merecendo uma análise em estudos posteriores.

A larga concentração masculina em Física não deixa dúvidas, entre os/as entrevistados/as, de como se dá a distribuição de sexo na sua profissão. Por isso, as explicações dos/as mesmos/as sobre essa distribuição é apresentada de forma direta. Já em História, tanto pelo levantamento apresentado no Quadro 6, como pela maioria de mulheres no ensino fundamental, contrastivo com estes mesmos dados, se fez necessário primeiro investigar como os/as entrevistados/as percebem a distribuição de sexo na sua profissão, e depois como eles/as explicam as suas próprias percepções.

⁸⁵ Em âmbito nacional, segundo o censo de 1980, a participação das mulheres nos cursos de mestrado e doutorado no país era de 32,0%. A maior concentração de mulheres era em Letras e Arte (70,2%). Em segundo lugar, com um intervalo muito significativo, vinha as Ciências Humanas e Sociais (38,2%), seguida de perto por Ciências Biológicas e da Saúde (27,8%). Nas Ciências Exatas e Tecnologia a participação feminina era de 17,1%, e por último as Ciências Agrárias com 11,3% de mulheres. Houve uma percentual de 51,2% de cursos não declarados (Rosemberg, 1994. pp. 50). Porém estes dados são difíceis de serem usados num contexto comparativo, tanto porque não é possível avaliar o critério para agregação dos cursos (onde está psicologia, por exemplo?), como pelo número elevado de cursos não declarados.

No curso de Física a maioria de mulheres e homens entrevistados/as, explicam a concentração masculina na sua área por fatores de ordem sócio-culturais. Estas explicações assumem diferentes construções nos seus depoimentos, tais como: a formação social das mulheres e/ou dos homens (primeira e segunda colunas); a expectativa social de desempenho na área que corresponde mais ao comportamento profissional masculino, do ao comportamento feminino neste aspecto (fala dos homens na última coluna):

“... existe também o preconceito dentro da área, há um certo machismo. Isto é notório. Mas existe também este machismo na própria educação da mulher desde pequena (...) se direciona a mulher prá área de humanas, ou área de biológicas. (...) Nós temos cursos que ainda não são abertos prá mulher, como o ITA. Não existe uma razão única. Eu acho que existe um preconceito com a mulher na área de exatas, mas é um preconceito alimentado pela própria sociedade, e dentro de casa. Isso é o fundamental.” (Carla)

“Talvez faça parte da própria cultura. O homem, desde a própria educação dele, é... ele sempre teve mais espaço na sociedade prá expor suas idéias, prá se fazer perguntas. A mulher sempre assumiu uma posição bem mais submissa. (...) quase todas as mulheres que se destacaram na ciência, geralmente causaram muito frenesi na sociedade, né?” (Telma)

“... tem aquela idéia de que Física é difícil, né? (...) Não é que as mulheres não tenham capacidade de fazer um curso de Física. As mulheres são criadas de tal forma que não são muito, é, direcionadas prá, prá esses cursos da área de exatas.” (Mário)

“...uma questão simplesmente de, de uma imagem que se faz da Física que não corresponde a uma imagem que as mulheres fazem de si.” (Ivson)

A outra tendência da explicação da evidente concentração masculina no curso de Física, mas com um menor número de casos e dentre eles mais homens, é colocar um “gosto” das mulheres pelas letras/ humanidades e dos homens pelos números (os dois primeiros depoimentos), ou então que as mulheres não são criadas para gostar de número, ou cedem ao primeiro obstáculo (depoimento à direita de uma mulher):

“Bom... em geral.. é... que eu lembro do segundo grau é que, geralmente, homem

“Eu sinto que as mulheres têm mais tendência para a área humana. O que não

“... é... as mulheres têm um certo comodismo em buscar, vamos dizer assim, os

gosta mais de cálculo e mulheres gosta mais de coisas tipo português, alguma coisa de letras... (...) você vê menos homem ligado ao centro de artes, por exemplo. Você vê menos mulheres ligada a parte de exatas, como matemática.” (Nélio)

impeça que elas sejam tão boas quanto nós, como eu ou qualquer outra pessoa. Elas são... têm... tendem para o lado mais humano que os homens. Não consigo ter uma idéia mais acertada sobre isso.” (Alberto)

números (...) o primeiro obstáculo ela já se acomoda, mais do que o homem. (...) Aí vem vários fatores, é... alguns professores que não estimulam (...) isso também influencia muito na sua tendência. (...) Porque muitas vezes a mulher acha que não precisa estudar muito, né? (rindo). Por condição de esperar por um marido ou a própria criação, né?” (Laura)

A outra explicação dos/as entrevistados/as, é de que a Física é pouco procurada por ambos os sexos dado o desconhecimento geral sobre o seu campo de estudo, mas, apenas dois deles - um homem e uma mulher, expressaram esta posição. Entretanto, isto me parece mais fugir da resposta, pois independentemente disso os homens procuram bem mais do que as mulheres o curso de Física, a não ser que elas - apesar de não dito pelos/as entrevistados/as - sejam consideradas ainda mais desinformadas do que eles.

Do exposto acima, é interessante notar que as mulheres entrevistadas ao justificarem as suas escolhas do curso de Física, enfatizaram o seu gosto pessoal pelos números, por sua vez, esta mesma razão, invertida (“não gostar de números”), não foi preponderante nos seus discursos para explicar o menor número de mulheres no curso de Física. O que serve para realçar o aspecto de que “gostar de números” é um dom especial delas, que as outras mulheres não desenvolvem, ou não são estimuladas para tanto. Assim, reforça-se a suposição apontada no item 3.1 deste capítulo, do sentido de excepcionalidade que recobre as escolhas das mulheres pelo curso de Física. Ainda mais que, no Departamento de Física da UFPE, o corpo docente se compõe de uma professora mulher para 28 professores homens, segundo a secretaria deste departamento.

Em síntese, a tendência dos/as informantes do curso de Física é explicar a concentração masculina neste curso por fatores sociais, principalmente a educação formal e a socialização na família, com uma ligeira tendência em ser mais defendida por mulheres. Porém, permanecem explicações que se baseiam na classificação das profissões segundo o gênero a partir das seguintes associações: ao masculino corresponde: ser difícil, os números, o cálculo, as ciências exatas; e ao feminino corresponderia: as letras, as artes, “não gostar de números”, o comodismo, as ciências humanas. Então, como masculina, a Física atrai menos mulheres. Ainda que menos freqüente, para o conjunto de entrevistados do curso de Física, aparecem mais homens pensando desta maneira.

A distribuição de sexo no curso de História, por ser menos evidente, divide os/as entrevistados/as deste curso entre três suposições: 1) há um equilíbrio numérico entre homens e mulheres na área de História; 2) há uma maior concentração feminina; 3) há uma predominância masculina. As duas primeiras suposições são as mais citadas, enquanto que a última é defendida apenas por duas pessoas, por sua vez, nenhuma delas apresenta mais homens ou mulheres em sua defesa.

A área de concentração em Pré-História do Brasil, oferecida pelo mestrado de História da UFPE (para os/as informantes simplesmente arqueologia) é mencionada em separado por um pequeno número de entrevistados/as. Quanto a ela não há dúvida do predomínio feminino, em torno de 60%⁸⁶. Ou seja, das mulheres que cursam o mestrado de História, aqui na UFPE, grande parte delas optam por tal área de estudos dentro do curso.

⁸⁶ Esta opinião é expressada pelo homem e pela mulher que optaram por esta área de estudos, e além deles/as, por mais uma mulher que não conseguia chegar a uma posição quanto à distribuição de sexo na profissão. Por sua vez, Esta concentração de mulheres no curso de Arqueologia, pode se restringir apenas a Pernambuco. Não se verificou como se dá a distribuição de sexo nesta profissão em outros lugares.

As explicações dos/as informantes, relativas a todas as suposições acima em torno da distribuição do sexo na profissão de historiador, apontam na direção de contextualização sócio-cultural. Para aqueles/as que consideram existir mais mulheres do que homens no curso de História, a primeira explicação apresentada consiste na idéia de que, tal curso, forma professores do ensino fundamental, aliada ao fato de ser um curso considerado fácil pelo senso comum (depoimento da esquerda); apenas um dos informantes levantou como explicação, para esta suposta predominância feminina, a entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho, conseqüentemente elevando seu número no curso de História (depoimento da direita).

“Quer dizer, eu acho que tá relacionada a, a essa questão de ser uma profissão de professor. (...) também porque é tido ainda, a História é tido como um curso fácil, né?” (Wagner)

“Pela própria dinâmica do, do processo econômico, sabe? A participação no mercado de trabalho. (...) Então, nada mais natural de que essa participação, é... no campo da História, né? tenha sido sempre crescente. E competentes, se tornam competentes. (...) São mais cuidadosas, mais jeitosas, mais indagadoras, mais investigativas, mais competentes. Eu acho!” (Nilton)

Existe uma explicação para o maior número de mulheres no curso de História que é intermediária entre apresentar fatores sócios culturais, e classificar os cursos segundo os gêneros, e assim atraem mais homens ou mais mulheres ou os dois. Na fala de uma das informantes isto se expressa em termos de: a área de humanas atrai mais mulheres, assim como exatas atrai mais homens; e por outro lado, o curso de História atrai mais mulheres por estar numa escala inferior na valorização dos cursos universitários, a maioria dos homens sentem-se mais atraídos pelos cursos mais valorizados. Veja-se o seu depoimento:

“...é cultural mesmo, na área de exatas tem mais homens. Aqui [humanas] tem mais mulheres. No Brasil, os cursos tidos como ‘cursos’, seria direito, medicina, engenharia, né? O que foge disso

é considerado um curso de segundo plano, sabe? (...) A maioria é mulher, sabe? no curso de graduação de História.” (Paula)

Para as duas pessoas que apontaram uma suposta predominância da presença masculina no curso de História, há dois fenômenos que explicam suas opiniões: primeiro o objeto de estudo da História em si, o poder - que interessaria mais aos homens, refletindo-se na evidência de uma maioria de pesquisadores de renome nacional do sexo masculino (depoimento da esquerda); o segundo fato, a divisão sexual das responsabilidades com a casa e a família, que dificultariam o ingresso das mulheres na carreira acadêmica (fala feminina à direita):

“A questão do poder mesmo. A História como instrumento de poder. Essa coisa que atrai mais o homem. (...) não existe uma tradição no Brasil de mulheres historiadoras. Você vê grandes nomes masculinos, né?” (Orlando)

“Às vezes eu acho que é difícil as mulheres chegarem até este ponto. Fazer mestrado, doutorado (...) a mulher ainda está muito ligada ao trabalho da casa, aos filhos. (...) O homem é mais fácil, ele deixa a mulher e os filhos numa cidade e vai estudar.” (Juliana)

Estas duas posições (predominância feminina baseada na composição por sexo da mão de obra do segundo grau; e, a masculina, baseada na sua distribuição no terceiro grau), estão em consonância com a segmentação sexual do mercado de trabalho para o/a historiador/a. Segundo Rosemberg (1994, p. 58), a participação das mulheres na carreira do magistério, em relação à dos homens, tem a seguinte variação percentual: 99% no ensino primário; 70% no segundo grau; 42,2% na carreira acadêmica (dados do censo de 1980).

Os/as entrevistados/as que supõem um equilíbrio na distribuição de sexo no área de História, explicam sua opinião pelo interesse igual que a disciplina despertaria em homens e mulheres, pois ela favoreceria aos indivíduos a possibilidade de construir uma identidade social. Além disso, em algumas falas, fica subjacente que

existiriam profissões que podem se adequar mais a um sexo do que ao outro, mesmo que fosse por uma tradição anacrônica, como se vê no depoimento abaixo:

“... enfermagem ou pedagogia, assim, já [é] caracteristicamente feminino. (...) O indivíduo quando procura fazer História, pelo menos eu digo por mim e por muitas pessoas que eu já conheci... é muito uma coisa de busca das origens, de tentar um pouco se compreender melhor no mundo.” (Carlos)

Esta posição acima, no que ela se refere à suposição da distribuição de sexo no área de História, pode estar baseada, também, na distribuição de homens e mulheres no corpo docente do curso de mestrado de História da UFPE, que se compõe de cinco professores homens e cinco professoras mulheres (segundo a secretaria deste curso).

A evidente maioria de mulheres na área de concentração Pré-História (Arqueologia para os/as informantes) no mestrado de História da UFPE, é explicada como resultante das características femininas como jeito, paciência, dedicação que a profissão exigiria, tal opinião sendo compartilhada por ambos os/as entrevistados/as, desta área de concentração. Apenas a entrevistada desta área faz menção à baixa remuneração (depoimento da esquerda):

“Eu não sei bem (...) a própria Niede Guidon (...) ela disse que era porque era uma profissão que rendia muito pouco dinheiro. Que é preciso ter muito amor, se dedicar muito...” (Alba)

“...nunca pensei nisso não. Mas eu tenho a impressão que tem alguma coisa a ver com o tipo de trabalho (...) que exige mais paciência, mais lógica (...) que a mulher se dá mais a esse tipo de trabalho. Mas eu acho que não corresponde a verdade não.” (Orlando)

Do exposto até aqui, os dados sugerem que, as diferentes suposições sobre a distribuição de sexo na área de História, baseiam-se na evidente segmentação do mercado de trabalho para a carreira de magistério (onde a concentração feminina decresce na medida em que se elevam os graus de ensino) por um lado; e de outro, na

distribuição equilibrada de homens e mulheres no corpo docente do curso de mestrado em História da UFPE.

Por sua vez, as explicações dos/as historiadores/as para estas diferentes suposições tendem para fatores sócio-culturais, mas são mais recorrentes respostas baseadas na classificação das disciplinas como masculinas e femininas, ou neutras. Assim os/as entrevistados/as associam ao masculino: poder, maior prestígio, valorização, ciências exatas; e ao feminino: ensino, cuidado, jeito, paciência, amor, dedicação, ser fácil, menor prestígio, desvalorização, ciências humanas. Há que se considerar, entretanto, que tais entrevistados/as tentam retirar um sentido essencial destas qualidades com as quais classificam algumas profissões, referindo-as enquanto uma orientação dada pela tradição e cultura.

De sorte que, comparando os dois grupos aqui considerados (Física e História), dentro da área de História não há diferença significativa nas explicações de homens e mulheres sobre a distribuição de sexo nas suas profissões, tampouco para as outras profissões usadas como exemplos no contexto de suas falas. Tal explicação tende, levemente, para acentuar a classificação das profissões segundo qualidades atribuídas a homens e mulheres. Porém, dentro da área de Física há uma leve tendência em ter mais homens do que mulheres explicando a distribuição de sexo nas profissões (a sua e aquelas usadas na comparação) mediante a classificação com base em qualidades masculinas e femininas. Sendo que, o grupo em seu conjunto, tende um pouco mais para explicações através de fatores sócio-culturais, com uma discreta maior participação de mulheres com esta posição. O que pode ser sugestivo de uma certa consciência de ruptura no *habitus* desta orientação profissional da parte das mulheres do curso de Física, por sua vez, assimilável às propostas do feminismo quanto aos guetos profissionais.

Porém, parece mais certo pensar que, permanece latente para a maioria da população estudada, uma certeza socialmente construída de que as profissões têm gênero e são masculinas, femininas e algumas neutras. Isto não resulta apenas do que foi dito verbalmente, mas também nos silêncios, nas dúvidas, nas tautologias, nas reticências, nas entrelinhas das falas desses/as entrevistados/as.

Em resumo, quanto ao momento da escolha pessoal do curso há uma convergência, no grupo estudado, de não classificá-lo enquanto masculino ou feminino, independente de sua área de inserção e do sexo do/a entrevistado/a. Tal fato sugere assimilações com as discussões do movimento feminista quanto à crítica aos guetos profissionais.

Por sua vez, ao analisarem a distribuição de sexo dentro de suas respectivas áreas, os/as entrevistados/as apontam fatores como educação formal e familiar que explicariam a predominância numérica de homens na área de Física; e a predominância e/ou equivalência numérica de homens e/ou mulheres na área de História. Entretanto, parece latente em todo o grupo estudado classificar as profissões segundo o gênero masculino, feminino e neutro. O que indica mudança e permanência na classificação das profissões, ou seja, mesmo que se perceba sua construção social algumas profissões são mais para mulheres do que para homens.

Se as interpretações anteriores estão corretas, também observo o estímulo recebido por amigos e familiares pelos homens do curso de História na sua escolha pessoal do mesmo, que não se revelou nas falas das mulheres deste grupo. Enquanto que no curso de Física são as mulheres que revelam influências de outras pessoas na sua escolha do curso, frequentemente de professores do segundo grau, os homens deste curso, no geral, não se referem a fatos desta ordem. Sendo tais

estímulos necessários, provavelmente, pela predominância de mulheres no ensino do segundo grau o lugar mais visível do exercício profissional do/a historiador/a, e por haver, na área de Física, um número maior de homens.

Além disso as mulheres do curso de Física sentem-se exceções na sua área o que se expressa na frase “eu gosto de números” enquanto um dom, especialmente sendo elas mulheres. Tal fato sugere que nesta área há mecanismo de exclusão das mulheres, se são exigidos delas tais dotes. Porém se elas não classificam sua profissão como masculina, sugere uma assimilação com as idéias feministas nas seus questionamentos ao gênero das profissões (guetos profissionais).

Quanto à motivação da escolha dos cursos, elas são específicas de cada área do conhecimento, mas são semelhantes, dentro delas, quanto ao gênero. A motivação expressa pelos/as entrevistados/as da área de Física é mais racional: conhecer o objeto de estudo da disciplina; a motivação dos/as informantes da área de História é mais afetiva: gostar da disciplina. Esta evidência se fortalece pela tendência de maior planejamento e continuidade para entrar e continuar numa mesma área de estudo, que se dá entre os/as informantes do curso de Física, e as mulheres parecem ter mais certeza da escolha do que os homens. No curso de História os/as entrevistados/as vêm de variados tipos de graduação, e assim aparentam ter menor continuidade numa mesma área de estudo, além disso não parece haver planejamento nestas mudanças, e a descontinuidade aparece de forma mais evidente para o conjunto de mulheres desta área. As diferenças de continuidade numa mesma área de estudos entre a Física e a História, pode ser explicada, em parte, porque os limites entre os cursos das Ciências Humanas se apresentam menos rígidos, do aqueles das Ciências da Natureza.

A trajetória acadêmica dos/as físicos/as entrevistados/as se revela, além de contínua, também linear no tempo, na qual se emprega todos os esforços para

alcançar a especialização, ainda mais se for para realizá-la num curso de qualidade reconhecida, sem que haja diferenças significativas de gênero neste aspecto. Como quase todos/as entrevistados/as almejam ser pesquisadores/as, a trajetória de estudos acadêmicos sofre influência do mercado de trabalho, que só permite ingressos profissionais após alta especialização, e se apresenta compatível com os estímulos institucionais existentes para executá-la, tendo em vista a posição privilegiada deste curso na hierarquia científica, que se reflete, também, na menor interferência de fatores sociais circundantes na formação de seus/suas futuros/as pesquisadores/as. Esta trajetória do grupo da área de Física, pode ser assimilada às características atribuídas ao desempenho profissional masculino.

A trajetória acadêmica dos/as informantes da área de História é contrastiva com as características daqueles/as da área de Física. Ela se revela, além de menos contínua, menos linear no tempo, e os esforços também são menores para alcançar a especialização, onde a qualidade do curso a ser realizado aparece subordinada à familiaridade/proximidade com a instituição que o oferece, sendo que as mulheres apresentam estas características um pouco mais acentuadas do que os homens. O desenho dessas trajetórias, parece acomodado, em parte, às exigências do mercado de trabalho que permite ingressos anteriores à especialização, ou que ela ocorra paralela ao exercício profissional. Por sua vez, os estímulos à especialização oferecidos pelo curso de mestrado em História da UFPE não são tão evidentes quanto aqueles do curso de Física, possivelmente devido à posição inferior que ela ocupa na hierarquia do campo científico, o que lhe confere menor autonomia, relativa, frente a sociedade que a circunscreve. A trajetória acadêmica dos/as entrevistados/as do curso de História, por sua vez, assimila-se às características dos desempenhos profissionais classificados como femininos.

Para homens e mulheres aqui considerados, em que pese as diferenças de trajetórias acadêmicas, próprias de cada uma das áreas (Física e História), é possível sugerir que a profissão se coloca para eles e elas num plano de realização pessoal. Sendo que, no aspecto de situar a profissão dentro de suas vidas os homens, principalmente os da área de Física, acentuam mais o sucesso; ao passo que, as mulheres tendem a acentuar a relativização da profissão com outros planos de suas vidas, dentre eles a família. Neste sentido, conforme a especificidade de cada trajetória acadêmica, as mulheres da área de Física, dão a sua profissão total prioridade em alguns momentos, enquanto que as mulheres da área de História parecem acomodar a profissão, em alguns circunstâncias, a outras demandas pessoais entre elas as que se forjam a partir da esfera afetiva/doméstica.

Vale destacar que as exigências de cada área pode implicar em mecanismos de exclusão das mulheres de algumas delas, devido a sobreposição de responsabilidades esfera doméstica/profissional, dada a atual divisão sexual do trabalho, onde cabe às mesmas uma maior participação na primeira esfera. Isto sugere que as mulheres podem lançar mão, nas escolhas das áreas de estudos, de ponderações das exigências profissionais e domésticas e preferir aquelas que darão maiores chances para equacionar as duas responsabilidades.

Identifico então, um sentido de mudança nas trajetórias profissionais das mulheres, apontado pelo lugar da profissão em suas vidas que se descola do sentido restrito de ser apenas complementar à renda familiar para o de realização pessoal; e, porque as mulheres do curso de Física, parecem desafiar a classificação das profissões segundo o gênero. Porém esta mudança é ambígua por duas razões: ao ter que conviver com exigências da esfera doméstica que ainda são feitas às mesmas; e a manutenção de mecanismos sutis de exclusão das mulheres das profissões masculinas (como a Física). Ambigüidade que se acentua por estar circunscrita às relações de

gênero, que neste estudo, mostra o comportamento do homem voltado para o sucesso profissional, mais do que para relativizar a profissão com outras demandas de suas vidas, ligadas ou não à afetividade.

Comparando esta situação com as propostas do feminismo, parece que há uma maior similitude com a questão da importância da profissão na vida pessoal, no que homens e mulheres, aqui estudados, mostram-se em posições de maior igualdade. Por sua vez, o *habitus* parece ser mais importante do que as propostas feministas quando se assimilam com os mecanismos de exclusão das mulheres do campo profissional masculino.

CAPÍTULO IV

O DISCURSO SOBRE AS PRÁTICAS AFETIVAS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Como visto no capítulo anterior, no que concerne ao grupo estudado, há uma relativa igualdade quanto a importância da profissão na vida de homens e mulheres, porém se mantêm desigualdades dadas as atribuições femininas oriundas das responsabilidades contidas na divisão sexual do trabalho, como também dos mecanismos sutis de exclusão das mulheres das profissões masculinas. Dando continuidade a essa discussão, de igualdade desigualdade de gênero, passo a analisar como são equacionadas a articulação das responsabilidades profissionais com aquelas da esfera doméstica e das relações de namoro/casamento.

As uniões de namoro e casamento, assim como outras relações entre homens e mulheres estão permeadas pelo poder. Enquanto relacionadas à esfera da

reprodução elas traduzem, entre outros aspectos, uma divisão sexual do trabalho, aqui enfocada a partir das atividades domésticas. O que denomino esfera afetiva refere-se então a essas uniões e atividades⁸⁷. Este campo das relações de gênero tem sido bastante explorado em estudos sobre reprodução social e diferenças na socialização primária de homens e mulheres (Chodorow, 1979). Além disso, a correlação entre vida familiar e vida profissional - discutida no capítulo anterior - se diferencia segundo o gênero⁸⁸, pois enquanto a trajetória profissional das mulheres depende da situação conjugal, número e idade dos filhos, grau de instrução entre outros, a trajetória masculina não mostra vínculos significativos com fatores originados no grupo doméstico (Bruschini, 1994b).

Neste trabalho é importante a análise da esfera afetiva porque o feminismo trouxe reflexões relevantes sobre este campo e como ele interage com a esfera da produção/profissão (Michel, 1982; Lobo, 1988; Fougeyrollas-Schwebel, 1994). Uma das preocupações deste movimento é revelar o poder que perpassa as relações de gênero entre os/as parceiros/as das uniões seja de namoro, seja de casamento; e, valorizar o trabalho doméstico, “desocultando” a sua efetivação, bem como a sua interação com a produção/atividades profissionais. As discussões derivadas daí fixaram-se no *slogan*: “o pessoal é político” (Pitangui e Alves, 1985).

As propostas do movimento feminista se encaminham no sentido de modificar a hierarquia e poder entre os sexos de maneira ampla e, especificamente, de democratizar as relações entre os/as parceiros/as das uniões afetivas, ou seja torná-

⁸⁷ As atividades domésticas são inseridas nas práticas afetivas porque elas são realizadas, na maioria das sociedades, a partir do núcleo familiar e envolve relações entre os cônjuges e/ou pai/mãe/irmãos/ãs.

⁸⁸ Como afirma Bruschini: “A persistência de um modelo de família no qual cabem à mulher as responsabilidades domésticas e socializadoras determina a necessidade de uma constante articulação entre papéis familiares e profissionais.” (1994b, p.182)

los/as iguais, possibilitando a autonomia das mulheres⁸⁹. No âmbito das atividades domésticas visam a desnaturalização da divisão sexual do trabalho postulando a participação do homem nessas atividades; uma vez que a naturalização, traduzida no ideal feminino da mulher/frágil/mãe e do homem/provedor/pai, servia de parâmetro para a explicação da dominação masculina, até bem pouco tempo⁹⁰. Além do que, a constatação de mudanças recentes nas relações de gênero, principalmente do “papel” da mulher, em parte resultante das lutas/propostas feministas, perpassam o estudo dessas temáticas (Bruschini, 1985; Luz, 1982; Saffioti, 1992; Goldberg V. Cruz, 1982; Corrêa, 1984). Por sua vez, constitui uma polêmica dentro deste movimento como a inserção profissional contribui para a transformação da condição feminina (Alves, 1980), o que permite um constante diálogo com a discussão do capítulo anterior.

Partindo dessa reflexão analiso aqui as práticas/representações de namoro e casamento e das atividades domésticas, passando pela decisão de ter/criação dos filhos, principalmente tendo em vista as propostas do movimento feminista quanto a modificação das responsabilidades da divisão sexual do trabalho; a autonomia e sexualidade feminina, o que permite assimilar estas práticas com as propostas do movimento. De maneira que, estas práticas, também possam servir de

⁸⁹ A discussão sobre a autonomia dos indivíduos remonta ao Iluminismo, refletindo seus ideais de liberdade e responsabilidade para a humanidade (Pallares-Burke, 1993). A autonomia seria a capacidade de auto-reflexão e autodeterminação dos indivíduos, às quais o movimento feminista atual agrega o individualismo de Stuart Mill expresso no *slogan* “meu corpo me pertence” (Rohden, 1995). Autonomia no sentido aqui empregado, então, é a liberdade das escolhas individuais (autodeterminação), incluindo-se a sexualidade (meu corpo me pertence).

⁹⁰ Barbieri (1993), faz uma crítica aos limites do uso da teoria do patriarcado, a busca das origens da dominação, mas resgata a sua importância ao dar visibilidade aos processos históricos de revolução e conflitos no âmbito das relações de gênero, na tentativa de mudar a dominação masculina. Albernaz e Quadros (1993) são exemplos de estudos sobre as desigualdades entre os sexos mapeando os autores clássicos da antropologia que discutem a origem do patriarcado, através dos símbolos culturais de masculino por eles referidos e base da explicação da subordinação feminina, vendo-os à luz das teorias do gênero, apontando os limites e contribuições de suas teorias. Lévi-Strauss (1980) por sua vez, seria um exemplo, de explicar a subordinação feminina através da troca de mulheres como uma necessidade social, no estudo do parentesco, limitando as possibilidades de mudança das relações de gênero.

substrato na interpretação das representações do feminismo no Capítulo V, objetivo final desta dissertação.

No capítulo III, privilegiei a análise comparando os dados com ênfase na profissão e neste dou maior destaque às relações de gênero, estudadas a partir da esfera afetiva acima delimitada. Assim, a discussão visa perceber como são articuladas as atividades referentes ao trabalho doméstico e ao profissional, enfocando como a divisão do primeiro, no interior do grupo doméstico, interfere nesta articulação. Na amostra trabalhada a unidade doméstica variou entre grupo familiar e pessoas ligadas apenas por laços de residência, além dos/as entrevistados/as ocuparem diferentes posições dentro da família; portanto, estarei me referindo a pessoas casadas, e solteiras que moram com os pais ou com amigos/as. Analiso ainda, o poder nas relações de gênero, articulando-as, também, com a profissão, agora circunscritas às práticas/representações de namoro/casamento abordando, principalmente, critérios de escolha dos parceiros/as (segundo as qualidades masculinas e femininas); dupla moral sexual; tomada de decisões; independência pessoal; sexualidade; métodos contraceptivos, discussão que no seu todo visa perceber os aspectos da autonomia feminina e igualdade/desigualdade entre homens e mulheres; e as opiniões sobre o aborto. Vale notar que esta análise de práticas e representações, tem por substrato a fala dos atores/atrizes investigados.

4.1 - A ARTICULAÇÃO DAS ATIVIDADES DOMÉSTICAS E PROFISSIONAIS

As atividades domésticas aqui referidas são aquelas de manutenção e administração da casa - limpar, arrumar, lavar, providenciar consertos, pagamentos de contas, aquisição/reposição de objetos, contratar auxiliares domésticos (“empregada”,

faxineira, lavadeira, pedreiro, bombeiro, eletricista, entre outros/as); e, aquelas ligadas a manutenção da vida: alimentação, higiene pessoal e vestuário.

Tradicionalmente a maioria dessas atividades são realizadas pelas mulheres, inclusive a socialização das crianças e os afazeres a elas relacionados, o que remete para a uma divisão sexual do trabalho e a socialização primária diferenciada com base no gênero (Chodorow, 1979, Rosaldo, 1979; Corrêa, 1984; Fougeyrollas-Schwebel, 1994). A hierarquia e poder que recobre as relações de gênero (Heilborn, 1992; Saffioti, 1992) se evidencia na ocultação do trabalho doméstico, e na dupla jornada de trabalho⁹¹ para a maioria das mulheres, inclusive aquelas que contam com auxiliares no desempenho das tarefas domésticas (Bruschini, 1994b; Ferrand, 1989). A interação resultante do desempenho dessas atividades com o campo da profissão se dá de

diversas maneiras para homens e mulheres, refletindo-se no sucesso profissional destas últimas (Lobo, 1988). Quando se agregam o cuidado e educação dos/as filhos/as, aumentam as dificuldades de se conciliar estas reponsabilidades, como também a possibilidade de afastamento feminino da esfera profissional, ou direcionamento para profissões específicas (Rosemberg, 1994). A análise, partindo dessa discussão, investiga as possíveis mudanças/permanências das relações de gênero e suas interrelações com as representações do feminismo.

A discussão da divisão das tarefas domésticas se dá em função das relações de gênero e suas articulações com a profissão. Destaco num sub-item as atividades socializadoras, para facilitar a apresentação dos dados. O sentido desta divisão é didático já que ambas estão intrinsecamente imbricadas.

⁹¹ Durham (1983), define a dupla jornada de trabalho como uma desigualdade entre os sexos resultante da entrada das mulheres na esfera pública, livre e igual ao homem, porém aliada a manutenção da divisão sexual do trabalho (homem/provedor, mulher/esposa/mãe), conforme visto na Introdução.

A característica em comum do grupo estudado é contratar algum tipo de prestação de serviço - a uma mulher - para a execução das atividades domésticas. Apenas quatro deles/as não contam com nenhuma prestação de serviço⁹². O tipo de auxiliar contratado implica em diferentes tarefas a serem realizadas pelos/as entrevistados/as, que repercute no tempo a ser dedicado a profissão. Mas, o crivo maior da diferenciação do grupo aqui considerado, na execução das tarefas domésticas, são os arranjos de moradia e o estado civil dos/as entrevistados/as, que remetem a diferentes divisões das mesmas. Quanto às representações elas são mais demarcadas pelo sexo, o que remeto para as relações de gênero. O Quadro 1 ilustra quais os arranjos de moradia, e de maneira implícita, o estado civil⁹³:

QUADRO 1 - arranjos de moradia dos/as entrevistados/as nos cursos de mestrado de Física e História

COM QUEM MORA	HOMEM			MULHER			TOTAL
	física	história	total	física	história	total	
CÔNJUGES E/OU FILHOS/AS *	1	3	4	1	2	3	7
COLEGAS E/OU AMIGOS/AS	2	-	2	3	2	5	7
PAI/MÃE/IRMÃOS/ÃS	2	2	4	-	1	1	5
SOZINHO/A	-	-	-	1	-	1	1
TOTAL	5	5	10	5	5	10	20

Fonte: entrevistas, num total de 20, realizadas em 1994.

* Uma das mulheres estava separada; e há uma união homossexual.

Os homens que são casados ou que moram com a família de origem, aparentam ter mais responsabilidades domésticas do que os solteiros que moram com amigos/as, tendo tarefas a desempenhar quotidianamente e que interferem nos seus

⁹² Existe diferença quanto ao serviço contratado, tais como: lavadeira/passadeira; faxineira; ou empregada diarista, esta última na definição dos informantes, é aquela que não dorme na residência dos patrões/as.

⁹³ No item 4.2 apresento a situação afetiva dos/as entrevistados/as.

horários de trabalho e no tempo dedicado à profissão. No curso de História os exemplos foram mais matizados pelo casamento.

Para esse grupo como um todo acima referido, a execução das atividades domésticas é perpassada pela dificuldade de conciliação com a responsabilidade profissional; e por sua vez, a representação sobre as atividades domésticas apresenta um caráter de obrigatoriedade. Veja-se os seguintes exemplos, o primeiro de um casado,⁹⁴ e o segundo, de um solteiro que mora com a família:

“É rapaz... (risos) Eu sou bastante vagaroso, e eu divido todas as tarefas. Todas, não! eu divido as tarefas com ela. A gente... até agora ela tem ficado, exclusivamente com ela, é lavagem de roupa, e passar a roupa, todo o resto das tarefas são distribuídas.(...) É preciso a gente fazer o negócio bem direito. Acordar cedo e fazer o negócio bem programado prá poder dar tempo.” (Vitor)

“Pronto! feira, geralmente sou eu quem faz (...) A gente tem dois cachorros... e é uma sujeira danada que eles fazem, certo? (...) eu limpo isso. Nos finais de semana, quando minha mãe tá só, certo? sou eu que cuido dos pratos (...) É... Pronto, aí esse negócio de arrumação de quarto é com a gente, né? (...) não deixar nada a toa, menos varrer. (...) as roupas pequenas minha mãe é quem lava... (..) Então isso me prejudica um pouco, certo? (...) De forma que nem me sobrecarregue aqui (...) Nem eu a minha família, certo?” (Nélio)

Quanto aos homens solteiros que moram com amigos/as suas atividades domésticas são reduzidas ao mínimo, pois contam com empregadas domésticas ou faxineira e lavadeira. Noto que há uma tendência a se dedicarem a poucas tarefas que se destinem ao coletivo, como limpeza da casa, alimentação, concentrando seus esforços em manter a ordem de objetos pessoais ou refeições individuais. As suas representações das atividades domésticas são negativas, vistas como um tempo perdido e ao mesmo tempo um trabalho oculto realizado por uma mulher: “*quem faz é a pessoa lá*”, como mostra o exemplo abaixo:

⁹⁴ Chamo a atenção para a divisão de atividades do casal, onde ele não passa/lava roupa, e que aponta para divisões domésticas com base no gênero e que discutirei mais adiante, inclusive com base em outros exemplos que se seguem.

“É... eu divido apartamento com mais dois amigos, né? Mas eu sei me virar razoavelmente bem.. (...) [conciliar com a profissão] Dá. Dá no sentido de que eu não passo o tempo cozinhando. Por exemplo, almoço, ou eu pego congelado, ou então eu almoço em restaurante. É... meu tempo de atividade doméstica é bem reduzido, até faxina eu não faço. (...) Quem faz tudo é a pessoa lá. Todas essas coisas que me causaram tanto aborrecimento antes... [quando morava no sudeste e fazia tudo]. (...) Prá que fazer atividades domésticas se a gente pode pagar alguém prá fazê-las?” (Alberto)

Destaca-se dos grupos acima, dois exemplos limites de igualdade e desigualdade, na divisão das atividades domésticas entre os cônjuges. Tal divisão está perpassada pelas relações de poder entre os sexos. O primeiro caso ilustra a desigualdade e o poder masculino exercido com sutileza - pautado na naturalização da divisão sexual do trabalho⁹⁵, devido a socialização da família de origem, como se vê no primeiro exemplo:

“...prá conciliar isso com minha mulher... Às vezes eu exijo dela certas tarefas que eu acho, ainda, que são próprias dela . Mas isso dentro da minha linguagem de macho, que tá lá dentro, dentro do inconsciente, tá certo? Quando ela me reclama isso, é que eu caio na real... aí eu aceito a contra gosto, tá certo? (...) Mas quando a gente tá sem empregada, isso realmente pesa mais prá ela. Naturalmente eu me “escoro”. (...) faço o que me é pedido, que é mais cômodo. (...) Eu mesmo não trato com a empregada não. (...) ...talvez porque eu tenha visto isso em minha casa. E na casa dela também funciona assim, isso naturalmente... (...) ...se tiver alguma coisa prá tratar com um pedreiro, uma... uma pessoa prá fazer um serviço em casa, quem trata sou eu. (...) Uma costureira, é ela. Não sei porque eu... (...) Nunca pensei por aí não, mas deve ter algum motivo. (risos)” (Orlando)

O segundo caso, exemplifica uma divisão mas justa que reflete uma igualdade entre os cônjuges. Ainda que eles sejam do mesmo sexo, considero um exemplo válido neste estudo onde a ênfase maior é entender como as práticas afetivas se assimilam às representações do feminismo, discutidas no próximo capítulo. Até

⁹⁵ Aqui também uma divisão que se reflete nas tarefas domésticas como no exemplo de Vítor, destacado na nota 8, acima.

porque alguns estudos sobre relações homossexuais apontam para a predominância da reprodução de poder das uniões heterossexuais⁹⁶.

“Então, na hora de dividir, de administrar, por exemplo, eu tenho que dar... hoje eu tenho 8h do meu dia para fazer tal coisa. Dentro dessas 8h eu ainda tenho que encontrar tempo para cozinhar, prá fazer compras, tudo. Então, é difícil porque eu não tenho empregada, eu não tenho nada. (...) A gente tenta, na verdade, equilibrar pelo tempo de que cada tarefa dura em horas, mais ou menos. É uma coisa muito sutil. (...) Eu acho que o grande equilíbrio é fazer de maneira que ninguém se sinta prejudicado na divisão, né? (...) E que é difícil, porque, é... são coisas que você não tem o valor, o valor específico... O que é que vale mais, lavar uma louça ou fazer um arroz? O peso é muito... Não tem um valor concreto. Um produto vale tanto! Não, isso não é um produto que você tenha um valor concreto.” (Carlos)

Semelhante aos homens, os arranjos de moradia, o estado civil e os filhos aumentam ou diminuem a participação das mulheres nas atividades domésticas. Porém, as mulheres casadas têm mais atividades domésticas do que os homens desta mesma condição. Segundo elas, a participação do cônjuge em tais atividades é fundamental para facilitar a conciliação com a profissão, reforçando esta maior responsabilidade comparativamente aos homens. A fala seguinte é exemplar para esse fato:

“Depende muito do seu companheiro, né? No meu caso ele é realmente um companheiro. Assim, de cozinhar, de tomar conta do menino, ficar com ele, entendeu? (...) Lógico que tem, assim, algumas coisas que você, final de semana, por exemplo, né? que a “secretária” já não tá mais em casa. Você tem que ir a feira, fazer uma coisa extra. Aí desgasta um pouco, né?” (Laura)

Há um único caso de uma mulher que mostra uma aceitação da participação do cônjuge conforme as suas possibilidades, o que traduz o sentido de “ajuda” que recobre a participação masculina nas atividades domésticas. A compensação/representação da divisão desigual transparece num sentido de orgulho

⁹⁶ Portinari, (1989), analisando relações homossexuais entre mulheres, enfatiza esse aspecto da reprodução de poder das uniões heterossexuais, e que também são visíveis, mesmo que com menor intensidade, nos casais

para conseguir dar conta das duas responsabilidades - doméstica e profissional, o que remete à socialização diferenciada, naturalizada como um *habitus* de gênero:

*“É difícil. Agora é. Agora com um bebezinho novinho estou vendo que é. Com a filha maiorzinha não, porque a gente sempre tem uma assessoriazinha (rindo) (...) Da ausência mesmo, né? está fora de casa muito tempo, né? (...) É... mas isso eu já tou, já peguei Know-how? (rindo) Porque o fato de ter morado dois anos na [Europa] me ajudou um bocado. Porque lá você não tem ninguém prá fazer nada. (...) Quer dizer, de manhã eu saía e deixava minha filha no colégio, e ia [para curso] . A tarde eu voltava, pegava ela no colégio, e voltava para casa. Aí começava meu expediente em casa. Arrumar a casa toda, fazer... lavar a roupa e tudo. E eu me especializei rapidamente. Eu consegui fazer tudo, quer dizer, eu consegui conciliar tudo.
(...) Participa, participa [o cônjuge]. Dentro do possível, né? Mas ele é um pai que gosta de curtir os filhos, não é? Gosta de ir prá cozinha, cozinhar. Agora tem a limitação dele. Do trabalho dele, que deixa ele extremamente cansado.” (Alba)*

As mulheres solteiras, que moram com amigos/as ou com familiares, se subdividem entre as que se consideram mais e menos sobrecarregadas pelos afazeres domésticos. Não por coincidência, as que sentem maior dificuldade são as mulheres do curso de Física, enquanto as entrevistadas do curso de História parecem mais à vontade em articular o espaço doméstico e profissional. Lembro que a trajetória profissional (discutida no capítulo três) dos dois grupos evidencia um investimento e esforço das mulheres do mestrado de Física bem mais acentuado do que aquele empreendido pelas mulheres do curso de História, aqui entrevistadas⁹⁷. A seguir, dois exemplos que caracterizam cada uma das situações, a primeira uma física, a segunda uma historiadora:

“Olha, dividindo dá... (...) Eu moro com mais “Não. Não, acho difícil não. Eu tou falando

formados por homens. Fry e Mac Rae (1983), chegaram a conclusões semelhantes num estudo introdutório sobre homossexualidade masculina e feminina.

⁹⁷ Remeto aqui para a sugestão de Rosenberg (1994) sobre as estratégias femininas de escolherem a profissão tendo em vista a melhor articulação responsabilidades domésticas/profissionais, e já levantada no capítulo anterior.

uma amiga, então a gente divide tudo. Divide o serviço. A gente contratou uma faxineira, que vai uma vez por semana. A atividade doméstica é uma coisa que nunca me incomodou muito. Apesar de que, na verdade, você acaba sacrificando. É cansativo, porque na verdade, você acaba não trabalhando 8h. Porque você chega, sai daqui, vai prá casa, 'cê ainda tem que ir lavar roupa, passar roupa...' (Carla)

assim, como solteira. (...) Solteira eu só tenho a mim. Eu moro com uma amiga. Divido apartamento com uma amiga. (...) Não a gente não tem empregada. Somos nós mesmo que fazemos as atividades domésticas. Mas eu não acho difícil não. (...) É uma coisa espontânea. Se ela faz o almoço, eu lavo os pratos. (...) As roupas, cada uma lava a sua. É... a limpeza da casa também (...) se eu achar que a casa tá suja, eu vou e limpo. Se ela achar, ela vai e limpa, entendeu?" (Inês)

No entanto, na fala das mulheres (casadas e solteiras) subjaz uma representação das atividades domésticas como um trabalho sem fim e que toma um tempo da profissão. Como elas mesmas colocam: “*é preciso muito jeito para conciliar as duas responsabilidades*”. Porém, há uma postura residual de resignação, derivada da necessidade dessa conciliação, expressa em termos, tais como: “nunca me incomodou fazer tarefas domésticas”. O que pode ser uma linha de fuga para dirimir os efeitos da dupla jornada, tendo em vista a internalização do trabalho doméstico como atributo feminino, contraposta à representação dos homens, aos quais, claramente desagradam estas tarefas.

De maneira geral, no grupo investigado como um todo, mantém-se a tendência à ocultação e feminização do trabalho doméstico, que é delegado a uma terceira pessoa, mulher. Dessa forma, entre eles/as, a conciliação da profissão/atividades domésticas parece se dar, geralmente, sem grandes transtornos, já que não são eles/as que as realizam.

Porém, o estágio de desenvolvimento do ciclo doméstico interfere na articulação das duas esferas. As mulheres e homens casados/as entrevistados/as sentem maior dificuldade (intensificada quando há filhos/as, ainda mais recém-nascidos), acentuando-se para a mulher por conta da assimetria e poder das relações de gênero. Para alguns homens entrevistados, esta assimetria se converte num

benefício, e para algumas das mulheres se traduz no desejo de parceiros que dividam as atividades domésticas; ou na naturalização da ausência ou pouca participação masculina⁹⁸.

O reflexo da socialização de gênero se faz sentir: primeiro, na participação dos casados e dos solteiros que residem com a família, os quais têm uma cota maior de atividades domésticas, que pode derivar, na minha interpretação, da reivindicação cotidiana das mulheres da família por uma divisão igualitária das tarefas domésticas, minimizando a dupla jornada de trabalho. Segundo, na representação masculina das atividades domésticas que, em grande parte, é mais negativa do que na fala das mulheres. Terceiro, na resignação de algumas mulheres (casadas/solteiras) que procuram aliviar os efeitos da dupla jornada, naturalizando a sexualização dessas atividades - onde se entrelaçam prática e representação. Porém, outro grupo de mulheres, busca redimensionar a atribuição dessas tarefas através de uma participação masculina mais eqüitativa.

A profissão escolhida aumenta ou diminui a facilidade em conciliar as duas esferas, apresentando-se mais difícil a articulação para as mulheres do curso de Física do que para as mulheres do curso de História, segundo seus depoimentos. A diferença entre os homens das duas profissões foi menos evidente, o que pode também ser resultante da sua participação nas atividades domésticas que tende a ser menor.

Por fim, noto que as tarefas domésticas são divididas também consoante o gênero. Os homens tendem a lavar pratos, fazer feira, pagar as contas; não cozinhar e nem lavar/passar roupas⁹⁹. As mulheres não apresentaram restrições na realização das

⁹⁸ Fougeyrollas-Schwebel (1994) num estudo recente realizado na França, constata a permanência da maior responsabilidade feminina com tais tarefas, e a conseqüente menor participação dos homens nas mesmas. As mudanças na divisão deste trabalho entre os sexos ainda são muito tímidas, em que pese o esforço das mulheres neste sentido. Estas constatações são muito semelhantes com os casos aqui considerados.

⁹⁹ Como exemplificam as falas de Vítor e Orlando ao descrever a divisão de atividades entre eles e as suas cônjuges, destacadas nas notas 8 e 9.

atividades domésticas. Mas, dado os limites deste trabalho fica indicado para um estudo posterior¹⁰⁰.

Portanto, a conciliação das duas responsabilidades tende a ser minimizada dado a ocultação do trabalho doméstico, principalmente para os homens, pois permanece a divisão sexual do trabalho que atribui estas atividades às mulheres - com ou sem laços afetivos. Porém há diferentes graus de facilidade para homens e mulheres, na qual interfere o desenvolvimento do ciclo doméstico; os arranjos de moradia; a naturalização das relações de gênero; a socialização primária e secundária; o questionamento das mulheres da família sobre as relações de gênero; e, a profissão escolhida pelas mulheres. Desta maneira, assimilando os resultados com as propostas do feminismo há uma ambigüidade entre o desejo de mudança e maior igualdade nas divisões das responsabilidades domésticas com vista à equanimizar a articulação com a esfera profissional entre homens e mulheres, que convive com uma certa aceitação da socialização diferente segundo o gênero, situação que é viabilizada através da contratação dos serviços domésticos a uma outra mulher. Denotando também diferentes poderes nas relações de gênero.

4.1.1 - Filhos/as: responsabilidades de criação/educação e projetos de tê-los/as

A separação das atividades de socialização e criação¹⁰¹ dos/as filhos/as dos afazeres domésticas - vistos acima, tem dois objetivos: a) facilitar a exposição e compreensão dos dados e da análise; b) propiciar a análise das práticas/representações

¹⁰⁰ Garcia (1992) analisa a distribuição de homens e mulheres no espaço da feira em uma comunidade camponesa, e identifica um masculino e outro feminino, como também que na unidade doméstica camponesa cabe ao homem efetuar a compra de suprimentos para a família. Assim como Ferrand (1989) no âmbito doméstico, percebe que também nele, há uma divisão de tarefas masculinas e femininas, em um estudo realizado na França.

de quando se tem filhos/as e o projeto de tê-los/as. Mas as duas atividades não estão dissociadas, e sim intrinsecamente relacionadas em toda a extensão das relações que as envolve.

A situação de paternidade/maternidade dos/as entrevistados/as predominante é não ter filhos, apenas seis deles/as têm de 1 a 2 filhos, como mostra o Quadro 2, abaixo:

QUADRO 2 - Número de filhos/as por sexo dos/as entrevistados/as

NÚMERO DE FILHOS	HOMEM			MULHER			TOTAL
	física	história	total	física	história	total	
1 FILHO/A	-	2**	2	1	1	2	4
2 FILHOS/AS	1*	-	1	-	1	1	2
SEM FILHOS	4	3	7	4	3	7	14
TOTAL	5	5	10	5	5	10	20

Fonte: entrevistas, num total de 20, realizadas em 1994

* As crianças são suas enteadas.

** Um deles considera como filha, uma criança que é criada por sua mãe e irmãs, com as quais reside.

a) criação/socialização dos/as filhos/as

As diferentes relações de paternidade dos homens, no caso dos entrevistados, se reflete na forma de conciliar as responsabilidades com os/as filhos/as e aquelas da profissão. Os que não tem laços consangüíneos de pai/filho/a, não mencionaram como se dá conciliar as obrigações com filhos/as e as da profissão. Entre eles, por razões diferentes, é mais freqüente delegar as atividades do cotidiano com as crianças às mulheres da família. O único que mencionou que as suas atividades profissionais interferem na sua relação com a filha, é pai biológico - mas é a profissão que lhe rouba tempo de convivência com ela e não o contrário. Os dois exemplos mostram as duas situações de paternidade, o da esquerda, consangüínea, e o da direita não:

¹⁰¹ Criação no sentido das obrigações domésticas que uma criança demanda, como limpeza e conservação da casa, e alimentação.

“...Mas é ela quem passa a maior parte do tempo. É com ela [a mãe] que ela se dá mais. Assim, não sei se... eu geralmente chego em casa, vou direto pro computador. Fico um pouquinho com ela, mas tou sempre fazendo uma... (...) eu trabalho de noite fazendo editoração.” (Orlando)

“Elas ficam, assim, meia indefinidas, né? porque... Apesar de... Ela passa mais tempo com minha mãe. Aí é minha mãe que participa mais. É ela que estabelece, que dá mais da criação... (...) Ou seja, com alimentação, como, com, com... é levar a médico, saúde, essas coisas (...) e escola também.” (Wagner)

Mas os entrevistados se aproximam no tipo de atividade desenvolvida, os quais privilegiam o acompanhamento das atividades de lazer e escolares. Veja-se os seguintes depoimentos, dos mesmos entrevistados citados acima:

“É, eu vou mais prá casa prá pegar minha filha e deixar na escola. (...) Eu levo prá Jaqueira. Sou eu que levo prá Jaqueira. Mas, quem acompanha na piscina é ela [a mãe]. Eu que faço a bagunça na cama, que ainda é uma das formas de lazer preferido pela minha filha.” (Orlando)

“Inclusive, né? assim, eu passeio mais com ela do que minha irmã e do que minha mãe, né? assim... (...) Sim, as atividades escolares... Aí, quando eu tava em casa, ela... eu acompanhava mais diretamente, né? Agora, como eu tou aqui, quem acompanha mais é minha irmã, né? Mas, nos finais de semana eu tento ver alguma coisa.” (Wagner)

As mulheres que têm filhos/as todos/as são consangüíneos. A participação delas na socialização e criação das crianças transparece de forma mais intensa, porém existem dois tipos de arranjos com os cônjuges: um em que há participação nos dois níveis, e outro em que os maridos são mais, ou menos, ausentes - dito de forma direta ou percebido naquilo que não foi dito. A seguir três exemplos que caracterizam as situações referidas:

“Os dois é... sempre dialoga, né? Às vezes ele leva prá escola, às vezes eu levo prá escola. As tarefinhas, quando ele tá em casa, ele resolve (...) Final de semana, geralmente, quem ensina sou eu. (...) Dá comida na boca, isso ele participou, não ficou só de brincar não. (...) Tanto eu como ele, tanto faz, assim.

“Era mais... é... era mais por minha conta também. Vamos dizer, se a menina estava, estivesse assim quieta, sem fazer barulho, sem incomodar, tivesse limpinha, tava tudo bem! Mas na hora que ela fizesse alguma malcriação, alguma teimosia, a culpa era minha, porque eu tava educando de forma

“...Eu não sei não. A gente não tem muito essa de dividir, sabe? Normalmente o contato maior é comigo, sabe? Eu estou mais em casa. (...) Mas a gente tá sempre discutindo. Tá sempre conversando. (...) O ano passado ela não foi muito bem [na escola]. Aí ele ensinava ela toda noite.

Geralmente, quem tá mais errada, né? (...) Ele era mais em casa no momento, dedicado ao estudo.” (Juliana)

Lazer também, ele menos, a questão é mais comigo. (...) É participa. (...) Agora, dentro da disponibilidade dele. Da disponibilidade de tempo dele.” (Alba)

Neste sentido, a presença de uma empregada doméstica apenas minimiza as responsabilidades de socialização/criação dos/as filhos/as, que é mais feminina que masculina. Isto pode ser resultante da maior naturalização dessas atividades, inclusive pelo sentido biológico da gravidez e amamentação (Chodorow, 1979). E, como foi visto nas atividades domésticas anteriormente, na fala de Alba, são os/as filhos/as que incrementam a dificuldade, principalmente das mulheres, em conciliar as mesmas com as atividades da profissão, ainda mais se são recém-nascidos. Porém, quando a divisão é mais igual entre pai e mãe, ou assim avaliada, facilita o arranjo entre os dois planos - como nos diz Laura, logo acima.

Por outro lado, as mulheres estão divididas entre a aceitação sem questionar as relações de gênero e o poder que se revela na aceitação da menor participação do pai; e, a busca da divisão igual das responsabilidades entre pai e mãe para melhor equacionar as relações entre os sexos.

Noto que permanecem, assim como nas atividades domésticas, áreas de socialização divididas segundo o gênero, onde o lazer e atividades ligadas a escola apresentam maior participação masculina, dito pelos próprios pais ou pelas mulheres sobre os seus parceiros/pais, nos casos aqui considerados.

Os homens, mesmo que tenham o desejo de participar da socialização e criação dos/as filhos/as, e percebam que a sua dedicação aos/às mesmos/as vem sendo pequena, não indicaram atitudes de mudança, independente da consangüinidade.

b) projeto de ter filhos/as

Quanto ao projeto de ter filhos/as todos os homens se colocaram como querendo participar da criação e socialização se os/as tiver, uns de uma forma mais contundente, outros com restrições no que se refere às questões mais práticas de higiene e cuidados pessoais. Na educação/orientação o desejo de compartilhar foi mais veemente. Entretanto, eles se subdividem entre os que têm mais e menos certeza quanto a tê-los/as. Os dois exemplos mostram um que idealiza uma divisão mais igualitária e onde é mais presente o desejo de ter filhos/as, e o outro onde o projeto é mais condicionado, inclusive ao tempo que a profissão propicia, mas não deixa claro como idealiza a divisão de atividades:

“Eu sou o tipo de pessoa que, assim, não vejo porque eu nasci homem e ela nasceu mulher, devesse haver uma divisão desonesta, no sentido de que ela ficaria com tudo. (...) Então, nós vamos dividir nossas ocupações nas nossas respectivas profissões e dentro de casa. E assim também na criação dos filhos, entendeu? (...) Se o menino tá lá chorando de noite, um dia vai... uma hora vai você, outra hora vou eu. (...) Sempre tem a divisão social, menino faz isso, menina faz aquilo, né? Aí como menino faz isso e mamãe não quer fazer, então vem tu papai! (...) todos dois colocando dinheiro em casa. Todos dois leva o menino na escola.” (Ivson)

“Porque veja, às vezes eu penso, né? em ter uma vida normal. Mas o problema é o curso que eu tou fazendo (...) eu corro o risco de ganhar um salário razoável, mas também corro o risco de não ganhar. (...) Eu vou ter que dividir mais o meu espaço com eles do que com a própria profissão. (...) eu não posso dizer que eu projeto, né? (...) Bem eu acredito.... Caso eu tivesse, eu tentaria, né? Acompanhar o máximo, né? Tentar dividir um pouco o meu tempo com... com o filho ou filhos, né?” (Mário)

Dentre eles se sobressai um caso em que o entrevistado se assume sexista (nas palavras dele) porque considera fundamental a mãe se dedicar totalmente ao filho durante o primeiro ano de vida, como revela seu depoimento:

“Eu me vejo tentando dar o máximo de meu tempo. (...) nos primeiros anos, primeiro, segundo ano, o filho, ele precisa muito da mãe mesmo. (...) É... não é uma questão de ser feminista até as últimas conseqüências. (...) colocar a criança em hotelzinho, essas coisas, eu sou contrário a isso (...) sem nenhum preconceito contra a mulher, pelo contrário. Eu acho que a criança precisa muito mais dela do que de mim. Mas eu não sei, até hoje, como conciliar isso. Por exemplo, com uma física, ela não vai largar o trabalho dela prá ter um filho. (...) Isso prá mim é uma questão que parece bem complicada.” (Alberto)

Quanto às mulheres, houve uma frequência maior do desejo de ter filhos/as. Nas suas projeções ideais de tê-los/as, foram enfáticas na divisão igualitária das tarefas de socialização e criação entre pai e mãe. Aquelas que cursam Física condicionam o projeto, mais claramente, à estabilidade profissional e/ou financeira. Já as historiadoras adiam os/as filhos/as, principalmente, porque não encontraram o parceiro ideal. Mas ambos os motivos se mesclam nas declarações, e as possibilidades de barganhar a participação dos futuros pais na criação/socialização baseiam-se no fato de elas também trabalharem. As falas abaixo dão um exemplo do projeto das mulheres de Física e História (ambas sem namorado), onde a primeira ressalta o aspecto da profissão e depois como seria o pai ideal, e a segunda apenas se remete ao pai participativo:

*“Depois que eu terminar esse mestrado, se tiver morta de amores (risos) (...) eu vou pensar: caso, não caso, me junto, não sei. Aí pode ser que eu venha pensar em ter filhos. Que eu vou ter, isso aí eu acho que eu vou. (...) ficar dependendo de homem, nem pensar! (...) Só vou ter um filho depois que eu tiver uma certa estabilidade, uma coisa assim. (...) Bem, eu espero encontrar alguém que tenha uma mentalidade né? De que cada um tem (...) tem o mesmo direito de fazer... Tanto faz, o homem ou a mulher lavar os pratos, não tem essa coisa toda: ‘Ah! o homem não pode ir na cozinha, homem não pode fazer isso. Mulher não pode fazer aquilo!’ Quer dizer, eu quero ter um negócio, mas bem sem preconceito.”
(Simone)*

“Eu projeto ter um filho, mas aquela coisa de produção independente prá mim... Eu acho muito bonito quem tem coragem de fazer isso (...) Mas eu não topo essa parada, sabe? (...) Mas eu gostaria que fosse uma coisa dividida e planejada mesmo, entendeu? (...) houvesse uma divisão na educação, uma coisa bem, bem definida, bem dividida mesmo. Porque hoje em dia a mulher também tem uma profissão, igual ao homem. Então não tem aquela desculpa de dizer que a mulher não faz nada, não é? E o trabalho é criar os filhos e cuidar da casa. Hoje, tanto na criação dos filhos, como na manutenção da casa, tem que haver uma divisão” (Inês)

De maneira que, para os homens o projeto de ter filhos/as tende a ser mais incerto, tanto quanto a tê-los/as, como no aspecto da sua participação na criação, estando mais condicionado à estabilidade profissional. Por outro lado, não mencionaram

como seria a mãe idealizada, podendo denotar uma certeza quanto ao bom desempenho de todas as mulheres como mães, o que naturaliza este papel. Já para as mulheres o desejo é mais recorrente, mas o projeto tende a ser desenhado mais como escolha, estando condicionado à profissão e/ou pai ideal, que tem uma imagem definida como participativo e dividindo todas as atividades (criar/socializar), tal participação é barganhada com base no fato delas também terem uma profissão. A socialização diferente de gênero, onde esta responsabilidade é introjetada como mais feminina, pode influir nas peculiaridades dos dois projetos, ainda mais agora num momento de mudança, como mostram as falas deles e delas - mescla de tradição e novas atitudes.

A trajetória profissional mostra-se imbricada com a decisão de ter ou não filhos/as, para homens e mulheres. O que se coaduna com o momento atual de inserção profissional. Porém, existem diferenças relacionadas às trajetórias profissionais femininas, onde o investimento das mulheres do curso de Física se dá de forma linear, contínua e com grande esforço, e as historiadoras apresentam trajetórias mais descontínuas. Assim, as primeiras condicionam mais os/as filhos/as ao término da especialização, enquanto as segundas enfatizam mais o pai ideal.

De certa forma, o projeto masculino de ter filhos/as, onde há mais dúvidas se a idealização da participação, na criação dos/as filhos/as, irá corresponder à realidade, coincide com a prática dos entrevistados que têm filhos/as.

Neste sentido há uma semelhança na fala das mulheres com as propostas do feminismo de “desnaturalizar” as atividades ligadas à maternidade almejando a maior participação do futuro pai, mas as práticas tendem a uma desigualdade, mais do que igualdade na divisão das responsabilidades entre pai e mãe. Por sua vez, os homens tendem a naturalizar esta atividade como feminina, pois no seu projeto de ter filhos as mulheres são igualadas pela função procriativa/maternal, refletindo-se nas suas práticas concretas.

4.2 - IGUALDADE/DESIGUALDADE NAS UNIÕES AFETIVAS

Aqui, passo a analisar mais de perto as práticas/representações de namoro e casamento. As uniões deste tipo são complexas e multifacetadas. Nelas se revelam o poder que caracteriza as relações de gênero em diferentes graus e formas. A possibilidade de alcançar todos os seus matizes é difícil e requer uma análise, no mínimo minuciosa que, portanto, foge aos objetivos deste trabalho. Daí faço um recorte de alguns ângulos das relações de namoro e casamento visando perceber as nuances de igualdade/desigualdade entre homens e mulheres, na intenção de estabelecer similitudes/aproximações com as propostas do feminismo, para que os resultados aqui encontrados auxiliem no entendimento da construção das representações sobre este movimento, a serem discutidas no próximo capítulo.

Nesta perspectiva o estudo das uniões de namoro/casamento leva em conta três propostas de mudança do feminismo para as relações de gênero: igualdade e autonomia dos/as parceiros/as nas uniões de namoro/casamento, incluindo o livre exercício da sexualidade feminina; crítica a dupla moral¹⁰²; e, responsabilidade igual na contracepção (Michel, 1982; Rohden, 1995). Por outro lado, as desigualdades sociais entre homens e mulheres baseiam-se nas relações de gênero, assim, a recorrência às características de masculino e feminino na escolha dos/as parceiros/as são preciosas para entender a igualdade/desigualdade dentro das uniões referidas. Interessa-me, também, saber como são resolvidas a superposição das atividades/demandas da esfera afetiva e profissional, tendo em vista as discussões do item anterior e do capítulo 3.

¹⁰² Michel (1982) cita exemplo de mulheres, já no século dezoito, criticando a dupla moral, a qual se refere “...a exigência de uma fidelidade estrita por parte da mulher e a aceitação de uma fidelidade relativa por parte do homem.” (Goldenberg, 1991, p. 44). Nesta discussão incluo também a sinceridade, pois é uma valor que

Início a discussão mostrando a situação afetiva dos/as entrevistados/as - casados/as, solteiros/as, com ou sem namorada/o¹⁰³. Os temas sugeridos acima são encadeados na seguinte ordem: primeiro, a conciliação das demandas de namoro/casamento com a profissão, a partir do tempo dedicado a cada uma delas; segundo, os critérios de escolha dos/as parceiros/as, para ver se neles se revelam características de personalidade do masculino e feminino; terceiro, o posicionamento quanto a fidelidade/sinceridade contidos na idéia da dupla moral; quarto, a igualdade e autonomia: a partir da análise de como as decisões dentro da relação são encaminhadas (diálogo/consenso/autoridade), a independência de saírem sozinhos (para lazer/divertimento), e as posições sobre a experiência sexual dos/as parceiros/as (exercício da sexualidade); por fim, a responsabilidade contraceptiva de homens e mulheres. O Quadro 3, abaixo, ilustra a situação afetiva do grupo estudado:

QUADRO 3 - Situação afetiva* segundo o sexo dos/as entrevistados/as

SITUAÇÃO AFETIVA	HOMEM			MULHER			TOTAL
	física	história	total	física	história	total	
CASADO/A	1	3	4	1	1	2	6
SEPARADO/A	-	-	-	-	1	1	1
NAMORADO/A	3	2	5	2	1	3	8
SOZINHO/A	1	-	1	2	2	4	5
TOTAL	5	5	10	5	5	10	20

Fonte: entrevistas, num total de 20, realizadas em 1994.

* Chamo de Situação afetiva e não Estado civil, pois nesta análise é relevante saber se os/as solteiros/as têm ou não namorado/a, porque assim podem descrever as suas práticas no momento da sua vivência.

tanto está ligado à fidelidade, como ao controle da conduta sexual e da procriação feminina que a própria noção de fidelidade implica.

¹⁰³ Na minha amostra houve um caso de parceiros do mesmo sexo, mas que eu não coloquei em destaque, pois uma relação igualitária não está condicionada por ser do mesmo sexo ou de sexos diferentes. Entre casais homossexuais (de mulheres ou de homens), há a possibilidade de reproduzir a dicotomia e hierarquização de papéis sexuais que existem numa relação heterossexual (Portinari, 1989; Fry e Mac Rae, 1983), neste sentido não interferindo nos objetivos da análise aqui procedida.

Existe uma predominância de pessoas solteiras, o que pode ser resultante tanto do estágio em que se encontram de formação profissional, como também da faixa etária predominante de 25 a 30 anos, na época das entrevistas¹⁰⁴. Noto também que a situação afetiva das mulheres se distribui pelas quatro categorias de forma mais ou menos equilibrada, com uma ligeira predominância para estar sozinha. Na amostra predominam homens comprometidos, sendo que aqueles que são casados concentram-se no curso de História e aqueles com namoradas, concentram-se no curso de Física.

A maior ocorrência de homens acompanhados pode estar relacionado a continuidade do seu papel de provedor que possibilitaria maiores chances de encontrar parceiras que sejam compreensivas com a distribuição do tempo entre profissão e namoro. Para as mulheres, dado as recentes mudanças das relações de gênero, ainda poderia haver resistência ao seu investimento profissional por parte dos seus parceiros¹⁰⁵.

A avaliação dos homens sobre a dificuldade de conciliar a profissão com a esfera afetiva não apresenta diferenças significativas entre casados e solteiros (com ou sem namorada). Há uma tendência em perceber a dificuldade da conciliação, que se resolve por três vias: relacionar-se com pessoas da mesma profissão, ou pessoas tão ocupadas quanto eles; e a terceira, simplesmente constatar a dificuldade. Os exemplos, respectivamente, mostram estas três situações:

“eu não tenho tempo prá nada. (...) É... de vez em quando ela reclama (risos). *“E aí é importante, prá mim, para o meu tipo de profissão, que a pessoa com quem eu* *“Olhe, a gente... ela tem até reclamado isso ultimamente, sabe? Ultimamente, ela tem*

¹⁰⁴ Como demonstra o Quadro 2 do Capítulo III.

¹⁰⁵ Esta discussão foi apontada no Capítulo anterior, no item 3.2, letra c, sobre a profissão no projeto de vida dos/as entrevistados/as.

Mas ela também faz o mesmo curso, né? Acho que acaba compreendendo.” (Mário)

namoro, assim... tenha uma ocupação que tome o tempo dela de maneira que ela entenda o que tá acontecendo. Não ache que eu tou sendo chato. Não quero sair, tá entendendo?” (Ivson)

reclamado muito isso. (...) Eu acho que a profissão deve tá ganhando nessa história. Ela tem razão. Eu tenho me dedicado muito mais a profissão do que a minha vida.” (Orlando)

A outra tendência é que não se sinta dificuldade em conciliar as duas esferas, principalmente entre os historiadores, onde ser da mesma profissão é percebido como aumentando as possibilidades de trocas entre os parceiros. Veja-se os depoimentos de um casado e outro solteiro:

“Tranquilo. Eu acho tranquilo. Nem um problema prá mim. Eu tenho tempo prá dedicar ao trabalho, tempo prá... relações afetivas. (...) Uma coisa interferindo na outra, não. Não há interferência” (Jairo)

“Para mim, não! De jeito nenhum! Porque, inclusive a minha esposa é historiadora, também. (...) Então, nossa, vamos dizer assim, nossa afinidade, nosso mundo cultural, é um mundo unitário. Não tem nenhuma discrepância. (...) O tempo não interfere de jeito nenhum!” (Nilton)

Para as mulheres também não há diferenças significativas entre solteiras e casadas. Elas estão divididas entre duas posições quanto a conciliar o tempo entre profissão e namoro/casamento: ênfase na dificuldade de serem entendidas pelos namorados/cônjuges devido ao tempo que a profissão exige (predominante para as físicas); e, a segunda posição: é necessário haver compreensão e diálogo, de ambas as partes, para conciliar os dois planos, que também se relaciona com amadurecimento pessoal (predominante entre as historiadoras). Abaixo dois exemplos, o da primeira coluna refere-se a maior dificuldade; os da segunda e terceira colunas referem-se à compreensão mútua e amadurecimento, respectivamente:

“... namoro, é... Pelo menos, dificuldade eu tive muita (...) Às vezes ele não

“...até agora, um cede daqui, outro cede de lá. (...) eu tou falando em fazer doutorado

“Com a fome de vivência, de experiência, sabe? Eu acho que interfere. Mas, com o

compreende muito assim (...) fim de semana eu vou passar estudando (...) os problemas mais chatos que eles reclamam é essa falta de tempo. Dizem: 'Ah! você liga mais prá seu estudo do que prá mim!' Esse tipo de cobrança. " (Simone)

fora. Ao mesmo tempo que não quer ficar um ano longe, ele me traz todos os exames que precisa fazer. De certa forma eu abri mão de fazer mestrado na USP, porque a empresa dele é aqui. É difícil conciliar casamento e profissão, mas por enquanto a gente tem conseguido conciliar." (Carla)

passar do tempo a gente vai vendo outras coisas. A gente vai conseguindo ficar mais maduro. E, eu acho que interfere, mas a pessoa consegue equilibrar. " (Paula)

Vale mencionar que além dos aspectos analisados acima para o conjunto das mulheres entrevistadas, os depoimentos das historiadoras apresentam as seguintes peculiaridades: foram mais matizadas pelas suas diferentes experiências afetivas que as coloca em diferentes estágios do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico (como visto no Quadro 3); tenderam para refletir problemas mais generalizados das relações afetivas e menos para distribuição do tempo entre campo afetivo e profissional, abordando os aspectos das uniões de forma mais detalhada.

Destarte, olhando-se o conjunto da população, ao se comparar as falas masculinas e femininas sobre a resolução do equacionamento do tempo entre profissão e vida afetiva, percebo uma consonância com a maior concentração de homens comprometidos, do que mulheres. Ou seja, os homens tendem a procurar parceiras que de antemão compreendam sua dedicação profissional. O que se torna mais fácil, tendo em vista as relações de gênero estabelecidas, por duas razões: 1- a qualidade de compreender é associada à mulher, traduzindo-se numa essência feminina; 2- o papel de provedor masculino liga-se ao sucesso profissional. As mulheres, por sua vez, são mais enfáticas em não serem entendidas, como também em revelar o conflito subjacente a esta situação (ambos cederem) - o que pode resultar na dificuldade de encontrar parceiros por se estar rompendo uma tradição quanto ao investimento

profissional feminino - e são as físicas que mais enfatizam o conflito de conciliar as duas esferas.

Por vias diferentes as opiniões de homens e mulheres convergem quanto a elas estarem mais atentas em resolver os conflitos do imbricamento das duas esferas. Elas o dizem diretamente nos seus depoimentos, ao colocarem a necessidade de ambos os/as parceiros/as cederem, ou seja, construir um consenso, que por definição geral é precedido de posições antagônicas, cujas arestas são “aparadas”. Os homens o fazem indiretamente na forma de escolher as parceiras, ou ao apenas constatar o problema, conforme os seus depoimentos.

Além do papel de provedor discutido acima e no capítulo anterior, também postulei (capítulo 3) que a centralidade da profissão no projeto de vida dos homens seria possível porque eles delegariam a outra pessoa (uma mulher) a responsabilidade de resolver o conflito entre profissão e afetividade. Neste sentido, cabe à mulher se desdobrar para entender o parceiro, ou para fazer respeitar seu espaço profissional dentro das uniões de namoro/casamento ¹⁰⁶.

São os homens e as mulheres do curso de História que revelam maior facilidade/ou não se referem à forma de conciliar as duas esferas. São eles/as também, que colocam a profissão, mais freqüentemente, no mesmo plano da afetividade no projeto de vida. Isto pode sugerir o envolvimento igual dos/as parceiros/as no equacionamento das duas esferas. Ou ainda que não percebem a interferência entre ambas, dado a maleabilidade da profissão em aceitar trajetórias profissionais

¹⁰⁶ Scott, R. P. (1994, p. 128) assinala que as mulheres tendem mais a descrever os detalhes sobre a casa e destas uniões, tanto por estarem mais associadas a este espaço, como porque “ativamente controlam” a casa (no sentido de serem as administradoras da casa e responsáveis pela articulação casa/rua), enquanto os homens ressaltam seu desempenho na “rua”, imaginando/supondo que a sua casa está “sob controle” (ou seja as mulheres “resolvem” a casa para eles). Este aspecto também se relaciona com a ocultação/invisibilidade das atividades domésticas (Scott, R. P., 1994, p.127), e que na minha interpretação se estende para os aspectos de que as mulheres naturalmente valorizam a profissão masculina, não havendo uma recíproca necessária dos

descontínuas, pois se afigura como femininas (aspecto apontado no capítulo 3). O fato do curso de História ter uma presença maior de mulheres, quando comparado com o curso de Física, pode ter contribuído para uma inserção profissional mais matizada pelo gênero.

Neste sentido, como aparece nas discussões sobre as atividades domésticas e na criação/socialização dos/as filhos/as, permanece um encargo feminino maior para atenuar os conflitos derivados da relação entre a esfera afetiva e as trajetórias profissionais. Apesar de haver atitudes de mudança, mantém-se aqui também, a naturalização de características femininas, as quais se recorre para manter relações de poder e hierarquia construídas a partir do gênero.

a) a escolha dos/as parceiros/as

Os critérios para escolha dos/as parceiros/as foi uma questão difícil de ser respondida pelos/as informantes no decorrer da entrevista, tanto no sentido de haver uma tendência inicial de não entendê-la, como de formular quais as razões pessoais que motivam as uniões. Isto pode ser atribuído a própria complexidade da questão, que além dos crivos sociais mais gerais que as recobrem (classe, *status*, grupos de idade, escolaridade, etnia, entre outros), também se pautam pelo afeto e emoções, principalmente a paixão. Ou, e interessa mais ao objetivo deste trabalho, que as escolhas estão perpassadas por qualidades femininas e masculinas vistas ou pressentidas nos/as parceiros/as, as quais são representadas como naturais dadas as relações de gênero que informam/conformam estas qualidades.

A constituição das uniões de namoro/casamento tem por referência a semelhança entre os/as parceiros/as, opinião mais freqüente entre homens e mulheres nos seus depoimentos, sem haver diferenças significativas entre solteiros/as e

homens sobre as atividades profissionais femininas, tanto da sua visibilidade como do seu valor, monetário ou moral, corroborando as considerações feitas a este respeito nesta investigação.

casados/as. Isto se revela em ter as mesmas opiniões, gostos parecidos, ambições, ser do mesmo meio. Ou ainda, ter um conhecimento prévio para iniciar a união, como demonstram os exemplos a seguir (mulheres à esquerda):

“Eu diria que [a escolha é] de acordo com o próprio ambiente que a pessoa frequenta. O ambiente é que vai dar as opções pra ela. (...) ...eu não suportaria namorar uma pessoa machista (rindo)” (Telma)

“Gostos comuns. Coisas que a gente gosta de fazer, por exemplo, cinema, teatro, leituras. Afinidades, pra mim, são essas coisas. Modos de ver as coisas. (...) Enfim, uma certa empatia, um certo diálogo.” (Jairo)

“Aí, geralmente, as pessoas (...) que eu me envolvi, que eu me envolvo, tem uma ligação com a minha, até a minha escolha profissional, né?” (Paula)

“Basicamente a gente tem aquela fase de conhecer um ao outro, e tal. E, quando a gente tem uma certa afinidade... Com ela foi assim também” (Nélio)

Estes critérios, acima, revelam as distinções/semelhanças sociais a partir do grupo/meio de inserção dos indivíduos, e que estão presentes, também, na escolha dos/as parceiros/as das uniões de namoro/casamento, ou seja um *ethos* e um gosto incorporados/exteriorizados, ou o *habitus*¹⁰⁷. Para mim, os que se seguem abaixo, se demarcam pela expectativa de qualidades atribuídas de gênero, ou fogem delas indicando mudanças na formação dessas uniões¹⁰⁸. As mulheres parecem ser mais exigentes e divididas entre o novo e o velho do comportamento masculino, enquanto os homens recorreram com mais frequência ao que se convencionou como feminilidade.

¹⁰⁷ O conceito é discutido no Capítulo 1 deste trabalho, onde *habitus* é definido enquanto um sistema de disposições duráveis com base na socialização, sendo ao mesmo tempo interioridade e exterioridade da posição e condição de classe (Bourdieu, 1982a). Segundo Bourdieu (1983b, p. 75) “...a simpatia, a amizade e o amor (...) também [estão] dominadas pela estrutura objetiva das relações entre as condições e as posições que perpassa a harmonia dos *habitus* ou, mais precisamente, dos *ethos* e dos gostos (sem dúvida pressentido a partir de índices imperceptíveis da *hélix* corporal).” Romano (1987, p. 47) esclarece que o “gosto” é a estética, e o “*ethos*” é a ética, realizados, sendo ambos os conceitos constitutivos do *habitus*.

¹⁰⁸ Esta separação dos critérios de escolha dos/as parceiros/as entre aspectos mais gerais informados pelo *habitus* das qualidades masculinas e femininas, não implica que estas qualidades não sejam incorporadas enquanto disposições duráveis para as ações e representações, e portanto informadas também pelo *habitus*. O sentido da separação é apenas para reforçar o objetivo de verificar igualdade e desigualdade de gênero que se baseiam nestas classificações. Relembro aqui a definição de Scott (s/d) de que o gênero é a forma elementar de significar poder.

Assim, os homens apresentaram, com menor variação, e também maior dispersão, as seguintes considerações: a doação; a inteligência intuitiva/ou para a vida; saber ouvir; e, a admiração pelo que eles fazem profissionalmente. O exemplo abaixo, na minha opinião, sintetiza estas características apontadas de formas diferentes por outros entrevistados:

“...Eu sempre fui fascinado pela beleza¹⁰⁹. Então eu procuro beleza. Normalmente, quanto ao aspecto inteligência, eu só não gosto que confunda com muitos conhecimentos, com intelectualismo. (...) eu fico bastante interessado quando a mulher, quando ela tem a capacidade de perceber as coisas. Inclusive de ouvir o que eu estou falando. (...) aquele pensamento, sentimento que é mais, que é mais intuitivo na... em qualquer pessoa em geral, mas na mulher faz uma atração especial. (...) uma coisa mais intuitiva, mais sentimento.” (Vítor)

Quanto às mulheres, elas apresentam uma gama maior de critérios que, apesar de dispersos nas suas falas, concentraram-se em: compartilhar/trocar experiências igualmente/compreender¹¹⁰; e, respeitar a profissão delas - aspectos que considero resultantes do desejo de mudanças do comportamento masculino por estas mulheres; qualidades de caráter: bondade, justiça - que me parecem ligadas ao papel de provedor/pai do homem¹¹¹. Na coluna da esquerda os exemplos que indicam a reciprocidade e respeito, e na da direita, os que enfatizam o caráter:

“...realmente, relacionamento a dois é você ter que abrir mão. Não é abrir mão completamente, é uma troca.” (Carla)

“...não só, vamos dizer, uma pessoa fazer pela outra, mas duas fazem uma pela outra.”

“E também, é, o caráter dele mesmo. Ele sempre foi uma pessoa muito boa. Ele sempre gostou muito de ajudar os outros, entendeu?” (Alba)

“É... é... ele assim, gosta muito de criança.”

¹⁰⁹ Chamo a atenção para o critério de beleza que será também discutido mais adiante.

¹¹⁰ Um dos atributos considerados femininos é a fraternidade/coletivização, contraposto ao individualismo masculino (Albernaz & Quadros, 1993, p.14). Neste sentido, considero que na fala das informantes o desejo de ver estas qualidades de compartilhar/trocar experiências igualmente/compreender, nos seus parceiros, remete mais às características femininas de fraternidade/coletivização, do que ao individualismo masculino, e assim expressa um desejo de mudança nas relações de gênero, mesmo que inconsciente.

¹¹¹ Luz (1982, p. 15) ressalta que estas qualidades (bondade, justiça), geralmente femininas, são exigidas para ser “um bom” pai

(Juliana)

Você via assim, via... gosta mesmo. Então eu queria um pai que fosse companheiro. Que participasse. E ele era isso tudo.” (Laura)

“...a profissão que eu escolhi, seria algo primordial. Seria muito difícil me relacionar com uma pessoa que não conseguisse ver a importância do estudo que eu faço.” (Telma)

Dado a dificuldade, para uma parte dos informantes, em expressar os critérios pessoais de escolha dos/as parceiros/as, no decorrer da entrevista indiquei alguns de acordo com as associações de qualidades masculinas e femininas a homens e mulheres respectivamente, e que são mais freqüentes em nossa sociedade: beleza - feminina; inteligência e trabalho - masculinas¹¹².

A **beleza** é vista como um fator de atração inicial, mais freqüente para os homens do que para as mulheres. Mas ela não define a constituição da união para ambos.

A **inteligência** foi considerada uma qualidade muito importante no momento da escolha das suas parceiras, mas sem tecer considerações sobre o conceito em si, para a maioria dos homens que responderam a esta questão. Entretanto, alguns deles colocaram definições pessoais sobre a inteligência da parceira a ser escolhida, tais como: ser compatível com a sua própria inteligência; ser uma inteligência intuitiva; ou simplesmente não ser fútil, o que implica numa concordância com eles e de fato “compreendê-los”, remetendo à feminilidade. Quanto às mulheres, elas distribuem-se igualmente entre desejar que o parceiro seja simplesmente inteligente, ou haver compatibilidade entre a inteligência dela e a do parceiro.

Homens e mulheres, ao se referir ao **trabalho**, consideram-no muito importante como um critério de escolha dos/as parceiros/as das uniões de namoro e

¹¹² Tal indicação não se deu em todas as entrevistas, mas apenas para aqueles/as que tiveram esta dificuldade. Conseqüentemente, as respostas sobre estes itens sempre serão inferiores a dez opiniões para homens e mulheres. Dado também a maior resistência dos homens, elas foram mais freqüentemente sugeridas a eles.

casamento. Mas eles/as diferem em dois aspectos: os homens cresceram que as parceiras terem qualquer atividade, seja de estudo ou seja política, é bom. Justificaram, afirmando que elas tendo uma atividade, não se acomodariam, estagnariam e assim, haveria a possibilidade de troca e fluência nas conversas. As mulheres enfatizaram como importante, que o parceiro tenha uma dessas ocupações trabalho/estudo, justificando-as como fonte de realização pessoal, no sentido de gostar do que se faz, assim possibilitam uma felicidade pessoal. De maneira que elas mostram-se respeitadas das atividades profissionais dos parceiros, enquanto eles parecem mais interessados nas implicações do trabalho da parceira enquanto possibilidade de compreendê-los (não estagnar, entender o que eles dizem)¹¹³.

Dois exemplos se destacam do restante do grupo por colocar o respeito às diferenças de personalidade e/ou ser um atrativo para constituir o relacionamento. Estas pessoas têm em comum o fato de serem casadas, bem como, a idade, mais elevada do que a faixa etária mais freqüente no grupo estudado. Veja-se os exemplos:

“Ele é uma pessoa bem tranqüila, bem alegre, bem satisfeito, brincalhão, sabe? Então isso tudo me agradava. E por ser uma pessoa retraída. Eu sempre fui uma pessoa mais calada, mais tímida...” (Alba)

“Enfim, cada um vive o seu mundo e nos encontramos em casa. No nosso mundo. Então, cada um tem o seu mundo e cada um respeita a parte do outro.” (Nilton)

Por fim, sobressai-se do grupo como um todo, um caso que se remete apenas à escolha de um parceiro atual, mas cujo relacionamento encontra-se em crise. As características referidas para a escolha são; romantismo; prestígio; poder e *status*. Assim, caracteriza o extremo do ideal do homem provedor, e que remete a permanência

¹¹³ Esta situação parece-me semelhantes àquelas assinaladas por Scott, R. P. (1994) já referidas na nota 20 acima.

de aspectos tradicionais da personalidade masculina, ainda que restrito a um único caso.

Portanto, o conjunto desses critérios, apresentados pelos informantes espontaneamente, mostra a diversidade de razões consideradas no momento da escolha dos/as parceiros/as, pelos/as entrevistados. Os aspectos relacionados ao gosto e ao *ethos* segundo o *habitus* que se expressam, na fala dos informantes, em gostos comuns, freqüentar o mesmo ambiente, e a convivência, têm um peso importante nas escolhas dos/as parceiros/as, para o grupo estudado,

Às características acima estão ligadas qualidades masculinas e femininas, que tendem a ser vistas como naturais na sociedade como um todo, e que podem intervir na construção da igualdade entre os parceiros. Porém, os homens e principalmente as mulheres, estão em busca de outras qualidades que indicam o desejo de uma relação mais igualitária, como já está apontado nas discussões anteriores (atividades domésticas, criação/socialização dos/as filhos/as, articulação profissão/afetividade). Neste sentido, mantém-se um nível de exigência maior delas quanto aos parceiros, que sugere um dilema expresso, inclusive, no fato de nesta amostra, predominarem mulheres desacompanhadas, como também no fato destes homens ainda idealizarem, freqüentemente, as mulheres dentro de uma rol de qualidades femininas que embasam as relações de poder e as desigualdades entre os sexos.

Por fim, no seu conjunto, os dados sugerem que o ideal de complementaridade entre os sexos permanece importante para os/as informantes, nos termos da amostra estudada, principalmente quando se observa as opiniões de homens e mulheres acerca dos critérios por mim indicados: beleza, inteligência, trabalho: a beleza atrai, principalmente os homens; a inteligência se transforma em ser boa ouvinte e compreensiva para alguns homens, ou seja uma inteligência “feminina”. Para as

mulheres, esta é uma qualidade apresentada sem uma definição pessoal que indique ser masculina ou feminina; e, o trabalho, se para eles remete à igualdade, sem mencionar a valorização do que as mulheres fazem, para elas é a realização pessoal do parceiro. Por sua vez, se são as mulheres que articulam as demandas afetivas com as profissionais, isto vem reforçar a qualidade de compreensão que delas é exigida. De maneira que a lógica da complementaridade, tendo esta qualidade como referência mais feminina do que masculina, implica numa desigualdade pela sobrecarga de trabalho daí resultante para as mulheres e pela interferência no contexto do seu investimento profissional¹¹⁴.

Por isso mesmo, tão poucos/as entrevistados/as colocaram o respeito às diferenças de personalidade, pois é como se houvesse um encaixe nas peças do quebra-cabeça da complementação a partir das qualidades diferenciadas de masculino e feminino. Acima de tudo deseja-se viver harmoniosamente. O conflito do poder e hierarquia das relações de gênero deve se tornar residual, ou não manifesto quando se trata de escolher os/as parceiros/as ideais das uniões afetivas.

b) a dupla moral

A discussão da dupla moral, como anteriormente definida, tem a intenção de perceber mudança/permanência sobre os valores de fidelidade e sinceridade¹¹⁵. Sem esquecer que a separação, desta discussão daquela sobre autonomia, tem mais a finalidade de facilitar a exposição, já que são temas em permanente interação nas

¹¹⁴ Quero deixar claro que a idéia da complementaridade não se constitui na minha referência analítica das relações entre homens e mulheres, mas que esta idéia eu identifico como subjacente na fala dos/as entrevistados/as, a partir das qualidades femininas e masculinas que eles/as aceitam, a qual sustenta uma desigualdade entre homens e mulheres no contexto desta pesquisa. Para uma discussão de complementaridade entre os sexos, ver Batinder (1986), que toma esta noção para uma análise evolutiva destas relações. Para a autora o ideal é que homens e mulheres se complementem, porém ela critica a distribuição desigual de poderes entre os/as mesmos/as. Saffioti (1992, p. 193) critica Batinder porque a noção de complementaridade que ela utiliza não comporta o sentido relacional dos poderes entre os sexos, possibilitando concluir que existiu um patriarcado absoluto com o poder sendo exclusivamente masculino.

¹¹⁵ Remeto para a nota 16, onde é delimitada a idéia da dupla moral.

uniões de namoro/casamento, pois são valores relacionados ao exercício da sexualidade, vividas desigualmente por homens e mulheres.

No que se refere à **fidelidade**, os homens aqui entrevistados se dividem igualmente entre duas posições: na primeira delas, eles se consideram fiéis e não perdoariam a infidelidade - situação predominante; e, na segunda, um minoria deles consideram a fidelidade um valor importante, mas é um valor relativo e pode ser perdoada. Os dois exemplos mostram as situações, respectivamente:

“Olhe, eu acho que eu sou muito fiel, sabe? (...) Não sei se eu aceitaria infidelidade, eu acho que não. Eu não sou muito de digerir isso não, sabe? Aquele ainda... o mito do corno, ainda é uma coisa, eu acho que me doeria muito, sabe?” (Orlando)

“Ela é um valor que as pessoas têm, mas que vêm... vêm aquela coisa de forma diferente. Prá você ser infiel, até ali, aquilo ali é ser infiel. Prá mim já pode ser que não seja infidelidade. (...) Já, já vivi, mas foram solucionadas. Quer dizer, não houve rompimento não.” (Jairo)

Somente para um dos entrevistados, há a possibilidade mútua de um envolvimento com uma terceira pessoa. Tal prática se dá na união homossexual, classificada como fugindo ao modelo heterossexual pelo próprio informante. O envolvimento fora do casamento transforma-se em infidelidade para ele, quando o mesmo se aprofunda, ou seja leva a questionar a continuidade da relação tida como principal.

Quanto às mulheres entrevistadas, a posição mais freqüente no que se refere ao valor fidelidade é que ela tem que ser praticada por ambos, pois revela o respeito mútuo entre os pares. Há apenas uma clara referência, por uma das informantes, à dupla moral sexual: o homem considera-se no direito de ser infiel, mas não admite que as mulheres lhes sejam. Veja-se os exemplos a seguir (na coluna um sobre respeito mútuo, na dois sobre dupla moral):

“Até agora nós nunca... nunca tivemos esse tipo de problema. Que eu saiba, nunca! (risos) Porque eu acho importante. Faço muita

“Os homens fazem sempre isso. Eles conseguem separar sexo de amor. Mas, é uma coisa só prá eles. (...) Mas, a partir do

questão disso. E ele também acha importante. (...) Porque eu acho que... não vejo muito sentido num casamento onde existe traição” (Alba)

momento que encontram uma mulher que consegue também, então a coisa já muda de figura, entendeu? Nesse aspecto o homem é muito egoísta. (...) Eles são bem ciumentos e bem machistas. Mas prá mim, quanto a mim, a fidelidade é importante. (...) Quando eu soube, realmente, que houve uma traição, certo? o relacionamento acabou.” (Inês)

Apenas uma das entrevistadas define a fidelidade como sendo sinceridade. Assim, nos seus relacionamentos, há a possibilidade mútua de envolver-se com uma terceira pessoa, veja-se o que ela diz:

“Eu acho que fidelidade é sinceridade. Porque, inclusive, eu acho que nada é eterno, sabe? Eu acho que até o amor acaba, e você exigir uma fidelidade física prá satisfazer uma noção de comportamento, uma posição de comportamento, e não questiona a infidelidade psicológica, mental, que a pessoa deseja outra, tá entendendo? Então essa fidelidade eu, realmente, não sou adepta.” (Paula)

O valor da **sinceridade** foi colocada como muito importante nos depoimentos de homens e mulheres. Para ambos ela está relacionada à questão da fidelidade. Para aqueles/as que perdoam ou permitem um outro envolvimento é fundamental que não seja escondido. Apenas um dos homens entrevistados, colocou que a sinceridade deve ser evitada quando puser em xeque a continuidade do casamento. Apenas uma mulher colocou que, às vezes, é melhor mentir do que magoar o outro. Em ambos os casos não havia associação com outros envolvimento afetivos.

Os resultados indicam a tendência de romper/questionar a dupla moral sexual: mulheres e homens são colocados num plano de igualdade quanto à fidelidade e à sinceridade mútuas, para a maioria do grupo.

Esta mudança na dupla moral, porém, não implica na prática da liberdade sexual¹¹⁶, antes sugere a adoção de valores morais mais rígidos quanto à fidelidade

¹¹⁶ A revolução sexual dos anos 60 está interrelacionada com o surgimento do feminismo como afirma Goldberg V. Cruz, (1982).

masculina e feminina, a qual se junta o compromisso da sinceridade recíproca. De maneira que a fidelidade é um direito individual, e mesmo implicando numa separação, não envolve um julgamento moral contra as mulheres exclusivamente, mas é também estendido aos homens. Os casos em que a infidelidade mútua é consentida são limites, e além disso as práticas da infidelidade descritas aqui, considerando-se a ótica dos/a informante, são diferentes entre si incrementando seu sentido particular para cada entrevistado/a, o que evidencia ainda mais que tal prática é minoritária dentro do padrão de namoro/casamento, que se esboça nesta investigação.

c) autonomia

A noção de autonomia¹¹⁷ envolve muitas sutilezas, os limites do que é ou não autonomia de um frente ao outro, são tênues e dialeticamente intrincados, principalmente tendo em vista que a autodeterminação de cada indivíduo interfere na do outro, nas relações interpessoais. Assim, a autonomia é reveladora da relação de poder entre os pares, conferindo maior complexidade à discussão. Considerando estes aspectos e dado os objetivos que me impus nesta investigação (traçar assimilações com as representações do feminismo), escolhi a forma como as decisões¹¹⁸ são tomadas dentro das relações afetivas de namoro/casamento; a independência pessoal; e o exercício da sexualidade (“meu corpo me pertence”). Noto que os/as entrevistados tenderam muito mais a proceder uma autoavaliação de como são tomadas as decisões dentro de tais uniões, do que a uma descrição minuciosa das práticas que envolvem as mesmas - mas que se deixam entrever ao longo dos discursos.

A tendência predominante nas falas dos/as entrevistados/as, segundo a minha interpretação, é colocar que **as decisões** são tomadas com base no diálogo para

¹¹⁷ Conforme é definida na nota 3, acima.

¹¹⁸ Decisões sobre atos, ou a constituição de projetos em comum que permitem o andamento das referidas uniões.

se chegar ao consenso¹¹⁹: uma posição que satisfaça aos dois lados, tanto para os/as solteiros/as como para os/as casados/as. A fala dos homens revela menos variações, sendo enfática quanto à igualdade dos/as parceiros/as, mas, o conflito subjacente às discussões deste teor não transparece. Veja-se o seguinte exemplo:

“De igual para igual. Eu acho que no sentido de que cada um vai dar sua opinião. Agora, se um dos dois não está a fim de fazer que não seja feito.” (Alberto)

Como também, porém menos freqüente, de que são eles, alguns dos homens aqui entrevistados, que tendem a tomar as decisões, ou então que as suas parceiras o fazem, como mostram, respectivamente, os dois exemplos:

“Olhe. Eu forço a barra. Às vezes, eu sou de forçar a barra, sabe?. (...) É minha natureza. Sei que tá errado isso, mas é minha natureza. Assim, e eu nem me esforço muito prá mudar isso, sabe?” (Orlando)

“Olha, geralmente parte dela, né? (...) Mas, a maioria das vezes é ela que toma a iniciativa. (...) É, tudo tem um acordo, né?” (Mário)

As mulheres, enfatizam nas suas falas, que as decisões iguais no relacionamento é uma conquista, a qual pode se dar pelo amadurecimento pessoal ou conseguindo que os/as parceiros/as aprendam a ceder nas suas posições. Destarte, as informantes expressam o conflito e o poder que envolve estas decisões, de maneira consciente ou não. Os exemplos a seguir demonstram o sentido de conquista dessas atitudes:

“Não, hoje em dia a gente decide as coisas juntos. No começo ele tinha a tendência de querer decidir tudo sozinho. Mas aí eu não... eu chiava, sabe? Eu chiava. Mas agora a gente já decide, as grandes decisões, a gente já decide juntos. (rindo)” (Alba)

¹¹⁹ Consenso, como já defini, implica em antagonismos que são solucionados mediante uma relação que envolve poder e conflito, pois cada parceiro/a há que se ceder dentro de suas posições iniciais, para se chegar a ele (o consenso). Nesse sentido do consenso, concordo com Velho quando ele diz: “...há que entender os diferentes contextos em que são desempenhados os papéis para perceber a gramática e lógica do comportamento individual, inclusive as possíveis incompatibilidades e contradições.” (Velho, 1987, p. 31). Por sua vez Bourdieu (1983c), parte do pressuposto de que todas as relações humanas são conflituosas, pois se desencadeiam dentro de campos de poder.

“Eu acho que quando eu era mais nova (...) então a gente deixava que ele tomasse a decisão. (...) Mas eu acho que por uma questão de inexperiência. (...) Hoje em dia é tudo questionado mesmo. Se um cede, o outro tem que ceder um pouco.” (Inês)

A **independência pessoal** é aqui indicada pela possibilidade de sair sozinho/a para atividades de lazer e revela, pelo menos em parte, o aspecto da autodeterminação, e assim a autonomia dos/as parceiros/as dentro das uniões de namoro/casamento.

O comportamento preponderante, nos casos investigados, é de o casal sair junto para as atividades de lazer, na maioria das vezes, independentemente de casamento ou namoro. Como também, na maioria destas uniões existe a possibilidade de os/as parceiros saírem sozinhos para o lazer, tanto sendo solteiros/as ou casados/as. Porém, constituem exceções, dois homens que proibem direta ou veladamente, as suas parceiras de saírem sozinhas para atividades de lazer. Os exemplos abaixo exemplificam esta situação, sendo o da primeira coluna o que proíbe de forma direta, e o outro de forma velada:

“A questão de ir para uma festa eu não admito mesmo. Eu ficaria extremamente ‘puto’ de raiva! Peraí, também, né? Nem eu também admitiria, eu sair sozinho assim.” (Alberto)

“Ela sempre arruma um jeitinho: “Eu vou só” (risos) Aí eu acabo indo junto...” (Mário)

Como também, apenas em dois casos a liberdade de sair sozinho foi uma conquista de seus/suas parceiros/as, do/a entrevistado/a dentro da união, como mostram os seus depoimento:

“No início do casamento me incomodava muito. Porque eu queria ir também. Mas ele saía com os amigos dele e não me levava. Ele dizia: ‘não me incomoda que você saia com seus colegas também.’ (...) Hoje ele não sai tanto, mas não me incomoda mais não” (Alba)

“Tinha o grupo dela. Ela queria sair, eu achava isso uma coisa... Não era digerido por mim não. Embora eu não impedisse. Eu dizia: ‘vamos sair os dois? você não vai sair com seu grupo? Eu vou também! Quando eu sair com meu grupo você vem também!’ Naturalmente ela [a esposa] dizia não! Mas como eu disse, minha capacidade de digerir é muito grande, rapidamente eu tava noutra...”

(Orlando)

No que se refere ao **exercício da sexualidade**, tomo como referência a escolha dos/as parceiros/as pelos/as informantes a partir da experiência sexual precedente¹²⁰. O que pode ser sugestivo do controle sobre a sexualidade feminina, e por outro lado da preocupação das mulheres em procurarem parceiros experientes, e assim um possível desejo de desenvolver sua sexualidade.

Os homens afirmaram, predominantemente, que a experiência anterior da parceira não tem importância, inclusive não influenciando nas suas escolhas. Dois deles se referiram à necessidade de uma experiência sexual para facilitar as trocas de experiências dentro das uniões de namoro/casamento. A virgindade, porém, ainda é um símbolo de conquista, ou critério para escolha da futura esposa, embora não seja para escolha de namoradas. Os exemplos a seguir tentam ilustrar a variedade dessas três situações:

“Ah! Não! É indiferente. Tanto faz, pode ter, pode não ter. (...) Inclusive eu me relacionei com pessoas que tinham muita ou que não tinham nenhuma experiência sexual.” (Jairo)

“No que me concerne, é até melhor que tenha muita (rindo). Não, eu tou brincando. Mas assim, não, não faz a menor diferença pra mim. (...) Eventualmente, vamos dizer, eu falo de... por exemplo, dela ter experiência, é bom porque tem o aspecto de que ela sabe coisas, quer dizer, a gente pode trocar experiências (...) seria bom pra ela pessoalmente.” (Ivson)

“[a virgindade] é um tipo de conquista, mas... Se acontecesse seria apenas uma conquista. Não seria uma coisa mais forte em termos de relacionamento, não seria uma exigência não.” (Vítor)

“Se eu é... digamos, eu pretendo me casar com uma mulher virgem. Não tou dizendo que eu vá casar com uma mulher virgem, certo? Então... uma pessoa virgem, é uma pessoa que não tem

¹²⁰ A propósito de valores machistas Drummond (1982) afirma que: “o papel tradicional feminina, isto é, na sexualidade é voltado para a reprodução e para uma possível resposta à sexualidade masculina.” (Drummond, 1982, p.79). Por isso, limitei a discussão da sexualidade apenas a este aspecto da experiência sexual prévia dos/as parceiros/as, mas entendo que ela envolve fatores muito mais profundos, que por si só daria uma outra investigação, além do que havia que considerar os próprios limites deste trabalho que persegue uma investigação das representações do feminismo.

*experiência sexual, né?
Então a experiência sexual
não é importante.” (Nélio)*

No depoimento das mulheres predomina a opinião de que a experiência sexual não é um critério de escolha dos parceiros. Entretanto, considero importante duas opiniões diferentes entre si sobre a experiência sexual dos parceiros: a primeira das opiniões, expressa como importante que o parceiro desperte o desejo sexual da mulher. Tal fato, pode demonstrar a preocupação das mulheres em desenvolver a sexualidade, e assim ter um controle sobre o seu corpo, apontando para mudanças, ainda que seja uma exceção.

Na segunda opinião as entrevistadas demonstram a preocupação com a iniciação sexual, pois pode trazer problemas no relacionamento quando o parceiro não se mostra paciente e respeita a opção de permanecer virgem, interferindo na segurança para iniciar a vida sexual. Ou seja, o descompasso de experiências, entre a mulher e o homem, é que pode trazer conflitos para o relacionamento (primeira coluna), como também a virgindade ainda se mantém como uma conquista para os homens na opinião das próprias mulheres. Veja-se os depoimentos:

“Pesa um pouco (...) por exemplo, prá mim foi complicado. Eu acho que também pelo fato dele já ter experiência sexual... Então, ele já estava acostumado com um patamar de relação e eu estava começando de outro patamar (...) custei a resolver isso na minha cabeça (...) minha família é muito conservadora, é um absurdo a mulher perder a virgindade. (...) é você assumir que é mulher mesmo! (...) você assume a sua sexualidade, você assume você mesmo!” (Carla)

“Mas... é... geralmente... é... quando, por exemplo, o namorado fica sabendo de uma coisa dessa, ele fica doido, digamos assim, né? prá ser o primeiro, como se diz. Mas pressionada, pressionada, não. É como eu já lhe disse... (...) vai ter que ser um... eu tá muito apaixonada, como se diz, prá poder dá certo.” (Simone)

Portanto, a autonomia dos/as parceiros/as das uniões afetivas se revela cheia de nuances e contradições, principalmente para os homens aqui considerados. A percepção do conflito não é muito clara para a maioria dos entrevistados, que interpreto

como tendo, pelo menos, duas razões: em parte devido a hierarquia e poder das relações de gênero que envolve as decisões e liberdade pessoal dentro dessas uniões, e conseqüentemente questiona o poder masculino, e assim tendo como parâmetro o desejo de igualdade eles não revelam o conflito em que a construção desta igualdade implica. E por outra parte a constituição destas relações com base na complementaridade, sugerida pelas qualidades femininas almejadas para as suas parceiras, principalmente a compreensão, coloca a desigualdade como premissa desta união que se reflete na maior responsabilidade das mulheres na articulação da esfera afetiva e profissional, de maneira que os conflitos para a consecução da autonomia dos/as parceiros/as são menos evidentes, e também mais evitados, já que põem em jogo o poder e a autonomia masculina na esfera profissional, e conseqüentemente menor envolvimento com a esfera afetiva.

As mulheres entrevistadas, pelo sentido de ruptura de valores que caracteriza o comportamento feminino nas últimas décadas (em parte conseqüência do feminismo, por outra parte devido a inserção delas no mercado de trabalho, que vem se revelando durável, entre outros fatores), colocam mais claramente que decidir junto/chegar ao consenso, e assim, alcançar a liberdade e igualdade é uma conquista. Ainda que não seja consciente - nas suas falas - o sentido de mudança que empreendem nas relações de gênero e rupturas de poder/hierarquia que elas implicam. Talvez porque, para as entrevistadas também se coloca o ideal da representação de complementaridade das uniões de namoro/casamento, e assim este conflito no redimensionamento do poder e da autonomia dessas mulheres acaba sendo representado em “saber ceder”, não sendo possível afirmar se são elas que cedem mais neste processo, até mesmo para por em pauta a continuidade das suas uniões, e porque são elas que devem compreender.

A virgindade, para um grupo menor de homens, ainda remete a valores machistas de um lado satisfazer o ideal de pureza da esposa/mãe; de outro, realizar-se como sedutor/conquistador. Para algumas mulheres a iniciação sexual recobre-se de dúvidas e incertezas, por implicar em: ruptura com os valores morais da socialização primária; idealização do parceiro; sentirem-se alvo da sedução/conquista; receio de decidir-se antes da hora. Mas a grande maioria delas não se mostram preocupadas com a experiência do parceiro, sugerindo uma timidez no exercício da sexualidade, ainda que demonstrem um relativo controle sobre o seu próprio corpo, já que a virgindade parece desvalorizada nas representações masculinas. De qualquer forma, é também possível sugerir que neste campo as mulheres não se mostram muito confiantes, pois permanecem dúvidas quanto ao “momento” de iniciar a vida sexual, tanto no que se refere a ser o parceiro “certo”, quanto à maturidade da decisão. Cruzando as informações dos homens que vêem a virgindade como conquista, com as dúvidas dessas mulheres, cabe interrogar se não há “pressa” da parte deles, aumentando as dúvidas da parte delas, colocando para o exercício da sexualidade livre das mulheres uma nova desigualdade, que se consubstancia em ser experiente sexualmente sem que haja com quem iniciar a vida sexual. Pois, se eles se apressam elas se retraem, se elas ainda não sabem, eles não querem o ônus da espera da decisão autônoma e processual. O que indica a necessidade de aprofundamento desta questão em estudos posteriores.

Assim, quanto à autonomia, as atitudes tradicionais e novas são mantidas na prática das uniões de namoro e casamento, como se deu nas discussões anteriores. De um lado deseja-se a igualdade/liberdade dos pares, mas o *habitus* das relações de gênero, torna subliminar nas suas falas, as disputas conflituais na ruptura de poder que envolve estas relações. A representação dos atributos masculinos/femininos como complementares e idealizados em relações afetivas harmoniosas evidencia a

contradição entre o desejo de feminilidade/masculinidade essenciais, com o ensejo de novas práticas nas relações afetivas. O que sugere uma associação com as idéias do movimento feminista, naquilo que transparece de mudança nestas falas, em relação as quais homens e mulheres se mostram diferentemente permeáveis.

d) métodos contraceptivos

No que se refere aos métodos contraceptivos o feminismo propõe, em que pese as suas diferenças internas: primeiro, que seja uma responsabilidade conjunta dos/as parceiros/as dentro das relações de namoro/casamento - desde que preservado o controle do seu corpo pela mulher; e segundo, reivindica a pesquisa de novos métodos para o uso masculino. A escolha e uso de tais métodos se associa com a igualdade entre os parceiros na divisão das responsabilidades sobre a reprodução (Michel, 1982; Rohden, 1995). Também se relaciona com a saúde reprodutiva da mulher, pois alguns métodos trazem seqüelas a curto e longo prazo - a exemplo da pílula anticoncepcional, o que se desdobra na necessidade de contar com a solidariedade masculina, em alguns casos, para que a reprodução seja controlada sem riscos¹²¹.

A forma de partilhar essa responsabilidade é um aspecto que se soma às relações e aos significados do poder entre os/as parceiros/as. Porém, reveste-se de invisibilidade por sua relação com a biologia, facilitando a naturalização de sua representação enquanto uma responsabilidade exclusiva da mulher. Assim, justifica a pertinência de investigar como estas responsabilidades vêm sendo distribuídas dentro das relações de namoro/casamento.

¹²¹ A problemática atual sobre contracepção se complexificou, dado os limites de ser defendida no campo da autonomia feminina “meu corpo me pertence”. Assim, Oliveira, E. M. (*apud* Rohden, 1995, p.17-18) propõe sua discussão enquanto direito reprodutivo que engloba: saúde da mulher, cidadania, democracia, transcendendo o âmbito da reprodução humana, sendo visto então, enquanto direitos humanos. Ver também Corrêa, S. (1989) e Ávila (1989), que defendem posições semelhantes.

Agregando a informação das mulheres com a dos homens (sobre o método usado por suas parceiras) o resultado é a predominância do uso da pílula anticoncepcional no grupo estudado. A escolha do método, dentro das uniões de namoro/casamento, se dá isoladamente pelas mulheres, segundo elas mesmas, e na opinião dos homens sobre as suas parceiras, para a maior parte do grupo.

Agora, vendo apenas as mulheres entrevistadas, há uma distribuição equilibrada entre o uso da pílula e o da tabela¹²². Um pequeno número delas mencionam a participação dos seus parceiros nesta decisão, entretanto a escolha balizada segundo a opinião do/a ginecologista é discretamente mais freqüente.

Destaca-se entre as mulheres entrevistadas uma que tem consciência da isenção da responsabilidade masculina na contracepção, colocando-se criticamente sobre este comportamento. Outro caso relevante é de uma mulher que, quando da escolha do método, o parceiro vetou uma das opções.

Os homens entrevistados¹²³ utilizam apenas o preservativo, tendo mais de uma motivação: evitar Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's); evitar gravidez; e, a situação mais freqüente, evitar as duas conseqüências. O primeiro motivo revela uma iniciativa deles, porém esta motivação não se relaciona com a contracepção. Os dois motivos seguintes sugerem consciência sobre a responsabilidade masculina na contracepção, pelos homens entrevistados, mas, para maioria dos casos, ela se dava como uma resposta às exigências das parceiras.

¹²² O método comumente chamado de tabela, é aquele que acompanha o ciclo menstrual para identificar o período de ovulação feminino, no qual devem ser evitadas as relações sexuais com penetração. Caso aconteçam relações neste período deve-se lançar mão do preservativo e/ou diafragma e/ou espermicida, como também do coito interrompido. Nestes casos o método passa a ser denominado de tabela associado a preservativo e/ou diafragma, e assim por diante. (Berkow, R. & Fletcher, A. J. 1989, p. 1915-1924)

¹²³ Um homem se recusou a responder a questão por considerá-la muito íntima.

Uma minoria de homens que decidem conjuntamente com suas parceiras, independente do uso do preservativo, afirmam que cabe a tais mulheres a última palavra sobre que método utilizar.

Existem dois casos limites em que o homem decide o método contraceptivo sozinho. Dentre eles um usa preservativo apenas com mulheres com as quais mantém relação sexual eventualmente, tal uso tem a finalidade profilática. Já com as namoradas, este homem faz uso da tabela associada ao coito interrompido, justificando-o por não gostar do preservativo - assim coloca em evidência o controle do corpo feminino. O outro não admite o contato sexual se não for com preservativo.

No que se refere ao método utilizado pela maioria do grupo investigado os dados revelam que a responsabilidade da contracepção recai sobre as mulheres e isto é revelado pela maior incidência do uso da pílula anticoncepcional. A predominância da decisão isolada na escolha do método pelas mulheres, mostra que a participação masculina no controle da reprodução ainda é muito pequena, confirmando que a percepção do homem é de que esta seria uma responsabilidade da mulher, dado o funcionamento da sua biologia.

O uso do preservativo pelos homens está perpassado pela prevenção das DST's, dentre elas a AIDS, cabendo questionar a consciência da responsabilidade contraceptiva por parte deles, e reforçando as conclusões anteriores. Da mesma forma, os exemplos masculinos de decisões isoladas sobre o método contraceptivo revelam o controle do corpo feminino, como também a preocupação com a prevenção das DST's. Vale salientar que as mulheres, até mesmo por se voltarem mais, nas suas falas, para o aspecto contraceptivo dado a possibilidade de uma gravidez quando de uma relação sexual, se mostram mais omissas quanto a prevenção a DST's.

Neste sentido, mantém-se atitudes ambíguas sobre a responsabilidade da contracepção, de um lado algumas iniciativas masculinas de compartilhá-la igualmente,

de outro a maior parte deles que, mesmo sentindo-se relapso, deixam ao encargo das parceiras a iniciativa do controle reprodutivo.

4.3 - ABORTO: opiniões e justificativas

A abordagem da temática do aborto neste capítulo deve-se a duas razões: estar relacionada com métodos contraceptivos, sendo o último recurso para interromper uma gravidez indesejada e conseqüentemente do controle sobre o seu próprio corpo; e também ser uma das principais e mais difíceis bandeiras de luta do movimento feminista (Michel, 1982; Goldberg V. Cruz, 1982; Alves, 1980; Rohden, 1995)¹²⁴. De maneira que, além de sua relação direta com as propostas feministas, o interlocutor desta polêmica com a sociedade de forma evidente, também relaciona-se com a autonomia feminina sobre a contracepção.

O Quadro 4, abaixo, mostra as posições dos/as entrevistados/as sobre o aborto:

QUADRO 4 - Opiniões sobre o aborto dos/as entrevistados/as*

OPINIÕES SOBRE O ABORTO	HOMEM			MULHER			TOTAL
	física	história	total	física	história	total	
CONTRA	2	2	4	1	-	1	5
DEPENDE DO CASO	3	1	4	3	2	5	9
A MULHER DECIDE	-	2	2	1	3	4	6
TOTAL	5	5	10	5	5	10	20

Fonte: entrevistas, num total de 20, realizadas em 1994.

* Do conjunto das pessoas entrevistadas apenas uma mulher já realizou um aborto. Nenhum dos homens passou pela necessidade de ter que acompanhar a namorada/esposa na prática de um aborto.

Os dados deste quadro mostram que não há grande diferenças entre as opiniões dos/as entrevistados/as, no que se refere à temática do aborto, tendo em conta

¹²⁴ Quanto a importância da conquista do direito do aborto para as mulheres, segundo o feminismo, Michel (1982, p. 82), salienta que: “*Na medida em que ainda não há método anticoncepcional 100% eficaz, a dissociação entre sexualidade e procriação não se podia efetuar inteiramente sem que as mulheres obtivessem também o direito ao aborto.*”

os dois campos de inserção profissional. Mas existem diferenças significativas de gênero: apenas uma mulher é contra o aborto, todas as outras consideram-no uma possibilidade, distribuídas com certo equilíbrio entre ter condicionantes para a realização ou ser uma decisão, em última instância, apenas da mulher. Os homens se apresentam mais resistentes à prática do aborto, e os que admitem a sua realização concentram-se na opinião de ser favorável em determinadas condições.

As justificativas preponderantes daqueles/a contrários/a ao aborto são/é de cunho religioso e em qualquer situação, mesmo nos casos previstos em lei¹²⁵. Apenas um dos homens justificou sua posição por ser um humanista, e no caso de risco de vida da mãe, se ela optasse por interromper a gravidez, ele seria favorável.

Aqueles/as que consideram o aborto como uma possibilidade na situação de gravidez indesejada, condicionaram-no às seguintes circunstâncias: situação financeira; estado emocional e psicológico; e, condições de saúde do feto ou da mãe para que a mulher possa realizá-lo. Apenas um homem e uma mulher mencionam o estupro como justificativa para a realização do aborto, o que sugere a invisibilidade deste crime hediondo.

O último grupo constitui-se de homens e mulheres que colocam que a decisão é da mulher, aí incluindo-se a opção pelo aborto dado o momento da trajetória profissional, ou o desconhecimento do parceiro ou pai. Dentro desse grupo existem pessoas que são a favor de sua realização em qualquer condição. Esta posição se aproxima da reivindicação feminista que justifica o aborto porque o corpo pertence à mulher, e só ela é capaz de decidir se quer ou não ter filhos/as, em última instância.

Estes dois grupos de informantes são também favoráveis a descriminalização do aborto, desde que se formule uma lei que seja clara quanto: ao

¹²⁵ No Brasil o aborto previsto em lei se dá em dois casos: risco de vida mãe; e em caso de estupro comprovado.

tempo máximo de gravidez para a sua interrupção; às condições que justificariam a opção pela interrupção; aos profissionais que participariam na avaliação da situação em que se configurasse uma possibilidade de aborto, indicando-a para a mulher decidir. Também mencionam que a lei deve ser acompanhada de uma campanha sobre educação sexual e métodos contraceptivos para ambos os sexos.

As justificativas dos/as entrevistados/as para a legalização do aborto são de caráter moral e ético: é uma hipocrisia a proibição, pois é praticado por um grande número de mulheres; e, resulta numa desigualdade: quem paga faz em condições de higiene e com menor risco de vida, quem não paga arrisca a própria vida; por fim, propiciaria o enriquecimento ilícito de médicos/as e paramédicos/as.

Há dois exemplos limites no grupo estudado de duas mulheres que são favoráveis a realização do aborto, nos casos exclusivos de: saúde da mulher; situação financeira; e, estupro. Por outro lado, são contrárias a descriminalização por temerem que haja uma prática irresponsável do aborto, em detrimento do uso de métodos contraceptivos. Estas atitudes podem levar, segundo elas, a uma “libertinagem”.

Assim, as opiniões são bastante variadas mas pode-se considerar que existe uma tendência em aceitar, a realização do aborto pelo menos em certos casos como foi visto acima. Apesar de estarem distante da proposta do movimento feminista para o aborto (ser uma escolha da mulher, ter ou não filhos/as, em última instância), na maioria dos casos, o grupo estudado discute o tema em termos de condições de realização e mesmo de um questionamento sobre a legislação em vigor. O fato de encontrar uma gama de posições que vai desde a negação total até a aceitação incondicional, pode ser atribuído a uma maior discussão da sociedade sobre o aborto, na qual o feminismo se apresenta como um dos principais interlocutores da veiculação dessa polêmica.

É significativo o fato de as mulheres serem mais a favor do aborto que os homens, embora os fatores condicionantes não variem muito segundo o sexo. Apesar da maioria delas nunca ter passado pela situação, colocaram que preferiam não vivenciar tal experiência e suas opiniões remetem mais a uma situação hipotética. Considero que esta aceitação, portanto, pode estar relacionada com a solidariedade com outras mulheres dada a própria condição feminina, pois é a mulher que irá sofrer quaisquer das conseqüências, sejam elas possíveis seqüelas físicas decorrentes de uma interrupção da gravidez ou a responsabilidade pela criação dos filhos, socialmente atribuída às mulheres, mesmo que em condições adversas. Se a solidariedade está relacionada a esses aspectos, também pode ser considerada como resultado dos questionamentos do feminismo acerca da reprodução, ou ainda estar relacionada com a responsabilidade maior das mulheres em relação à contracepção, pois elas referiram os riscos de uma gravidez indesejada pela sua própria experiência com métodos contraceptivos¹²⁶.

A maior incidência da negação masculina do aborto pode estar relacionada a sua menor responsabilidade no controle da reprodução, como foi visto no item acima. A ameaça de uma possível gravidez da namorada ou esposa é que fazia com que eles atentassem mais para a utilização de métodos anticoncepcionais. Ao se comparar estas posições, acima referidas, com a opinião sobre o aborto vislumbro uma contradição na postura destes homens: a menor responsabilidade em relação à concepção da vida e a convicção de que ela não deve ser tirada em hipótese alguma.

¹²⁶ Remeto o leitor para a nota 38 anterior.

Em resumo, a conciliação das atividades profissionais com os serviços domésticos, tende a se tornar mais fácil para todo o grupo que, em sua maioria, contrata tais serviços a uma mulher, que por sua vez mantém a sua ocultação e feminização.

Ainda assim, as mulheres casadas, mais do que os homens casados e estes mais dos que aqueles que são solteiros e moram com a família, têm, em conjunto, atribuições domésticas maiores do que as mulheres solteiras que moram sozinhas ou com amigas, as quais parecem realizar mais tarefas domésticas do que os homens solteiros que moram com amigos/as. O que sugere que as mulheres trabalham mais do que os homens, e estes por sua vez trabalham mais quando existe a presença de mulheres no arranjo residencial, com as quais mantêm laços de parentesco, e se estes laços são de aliança esta relação é maior.

As atribuições domésticas se incrementam mais para as mulheres com filhos/as, do que para os homens com filhos/as consangüíneos. De maneira que, a divisão tradicional do trabalho tende a ser mantida, mesmo que as mulheres se esforcem para a sua transformação, numa postura similar à defendida pelo feminismo.

Por sua vez, a inserção profissional enquanto física, eleva todas as dificuldades acima referidas, mais do que para as historiadoras, assim o exercício de uma profissão de trajetória masculina apresenta maiores dificuldades para as mulheres do que para os homens, da mesma forma que o exercício de uma profissão de trajetória feminina diminui as dificuldades de conciliação. Desta forma reforça-se o argumento apontado no capítulo anterior de que as mulheres ponderem, nas suas escolhas profissionais, quais serão as áreas que facilitam o equacionamento das duas responsabilidades, dada a dupla jornada de trabalho originada na manutenção da divisão sexual do trabalho, paralela ao ingresso feminino na força de trabalho de maneira durável.

O desejo de ter filhos/as é mais incerto para os homens do que para as mulheres. Eles condicionam a realização deste desejo mais à estabilidade profissional do que à idealização da participação da futura mãe. As mulheres, por sua vez, condicionam ter filhos/as tanto à estabilidade profissional (principalmente as do curso de Física), como ao pai ideal definido como participativo (igualmente para as mulheres dos dois cursos), negociada pelo argumento da sua inserção profissional.

No que se refere a articulação das demandas profissionais com aquelas derivadas das uniões de namoro/casamento, cabe às mulheres solucioná-las mais freqüentemente do que aos homens. Há também uma diferença por conta da inserção profissional, as mulheres mais do que os homens do mestrado de Física, sentem maior dificuldade nesta articulação do que o conjunto de pessoas investigado no mestrado de História.

Os/as entrevistados/as baseiam primeiramente as suas escolhas dos/as parceiros/as das uniões de namoro e casamento no *ethos* e no gosto segundo o *habitus*, preferindo aquelas pessoas que julgam semelhantes a eles/as próprios/as. A estes aspectos se somam qualidades masculinas, requeridas aos homens, e femininas, requeridas às mulheres, que comporão/õem o par das futuras/atuais uniões. Sendo que as mulheres entrevistadas, nas suas escolhas, esboçam o desejo de uma nova masculinidade mesclada por atributos da feminilidade. Os homens entrevistados, por sua vez, permanecem mais ligados à feminilidade tradicional, renovada apenas pelo direito ao trabalho para as mulheres.

Há uma tendência, para a maioria de homens e mulheres, em rejeitar, fortemente, a dupla moral sexual, porém adotam valores mais rígidos de fidelidade e sinceridade.

A autonomia, por ser um aspecto que revela o poder nas relações, é um dos temas mais controvertido para o grupo estudado. As mulheres percebem-na como uma conquista no decorrer da relação afetiva, que envolve conflitos e construção de consensos para chegar a igualdade entre os/as parceiros/as dentro das uniões de namoro e casamento e assim à conquista da autonomia. Por sua vez os homens parecem menos atentos aos conflitos e consensos para conseguir decidir igualmente e mantendo a independência mútua. Neste sentido há uma ambigüidade entre o desejo de igualdade entre os/as parceiros/as e o ideal de complementaridade que é sugerida nas escolhas dos/as parceiros/as de acordo com as qualidades femininas e masculinas que sustentam as desigualdades de gênero, e a dominação masculina, que nesta investigação é demonstrada pela divisão tradicional do trabalho onde as mulheres têm maiores responsabilidades domésticas e de socialização da prole; e na qualidade feminina de compreensão que justifica que sejam elas as articuladoras das demandas afetivas e profissionais. O ideal de harmonia contido na complementaridade parece não permitir vislumbrar o poder nestas relações, assim as mulheres entrevistadas colocam a conquista da autonomia em termos de “saber ceder”, e os homens por sua vez, deixam para suas parceiras a resolução dos conflitos para não perderem o controle sobre a sua profissão e autonomia dentro das uniões de namoro e casamento.

A responsabilidade contraceptiva tende a ser mais das mulheres do que dos homens, porém elas tem um relativo controle sobre que métodos utilizar. Por outro lado, os homens se revelam mais preocupados do que elas com a prevenção de DST's.

O grupo investigado mostra-se bastante sensibilizado com a problemática do aborto, o que pode ser atribuído às discussões do feminismo, o principal interlocutor desta polêmica com a sociedade. Porém, os homens são mais resistentes do que as mulheres a sua realização em quaisquer circunstâncias, argumentando a defesa da vida, o que parece contraditório com a sua menor responsabilidade contraceptiva.

De maneira que é possível sugerir que se existe o ideal de igualdade nestas relações elas permanecem mais desiguais do que as práticas investigadas na esfera profissional, havendo uma maior responsabilidade das mulheres entrevistadas no equacionamento das duas esferas, tanto para as atividades domésticas, quanto para as demandas das uniões de namoro e casamento. Estas práticas são assim desenhadas dentro de um ideal de complementaridade revelado nos atributos femininos almejados nas suas parceiras, que também impõe limites para a construção da autonomia das mulheres investigadas, que imbuídas, também, do ideal complementar, resolvem os conflitos através do “saber ceder”. Mesmo que elas mesclam os atributos masculinos com qualidades femininas nas escolhas dos parceiros, as possibilidades de igualdade nesta esfera ainda permanecem menor porque baseada na desigualdade da representação complementar, que tende a ocultar os conflitos dos diferentes poderes em favor da harmonia entre os sexos. Assim, mesmo usando o argumento de também trabalharem, a possibilidade de barganha destas mulheres parece menor dado a desvalorização deste trabalho no contexto destas relações de gênero, na esfera doméstica e das relações afetivas. É sugestivo então que a igualdade conquistada pelas mulheres na esfera pública, que também é valorizada pelos homens entrevistados, diminui frente às exigências que lhes são feitas no âmbito da reprodução. Assim, há similitudes com as propostas feministas de diminuir as desigualdades na esfera afetiva entre homens e mulheres, mas que fica ocultada diante da orientação das relações de gênero pela complementaridade, e posto que assimétrica, resiste à evidência das desigualdade e poder entre os sexos, no que concerne ao grupo aqui investigado.

CAPÍTULO V

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO:

a nebulosa feminista e as práticas profissionais e afetivas

As discussões dos capítulos precedentes evidenciam as práticas e representações sobre as trajetórias profissionais e aquelas desenvolvidas na esfera afetiva, ambas enfocadas a partir das relações de gênero. A intenção de investigar as igualdades e desigualdades entre homens e mulheres dentro do campo do gênero, é norteada pela noção de *habitus*, tendo por indicadores as propostas de igualdade entre os sexos lançadas pelo movimento feminista, principalmente as que se referem as duas esferas aqui consideradas (profissão e afetividade), buscando traçar associações e similitudes com os resultados.

Os resultados obtidos, como já vistos nos dois capítulos anteriores, sugerem uma igualdade relativa entre homens e mulheres nas trajetórias profissionais dentro da área de Física e dentro da área de História. Por outro lado, há uma certa ambigüidade entre igualdade e desigualdade nas relações de gênero a partir da divisão de atividades masculinas e femininas, quando são as mulheres as articuladoras das responsabilidades profissionais e aquelas originadas na esfera afetiva. Esta ambigüidade possibilita sugerir uma similitude entre o desejo de igualdade e as propostas do feminismo e espaços preenchidos pelo *habitus* consoante as posições de homens e mulheres no campo do gênero.

Considerando as discussões precedentes, passo a analisar a construção das representações do feminismo, posto que o objetivo deste trabalho é descortinar nestas representações que similitudes/divergências/contradições elas possuem com as práticas estudadas nos Capítulos III e IV. Entendo que as representações do feminismo também são informadas pelas relações que o movimento e suas militantes estabelecem

com a sociedade que o/as circunscreve. Para entender como estas relações (movimento/sociedade) são percebidas tomo por referência a noção de nebulosa feminista, a qual se desenvolve a partir da observação do caráter multifacetado do movimento, mas que tende a ser visto como único, propiciando representações ambíguas positivas e negativas. O que é reforçado pelos exemplos de mulheres isoladas que rompem as relações de gênero tradicionais, sobre os quais se elaboram argumentos de negação do feminismo. Ou seja, a noção de nebulosa tenta sintetizar as relações entre o feminismo e a sociedade que tendem a ser opacas e difusas, dado a sua multiplicidade de correntes, e a tendência a ser visto como único.

Daí que neste capítulo, inicio a discussão pela noção de nebulosa feminista, numa primeira tentativa de verificar a sua pertinência enquanto uma noção sintetizadora das diversas relações de idas e vindas entre o movimento e a sociedade. Para tanto analiso: as situações em que os/as informantes estabeleceram contato com as idéias/movimento feministas; as suas avaliações das feministas; e, a correlação que eles/as fazem entre movimento e resistência pessoal das mulheres para mudança nas relações de gênero. No item seguinte, a partir dos discursos dos/as entrevistados/as, são mapeadas as associações afirmativas e negativas do feminismo com as mudanças recentes das relações de gênero, e a sua influência na vida pessoal dos/as mesmos/as. Esta discussão intenciona entender como o conjunto dos/as entrevistados/as analisam estas mudanças e como dentro dela é situado, relativamente o feminismo e as suas propostas de mudança. Por fim, como os/as entrevistados/as representam o feminismo, entendendo-se a sua construção a partir das práticas dos/as mesmos/as na esfera da profissão e na afetiva, e, da noção de nebulosa feminista.

5.1 - A NOÇÃO DE NEBULOSA FEMINISTA

Na Introdução desta dissertação problematizo que a construção da representação do feminismo, além de permeada pelas práticas dos/as atores/atrizes sociais, também se remete à própria relação que o movimento (ou movimentos) e suas militantes mantêm com a sociedade como um todo. A noção de nebulosa feminista pretende sintetizar a forma de inserção do feminismo na sociedade, a qual se caracteriza por relações opacas, difusas em face das muitas correntes do movimento, paradoxalmente visto como único, aliado à tendência de uma representação negativa, porém, dentro da ideologia maior em que se insere, o individualismo (Heilborn, 1991), pode ser valorizado positivamente enquanto propositor de igualdade (desejada) entre homens e mulheres. Na Introdução deste trabalho, discuto esta noção dando ênfase aos aspectos históricos do “novo” feminismo no Brasil, que me levam a sugeri-la. Neste capítulo retomo os fatores relacionados mais diretamente à estrutura e funcionamento do feminismo que também contribuem para caracterizar as relações entre o feminismo e a sociedade no sentido de relações difusas, e assim pertinentes para formular a noção de nebulosa feminista, como também aprofundar a discussão já apontada e selecionar que elementos serão privilegiados para a leitura/interpretação dos discursos do grupo ora investigado. Estes fatores são:

- as características do próprio movimento feminista: estrutura organizativa do movimento¹²⁷; pluralidade de correntes contraposta à idéia de um “feminismo” único; atuações públicas irregulares e esparsas; visibilidade dos grupos organizados que

¹²⁷ Aqui me refiro ao movimento organizado que reúne mulheres através de laços de filiação a diferentes grupos, como também, mulheres que não pertencem a grupos (as feministas independentes). Nem sempre este movimento exige esta vinculação, reconhecendo as suas militantes pela sua atuação política, dentro ou fora do mesmo, e pelas idéias que defendem - associada a quaisquer de suas correntes. Tal movimento, inclusive, se apresenta peculiar neste aspecto pois, muitas mulheres reconhecidas como feministas em espaços públicos (imprensa, fóruns políticos e de debates, parlamento, entre outros espaços), e que também, são assim reconhecidas nos próprios fóruns internos do movimento, a exemplo dos encontros feministas, não se

implica no questionamento da sua representatividade e legitimidade¹²⁸; além das atuações das feministas independentes.

- os pré-julgamentos que recaem sobre as militantes feministas: radicais; mal-amadas; “sapatões”; construídos sobre a argumentação de que, tais mulheres, querem inverter as relações de poder entre os sexos, (Goldberg V. Cruz, 1982 p. 53-54). Ou ainda, porque o conteúdo dos questionamentos levantados pelas feministas, aliado às características pessoais de algumas delas, dificulta estabelecer uma empatia com o público mais abrangente.
- a apropriação de idéias feministas pelos meios de comunicação de massa - que ora as julga de maneira negativa, ora as neutraliza no seu objetivo crítico de transformação¹²⁹;
- finalmente, mas não menos importante, a existência de exemplos de mulheres que romperam com os papéis tradicionais de gênero de maneira isolada¹³⁰, ao longo de suas vidas, das quais há muitos exemplos históricos, e que, às vezes, são usados como argumento para negar a necessidade de um movimento organizado.

encontram vinculadas a nenhum grupo específico, sendo denominadas “feministas independentes”. Ver neste sentido as discussões de Alvarez et. al. (1990, p. 13).

¹²⁸ Concordo com Pinto quando ela, ao discutir a inserção dos movimentos sociais, particularmente do feminismo, aponta as dificuldades deste movimento frente às regras do jogo da democracia representativa. Esta última equipara participação à representação política, com ênfase no parlamento e partidos políticos, que sintetizam os interesses sociais gerais, historicamente constituídos. Enquanto que: “...*movimentos sociais vê a participação de forma diversa: participação envolve ação direta sem o instituto da representação*” (Pinto, 1994, p. 257) Esta dificuldade de separar representação/participação que a autora aponta, é a mesma a que me refiro acima como um dos fatores, dentre as características do movimento, que integra a noção de nebulosa.

¹²⁹ A esse respeito ver Muraro & Suplicy (1994), que criticam a forma de divulgação na imprensa das propostas e conquistas do movimento feminista no Brasil.

¹³⁰ Goldberg, analisando o processo de construção de “identidade de gênero” pelas mulheres, ou seja de que a definição de masculino e feminino e as relações de desigualdade e poder que eles implicam são uma construção social, pode levar estas mulheres a duas orientações: primeiro rupturas isoladas em aspectos de suas vidas num processo de individualização (conforme a definição de projeto definida por Velho, e adotada pela autora); a segunda orientação, conduziria tais mulheres ao agrupamento, reivindicando o feminismo (Goldberg, 1987, p.77). Concordo com a autora, apenas ressalvo que, nem toda mulher que percebe as relações de gênero dessa maneira se encaminha para rupturas parciais ou totais destas relações, mesmo tendo em vista a noção de projeto de Velho, especialmente sobre a margem relativa de escolha individual dentro de um campo de possibilidades, onde se pondera ganhos e perdas dado o objetivo da ação, ou seja a viabilidade do projeto dentro dessas margem e das suas possibilidades. (Velho, 1987, p.107)

Assim, a noção de nebulosa tenta contemplar as relações do movimento com a sociedade. Neste sentido a noção de nebulosa leva em consideração que o movimento, como também as suas militantes, se apresentam para o conjunto da sociedade com características multifacetadas (ou seja constitui-se de varias correntes e posições), as quais favorecem o estabelecimento de relações que, na minha opinião, se dão de maneira fluídas, difusas e, até certo ponto, pouco definidas; relações estas que, por sua vez, sofrem influência do retorno dialético da divulgação das idéias do feminismo a partir de uma releitura pela sociedade que é, em última instância, para quem se destinam as ações do movimento. E assim, esta noção de nebulosa, norteará a análise das relações do movimento com a sociedade, e desta para com o mesmo, aqui realizadas para entender as representações do feminismo.

Então neste item, através dos depoimentos dos/as entrevistados/as, observo os seguintes aspectos: como os/as entrevistados/as tomaram contato com as idéias feministas; como eles/as vêem as feministas militantes; e, como eles/as entendem a importância do movimento correlacionada com a luta individual.

a) formas de contato com o movimento feminista

Os meios de comunicação de massa (jornais, revistas, rádio e televisão) são as formas de contato mais citada pelos/as entrevistados/as, através das quais tomam conhecimento do feminismo ou das idéias feministas, e geralmente, associados a outras situações de contato.

Além disso, os meios de comunicação se distanciam de maneira muito significativa - em termos de freqüência - de todas as outras situações citadas como possibilidade de travar contato com as idéias feministas. Assim, seguem-se a eles, em ordem decrescente do número de vezes em que foram citadas pelos/as entrevistados/as, as seguintes formas de contato com o(s) feminismo(s): disciplinas do curso de graduação em História (mencionada apenas pelos homens deste curso);

amigas simpatizantes dessas idéias (situação que ocorre apenas no curso de História, porém citada por homens e mulheres); movimento de mulheres; e, conversas informais. Daí em diante, as freqüências com que as diversas situações de contato são citadas, tornam-se cada vez mais esparsas, como mostra o Quadro 1 abaixo:

QUADRO 1 - formas pelas quais os/as entrevistados/as tomaram conhecimento das idéias feminismo

FORMAS DE CONTATO	HOMEM *			MULHER **			TOTAL
	história	física	total	história	física	total	
meios de comunicação de massa	4	4	8	5	3	8	16
disciplina durante a graduação	4	-	4	-	-	-	4
amigas simpatizantes ***	2	-	2	2	-	2	4
movimento de mulheres	1	1	2	1	-	1	3
conversas informais	-	-	-	1	2	3	3
amigas militantes	1	-	1	1	-	1	2
movimento feminista	2	-	2	-	-	-	2
livros de autora feminista	-	-	-	2	-	2	2
livros em geral	-	-	-	-	1	1	1
artigos científicos	-	1	1	-	-	-	1
não sabe	-	1	1	-	-	-	1

Fonte: entrevistas, para um total de 20 entrevistados, realizadas em 1994.

* Dois homens disseram ter amigas que eles classificam como feministas não organizadas, mas não colocaram como propiciando conhecer o feminismo. Outro mencionou ter amigas militantes, mas também não as citou como possibilitando o conhecimento do feminismo. Em todos os casos eles não constam no quadro acima.

** Uma das mulheres informou que tem uma amiga feminista, mas que não foi citada como propiciando conhecer o movimento. Da mesma forma que para os homens ela não foi incluída no quadro 1.

*** Simpatizantes das idéias feministas, mas não necessariamente do movimento feminista.

Assim, além dos meios de comunicação de massa, o contato com as idéias do feminismo se deu através de uma gama de situações, para o grupo estudado. Esta variação, de situações de contato, é mais acentuada entre os homens e mulheres do curso de História, do que entre os homens e mulheres do curso de física.

Outra diferença significativa, em termos dos cursos aqui considerados, é que a graduação em História se apresenta como uma fonte para se conhecer o movimento, especificamente para os homens entrevistados. Os/as entrevistados/as do curso de História também se destacam por terem mantido contato direto com o movimento - de mulheres ou feministas - como também com mulheres militantes dos

mesmos. Fatos que se acentuam ao se agregar os dados referentes a conhecer o feminismo através de amigas simpatizantes.

Aparentemente, não existe diferença significativa, entre homens e mulheres, quanto à forma de conhecer o feminismo, sendo mais marcantes as diferenças por conta da inserção profissional. Porém, apenas as mulheres, apesar de uma minoria, referiram-se a terem lido autoras feministas.

Dessa maneira, a forma de contato com as idéias feministas, no grupo estudado, sugerem um interesse sobre o tema que é atendido por vários meios, mesmo que predominem os de comunicação de massa. Destaca-se do grupo, os homens entrevistados no curso de História, que revelam também um interesse científico sobre o tema, e uma minoria de mulheres que revelam interesse por leituras de autoras feministas. Porém, de um modo ou de outro, os dados indicam que os contatos com o movimento feminista são esparsos, sendo interessante notar que alguns contatos diretos com o movimento ou pessoas simpatizantes, não são colocadas como situações que favorecem conhecê-lo. Assim, a divulgação, em geral pelos meios de comunicação de massa, aliado aos aspectos ressaltados acima, pode contribuir na construção da noção de nebulosa aqui postulada.

b) feministas e pré-julgamentos

As representações dos/as entrevistados/as sobre as feministas militantes apresentam uma variação significativa, indo desde uma imagem mais negativa, até a admiração, sem críticas, por estas mulheres¹³¹, configurando uma escala ampla e

¹³¹ Aqui chamo de feministas militantes tanto as mulheres que mantém uma relação com o movimento feminista e são reconhecidas por ele enquanto tal (ver a respeito do que o movimento considera como militantes a nota 1 deste capítulo); quanto àquelas mulheres que se definem ou são assim denominadas pelos meios de comunicação devido a sua atuação pública. A inserção de mulheres que são chamadas de feministas, mesmo que o movimento não as reconheça ou com ele tenha divergência, deve-se ao fato de que tal reconhecimento não é transparente para a sociedade como um todo, tampouco a organização interna do movimento permite estas exclusões, ou se apresenta de forma muito clara as suas divergências internas entre alguns setores da sua

multifacetada de classificação das mesmas. Chamo a atenção para a ambigüidade que caracterizou muito dos depoimentos, revelada por uma avaliação das militantes ao mesmo tempo positiva e negativa.

Poucos/as entrevistados/as mencionaram conhecer pessoalmente mulheres militantes, constituem exceções os homens e as mulheres do curso de História, que afirmam com mais freqüência conhecê-las (4 deles, e mais 3 mulheres, em Física não ocorreu nenhum caso). Outros/as entrevistados/as incluíram como feministas mulheres da sua convivência pessoal que eles assim as consideram, ainda que não militantes (6 homens e 2 mulheres). O fato de não ter um conhecimento direto dessas militantes foi uma justificativa, para um número significativo de entrevistados/as para não tecer considerações sobre as mulheres militantes, enquanto outros/as este fato não constituiu impedimento para avaliá-las. Mas considero que o motivo de suas recusas pode estar associado também às controvérsias que envolve as militantes feministas, de acordo com a definição de *nebulosa* aqui postulada. Por outro lado, o fato de conhecer mulheres militantes nem sempre implica uma representação positiva, e tampouco não conhecê-las estabelece uma relação necessária para vê-las negativamente.

Destaco do conjunto de informantes um dos homens que não considera existir mulheres feministas, nas sim mulheres que defendem o ideário do feminismo autodenominando-se feministas, eis o que ele nos diz:

*“...De carteirinha, não. De carteirinha eu digo assim... (rindo)
Porque eu acho que não existe... não existem feministas, existem
pessoas que defendem essa igualdade. Pessoas que se dizem
feministas, mas eu não conheço nenhuma.” (Jairo)*

Segundo a interpretação que faço da fala dos/as informantes, há duas posições quanto à representação das militantes feministas, as quais se diferenciam,

militância. Com o sentido de facilitar a exposição aqui desenvolvida me refiro às feministas militantes, em algumas passagens, apenas como militantes.

basicamente, quanto à associação/contraposição, ou não, entre feministas e feminilidade. Assim, o primeiro grupo, que representa a maioria dos/as entrevistados/as, definem feministas sem mencionar/associar/contrapor às características de feminilidade, sendo que, uma parte dos/as que assim pensam, definem como feministas as mulheres que lutam/resistem individualmente pela transformação das relações de gênero, sejam ou não militantes; a outra parte deles/as, referem-se apenas às feministas militantes. O segundo grupo que delimito dentro da população estudada (num total de 7 pessoas, sendo apenas duas do curso de Física, porém não diferença significativa quanto ao sexo), reúne os/as informantes que, de uma forma ou de outra, contrapõem feministas com as características de feminilidade (feministas tendem a não ser femininas). Todavia, isto não significa que, nas falas dos/as entrevistados/as, não exista um trânsito entre estas duas posições, mas antes que, há uma maior ou menor ênfase a um desses aspectos.

Assim, alguns/as entrevistados/as que compõem o primeiro grupo, vêm como feministas qualquer mulher que, mesmo não mantendo uma relação com o movimento, lute pela igualdade entre os sexos, ou seja defendem o ideário do feminismo. Alguns/as destes/as entrevistados/as, particularmente, admiram as mulheres com as quais convivem e que agem desta forma, não tecendo considerações sobre as militantes, tampouco associam, necessariamente, feministas e feminilidade, como se vê nos depoimentos abaixo:

“Eu conheci, assim, pessoas de posições feministas. Mas nunca era uma feminista direto não, “carteirinha”: ‘eu faço parte do movimento feminista etc. e tal!’ (...) Algumas delas são minhas melhores amigas (...) entre minhas amigas as meninas feministas são pessoas muito inteligentes e de ótima conversa.” (Ivson)

“É minha mãe, minha irmã [não eram militantes]. (...) Não precisa ser eu acho que você pode ser militante no seu próprio lar. (...) Acho que isso acontece no dia a dia da gente. (...) Eu acho que sim [o movimento contribuiu nesse sentido] porque isso aparece na mídia, a mídia hoje é nossa consciência.” (Alberto)

A outra parte dos/as informantes, desse primeiro grupo, colocam-se apenas como admiradores das mulheres que são militantes feministas, como se percebe nos depoimentos que se seguem:

“Eu acho assim, mulheres bastante arrojadas (...) as feministas que eu conheci eram mulheres da classe baixa, né? Que tinha que lutar pela sobrevivência. Elas estudavam também. Eu me perguntava como elas conseguiam fazer tudo aquilo. (Juliana)

“o que eu posso dizer é que a gente só tem a agradecer a elas (...) era muito bom que todas as mulheres tivessem a consciência que as feministas têm.” (Inês)

“...preocupadas em conscientizar outras mulheres a assumirem seu papel na sociedade. Eu não tenho nada contra feministas. Não vejo nada de mais nelas. Prá mim são pessoas normalíssimas!” (Wagner)

Numa posição que vejo como intermediária entre o primeiro grupo e o segundo, situa-se o exemplo de Carlos, que afirma ser um admirador das feministas, porém daquelas que são femininas (segundo a sua própria definição de feminilidade, aqui transcrita). O entrevistado remete-se, também, à diferenciação entre militante organizada e mulheres da sua convivência, vistas como defensoras das idéias feministas. Eis a sua fala:

“Eu vejo assim, como se fosse um admirador das feministas, principalmente das feministas femininas (...) Mas é uma coisa assim [ser feminina] o tripé: sensibilidade, emotividade... dessa possibilidade de gerar, que eu acho que é uma maneira diferente de ver o mundo. (...) seriam as duas amigas que eu consideraria como defensoras do feminismo. E sim! teria uma outra também (...) ela tinha ligação, era até com o SOS-Corpo (...) Olhe! eu acho elas ótimas, mas é que eu acho que a terceira, ela tinha, talvez, uma posição que, eu não diria violenta [mas] assim, pouco dada ao diálogo. Mas talvez fosse coisa de comportamento, né? Não que fosse uma coisa negativa, assim, prá mim. Mas, essa maneira de se posicionar... muitas vezes, faz com que se perca aliados pela possibilidade de não saber identificar, exatamente, contra quem lutar.” (Carlos)

Numa gradação da associação/contraposição feminista/feminilidade, em relação ao exemplo acima, vejo o depoimento de Glória, que considera as feministas em constante ameaça de perder a feminilidade. E por outro lado, esta informante coloca-se

criticamente em relação às militantes, por duas razões: primeiro, julga as suas condutas, na vida afetiva, em contradição com as suas teorias de igualdade/rebeldia para as relações de gênero, sugerindo que as peculiaridades de suas personalidades são generalizadas. Segundo, a forma que as feministas encaminham as lutas, através do confronto com os homens, conforme a sua fala abaixo:

“Eu conheci mulheres (...) que fazem parte de organizações, de reuniões. (...) quer dizer, não perderam ainda bem esse lado feminino não. (...) Elas criticam a sociedade tradicional que a gente vive (...) e o machismo. (...) Mas o que eu vejo, [quando] elas estão (...) apaixonadas por alguém elas sempre cedem. (...) o que mudou delas prá mim é que elas tem muita teoria (...) na prática eu acho até que eu me rebelo mais do que (...) algumas delas.”

E em outra parte do seu depoimento afirma que:

(...) Eu sou a favor da mulher lutar, participar, conquistar um espaço sim! Certo? (...) Mas ao mesmo tempo eu sou contra aquela feminista radical mesmo, que odeia homem.” (Glória)

Na minha interpretação, apresenta-se mais categórico do que Glória, o entrevistado Nílton, pois considera que ser feminista é não ser feminina. Além disso, mesmo vendo as militantes feministas como quaisquer outros/as militantes de movimentos organizados, corrobora a posição de Glória e critica as feministas quanto à forma de encaminharem as suas lutas, ou seja, pela via do confronto entre homem e mulher. Veja-se o seu depoimento:

“...eu jamais me casaria com uma feminista. Eu casaria com uma mulher feminina (...) baseada no respeito mútuo (...) Ser ‘feminista’, não é? É... é... ser militante de um movimento, é como ser uma militante qualquer. (...) É a disputa que foi muito agressiva (...) Buscaram uma forma de disputa. Essa é a palavra exata. O que houve não foi uma tentativa de ‘vamos negociar’ (...) Não houve uma barganha entre o homem e a mulher, colocar as coisas na mesa e vamos acertar. O que houve foi uma separação artificial. (...) feminina seria isso, quer dizer, exatamente o contrário: levar as coisas para um diálogo...” (Nílton)

Noto que para estes três últimos/as entrevistados/as se percebe uma definição de feminilidade explícita, a exemplo de Carlos que considera que associa a

esta classificação as qualidades da emotividade, sensibilidade e a condição de gerar uma nova vida; ou implícita como na fala de Glória, mas que se aproxima da definição explicitada na fala de Nílton: feminina é uma mulher que não confronta, mas que dialoga com o homem para alcançar a igualdade.

Há dois casos que se apresentam como limites diante das posições dos/as entrevistados/as vistos até aqui, mas que, ainda assim, guardam semelhanças com as representações que opõem feministas às definições de feminilidade. Estes dois casos se assemelham porque enfatizam o estereótipo corrente, nas décadas de 60 e 70, de que as feministas são homossexuais (que no senso comum são caricaturadas como mulher-macho, masculinizadas) e/ou mal amadas (Goldberg V. Cruz, 1982, p.53-4). Porém, estes/as entrevistados/as, diferem entre si quanto a ênfase dada ao movimento: o primeiro vê as feministas organizadas como um mal necessário (depoimento da esquerda); a segunda, não concorda com o movimento de mulheres organizado que lute, especificamente, contra as desigualdades de poder construídas sobre o gênero (fala da outra coluna):

"Olhe, eu acho um mal necessário. Geralmente, feministas, é uma pessoa muito radical. É uma pessoa sofrida. É uma pessoa amarga. (...) A maioria, pelo menos das que eu conheço, a opinião foi formada em cima disso, assim, não representa a realidade não. Das feministas que eu conheço, uma grande parte delas, são homossexuais, certo? E geralmente, não sei se isso é preconceito ou se é uma observação que tem fundamento... Mas geralmente são pessoas, assim, que não são tão felizes, geralmente são infelizes, sabe?" (Orlando)

"[nunca participou de eventos promovidos pelo movimento, porque] numa época, eu não sei hoje, teve assim rotulações de... sobre esses grupos feministas é... sabe? (...) Assim, começaram a rotular que são isso... que são sapatões, né? São... sei lá, esse tipo de coisas por aí, né? Que são mulheres mal amadas... (...) a gente sempre parte da distinção de radicais ou não, porque sempre tem... (...) em relação ao radicalismo, eu realmente não sou a favor (...) e em relação as feministas que lutam por uma coisa mais ampla (...) eu acho ótimo, eu acho muito válido." (Paula)

De uma forma ou de outra, corrobora esta posição, ainda que não expresse/associe feministas com as características de "feminilidade", o caso de uma entrevistada que sentia-se "xingada" quando era chamada de feminista, o que pode

sugerir a sua percepção da carga de julgamentos negativos que recaem sobre o termo. Por outro lado, há no depoimento um certo sentido de demarcação da entrevistada frente ao “xingamento”, que seria mais apropriado para as “outras” mulheres sobre as quais o epíteto de feminista teria sido criado, por exemplo quando ela diz: “pode me chamar disso”, como se vê no seu depoimento:

“Não. Eu sempre falei: se ser feminista é querer que me respeitem, então eu sou feminista! (...) que você me respeite pelo que eu penso, pelo que eu sou. (...) pode me chamar disso, sem problema algum (...) Tem. A palavra feminista tem um sentido pejorativo prá maioria das pessoas. Num sei... Você pode achar razões históricas prá isso. Mas você sente... era como se eles quisessem te ofender. Te xingar.” (Carla)

Dessa maneira, os dados sugerem que não há uma relação necessária entre conhecer feministas militantes e avaliá-las positivamente ou negativamente, o que é válido também para o grupo de historiadores, que mais freqüentemente afirmam conhecer mulheres militantes, porém são eles/as que mais as avaliam negativamente (mesmo que não as conheça diretamente), sem que haja diferença significativa quanto ao sexo do/a informante. Se isto é verdade, também é sugestivo de que as feministas militantes são avaliadas a partir de pré-julgamentos, sendo este um dos fatores que constituem a noção da nebulosa.

Por sua vez, a definição de feministas pelos/as entrevistados/as situa-se em torno da idéia de que são mulheres que lutam/resistem/criticam as relações de gênero estabelecidas e tradicionais. Daí a definição permite aos/às informantes uma inclusão de mulheres não militantes, mas que agem dessa forma, e aqui especificamente aquelas da sua convivência pessoal. E numa situação extrema e de exceção entre os/as entrevistados/as, é possível afirmar que feministas organizadas não existem, mas apenas esta definição de luta pela igualdade entre os sexos. Esta definição ainda possibilita avaliar positivamente as mulheres da sua convivência

pessoal; e quanto às militantes organizadas avaliá-las positiva ou negativamente, ou então não avaliá-las.

De maneira que, a definição ampla de “feministas” dos/as informantes põe em evidência outro fator da nebulosa: exemplos de mulheres que postulam a igualdade entre os sexos cotidianamente, porém dissociadas das ações das feministas, entretanto, de forma geral, não há uma negação da legitimidade das mulheres que são organizadas. Esta diferença sutil é reveladora das relações difusas do movimento com a sociedade que o circunscreve.

As avaliações negativas, nos diversos graus em que se apresentam, têm por base a contraposição feministas/feminilidade, segundo os/as informantes. Assim, quanto mais próximas do feminino, maior é a possibilidade de uma avaliação positiva; e, quanto mais distante do feminino, maior é a tendência dos/as entrevistados/as para ver as feministas negativamente. Em qualquer destas situações, a avaliação negativa independe de conhecer mulheres feministas.

A definição de feminilidade inclui desde o aspecto biológico de gerar uma nova vida, passando pela opção sexual, até ir ou não para o confronto com os homens, que é, genericamente, associada a ser radical. Neste aspecto, mesmo que se mantenha a associação entre feministas e homossexualidade, a característica feminina mais valorizada é a capacidade de negociação. Ou seja, quanto maior é a associação feminista com a qualidade do confronto, mais ela é vista de maneira negativa pelos/as entrevistados/as. As críticas são expressas em termos de: “não saber identificar o inimigo”, “odiar os homens”, “disputar/confrontar” que podem ser sintetizados como radicalismo. Ou seja, quanto mais estas mulheres colocam em foco as relações de poder entre os gêneros, mais são associadas ao radicalismo, e portanto a não serem femininas. Por contraposição é sugestivo, nestes depoimentos, que poder é do gênero masculino. Em muitos destes aspectos, são revelados os pré-julgamentos das

feministas: “radical”, “mal-amadas”, homossexuais. Como também, estes aspectos possibilitam sugerir que na avaliação das feministas pelos/as informantes são consideradas suas idiossincrasias enquanto mais ou menos “ortodoxa” no cumprimento das teorias que postulam na sua vida pessoal.

c) o movimento feminista e a resistência individual

Quanto ao movimento feminista enquanto um núcleo gerador das idéias de mudança nas relações de gênero, portanto agente de mudança¹³², os/as entrevistados/as referem-se a ele, quase sempre, fazendo uma correlação com as situações em que a mulher consegue romper com os papéis sexuais tradicionais, no transcorrer da sua vida pessoal, todavia sem participar de quaisquer tipos de grupos de mulheres, com este fim, ou do movimento feminista, conforme aponta Goldberg V. Cruz, (1982, p. 77), sendo um dos fatores que compõe a nebulosa. Neste sentido, segundo os/as informantes, existem duas vias (ou dois agentes) de mudança para alcançar a igualdade entre os sexos: 1- a constituição de um movimento que é o interlocutor com a sociedade; 2- ou pessoas que, enquanto indivíduos, operam rupturas nas relações de gênero estabelecidas.

Tal correlação apresenta-se variada, segundo o grupo estudado, indo desde o questionamento da eficácia de um movimento organizado, até a omissão da luta individual enquanto agente de mudança. As explicações dessas correlações, pelos/as entrevistados/as, enfocam a legitimidade do movimento; o alcance das ações

¹³² Concordo com Soares que, ao discutir o movimento de mulheres, reconhece a sua multiplicidade (atrizes e conteúdo), e dentro dele define as ações das feminista como traduzindo: “...a rebeldia das mulheres na identificação de sua situação de subordinação e exclusão do poder, e buscam construir uma proposta ideológica que reverta a marginalidade. Sua concreção se dá a partir da construção de uma prática social que negue aqueles mecanismos que impedem o desenvolvimento de uma consciência como ser autônomo e que supere a exclusão. As feministas fazem do conhecimento e da eliminação das hierarquia sexuais seu objeto central, e a partir daí articulam-se com as outras vertentes do movimento de mulheres.” (Soares, 1994, p. 15)

de cada um dos agentes de mudança segundo seu espaço de atuação, entre outras considerações.

Assim, identifico quatro grupos dentro da população aqui estudada, segundo as correlações estabelecidas pelos/as entrevistados/as entre o movimento e a luta individual de algumas mulheres para romper com o domínio masculino nas relações de gênero. O primeiro grupo considera que as duas formas de resistir/romper com as relações de gênero estabelecidas são igualmente importantes, como mostram os depoimentos que se seguem (de uma mulher e de um homem):

“Então, existem grupos (...) que lutam por certas coisas que outras pessoas não fariam. Ou pessoas, indivíduos especiais, entendeu? (...) Então eu acho que foi decorrente de grupos, ou de determinadas pessoas, entendeu? (...) e isso faz com que a coisa se torne... se torne normal, entendeu?” (Alba)

“Então eu acho que você tem os dois caminhos: tem o caminho da organização, é... da... do grupo.. dentro daquela comunidade, prá se defender determinados pontos de vista; e, existe a luta com você mesmo, né? Eu acho que os dois caminhos levam ao mesmo lugar” (Jairo)

O segundo grupo de entrevistados/as considera que a luta/resistência individual de algumas mulheres é mais eficaz para estabelecer a igualdade nas relações de gênero, mas não chegam a negar a importância do movimento. Em alguns casos, eles/as justificam esta posição fazendo uma distinção sobre os espaços ou objetivos a serem alcançados, onde uma luta se revela mais pertinente que a outra (exemplo à esquerda); ou simplesmente realça a luta individual contra as desigualdades entre os sexos, sem necessariamente negar o movimento (exemplo da direita):

“Você chama a atenção e diz que o problema existe. Mas muitas pessoas vão passar, e olhar aquilo... pode até achar que tem alguma coisa, mas não vão parar prá pensar. É no dia a dia, você conversando com uma pessoa que tá do teu lado, é que você pode mudar isso (...) Porque a verdade é que, legalmente, a gente só consegue a coisa na pressão. É indo prá ruas. (...) e nessa hora eu acho que o movimento feminista é muito importante!” (Carla)

“E eu acho que hoje, é... apesar de ainda existir, né? muita... muita discriminação e tudo, mas já tá assim muito melhor. Eu acho, que se você tiver mesmo coragem prá lutar e tudo, você num... num sofre mais tanto como antigamente...” (Simone)

O terceiro grupo de informantes defende nos seus depoimentos a opinião de que o movimento organizado é o principal vetor de mudanças das relações de gênero, onde se omite as considerações sobre a importância da resistência individual e isolada de algumas mulheres para romperem o domínio masculino nas relações de gênero, como exemplificam as falas que se seguem:

“Foi tão importante que o homem abriu os olhos e pensou ‘o que eu estou fazendo? estou permitindo que pessoas que pensam estejam dentro de casa quando poderiam estar fora de casa colaborando’. É isso.” (Máira)

“...todo segmento tem o direito de se organizar, elas também (...) né? Isso... até porque a sociedade não reconhece determinados direitos da mulher e elas tem que conquistar.” (Wagner)

“Eu acho (...) que tem que ser desse jeito mesmo, porque se não eles [os homens] vão levar a ‘lapada’ e vão continuar achando que as mulheres estão exagerando e que... Mas é uma coisa que tem que acontecer.” (Orlando)

O último grupo de entrevistados/as, onde todas/as são do curso de História, questiona a eficácia do movimento feminista, deixando subentendido a importância da luta isolada de cada mulher para a evolução/mudança das relações de gênero, no sentido da igualdade entre os sexos. Esta posição é justificada de três formas diferentes, na visão dos/as informantes: a) o movimento pelos direitos da mulher deve ser associado a outras reivindicações dos direitos humanos; b) o movimento não tem legitimidade nem representatividade¹³³, além de exigir de suas participantes um grau de independência e educação que a maioria das brasileiras não alcançaram; c) o movimento deve considerar o grau de opressão das mulheres em cada sociedade, e em algumas ele não é mais necessário. Os três depoimentos a seguir revelam as posições acima, respectivamente:

“Eu acho que elas devem ter conseguido muitas coisas... (...) tem varias entidades que ampliaram, não... não... não seguiram só a linha de defender posições políticas

“Casa de Mulheres... Nunca ouvi falar disso. Eu acho que na Europa é (...) mais organizada, sabe? Mas aqui no Brasil?! (...) a maioria das mulheres, elas não tiveram

“...o homem sendo homem e a mulher sendo feminina, os dois juntos caminhando... resultaria muito mais importante do que um movimento feminista: ‘nós

¹³³ Ver sobre legitimidade e representatividade a nota 2 deste capítulo.

ou culturais. (...) [que] foram insuficientes para atrair adeptos e atrair auxiliares. (...) Eu acho superado esse tipo de coisa, sabe? Eu acho que tem que englobar essa visão maior mesmo da sociedade, questões mais amplas, sabe?" (Paula)

um... um acesso prá chegar a esse espaço da luta feminina. (...) nem terminaram a educação (...) ela vai ser manipulada por quem tem. (...) eu acho que a mulher prá entrar numa organização dessa ela tem que ter primeiro independência financeira. Ela tem que ter uma certa autonomia." (Glória)

não queremos nada com o homem!" (...) todas essas culturas precisam de um tipo de movimento, não é? (...) a arábia é muito mais complicado. A Califórnia, não precisam de ajuda, já são astronautas, igual com os homens. (...) Rose Muraro, as mulheres vão botar prá quebrar. Dançou! As mulheres conseguiram avançar sem histeria, principalmente no trabalho." (Nilton)

Portanto, assim como se deu na análise das feministas, onde alguns/as dos/as entrevistados/as colocam as mulheres organizadas no mesmo patamar daquelas que resistem individualmente, aqui se verifica uma correlação semelhante entre o movimento e resistência individual enquanto agentes de mudanças das relações de gênero. Neste sentido, é possível sugerir que há um encontro entre a definição geral de feministas (mulheres militantes ou não que lutam pela igualdade), segundo os/as informantes, com os objetivos do movimento para estabelecer relações de gênero numa nova dimensão de igualdade entre homens e mulheres.

Se isto é verdade, também se verifica uma representação mais positiva do movimento enquanto agente de mudança por um número maior de entrevistados/as, independente de como eles/as correlacionam movimento/luta individual; e, até certo ponto, de como eles/as representam as feministas. Esta representação positiva do feminismo pode ser explicada pelo interesse dos/as informantes sobre o tema definido como a luta pela igualdade entre os sexos, quando se considera as várias formas de conhecer o movimento/idéias feministas, como visto no Quadro 1, mesmo que a situação de contato que predomina sejam os meios de comunicação de massa.

Por sua vez, considerando especificamente as avaliações dos/as informantes sobre o caráter do movimento como agente de mudança e núcleo gerador

destas idéias para a sociedade, identifico duas situações: de um lado aqueles/as que percebem ser o movimento este núcleo gerador de maneira exclusiva, e assim agente de mudança e interlocutor legítimo com a sociedade para tanto; e de outro, aqueles/as que vêem um encontro entre as pessoas e suas idéias de igualdade entre os sexos e o contexto de surgimento do movimento feminista. De maneira que, esta última situação possibilita dividir os espaços de atuação individual e de ação coletiva, legitimando os dois agentes simultaneamente.

Porém a este aspecto é possível somar um fator novo, derivado do caráter multifacetado do movimento e suas militantes aliado às relações difusas que lhes são implícitas, este fator seria uma certa dissociação entre feministas e movimento, quando se considera que a tendência de representação negativa é direcionada mais para elas (como visto no letra b, acima) do que para o movimento, ainda mais que alguns informantes que apontaram características negativas para as feministas, não o fizeram ao avaliar o movimento ora em discussão.

Porém, há um grupo de entrevistados/as que se aproximam em torno da negação da importância do movimento de maneira acentuada, que são também aquele/as que apresentam a avaliação mais negativas das feministas, quando comparados/as ao grupo como um todo. Eles/as justificam esta visão negativa do movimento a partir de uma escala de importância da luta geral e da específica sendo mais prioritárias a educação e as diferenças de classe, ou do grau de opressão das mulheres em cada cultura, e, uma parte das críticas direciona-se à legitimidade do movimento. Assim, as propostas de igualdade entre os sexos deve estar no bojo de outras reivindicações, ou pode ser desnecessária se as mulheres já desfrutam a igualdade. Esta representação é similar à idéia corrente na década de 70, principalmente nos setores da esquerda brasileira, que criticavam o feminismo com estes mesmos argumentos (Costa & Sardenberg, 1991). De sorte que esta

representação também parece recortada pelos fatores da nebulosa, no que se refere à legitimidade do movimento feminista, dado serem privilegiadas nas suas ações mais a participação do que a representação parlamentar. A isto se agrega um novo aspecto que é a valorização da luta geral frente a reivindicações específicas. Esta idéia aparece justamente nas falas das pessoas do curso de História (se bem que num pequeno número), o que sugere estarem recortadas pelas discussões em torno dos agentes de mudança e as pautas de reivindicações mais e menos eficazes (ou prioritárias) do interesse direto dos cursos da área de humanidade.

Em síntese, apesar do interesse que o grupo estudado demonstra sobre o feminismo, quando se considera as variadas formas de tomar conhecimento do mesmo, inclusive em conversas mais cotidianas, predominam contatos indiretos, principalmente os meios de comunicação de massa. Inclusive, os contatos com pessoas simpatizantes não são lembrados no momento de informar como o conheceu. Neste sentido são semelhantes aos fatores da nebulosa: divulgação pelos meios de comunicação, e ações esparsas do movimento.

Quanto às feministas, ainda são muitos os pré-julgamentos que recaem sobre elas, destacando-se o julgamento de radical que se contrapõe a feminilidade, e que até certo ponto são assimiláveis às características pessoais das militantes, posto que algumas das críticas dos/as entrevistados/as, evidenciam uma comparação entre a teorização enquanto militante contraditória com a prática pessoal, principalmente dentro das uniões afetivas. Por outro lado, os exemplos de mulheres que isoladamente buscam constituir relações igualitárias entre os sexos, mas que não são militantes, não é usado, de maneira geral, para negar a importância do movimento ou das suas militantes, mas ambos são correlacionados pelos/as informantes, tendendo para relativizar as ações deste último e, às vezes, colocá-lo em segundo plano na conjuntura das mudanças recentes das relações de gênero.

Por sua vez, as características internas do movimento que propicia e reconhece as ações autônomas (independentes) das suas militantes, parece sofrer uma releitura pelos/as informantes que dissociam as ações destas militantes do movimento, sendo este avaliado de maneira mais positiva do que as primeiras. Esta dissociação corre paralela à definição de representação democrática vigente na sociedade brasileira, que como salienta Pinto (1994, p.257), tende a dar maior relevância aos cargos eletivos através do voto, do que à idéia de participação direta que norteiam as ações feministas.

Resulta daí que, o movimento feminista tende a ser visto como um agente legítimo das propostas de mudança das relações de gênero, mas relativizado com outras ações a exemplo da resistência individual de algumas mulheres. E isto se torna mais evidente quando transparece uma certa dissociação das militantes feministas para que ele seja assim representado, isto é, mais positivamente.

De maneira que, o feminismo e as feministas se apresentam socialmente com características multifacetadas, estabelecendo relações difusas, com a sociedade que opera releituras dessas informações formando um áurea *nebulosa*, que circunscreve as suas ações e as avaliações sobre o mesmo, pelo menos nos termos da população aqui considerada.

No próximo item contínuo a discussão sobre o movimento feminista investigando qual associação os entrevistados fazem entre as mudanças nas relações de gênero, nas últimas décadas, com as propostas deste movimento.

5.2 - FEMINISMO E MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Como está exposto acima, a nebulosa feminista propicia, entre outras coisas, a avaliação do movimento pelos/as informantes que, ao relativizá-lo com outros

agentes e fatores sociais, na conjuntura recente de mudanças das relações de gênero, confere-lhe uma importância, até certo ponto, secundária neste processo. Esta relativização se dá na fala de mais da metade dos informantes, independente de sexo, sendo um pouco mais pronunciada por pequeno número de historiadores.

Parto do princípio de que todos os processos sociais têm por base relações de multideterminação, entretanto, pode haver pesos diferenciados para cada agente que dele participa¹³⁴. Por isso, para melhor situar esta relativização, discuto neste item os aspectos dessas mudanças que são associadas às propostas e às atuações do feminismo pelo grupo aqui considerado, como por exemplo, a inserção maciça das mulheres no mercado de trabalho, a participação dos homens nas atividades domésticas, ou as mudanças nas relações de poder.

A primeira parte dessa discussão enfoca a percepção do feminismo, pelos/as entrevistados/as, enquanto um promotor geral de mudanças na sociedade no comportamento de homens e mulheres nas relações de gênero. Sua outra face, desdobra-se para os aspectos da influência do feminismo na vida pessoal dos/as entrevistados/as na mudança de comportamento no âmbito das referidas relações.

a) feminismo e mudanças nas relações de gênero

A posição dos/as entrevistados/as, sobre a mudança nos comportamentos de homens e mulheres a partir das ações do feminismo, assume diversos matizes, tanto em nível do seu alcance (abrangência/profundidade), como em nível de ter conseguido ser o vetor de transformações e não de fixar estereótipos sobre si mesmo, ou quanto à fixar a imagem de dominador (homem) e dominado (mulher). Eles/as dividem-se ainda sobre se foi o movimento ou as idéias mais dispersas de transformação, a partir do incremento da participação feminina no mercado de trabalho

¹³⁴ Relembro aqui que considero o feminismo, de maneira abrangente, como um núcleo gerador das idéias atuais de mudança para as relações de gênero, que é também um campo de poder (ver nota 7 deste capítulo).

de uma lado, e da escolaridade por outro, o responsável mais direto pelas mudanças das relações de gênero.

As opiniões do grupo estudado convergem, sendo defendida por mais da metade deles/as, independente do curso, para considerar que o feminismo vem contribuindo para promover mudanças nos comportamentos de homens e mulheres no campo das relações de gênero. Entretanto, há uma diferença, na fala dos/as entrevistados/as, quanto a ênfase no que mudou nestes comportamentos, sendo preponderante perceber uma mudança na participação das mulheres no mercado de trabalho e a participação do homem nas tarefas domésticas (exemplos da coluna da esquerda, abaixo). Em apenas dois casos (um homem e uma mulher) há referência a uma mudança no sentido de mesclar o masculino e o feminino no comportamento de cada um dos sexos (exemplos da coluna da direita):

"o feminismo (...) da forma que eu tou te falando, eu acho que contribuiu (...) Prá aceitar a mulher trabalhando fora (...) meu pai nunca aceitou (...) Eu acho que minha mãe não pensou nisso. (...) E hoje em dia você não precisa pedir autorização do seu marido prá nada, né? A gente combina..." (Alba)

"dá prá ver logo... uma mulher mais participativa, menos passiva. (...) Contribui mais com a própria sociedade (...) prá que ela percebesse a fragilidade do homem, que existe também, né? (...) o homem não podia ser afetivo com os filhos, porque aquilo poderia tirar um pouco da masculinidade dele. Então isso prá mim tá mudando." (Telma)

"É, não é geral, mas tem havido uma busca (...) do homem (...) nessa divisão de tarefas [domésticas]. Nesse reconhecimento do direito da mulher, né? (...) no exemplo assim de família (...) meu pai (...) eu não sou o mesmo homem que ele. (...) Até assim, pela questão da evolução mesmo. Mas eu creio que tudo tenha sido produto dessa coisa, né? dessa luta do, do feminismo. (...) organizar a mulher prá essa coisa, prá essa busca do papel na sociedade." (Wagner)

"Olhe, eu acho que... que... quem melhor retratou o feminismo prá mim foi (...) Gil, né? 'Super-homem', né? Ele liberou, acho que em todo mundo, 'aquela porção mulher que até então se resguardara', né? (...) O homem, por ser machista, ele deixava aquilo, aquele lado de... o lado forte de mulher que ele tinha, né? (...) Homem não chorava. Homem não faz isso (...) Homem não pode amar homens, né? Eu amo meus amigos e não sou homossexual por isso, né?" (Orlando)

No depoimento de Wagner (acima) também aparece uma característica, revelada direta ou indiretamente nas falas de outros/as entrevistados/as, sobre o

alcance da mudança no sentido da sua abrangência (quantidade) e profundidade (qualidade). Tal restrição, quando apontada pelos/as entrevistados/as está mais direcionada para a participação dos homens nas tarefas domésticas, também ela é mais freqüente entre os/as historiadores/as com base em seus estudo sobre a história das mentalidades, que chama a atenção sobre a dificuldade de mudar comportamentos culturais tradicionais. Há também aqueles/as que, como Orlando (sem se referir ao seu alcance), enfatizam a mudança de comportamento do homem, e outros/as informantes o fazem para a mudança no comportamento das mulheres, os/as quais se apresentam em maior número.

A outra tendência que considero significativa, mesmo que presente num número menor de depoimentos (mas que se distribui entre os dois cursos e sexos), expressa dúvidas sobre a contribuição do feminismo para as mudanças dos comportamentos de homens e mulheres nas relações de gênero. Para estes/as entrevistados/as a tendência de mudança das relações de gênero é explicada de duas formas: é o debate geral na sociedade que a promove (exemplo da primeira coluna); é o feminismo, porém associado à participação feminina no mercado de trabalho, na escola formal, e na representação política, as quais até mais importantes do que a influência do próprio feminismo, ou de suas idéias na sociedade (exemplo da segunda coluna); e outro que também pensa assim, mas é o único a enfatizar a mudança na direção da liberdade sexual das mulheres (última coluna):

"Eu acho que várias mulheres e homens, em vários lugares do mundo (...) tem debatido a questão... e acho que esse debate geral, não restrito a um movimento (...) é que tem realmente mudado a visão de homem e de mulher." (Jairo)

"O feminismo (...) aquele que eu concordo... eu acho que a mulher já fez grandes conquistas, ainda bem, né? (...) [mas] Ainda hoje, mulher que conquista espaço é aquela que teve dinheiro, aquela que foi prá faculdade, é aquela que tem

"Não exatamente o feminismo, mas era um pessoal mais intelectualizado ou então mais politizado. as mulheres eram muito mais liberadas, se permitiam sair de um relacionamento para outro. Buscar um companheiro

emprego." (Glória)

para uma relação sexual
não necessariamente
prolongada (...) [também]
podiam ser lideranças
políticas..." (Vitor)

Em apenas dois casos, os entrevistados referem-se às mudanças nas relações de poder no campo do gênero de maneira mais explícita através do reconhecimento da dominação masculina. Porém, um deles aponta para os aspectos negativos da inserção feminina no mercado de trabalho, aceitando as regras de competitividade já estabelecidas causadoras de doenças do trabalho, e por outro lado provocando crises no casamento em face do poder econômico conquistado. Note-se também que ambos convergem na crítica negativa à luta pelo confronto, realçando a necessidade do entendimento, sendo o exemplo à esquerda mais enfático neste sentido:

"...as coisas não foram muito levadas para uma unidade. (...) Aí a mulher arranhou um trabalho, que é que acontece? O casamento entra em crise. (...) É a insegurança, não sei que... a insegurança do homem... machismo... (...) as mulheres querem se libertar, não sei que... e não são felizes, quer dizer, alguma coisa tá errada aí. (...) Porque a mulher conquistou seu direito, mas também conquistou o pior: o stress, conquistou doenças do homem. (...) Durante séculos o homem paga, de repente a mulher diz: 'não! quem paga sou eu!' (...) isto são coisas artificiais, colocadas fora do problema." (Nilton)

"Eu acho que tende a solucionar alguns problemas de relacionamento, que antes só não eram expostos porque havia um domínio bem grande dos homens. (...) E hoje as coisas tendem mais ao diálogo (...) Mas há a questão da unidade, porque isso não deve ser levado pela via do confronto. Claro que toda reação a uma situação preestabelecida tende ao confronto. Mas se for uma reivindicação no sentido de obter essa coisa toda, isso é necessário, mas eu não sei se vai resolver o problema. Um problema mais de educação. Das pessoas compreenderem mais..." (Alberto)

Apesar de não haver uma referência explícitas às relações de poder entre os gêneros que o feminismo estaria rompendo, considero que os depoimentos que se seguem, se assemelham aos depoimentos de Nilton e Alberto anteriormente citados. As semelhanças entre estes dois grupos é a tendência entre os/as entrevistados/as, na qual alguns deles/as afirmam, mais categoricamente, que o feminismo não contribui

para mudanças dos papéis de homens e mulheres, mas antes fixou estereótipos para si mesmo, e há uma referência ao poder no sentido de opor homens e mulheres (exemplo da esquerda); ou para as relações de gênero no modelo dominador/dominada (o outro exemplo).

"...o feminismo, prá si mesmo, criou uma imagem muito negativa da mulher, sabe? (...) ao homem, eu acho que o feminismo... ele, o radical... ele termina repugnando, né? Aí cria aquele estereótipo da... da... da... essas mulheres sapatões, sabe? (...) o feminismo, mais moderado, se é que a gente pode dar essa diferença (...) eu acho que consegue passar uma imagem de homem melhor..."
(Paula)

"E alguns homem já mudaram (...) E a gente tem que fazer... trabalhar com esses outros tipos de companheiros. (...) Criou-se o estereótipo de homem machão e da mulher pobre coitada, que sofre todas as coisas! Só que tem mulher que sofre isso porque quer. (...) Porque não luta, não tem a mínima vontade de lutar contra isso" (Carla)

Por outro lado, a fala de Carla, acima, revela também um aspecto que aparece em outros depoimentos de realçar uma acomodação das próprias mulheres à situação de dominação masculina, as quais são chamadas de "mulheres machistas". Este fato reforça a importância da resistência individual das mulheres para os/as entrevistados/as, expressa na correlação do movimento com esta resistência isolada, apontada na discussão anterior. A fala de Inês mostra esta relação de maneira evidente:

"...tem muita mulher machista também. Então, geralmente, essas mulheres machistas são as que mais sofrem nas mãos dos homens. E eu acho que o que o feminismo propõe é uma maior conscientização da mulher no mercado de trabalho, no seu espaço na sociedade e na família." (Inês)

Portanto, a associação positiva do feminismo com mudanças no comportamento de homens e mulheres nas relações de gênero, assume um ligeiro destaque, mas é acompanhado por outras posições que relativizam a sua importância na transformação aqui enfocada, na visão dos/as entrevistados/as, opiniões que se distribuem na população equilibrada em termos de sexo e curso, tanto para aqueles que

associam mais fortemente feminismo e mudança como para aqueles/as que fazem uma associação fraca.

Agora, o principal aspecto enfatizado na mudança de comportamento no campo do gênero são aquelas referentes às atribuições de homens e mulheres na divisão sexual do trabalho: a mulher incrementou a sua participação no mercado de trabalho, enquanto os homens, embora menos referidos pelos/as entrevistados/as, passaram a participar das atividades domésticas. E neste sentido não há diferenças significativas entre homens e mulheres, tampouco, quanto à inserção profissional. Noto aqui que a característica marcante dessas falas é uma certa dúvida, um certo receio de afirmar ou negar categoricamente, se o feminismo conseguiu ou não operar uma mudança nas relações de gênero.

Da mesma forma isto propicia uma avaliação dos/as informantes do alcance da mudança em termos da quantidade de pessoas atingidas, e da sua qualidade (profundidade). Esta profundidade se revela também no pequeno número de entrevistados/as que se referem à mudança no sentido de mesclar os atributos masculinos e femininos, num ou noutro sexo.

Outrossim, a menor parte dos/as entrevistados/as consideram as mudanças de comportamento de homens e mulheres nas relações de gênero, como resultante, parcialmente, do movimento feminista. Estas mudanças estão inseridas num processo mais amplo de crescimento da mão de obra, da escolaridade e da participação política feminina. Parte deles/as consideram estes fatores mais importantes do que a atuação do movimento para as mudanças nas relações de gênero. O que pode reforçar a associação apontada por aqueles/as que vêem o feminismo como agente de mudança, mas que fixa seus resultados na divisão sexual do trabalho, ainda mais, como já me referi acima, quando há um certo receio em ser categórico quanto a sua influência.

Por outro lado, esta avaliação que insere a mudança no contexto amplo, traz a tona a discussão sobre os agentes de mudança e a importância da luta individual de algumas mulheres associada, simultânea à existência de um movimento para a transformação das relações de gênero vista na discussão da *nebulosa*.

A importância da resistência individual como agente de mudança parece ser também incrementada, pois há um argumento novo na fala dos/as informantes: “a acomodação das mulheres machistas” às relações de gênero tradicionais. Ou seja, para os/as entrevistados/as que assim pensam, é possível sugerir que o movimento organizado não será suficiente, se não houver uma resistência mais sistemática das mulheres aos arranjos de gênero estabelecidos.

Mas, ainda que alguns dos/as informantes tenham tais considerações parece permanecer um núcleo de resistência a alguns aspectos da mudança de comportamento de homens e mulheres nas relações de gênero, tanto para aqueles/as que as associam ao movimento, quanto para aquele/as que atribuem a mudança há uma conjuntura mais abrangente. Assim é que: há novamente críticas direta e indiretas ao confronto homem mulher que o movimento acirra ou pode acirrar. Ou seja, o núcleo de resistência ao movimento parece estar situado nas suas propostas ou ações de transformação das relações de poder entre os gêneros. E isto também está presente na classificação de feministas não femininas, e na dissociação destas mulheres do movimento para construir em torno dele uma avaliação positiva, principalmente na defesa dos direitos iguais que apenas tangenciem as disputas de poder que permeiam a construção desta igualdade.

A seguir analiso como os/as informantes percebem a influência do feminismo na sua vida pessoal quanto às mudanças de comportamento enquanto homens e mulheres no campo das relações de gênero.

b) as influências do feminismo na vida pessoal

A maioria dos/as entrevistados/as declaram nos seus depoimentos que sofreram alguma influência do feminismo (o movimento ou seu ideário) na sua vida pessoal no sentido de mudança das relações de gênero, em apenas três casos tal declaração é claramente negativa. Porém a forma de senti-la é variável, dentro do grupo aqui considerado, assumindo algumas tendências, a exemplo do que foi visto acima sobre o impacto geral do feminismo como agente de mudanças das relações entre os sexos.

Há um primeiro grupo de entrevistados/as (7 deles/as distribuídos nos cursos e por sexo equilibradamente) que nos seus depoimentos revelam uma influência mais direta do feminismo, das idéias de mudança das relações de gênero que circulam na sociedade, na sua vida pessoal. Isto é perceptível por três razões: 1- afirmam claramente que sentem tal influência; 2- não demarcam se tal influência se dá pelo movimento ou pelas idéias gerais que circulam na sociedade, e quando o fazem é para ressaltar um contato direto como o movimento; 3- e ainda porque dizem em que sentido seu comportamento pessoal modificou-se; como mostra o exemplo abaixo:

*“Ela se deu a partir do momento que eu tomei conhecimento das idéias desse movimento. Então, isso me levou a repensar e a refazer as minhas práticas (...) dentro de casa (...) com as amigadas femininas (...) na parte da questão mais afetiva.”
(Wagner)*

Neste primeiro grupo constitui exceção o exemplo de Laura, que na sua fala (abaixo) demarca uma mudança na sua vida, exclusivamente, no aspecto igualdade profissional com os homens, acentuando a sua opção de ser feminina na sua conduta pessoal:

“[na] minha vida pessoal eu procuro ser o mais feminina possível, sabe? Mais angelical, mais frágil. Eu gosto! (...) o feminismo aí entrou no aspecto de igualar o homem e a mulher no lado profissional. (...) Em casa, geralmente, quem dá a última palavra é ele. Eu gosto que seja assim (rindo)”(Laura)

Como se percebe nas falas deste primeiro grupo acima, há uma tendência a enfatizar os aspectos da mudança no comportamento das mulheres enquanto uma conquista do espaço público, entretanto, não há referências a mudanças nas relações de dominação ou que evidenciem traços das desigualdades em termos do poder de um ou outro sexo. Por sua vez, as falas masculinas revelam mudanças em função do comportamento feminino.

Há um segundo grupo de entrevistados/as, (a maioria deles/as independente de sexo e curso) que denotam nas suas falas, uma influência indireta do feminismo em suas vidas. Isto se faz sentir pelos seguintes motivos: 1- dizem claramente que são as idéias que circulam na sociedade ou os meios de comunicação que os influenciam (primeiro exemplo); 2- colocam outros fatores que contribuem mais diretamente para tal mudança (segundo exemplo); 3- além do que a mudança pessoal nas relações de gênero está subentendida:

“A idéia sim, o movimento não! (...) não posso dizer que ele me influenciou porque nunca tive contato. Mas a idéia sim, porque (...) é veiculada em jornais, revistas, (...) até na discussão pessoal com outras pessoas, e aí sim, influenciou.”(Jairo)

“... é o que toda mulher sofre. Que vem a faculdade, que trabalha fora (...) as coisas indiretas. Passa a ver que: ‘eu deveria trabalhar mais isso!’ Prá te falar a verdade, a minha consciência como mulher, veio através do meu curso de história, não através de um movimento feminista” (Glória)

Também neste grupo há exceções, o primeiro é o exemplo de Telma, que acentua a mudança indireta, mas acentua a mudança no seu comportamento enquanto mulher; o segundo é o exemplo de Ivson que desloca a mudança para o comportamento das mulheres e não se refere no que mudou na sua conduta individual:

“se a gente tem uma sociedade um pouquinho mais aberta prá as mulheres, deve ter sido por influência do feminismo. Então, nesse sentido contribuiu. Mas eu não posso dizer que tenha sido uma influência direta.

“Olhe, acho que sim. (...) se não existisse o feminismo (...) seja pelo movimento organizado, seja pelas próprias circunstâncias sociais, tá certo? Se não houvesse isso, eu acho que as mulheres,

*(...) modificou [a vida pessoal] porque hoje, seriam bem menos interessantes do influenciou o ambiente onde eu vivo..." que normalmente são, tá certo?" (Ivson)
(Telma)*

Estes exemplos reforçam as opiniões que apontam mudanças nos comportamentos das mulheres, em função das quais os homens modificam suas práticas. Por outro lado o sentido da influência indireta também é como se quisesse demarcar um distanciamento do feminismo, ou de ser vista como feminista como mostra a fala de Paula:

"As idéias em si não. Mas assim, a postura de minha mãe contribuiu muito, sabe? Assim, sem eu saber que era um tipo de feminismo, tá entendendo? (...) Mas as idéias em si foi uma coisa que depois se juntou a essa minha experiência particular. (...) Eu tenho algumas idéias que se coadunam com a linha do feminismo, sabe? Mas isso, necessariamente... eu não acho que eu seja feminista. Dentro do, assim... dentro da palavra, estritamente do... da semântica da palavra..." (Paula)

O exemplo de Paula acima, no que se refere a espelhar-se em mulheres, da sua família e da geração precedente, que romperam com comportamentos femininos tradicionais, assemelha-se com outras entrevistadas, as quais afirmam que, antes mesmo de conhecer as idéias feministas, já se colocavam criticamente frente às relações de gênero em que foram socializadas. Porém, neste caso, o encontro com as idéias feministas reforçam as suas opiniões; como se vê na fala que se segue:

*"Na minha vida pessoal sim. (...) sempre fui a favor de ser independente. (...) eu não sabia que existia feminismo. Eu vim conhecer bem depois. Então foi uma luta minha desde criança praticamente, né? Graças a Deus está me ajudando bastante!"
(Juliana)*

Por fim, o último grupo de entrevistados que negam nos seus depoimentos qualquer influência do movimento ou das idéias feministas em suas vidas pessoais, sendo constituído apenas por três homens. Veja-se o que nos diz um deles:

"Não! só nesse aspecto de que eu jamais me casaria com uma feminista. Eu me casaria com uma mulher feminina (...) baseada

no respeito mútuo. (...) eu lavo os pratos porque eu acho que devo lavar, tal. Mas não é uma imposição (...) eu lavo porque é um problema meu. Porque eu sou assim, eu vigio muito, né?" (Nílton)

De maneira que quanto à influência do feminismo na vida pessoal, os/as entrevistados/as, na sua maioria, colocaram-se permeáveis às discussões que o movimento estabelece com a sociedade, dentre eles/as não há diferenças significativas quanto à inserção profissional, mas há um maior número de mulheres do que de homens que se consideram influenciadas por tais idéias. Se isto é verdade, também permanece uma distinção, entre considerar se estas idéias originam-se no movimento, ou são parte de um contexto mais amplo, considerando-se influenciado direta ou indiretamente, posto que pode ser enfatizada a influência da profissão/estudo da História, o ambiente de convivência cotidiana, ou os meios de comunicação que é o mais freqüentemente citado e concentra a maioria dos/as informantes.

Por sua vez, permanece também a tendência em apontar mudanças na atuação das mulheres no espaço público principalmente a profissão, quase não se faz referência a mudanças operadas na esfera afetiva ou na família, e ainda, são pouco definidas ou transparentes as declarações de mudanças nas relações de poder constituídas a partir do gênero. Como também, de certa forma, são as mudanças no comportamento das mulheres que desencadeiam atitudes desta ordem no comportamento masculino, segundo as falas de homens e mulheres aqui entrevistados/as.

Há um sentido de distanciamento do movimento ou das feministas, percebido nos depoimentos dos/as informantes que afirmam uma influência indireta do/das mesmo/as em suas vidas. Tal distanciamento sugere uma demarcação em não ser considerado/a um/a feminista, mesmo que se deseje uma igualdade entre os sexos.

Por outro lado, a resistência individual se evidencia na fala de pouquíssimas mulheres entrevistadas, que viveram esta experiência, para as quais o movimento feminista trouxe elementos de identificação, ou suporte na sua trajetória de ruptura das relações de gênero. Mas nem todas que assim se consideram avaliam o movimento de maneira a corroborar suas idéias pessoais.

Por fim, uma minoria, dentre os homens entrevistados, coloca-se refratária às idéias feministas, sendo que esta resistência se revela maior para com as militantes do que para com o ideário do movimento.

Neste sentido, a associação entre feminismo e mudança nas relações de gênero, seja para o conjunto da sociedade, seja na vida pessoal, tende a dividir a população aqui considerada em dois grandes grupos: o primeiro constituído por aqueles/as que dão um peso maior às ações do feminismo; e o segundo composto por aqueles/as que relativizam os vários fatores de mudança, percebendo-a como multideterminada, sendo mais importante a conjuntura social do que o movimento. A estas correlações feminismo/conjuntura imbrica-se a importância da resistência pessoal (especificamente das mulheres) para que sejam alcançadas as transformações/mudanças nas relações de gênero, fato que para uma minoria delas é argumento para se demarcar das feministas militantes, ou até do movimento.

Outrossim, os resultados sugerem que os/as entrevistados/as associam (mais claramente) as mudanças do feminismo ao incremento da participação das mulheres na força de trabalho, e dos homens nas atividades domésticas, sendo estas mudanças mais intensamente referidas para as mulheres. Apenas aqueles/as que evidenciam a conjuntura, ampliam a mudança para a participação política e a sexualidade feminina (vale notar que eles/as constituem uma minoria restrita). Neste mesmo sentido, as mudanças nas relações de poder não têm muita visibilidade (como

por exemplo as dificuldades em romper com os padrões estabelecidos que são tangenciados no julgamento das feministas quando se fala em confronto e disputa), e quando são enfocadas acompanham-se de críticas ao confronto ou radicalidade em que a sua transformação implica¹³⁵. Pelo aqui exposto é possível sugerir que o núcleo das mudanças que são associadas ao feminismo, no grupo aqui considerado, situam-se no âmbito da participação da mulher no mercado de trabalho, sendo ainda muito incipiente a percepção, quiçá a mudança, do incremento da participação masculina na esfera afetiva. E isto se relaciona com o que foi visto nos capítulos precedentes onde as trajetórias profissionais tendem a ser semelhantes para homens e mulheres dentro de cada área em que estão inseridos/as, e por sua vez, as desigualdades, entre eles/as, no equacionamento das atividades relacionadas à esfera afetiva parecem mais evidentes, sendo menor a autonomia feminina nesta última esfera.

Por fim, de um modo ou de outro, a associação feminismo mudança mostra-se perpassada pelos fatores da nebulosa feminista, e aponta um conteúdo das releituras das informações do movimento, pelo grupo aqui considerado, que para legitimá-lo restringe sua atuação à igualdade entre homens e mulheres na esfera profissional, sendo apenas tangenciados e avaliados negativamente os conflitos oriundos dessa transformação.

5.3 - AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO

Como visto anteriormente, as formas de contato com as idéias do feminismo; as representações sobre as feministas; a correlação movimento/ resistência

¹³⁵ Lembro aqui, as discussões sobre autonomia no capítulo IV, quando principalmente as mulheres, mencionam uma certa dificuldade para equacionar o tempo dedicado à profissão com as demandas das uniões de namoro/casamento que remete para a prioridade de cada projeto pessoal e a continuidade do relacionamento.

individual, que foram analisados a partir da noção de nebulosa. E, a apreciação do feminismo enquanto agente de mudança das relações de gênero por um lado, e a influência na vida pessoal dos/as entrevistados/as, por outro, implicam em classificações que ora aproximam, ora distanciam o grupo estudado da problemática do feminismo. Daí passo a ver neste item, quais as definições do feminismo em si mesmo, enquanto um movimento que envolve todas as questões discutidas antes, e neste sentido, como estas mesmas questões sugerem explicações para a representação mais abrangente do feminismo, ou seja, o movimento ou as idéias de transformação para as relações de gênero que a ele se associam¹³⁶.

Na situação da entrevista, a apresentação de uma definição do feminismo, para a maioria do grupo aqui estudado, caracterizou-se pela dificuldade em se referir ao tema, nos termos de apresentar um conceito pessoal sobre o mesmo. Este fato demonstra, se não uma resistência ao tema, a “delicadeza” que o envolve. Entretanto, vencida esta timidez inicial a tendência dos/as informantes foi de “soltar” suas opiniões mais facilmente daí em diante.

a) definições...

Os/as entrevistados/as, mais freqüentemente, definem o feminismo a partir do seu objetivo de lutar por direitos iguais entre homens e mulheres, mais especificamente no espaço público. Tal opinião se manifesta tanto entre os homens como entre as mulheres dos cursos de Física e História. Como mostram os exemplos a seguir - sobressaindo-se, nos depoimentos à esquerda, a dificuldade em abordar o tema:

Ou ainda para tomar decisões iguais, as negociações para chegar ao consenso, que envolve que os/as parceiros/as saibam ceder, sugestivas da correlação feminilidade/compreensão.

¹³⁶ Relembro aqui que entendo o feminismo e as ações das feministas como o núcleo gerador dessas idéias de mudança nas relações de gênero para a sociedade mais abrangente, conforme a nota 7 acima.

“Sabe que eu nunca parei prá pensar? (risos) Mas eu acho que eu não tenho nenhuma definição do feminismo. Talvez seja uma tentativa da mulher... da mulher... (...) uma tentativa da mulher conseguir ter os mesmos direitos que os homens.” (Mário)

“(pausa) Eu não sei como responder a essa pergunta não! (rindo) (...) É a questão da emancipação feminina... da mulher na sociedade.” (Juliana)

“Eu acho que... o feminismo seria a luta das mulheres prá se igualarem, em direitos, aos homens. Essa seria a minha concepção de feminismo. Uma luta para se obter uma igualdade de direitos entre homens e mulheres.” (Carla)

“Eu acho que a principal idéia é essa busca, né? essa luta pela conquista da ... do espaço na sociedade pela mulher, né? Ou seja, essa coisa de... de a [sic] mulher seja reconhecida como cidadã. Muitas vezes mesmo como ser humano.” (Wagner)

Em outros depoimentos, porém bem menos freqüente, há uma tendência para definir o feminismo como uma igualdade que alcance, também, o espaço privado (além da igualdade enfatizada na esfera pública vista acima). Os/as entrevistados/as que defendem tal opinião se distribuem de forma mais ou menos equilibrada, em termo dos sexos e dos cursos dentro da população estudada, com exceção apenas dos homens do curso de Física que não a mencionaram. O depoimento da esquerda abaixo é de uma mulher, e o da direita de um homem:

“a tentativa da mulher se libertar dos preconceitos e das imposições que a sociedade é... vieram [sic] impondo até um determinado... uma determinada década. E até hoje mesmo, como por exemplo, o fato da mulher não poder sair sem o namorado ou sem o esposo e... é... a pretexto de divertimento, geralmente, né?” (Telma)

“Busca da igualdade, quer dizer, entre homens e mulheres, em todos os campos, né? da vida. Principalmente da vida profissional, mas também da vida afetiva. (...) tanto em um caso quanto em outro, você pode resolver com a defesa da igualdade. (...) E por isso é importante que isso seja defendido também no espaço privado (...) porque a gente [que faz história] estuda muito essa questão da vida íntima, de vida privada...” (Jairo)

Outra tendência perceptível entre os/as informantes, é definir o feminismo como a luta pela igualdade de direitos entre os sexos independente de delimitação de espaços público e privado, desde que sejam mantidas as diferenças entre os homens e mulheres, principalmente as características de feminilidade e masculinidade (metade

deles/as dão este realce à sua definição). Tal tendência se apresentou nos depoimentos de homens e mulheres, dos cursos de Física e História, sendo mais freqüente nas falas dos homens do curso de Física, conforme o exemplo abaixo:

“Quer dizer, eu acho que as mulheres tem que ter realmente igualdade. Agora, respeitando as diferenças. Homens e mulheres não são iguais, assim, eles têm diferenças. Não vou entrar no mérito se biológicas, tá certo? Ou se só sociais, ou ambas. Mas a verdade é que o homem e a mulher eles têm diferenças, entre eles dois, tá certo? E... acho que é bom assim, tá certo?” (Ivson)

Porém, há uma opinião oposta a anterior, qual seja, é a luta pela igualdade entre homens e mulheres, sem considerar a manutenção de diferenças segundo o gênero masculino e feminino; sendo expressa em apenas um depoimento de uma das mulheres do curso de Física. Eis o que ela nos diz:

“Feminismo, prá mim, tá ligado a igualdade, né? Você poder fazer tudo que os homens fazem. Você... não tem essa história: ‘Ah! homem pode isso, mulher não pode!’ Não! tem que ter os mesmos direitos. Afinal de contas nós somos iguais, né? Eu acho que é essa definição. (risos)” (Simone)

Entretanto, forma um grupo significativo de pessoas, nos cursos de Física e História, aqueles/as que apresentam, nas suas falas, avaliações negativas do feminismo, seja enquanto um movimento, seja em termos das idéias feministas, seja ainda, mais direcionado ao comportamento das mulheres que se apresentam como feministas militantes. Os depoimentos abaixo exemplificam esta situação e sua distribuição no grupo estudado, um homem e uma mulher em cada curso:

“Se pegar a palavra feminismo de per si, eu tenho somente preconceito. É... de colocar uma luta contra o homem. De colocar uma, assim, umas coisas, assim, meio deslocada da realidade. Porque eu fico com a impressão de que o pessoal não quer a libertação da mulher, e em geral, não quer a libertação do ser humano, quer apenas conquistar um

“...é como certas coisas, se... que são sempre levadas ao exagero. Veja bem, não é? Feminismo... um feminismo levado ao exagero, exacerbado. É uma coisa muito desagradável, não é? Quer dizer, transforma-se, na... no... num... na anti-mulher, vamos dizer assim. Quer dizer, a minha compreensão de feminismo é essa, que tem que ser uma

determinado espaço um... contra o homem (...) Mas isso é mais preconceito, não é uma coisa que eu tenha vivência com feministas não..." (Vitor)

coisa... é... em favor da mulher, mas não assim estereotipada..." (Nilton)

"Feminismo eu vejo como uma... uma distorção mesmo das idéias... dessas... dessas mulheres, né? na fase de transição de mulher objeto, vamos dizer assim, prá mulher completamente independente. (...) o feminismo prá mim é um radicalismo de idéias diante disso. Dessa mudança da posição da mulher na sociedade. (...) Mas eu sinto, assim, uma coisa muito radical. É o extremo, né? Como o machismo é o outro extremo." (Laura)

"Eu sou contra é, aquela feminista radical (...) ela se posiciona um tanto quanto machista. Porque no momento em que ela se posiciona com uma postura radical, ela tá discriminando o homem. (...) Ao mesmo tempo eu sou a favor de que a mulher tenha um espaço, porque ela sempre viveu numa sociedade discriminada." (Glória)

Se destaca do restante do grupo aqui estudado, as definições do feminismo segundo os homens do curso de História (independente de como eles se colocam sobre o tema nas categorizações acima), especificamente no que se refere a contextualizar historicamente o aparecimento do feminismo (depoimento da esquerda); e, a distinguir movimento organizado de idéias feministas enquanto um resultado da evolução social (o outro exemplo):

"Eu entendo o feminismo, na verdade, como um movimento que surgiu praticamente neste século. (...) que seria um movimento, como de outras minorias, né?, dos negros, dos homossexuais, a luta (...) a favor dos direitos humanos (...) Então eu vejo muito dentro dessa onda de lutas por liberdade, né?" (Carlos).

"Feminismo, eu acho que é, seria uma forma de que as mulheres, não é?, dentro do processo histórico, como tão fazendo assim, em grande parte de forma difusa, tentar ocupar cada vez mais o espaço na sociedade, reivindicando seus direitos, não é?" (Nilton)

Assim, a apresentação do conceito do feminismo pelos/as entrevistados/as tende para defini-lo, de maneira mais freqüente e pela maioria deles/as, como sendo a luta pela igualdade entre homens e mulheres no espaço público, ou seja: na lei e na profissão, principalmente, que tangenciam uma noção de cidadania e de um "ser humano" acima dos gêneros. Esta definição, a partir da idéia de igualdade entre os sexos, tende a ser também o núcleo do conceito para todos/as os/as informantes, entorno do qual se agregam as considerações que já apontam para uma

avaliação positiva e negativa. De maneira residual, alguns/as deles/as estendem esta igualdade para o espaço da casa. Nestes aspectos aqui apontados, não há diferenças de gênero ou de inserção nas áreas de conhecimento que sejam significativas.

Por sua vez, alguns/as dos/as informantes também apontam na sua definição do feminismo a igualdade que respeite as diferenças entre homens e mulheres, as quais se aproximam de diferenças essenciais contidas nas noções de masculino e feminino nas relações de gênero constituídas. Em apenas um caso, uma das mulheres considera que esta igualdade deve estar acima de quaisquer diferenças entre os sexos.

Todavia, a contextualização histórica do feminismo, presente exclusivamente nos depoimentos dos homens do curso de História, não implica em diferenças significativas diante do restante do grupo, em termos de sua conceituação geral. Inclusive, entre os historiadores situa-se um dos informantes, que juntamente com outras pessoas forma um grupo significativo na população estudada, as quais definem o feminismo a partir da sua negação. Ou seja, constroem uma definição por contraposição aos aspectos negativos que percebem no feminismo, tais como: radicalismo; confronto entre os dois sexos; inversão de poder entre homens e mulheres; masculinização da mulher. De certa forma, transparece nestas falas um sentido de complementaridade entre homens e mulheres, a partir do masculino e do feminino, que poderia ser rompida pela maneira de agir do feminismo quando ela se desse segundo esta avaliação negativa.

De maneira que as definições apontadas acima, do ponto de vista do seu conteúdo central, não apresentam diferenças significativas entre as áreas de inserção do conhecimento, e tampouco entre homens e mulheres. Outro aspecto importante é que este núcleo central é a proposta de igualdade entre os sexos, principalmente no espaço público. Entorno desta definição também já transparecem um sentido de

avaliação do feminismo onde são apontadas o seu lado positivo (a igualdade) e o seu lado negativo (radicalismo, poder, ruptura da complementaridade e das noções de masculino e feminino), como também, algumas das avaliações apontam contradições que podem estar relacionadas à noção da *nebulosa*. São estas avaliações positivas e negativas, portanto ambíguas, que são discutidas a seguir.

b) classificações...

Esta discussão tem o sentido de buscar as classificações do feminismo que se revelam a partir das avaliações do mesmo em termos positivos e negativos segundo os/as entrevistados/as; e, tanto aprofunda a análise das falas vistas acima, que já prenunciam as classificações, quanto procura as associações entre estas classificações com as noções da *nebulosa* e das práticas na esfera afetiva e profissional vistas nos capítulos III e IV deste trabalho.

Para entender como se dá a avaliação do feminismo em termos da sua ambigüidade, por se apresentar positiva e negativamente, primeiro trabalho com as categorias presentes nas falas dos/as informantes. Em seguida classifico estas falas tendo como norte as correntes do feminismo, essencialista e racionalista, segundo Yannoulas (1994), Collin (1993a e b), Machado (1992) e Fox-Genovese (1992)¹³⁷. Elas serão úteis para evidenciar as contradições que permeiam as avaliações dos/as entrevistados/as do ponto de vista da própria constituição do movimento, e ainda para entender como a noção de *nebulosa* perpassa estas avaliações. Neste sentido, também serão consideradas quais as “regiões” das relações de gênero que se apresentam como “ilhas” de resistência à transformação/mudança a partir das ações/propostas do feminismo. Por fim, em que sentido estas classificações são ou não coerentes com as práticas destes/as entrevistados/as.

¹³⁷ Estas classificações estão discutidas no Capítulo I (Marco Teórico).

As definições do feminismo, como vistas anteriormente, têm como elemento central a igualdade entre homens e mulheres, principalmente no espaço público. Assim definido ele é visto de maneira positiva por todos/as os/as informantes. A fala de Alba, abaixo, é mais um exemplo desta avaliação:

“...todo mundo tem direito de fazer o que deseja, né? as suas aspirações. Então, quando você se sente tolhida de fazer isso, pelo fato de ser mulher, aí é que existe o feminismo, e eu acho que tem que existir mesmo. Na hora em que as pessoas se sentem incomodadas têm que lutar pelo seu direito, né? Prá ser gente, né? prá ser normal, não é prá ser mulher. (...) Porque eu não encaro o feminismo como uma coisa contra o homem, mas é a busca do direito da mulher.” (Alba)

Vale notar que ela é a única dentro do grupo estudado a não apontar nenhuma crítica negativa ao feminismo, pois todos/as os/as outros/as entrevistados/as, complementam esta definição com conjunções adversativas (mas, porém, contudo, entretanto...) às quais se seguem os aspectos negativos. Assim, seria necessário para uma avaliação positiva do feminismo que no decorrer da conquista da igualdade não se operasse uma transformação nas características do masculino e feminino como vistos hoje¹³⁸. Esta posição é defendida por metade da população entrevistada, por homens e mulheres dos cursos de Física e História, sendo que há uma predominância das mulheres do curso de Física. Dentre aqueles/as que fazem estas considerações destaco o exemplo de Ivson, pois sintetiza a opinião demarcando a igualdade no trabalho, contrapondo com a feminilidade que deve se manter de forma típica, principalmente em se tratando de mulheres da sua convivência pessoal ou no que diz respeito aos critérios de escolha de suas parceiras¹³⁹. Veja-se o que ele diz:

“Eu acho que a mulher tem o direito e o dever de entrar na sociedade (...) de entrar nas diversas profissões, tá certo? (...)”

¹³⁸ Também na avaliação das feministas a mesma era tanto mais positiva quanto mais esta militante fosse vista como feminina (item 5.1 letra b, deste capítulo).

¹³⁹ Coloco em negrito as partes desta fala que são importantes para análise das representações.

*mas assim, do ponto de vista social eu acho que as mulheres têm que procurar a igualdade sim. Eu acho que o feminismo é legítimo prá mim é isso. (...) Se ela quer igualdade na profissão ela tem que ser tratada como igual. Algumas mulheres não se relacionam bem com isso, tá certo? Algumas mulheres tomam uma postura meio de fragilidade, entendeu? (...) este tipo de 'ranço' de achar que você tem algum privilégio também não deve existir, tá certo? (...) vocês dois têm que trabalhar de igual para igual. Têm diferenças, claro, mas vocês têm que ser colegas de páreo. (...) **Por outro lado**, eu não acho legal quando algumas mulheres se tornam parecidas com os homens, tá certo? (...) **mas** a verdade é que eu gosto assim, de uma menina que fale de uma maneira suave, que me atraia pela **feminilidade** dela, entendeu? (...) que ela tenha a **feminilidade típica**, tá entendendo? Ela pode ser arrojada como pessoa, trabalhar, fazer, acontecer, mas tem que ter um grau de doçura também, tá entendendo?" (lvson)*

Outra característica apontada como negativa no feminismo e contraposta à idéia de igualdade é a radicalidade, que está associada a uma situação em que homens e mulheres estariam em oposição conflituosa; ou associada à conquista da mudança de maneira abrupta, não processual. Na fala dos/as entrevistados/as a situação de oposição/conflito é colocada nos seguintes termos: reivindicar direitos demais (na fala de lvson acima se expressa na idéia de ter privilégios); propor inverter as relações entre homens e mulheres; colocar-se contra o homem; confrontar-se com o homem, ser impositivo na defesa das propostas; ser intolerante, odiar o homem; e, não saber conciliar com o homem. Esta idéia de radicalidade, como oposição conflituosa entre os sexos, já vem sendo apontada neste trabalho, e, em quase metade dos depoimentos, é colocada como uma característica de uma parte das feministas¹⁴⁰, sendo mais recorrente esta associação a elas do que ao movimento. Vale salientar que do conjunto dos/as entrevistados/as quase todos/as fazem a relação feminismo/radicalismo, não havendo diferenças significativas entre os/as físicos/as e os/as historiadores/as. A seguir listo três exemplos, o primeiro que evidencia a oposição homem/mulher; e os outros dois, sobre a conquista gradual de direitos:

“O homem tem a sua importância, como, né? a mulher também tem a sua importância. Os dois se complementam. Um não pode querer tomar o lugar do outro, certo? (...) E assim, quando você tá pedindo direitos demais, talvez isso atrapalhe até pra própria classe, ela seja discriminada por conta disso.” (Nélio)

“Negativo é querer fazer as coisas bruscamente. O feminismo queria romper ligeiro com algo que já parecia muito difícil. Isso não gostei!. (...) Penso que ir pouco a pouco, eu sou dessas pessoas que vão tomando as coisa pouco a pouco. Eu não gosto de: BUM! tem que...”(Máira)

“De ser firme sim na, na (pausa) De não radicalizar, de não achar que a coisa tem que... é um processo de mudança e não achar que isso tem que ser a força.”(Inês)

Dentro deste grande grupo, um pequeno número de informantes, consideram que o radicalismo inicial é necessário para a mudança; ou então que é uma situação inevitável, que ocorre em qualquer movimento que propõe transformações sociais; como mostram respectivamente, os dois depoimentos abaixo:

“O que acontece, eu, eu entendo até certo ponto. Porque as primeiras mulheres que se engajaram nessa luta, ela, as líderes feministas, enfrentaram condições que eu acho que a gente nem imagina. então, acho que nesse ambiente hostil é normal você encontrar pessoas radicais.” (Carla)

“... Tem as idéias abertas e que aceitam discutir com partes contrárias, como também tem muita gente sectária, né?, que não aceitam discussão com pessoas conservadoras. Como todo movimento, aliás.” (Jairo)

De maneira que a representação do feminismo considerada positiva tem por base o ideal de igualdade entre homens e mulheres, principalmente no espaço público, sendo que a metade dos/as informantes acrescentam a necessidade de manter as qualidades masculinas e femininas. Esta posição contém uma contradição do ponto de vista das correntes internas do movimento, somando duas posições contrárias: a corrente racionalista, que na sua posição mais extrema propõe o fim dos sexos e a construção da unissexualidade/androginia (Rubin, 1993). A segunda corrente, essencialista, defende a manutenção do masculino e do feminino, onde a desigualdade

¹⁴⁰ Associação que os/as entrevistados/as fazem entre feministas e radicalidade já foi discutida no item 5.1, letra b, deste capítulo.

seria resolvida pela substituição do primeiro pelo segundo na organização da sociedade¹⁴¹ (Machado, 1992; Yannoulas, 1994; Collin, 1993a e b).

A conjunção destas duas posições (igualdade acima das diferenças no espaço público, mas preservando o masculino e o feminino) na fala dos/as informantes, simultaneamente necessárias para ver o feminismo positivamente, além de contraditória, o que eles/as apontam enquanto críticas negativas ao feminismo está na corrente racionalista e na essencialista, separadamente e inversamente valorada. Ou seja, o desejo de igualdade no espaço público é condizente com a corrente racionalista, inclusive no que se refere a neste espaço homens e mulheres não se apresentarem enquanto portadores de diferenças de gênero construídas sobre o sexo biológico. Mas os/as informantes se distanciam do racionalismo feminista em dois aspectos: tanto por, geralmente, não estenderem esta igualdade ao espaço privado, quanto por quererem preservar o masculino e o feminino, não aceitando o fim das diferenças de gênero defendida pelas partidárias desta corrente racionalista. Por sua vez, o desejo de preservar tais diferenças, segundo a metade dos/as informantes, é condizente com o feminismo essencialista, mas com ele é discordante, porque os/as mesmos/as não aceitam que um sexo se sobreponha ao outro; e, as feministas essencialistas postulam que o princípio masculino (que organiza as sociedades atuais) seja substituído pelo princípio feminino, posto que ao primeiro correspondem guerra, conquista, egoísmo, individualidade, instauradores das desigualdades e conflitos da sociedade atual, e ao segundo corresponderia paz, quietude, fraternidade e coletividade, que poderiam “salvar o mundo” (D’ Eauboone, 1977; Rohden, 1995; Sorj, 1992b; Machado, 1992). Esta representação demonstra-se então confusa quanto à releitura do movimento pelos/as

¹⁴¹ Esta corrente vem sendo retomada pelas eco-feministas, ou feminismo da diferença (Rohden, 1995; Sorj, 1992b).

informantes, e evidencia a opacidade das relações do feminismo com a sociedade reforçando a noção da nebulosa feminista permeando estas representações.

Por outro lado, estas representações parecem se assemelhar com a corrente mais atual do movimento denominada pluralista (Collin, 1993a e b, Yannoulas, 1994; Machado, 1992), que baseia-se na construção do conceito de gênero, enquanto uma categoria fundante das relações sócio-culturais e que organiza hierarquias de valor, como também é primordial para a distribuição desigual de poder (ou dar-lhe significado) (Heilborn, 1992; Scott, s/d). Daí, a igualdade deve ser construída na diferença, posto que a categoria gênero, enquanto elemento estruturante, não pode ser eliminada das organizações humanas. Porém, esta corrente vê o gênero de forma “desencarnada”, ou seja não deriva do sexo biológico, mas é sobre ele construído, e assim, uma mulher ou um homem concretos, podem mesclar feminilidade e masculinidade, já que a “biologização” das diferenças explica e justifica muitas das desigualdades reais. Neste sentido, a manutenção do feminino e do masculino na visão dos/as entrevistados/as aponta para qualidades encarnadas em mulheres e homens, respectivamente, e assim esta representação não é coincidente com a corrente pluralista.

Retomando a discussão sobre a classificação positiva do feminismo pelos/as entrevistado/as orientada pela junção igualdade/essência, nela está subjacente o ideal de complementaridade entre homens e mulheres e que são expressos, por sua vez, no equilíbrio dos princípios masculino e feminino, enquanto pares de opostos que se complementam em harmonia (p. e. homem/provedor e mulher/mãe)¹⁴². Este ideal fica mais evidente quando os/as informantes enfatizam nos seus depoimentos a avaliação negativa da radicalidade, referida como uma situação em que homens e mulheres são

¹⁴² A idéia de complementaridade entre os sexos é apontada nos resultados do capítulo IV, como orientando (idealmente) tanto a constituição das uniões afetivas, como na divisão das atividades domésticas e das demandas destas uniões quando articuladas, principalmente pelas mulheres por serem compreensivas, com as

opponentes em conflito. Esta complementação ideal também está presente na avaliação tanto mais negativa quanto menos for gradual a conquista da igualdade e implique em situações não conciliatórias na visão dos/as informantes¹⁴³.

Do ponto de vista das relações de gênero de acordo com as práticas/representações do grupo investigado (principalmente o que é visto no capítulo IV), o núcleo central desta avaliação negativa do feminismo pelos/as informantes, refere-se aos aspectos em que se revelam o poder permeando a conquista da igualdade entre homens e mulheres. A prática heterodoxa do feminismo/feministas choca-se com o princípio tácito da complementaridade, na visão e práticas dos/as informantes, que funciona enquanto a *doxa*¹⁴⁴ no campo das relações de gênero, sobre a qual a ortodoxia da dominação do homem consegue ser posta em prática de maneira legítima.

Se estas representações são contraditórias, do ponto de vista das correntes do movimento e permeadas por uma *nebulosa*, elas são coerentes com as práticas dos/as entrevistados/as vistas nos capítulos III e IV. A igualdade legitimada no espaço público, assemelha-se à relativa igualdade vivida nos campos profissionais das áreas de Física e História, posto que há uma tendência maior para semelhança do que para diferenças, ao se considerar as trajetórias profissionais de homens e mulheres em cada uma de suas áreas, Física e História e da importância da profissão para ambos. Da mesma forma que os espaços da conquista da igualdade entre os sexos é associada positivamente e de maneira legítima ao feminismo, quanto aos processos de mudança

responsabilidades profissionais. É uma idéia que orienta as práticas e representações dos/as informantes a partir dos *habitus* de gênero, segundo a minha leitura das suas falas.

¹⁴³ Esta associação mais ou menos permeia a discussão da noção de nebulosa e das mudanças associadas ao feminismo discutidas nos itens 5.1 e 5.2 acima.

¹⁴⁴ Segundo Bourdieu (1983a) a *doxa* são as regras do jogo já estabelecidas em cada campo de poder sobre as quais se estabelecem *habitus* ortodoxos (dos dominantes) e heterodoxo (dos dominados). Ver mais sobre esta discussão no Capítulo I, deste trabalho.

que se desencadeiam a partir da inserção das mulheres na força de trabalho, pelos/as entrevistados/as¹⁴⁵.

Por sua vez, a existência de áreas profissionais masculinas, femininas ou neutras, está também de acordo com a idéia de complementaridade, posto que nas explicações para a sua permanência, ainda que sejam considerados aspectos sócio-culturais, os/as informantes se mostram imbuídos da categorização pelo gênero das áreas profissionais, consciente ou inconscientemente. A valorização, pelos/as entrevistados/as, da resistência individual para ruptura das relações de gênero estabelecidas também justifica esta posição (item 5.1 e 5.2), pois os mecanismos sutis de exclusão das mulheres de algumas áreas (como por exemplo a Física), são contrargumentados pelo exemplo de mulheres que nelas ingressam, e assim, bastaria “querer” para se conseguir, ainda mais que as mulheres físicas se sentem exceções na sua área masculina.

Quando se considera os resultados referentes às atividades domésticas e às uniões de namoro e casamento (cap. IV), neles se evidenciam mais claramente a contradição entre a igualdade e a desigualdade nas relações de gênero. O primeiro aspecto é a manutenção de critérios de escolha dos/as parceiros/as com base em características de feminilidade e masculinidade, principalmente entre os homens entrevistados. O segundo aspecto é a articulação entre as responsabilidades profissionais, tanto em relação às atividades domésticas, quanto no que se refere às demandas das uniões de namoro e casamento, pois cabe mais às mulheres do que aos homens equacionar os conflitos resultantes de tal articulação pelo requisito da compreensão inerente à essência feminina, o que sugere que a essência se materializa na existência. Mesmo que elas (principalmente as mulheres da área de Física)

¹⁴⁵ Questões que são analisadas no item 5.2, inclusive é extensivo para as afirmações dos/as entrevistados/as quanto à influência do feminismo em suas vidas pessoais.

percebiam mais do que eles os conflitos daí derivados, e de certa forma aceitem resolvê-los, sua resolução geralmente se dá pela conciliação (saber ceder), criticando ou não revelando os possíveis conflitos/desavenças (sendo as mulheres mais conscientes nestes aspectos). Esta organização, que se baseia na divisão sexual do trabalho atual, e é uma das causas das desigualdades entre homens e mulheres, pode implicar em que os projetos profissionais das mulheres, em algumas momentos, possam ser secundarizados em favor da organização doméstica, inclusive os filhos, por um lado, e por outro pelas demandas das uniões de casamento e namoro. Assim, o ideal de complementaridade se configura como importante para equilibrar a ambigüidade vivida entre o desejo de igualdade e a concretude das desigualdades baseada no *habitus* no campo das relações de gênero, em última instância relações de poder. Ambigüidade também presente na relativa igualdade profissional - que tende a se consubstanciar pelo princípio masculino, contraditória com as exigências da complementação da esfera afetiva, associadas aos princípios da feminilidade.

Como homens e mulheres estão nos dois espaços, em ambos é sugestivo a contradição igualdade/desigualdade, baseadas nas relações de poder do campo do gênero, mas que se naturalizam no *habitus* instituído neste campo na *doxa* da complementação. Dessa maneira as representações do feminismo assumem aspectos negativos quando as suas propostas/posturas denotam poder (associado ao radicalismo), já que os/as entrevistados/as parecem se situar fora das relações de poder, posto que valorizam positivamente a complementaridade cujo núcleo de sustentação é a harmonia e negação do conflito das relações desiguais na qual implica. Se isto é verdade, também se mostra sugestiva a avaliação das feministas comparativamente ao movimento enquanto agente de mudanças, que se revela mais negativa para as primeiras do que para o segundo. Ou seja, opera-se uma dissociação

do feminismo das suas militantes, para avaliar de maneira positiva seu ideal de igualdade. De uma forma ou de outra, parece que os aspectos negativos do movimento resultam das ações destas mulheres, e seus aspectos positivos resultam de um ideário de igualdade entre os sexos, desencarnado das suas ações concretas.

Aqui cabe uma parêntese sobre a questão do poder nas relações de gênero, e a sua reapropriação conceitual como categoria (Scott, s/d; Saffioti, 1992), valorizada para o feminismo, justamente ao por na pauta das discussões e análise das desigualdades, o poder nas relações entre homens e mulheres. Se esta idéia de complementaridade apresenta-se como uma representação importante na construção das categorias masculino e feminino na visão destes informantes, como então solucionar estas desigualdades? Como apresentar o feminismo nesta situação de ambigüidade, tanto de representações perpassadas pela nebulosa, quanto das práticas orientadas nos espaços intersticiais do *habitus* de gênero? Sendo sugestivo mais investigações sobre poder entre os gêneros, como se posicionam as pessoas sobre o mesmo, sua visibilidade ou invisibilidade, alimentadora de desigualdade entre homens e mulheres, mas legitimado na idéia de complementação que sustenta a harmonia e felicidade entre os pares, até aqui visto como iguais, mas existentes como desiguais.

De sorte que as representações do feminismo se apresentam em pares de opostos, sendo legítima a igualdade no espaço público - principalmente a profissão - e que mantenha as diferenças entre masculino e feminino. Por sua vez, é considerado menos legítima a igualdade que venha acompanhada pela radicalidade onde transpareça o poder que permeia as relações de gênero. Esta contradição sustenta-se no ideal de complementaridade entre o masculino/homem e feminino/mulher, estando perpassada pela nebulosa feminista. Mas ela se constrói conforme o *habitus* de gênero, evidenciado nas práticas profissionais, onde há maior igualdade, e as práticas da esfera

afetiva, que se revelam ambíguas entre o desejo de igualdade e o ideal de complementação sustentando uma relação de dominação do princípio masculino sobre o feminino no campo das relações de gênero. Ou seja, a *doxa* da complementação consensual coloca em disputa a heterodoxia e a ortodoxia das práticas/representações de gênero. Heterodoxia mais encarnada nas ações das feministas, do que no ideário do movimento, que é submetido a uma releitura pelo *habitus* ortodoxo, perpassado ao mesmo tempo pela nebulosa feminista, que permite configurar dois feminismos um positivo e legítimo (igualdade/consenso/processo/ feminino/masculino/sem disputas pelo poder) e outro negativo e menos legítimo (radical/conflituoso/rápido/sem masculino/sem feminino/com disputas pelo poder).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cercar as representações e as práticas da população sobre a problemática do feminismo e das relações de gênero, nas esferas profissionais e afetivas, circunscrita na Metodologia desta Dissertação e consoante a fundamentação teórica das relações de gênero, vistas como relações de poder vividas enquanto interioridade e exterioridade atualizadas historicamente; sobressai-se a importância do *habitus* direcionado, especificamente, para as questões de gênero nas esferas profissional, doméstica e afetivas, quando assimiladas ao feminismo. Feminismo este, que estabelece relações difusas com a sociedade, propiciando que ele seja representado ambigualmente através do que chamo *nebulosa feminista*.

A análise realizada nos discursos dos informantes, levando em conta suas práticas e representações, indica que no que tange a trajetória profissional:

- a escolha pessoal dos cursos (tanto de graduação quanto de pós - graduação) no grupo estudado, não levou em conta o caráter masculino, feminino ou neutro dos mesmos; entretanto, quando os depoentes avaliaram a composição segundo a predominância de sexo dos seus cursos, remeteram a rotulação de profissões masculinas, femininas ou neutras.

- as mulheres da amostra estudada pertencentes ao mestrado de Física, no qual predominam homens, destacaram a influência de professores do curso secundário, para suas escolhas, bem como, uma dada “excepcionalidade” caracterizada pelo pendor para matemática (minimizando, inclusive, a aprendizagem que foram submetidas). Já as mulheres do mestrado de História, em geral, não revelam quaisquer influências nas suas escolhas.

- os mestrados de História, em maior ou menor escala, afirmam que para suas escolhas profissionais, levaram em conta a influência de familiares e/ou amigos; enquanto os de Física, não mencionam influências de outras pessoas nas suas opções.

A interpretação das falas dos componentes da amostra, reflete que o percurso das suas trajetórias profissionais difere nos seguintes aspectos:

- os físicos/as apresentam um percurso linear, contínuo, temporalmente mais curto para percorrê-lo (perseguido a especialização), não hesitam em despende todos os esforços (desde retardar o exercício de uma atividade laborativa rentável paralela, até realizar mudança residencial com vistas a estudar num centro academicamente recomendável, passando pelo adiamento de casamento ou maternidade (no caso das mulheres). Isto, com o intuito de virem a concorrer no mercado de trabalho com melhores chances, tanto em atividades melhor remuneradas como ocupando posições mais prestigiosas. Fica evidente na pesquisa, que as

mulheres do curso de Física despendem maior esforço que as mulheres do curso de História, e mais do que os homens (seja de História ou Física), para adquirir tal especialização, o que remete para a existência de desigualdades (entre homens e mulheres) em função do gênero, e também segundo o tipo de profissão (masculina, no caso de Física).

- no grupo dos historiadores/as, a trajetória acadêmica se configura não linear, descontínua, e para a qual, o grau de esforço para especialização parece ser comparativamente menor. Por outro lado, o ingresso no mercado de trabalho é relativamente precoce neste grupo.

- estes achados permitem identificar como masculina, a profissão de físico/a, e como feminina a de historiador/a.

- dentro de cada campo profissional, aqui estudado, em que pesem as diferenças de gênero, homens e mulheres tendem a apresentar trajetórias profissionais semelhantes. Porém, as mulheres do curso de Física, mais do que os homens, dão total prioridade à especialização, em detrimento de outras demandas de suas vidas, reforçando o sentimento de exceção vislumbrado em suas falas, e corrobora as constatações anteriores indicativos de mecanismos sutis que excluem as mulheres do ingresso em profissões categorizadas como masculinas. Além disso, nesta profissão, mais até do que para as mulheres do curso de História, as exigências da esfera da reprodução são obstáculos para esta meta, sendo sugestivo, portanto, que as escolhas profissionais femininas estão perpassadas pela ponderação, de como articular a profissão com as responsabilidades da divisão sexual do trabalho vigente. Sem esquecer, que tais exigências são limites óbvios para as mulheres em quaisquer circunstâncias profissionais quando cotejadas com homens.

Portanto, há uma tendência a igualdade entre homens e mulheres quando se analisa a importância dada a profissão no contexto de suas vidas. Aqui vale ressaltar,

que a proposta feminista é, também, considerar a profissão como realização pessoal para as mulheres. Em que pese a persistência das desigualdades nos ingressos, e as restrições para homens e mulheres da liberdade de escolha profissional, enfatizada pelo próprio grupo, posto que se percebe, também, nas suas falas, a classificação e hierarquia, assimetricamente valorizada, das atividades laborativas de acordo com a categoria gênero.

A leitura analítica das falas dos entrevistados revela que, as desigualdades no campo profissional e nas relações de gênero, aumentam quando se leva em conta as atividades domésticas:

- mesmo contratando mulheres prestadoras de serviços domésticos, as mulheres entrevistadas, assumem maiores responsabilidades por tais atividades do que os homens; se são casadas e tem filhos, estas responsabilidades se tornam maiores do que para as solteiras sem filhos. Os homens sejam casados ou solteiros, em geral, aumentam suas participações quando residem com mulheres com as quais tem laços de parentesco, e esta participação se torna mais conspícua quando da existência de laços por aliança.

- a adequação entre atividades domésticas e atividade acadêmica se torna mais difícil, no grupo estudado, para as mulheres do mestrado de Física do que para aquelas do mestrado de História, reforçando as considerações no que concerne aos limites impostos para as escolhas e desempenho profissional das mulheres pela divisão sexual do trabalho, acima referida.

Os critérios declarados pelos componentes da amostra, para parametrar o projeto de ter filhos, foram os seguintes:

- os homens, independente dos cursos aos quais pertencem, remetem este projeto à estabilidade econômica. Nunca anunciam um “tipo ideal de mãe” para seus futuros filhos. Esta ausência, torna plausível admitir que os homens da amostra estudada, naturalizam a atribuição da maternidade, ao considerar todas as mulheres “boas mães”.

- as mulheres, aqui pesquisadas, afirmam ter uma maior certeza de que querem filhos, estando esta ocorrência atrelada às suas realizações profissionais (principalmente as físicas), no que acordam com os homens. Entretanto, verbalizam que querem ter filhos com pais participativos, justificando que os dois, por exercerem atividades profissionais, devem participar equanimemente dos cuidados e criação dos filhos. Nesse sentido, um dado revelador encontrado, é que a divisão sexual do trabalho parece determinar o adiamento do projeto de ter filhos, nas mulheres (principalmente para aquelas do curso de física, profissão com uma trajetória mais masculina). Além do que, para dirimir as desigualdades, elas desejam a maior participação masculina na divisão dessas responsabilidades, apontando para uma similitude com as propostas feministas.

Quando se analisa as responsabilidades de articulação das demandas profissionais com aquelas relacionadas às uniões de namoro e casamento, percebe-se que elas são exercidas principalmente pelas mulheres e na amostra estudada as dificuldades são sentidas mais intensamente pelas físicas.

Este achado se fortalece, quando cruzado com os critérios de escolha de parceiras revelado pelos homens: compreensão, admiração pelo trabalho deles, e quando eles preferem mulheres que trabalhem, são omissos em considerar que a profissão das mesmas seja fonte de realização pessoal. O que revela que os homens põem sobre as mulheres o encargo de articular e administrar os conflitos entre profissão

e afetividade, ainda mais quando também são elas que articulam as atividades domésticas.

As mulheres da amostra analisada, também consideram importante que atributos considerados masculinos (racionalidade, “bons pais”/justiça, dentre outros) sejam mesclados com características femininas (compreensão, sensibilidade, etc).

A leitura dos discursos, pela ótica da moralidade, permite vislumbrar que o grupo como um todo, tende a negar a dupla moral e assume valores rígidos quanto à fidelidade mútua. A tendência do grupo estudado é aceitar o controle da mulher sobre seu próprio corpo, tanto para viver a sexualidade (para elas mesmas ainda vivida timidamente, com impedimentos advindos da permanência dos valores de conquista na conduta sexual masculina), quanto para escolher métodos contraceptivos. Neste último aspecto, os homens têm menor responsabilidades contraceptivas. Ao considerar que os homens pesquisados apresentam uma maior resistência ao abortamento, revela-se uma contradição, tendo em vista serem eles, menos responsáveis pela contracepção. Cabe entretanto colocar que o grupo, no geral, tende a ser permeável à discussão ao aborto, no que se aproxima da proposta feminista.

Quanto as falas relacionadas com autonomia, as mulheres afirmam que a mesma é uma conquista nos seus relacionamentos afetivos. Ressaltam, ainda, que a autonomia é geradora de conflitos. Já os homens não referem os conflitos subjacentes à conquista de autonomia pelas mulheres, o que poderia refletir uma menor preocupação dos mesmos em resolver tais conflitos. Mas esta situação, que também revela poder entre eles e elas, tende a ser minimizada, pois o conflito é colocado em termos de “saber ceder”, principalmente pelas mulheres, remetendo para a qualidade de compreensão desejada pelos homens nas suas parceiras (ideais/atuais). Aliando esta

interpretação com a permanência da responsabilidade feminina para articular a esfera doméstica e afetiva com as demandas profissionais, nesse âmbito, o poder de barganha das mulheres, com o argumento do exercício profissional de maneira equivalente aos homens no espaço profissional, fica subsumido pelo *habitus* da assimetria e contradição de poder das relações de gênero, representado como complementação, excludente dos aspectos do poder, invisibilizado na valorização positiva da harmonia entre homens e mulheres. Assim, é sugestivo pensar que o grupo se representa fora das relações de poder no campo do gênero.

Portanto, o grupo, como um todo, apresenta uma ambiguidade no que diz respeito ao desejo de igualdade e a situação de desigualdade existente entre homens e mulheres, atualizada, reforçada, vivida na esfera doméstica e afetiva e na sua interrelação com o espaço da profissão, quando pensado pelo ângulo das relações de gênero. De um modo geral, homens e mulheres baseiam-se para construir suas uniões afetivas no ideal de complementaridade entre masculino e feminino, obedecendo assim, à *doxa* do campo do gênero. E justamente esta prática, baseada no *habitus* ortodoxo da complementação vai se refletir na representação do feminismo, frequentemente detectada na amostra.

A representação do feminismo aparece no grupo estudado de duas formas: positiva e negativamente. Estas duas maneiras de ver o feminismo não apresentam diferenças significativas entre homens e mulheres, tampouco quanto as áreas de conhecimento consideradas nesta pesquisa.

O grupo, de modo geral, considera positivo o feminismo que propõe a igualdade entre os sexos no espaço público. Entretanto, a metade dos informantes acresce que se faz necessário neste processo, preservar as características de

masculinidade e feminilidade essenciais. Esta representação une duas correntes opostas e antagônicas do movimento: o feminismo essencialista e o feminismo racionalista. Esta contradição mostra que o conceito positivo de feminismo, na classificação dos informantes, está costurado pela noção de *nebulosa feminista*, portanto, pela forma de inserção deste movimento na sociedade.

Esta relação, no contexto desta investigação, apresenta-se aos informantes através do conhecimento do feminismo pelos meios de comunicação de massa de forma preponderante, ao mesmo tempo revelando um interesse no tema e um distanciamento em aprofundar a temática.

Por sua vez, a comparação entre os resultados e idéias do feminismo com a existência de mulheres, inclusive com laços afetivos com os/as informantes, que rompem os padrões das relações de gênero estabelecidas, permite relativizar os efeitos e eficácia do feminismo na conjuntura atual de mudanças nas relações entre os sexos.

Isto se reforça quando parece ser mais valorizada a representação em nível parlamentar do que a participação política direta, que o feminismo privilegia, na vigência das regras democráticas atuais do campo do poder, compartilhada também pelos/as informantes.

As mudanças que o feminismo vem conseguindo operar nas relações de gênero tendem a ser reconhecidas, mas também são contextualizadas historicamente, porém elas são mais intensamente percebidas quanto ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho, o que é visto positivamente, tanto por homens como pelas mulheres nos dois cursos. Sem esquecer que são os/as historiadores que mais relativizam a eficácia do feminismo, e criticam mais fortemente sua legitimidade, sendo sugestivo, para tanto, seus conhecimentos sobre as teorias de mudança social.

De maneira que se o feminismo é percebido como influenciando em alguns aspectos das vidas pessoais dos informantes, há uma tendência em dele se demarcar, concorrendo claramente para isto a representação negativa das feministas, que são mais forte do que para o movimento. Como também em alguns momentos, há uma separação entre as idéias de igualdade entre os sexos, das propostas do feminismo visto como um movimento organizado.

No seu conjunto, estes achados, afiguram-se semelhantes à noção de nebulosa feministas para sintetizar a inserção do feminismo na sociedade, segundo a leitura das falas do grupo estudado. Sendo também relevante que as diferenças quanto ao sexo e a área de conhecimento tendem gradualmente para uma diluição em favor das semelhanças das avaliações, classificações e conceituações do feminismo, no grupo considerado.

Isto é ainda mais evidente, posto que, a grande maioria dos homens e mulheres criticam o feminismo radical, tanto no sentido de por em evidencia o poder nas relações de gênero (conflitos entre homens e mulheres), quanto no sentido da rapidez na conquista da igualdade entre eles e elas.

Por sua vez as representações negativas e positivas do feminismo são coerentes com as práticas dos entrevistados. A tendência à relativa igualdade no que diz respeito ao desempenho profissional (para as mulheres) enquanto uma realização pessoal, concorda com a representação positiva do feminismo que aparece nos discursos, posto que ele é definido, geralmente, enquanto igualdade de direitos entre homens e mulheres no espaço público. A existência de uma divisão sexual do trabalho que reflete a complementaridade masculina/feminina (expressa por maiores responsabilidades das mulheres nas atividades domésticas e uniões afetivas, bem como uma menor autonomia das mesmas nestas uniões, e nas qualidades masculinas e femininas requeridas aos/às parceiro/as que as informa) refletem a representação

negativa do feminismo, evidenciada nas falas dos informantes quando o feminismo questiona as relações de poder entre os sexos (radicalidade, conflito, confronto).

A situação expressa no parágrafo acima, ganha maior força se é verdadeiro que o grupo se representa fora das relações de poder no campo do gênero, sustentado pelo ideal de complementaridade.

Portanto, para aceitar o feminismo como o ideal de igualdade entre os sexos, sem correr o risco de ferir a complementaridade, os conflitos e confrontos de poder são deslocados para as militantes feministas, desencarnando o movimento de suas agentes concretas, justamente por serem elas quem mais revelam e tratam das questões de poder entre os sexos. O esta separação é passível de ser associada à noção de *nebulosa feminista*.

Dessa forma, a *doxa* da complementação nega o pensamento heterodoxo do feminismo e legitima a ortodoxia do *habitus* masculino e feminino instituídos. Assim sendo, a igualdade possível homens e mulheres é vivida, até certo ponto, enquanto uma “histerese do *habitus*”, ou seja o *habitus* atualizado naturaliza a desigualdade que torna-se contraditória com o ideal de igualdade.

De maneira que é possível sugerir a classificação de um “bom” feminismo se não põe em evidência estas ambiguidades da existência, e um “mau” feminismo que revela os conflitos e o poder das relações de gênero, aqui também consubstanciadas desigualmente, valorizada e representada como complementar, harmônica e esvaziada de poder. De maneira que, nestas representações e nas suas práticas, os/as entrevistados, geralmente, não percebem a assimetria de valores e os antagonismos dos diversos poderes de homens e mulheres.

Portanto, a construção das representações do feminismo se apresentam, no grupo estudado, perpassadas por suas práticas profissionais e afetivas de acordo

com as relações de gênero. Fato que parece ser corroborado pela própria forma de inserção do feminismo na sociedade, que enquanto nebulosa, pelos achados aqui expostos, concorre para sua representação ambígua, positiva e negativamente valorizada. E, estes resultados, apresenta-se compartilhado pelo grupo de forma mais homogênea do que heterogênea.

Evidentemente, que para mim, a temática não se esgota com esta Dissertação. E refletindo sobre ela, me apercebo quão necessário seria pesquisar: a divisão do trabalho entre homens e mulheres na esfera doméstica; comparar trajetórias profissionais de homens e mulheres em atividades consideradas masculinas, femininas e neutras; comparar profissões segundo suas composições de sexo. Também me sinto estimulada para pesquisar as uniões afetivas do ponto de vista da autonomia dos parceiros e verificar em outras populações (considerando, inclusive, classes sociais) quais as representações do feminismo e feministas, e o papel que a *nebulosa feminista* operaria sobre estas representações.

Outra questão que se afigura pertinente para futuras pesquisas refere-se ao posicionamento de homens e mulheres quanto ao poder nas relações de gênero, quais as representações que se tem sobre este poder que sustenta a desigualdade na existência, quando a igualdade, nesta pesquisa é sobretudo valorizada, não apenas entre os sexos mas em outros horizontes das relações sociais.

Do ponto de vista teórico, a literatura especializada, tanto de gênero, como em outras esferas da vida social/cultural, enfatiza os ganhos analíticos, explicativos, interpretativos de que as relações sociais são relações de poder. entre tanto, na situação pesquisada, o poder é valorado negativamente. Assim, parece ainda de grande valor heurístico a dicotomia clássica entre a visão do “nativo”, e as constatações do antropólogo: o que sustenta este hiato, entre a vivência do “nativo” e as

nossas explicações? Para o feminismo, esta questão tem ainda um outro nível de relevância, se ela é verdadeira, para auferir maior eficácia em suas ações, o que coloca um vasto horizonte de reflexões e investigações.

Daí, parecer claro, que despeito a intensa leitura especializada, o debruçamento completo sobre esta pesquisa, o mergulho reflexivo sobre os dados traduzem apenas o muito a ser estudado a respeito do tema.

Assim, faço minhas as palavras de Saramago: “...compreendiam que a última palavra estava por dizer, se realmente existe para todas as coisas uma última palavra, o que levanta a delicada questão de saber-se como as coisas ficarão depois de, sobre elas, ter sido dito tudo.” (Saramago, 1988, p.190).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGUIAR, N. (org.) (1984). Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas. Petrópolis, Vozes.

_____. (1983). “Mulheres na força de trabalho na América Latina: um ensaio bibliográfico.” BIB. Rio de Janeiro, nº 16:25-43, jul/dez.

ALBERNAZ, L. S. F. & QUADROS, M. T. (1993). “Antropologia política: feminismo”.

Recife. mimeo. Trabalho apresentado no Encontro das Ciências Sociais, 1 - UFPE.

Caderno de Resumos. Recife, 1993.

ALMEIDA, M. C. L. (1988). Em Busca da igualdade: um estudo de casais de camadas

médias urbanas no Recife. Recife. Dissertação de Mestrado em Antropologia

-
UFPE.

ALVAREZ, S. et al. (1990). "Feminismos na América Latina: de Bogotá a Taxco". In:

Rede Mulher. Feminismos na América Latina. São Paulo, mimeo. pp. 1-45.

ALVES, B. M. (1980). Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis, Vozes.

ALVES, B. M. & PITANGUY, J. (1985). O Que é feminismo. São Paulo, Abril Cultural; Brasiliense.

ASTELARRA, J. (1984). "El Feminismo como perspectiva teórica y como práctica Política." In: Teoria Feminista: Selección de Textos. República Dominicana, Editora Taller para CIPAF.

ARAÚJO, K. M. de. (1994). Família e espaço público: organização doméstica e conflito na reprodução de grupos pertencentes às camadas médias recifenses. Recife. Dissertação de Mestrado em Antropologia - UFPE.

ARENDT, H. (1987). A Condição humana. (3° ed.) Rio de Janeiro, Forense Universitária.

ÁVILA, M. B. (1989). "Direitos reprodutivos: o caos e a ação governamental". In: **SOS-**

CORPO - Grupo de Saúde da Mulher. Os Direitos reprodutivos e a condição feminina. Recife, SOS Corpo. pp. 17-25.

BACHOFEN, J. J. (1987). El Matriarcado: una investigación sobre la ginecocracia en el

mundo antiguo según su naturaleza religiosa y jurídica. Madrid, Ediciones Akal.

BADINTER, E. (1986). Um é o outro; relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BANDEIRA, M. L. & OLIVEIRA, E. M. . (1989). "Trajetória da produção acadêmica

sobre as relações de gênero no Grupo de Trabalho Mulher e Política”. mimeo. Trabalho apresentado no Seminário Temático “Transversalidade do Gênero nas Ciências Sociais”. XIII Reunião Anual da ANPOCS.

BARBIERI, T. (1993). Metodologia para o uso do gênero. Recife, SOS-Corpo.

BARSTED, L. A. L. (1994). “Em Busca do tempo perdido: mulher e políticas públicas no Brasil 1983-1993.” Estudos Feministas. Rio de Janeiro Ano 2, Número Especial:38-52, jul/dez.

BEAUVOIR, S. (1980). O Segundo sexo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BENHABIB, S. & CORNELL, D. (1987). “Introdução; além da política do gênero”. In: **BENHABIB, S. & CORNELL, D.** (org) Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos. pp. 7-22.

BERKOW, R. & FLETCHER, A. J. (1989). Manual Merck de medicina; diagnóstico e tratamento. São Paulo, Roca. pp. 1915-24.

BERNARDES, M. T. C. C. (1988). Mulheres de ontem? Rio de Janeiro século XIX. São Paulo, T. A. Queiroz.

BOURDIEU, P. (1983a). “O Campo científico”. In: **ORTIZ, R.** (org.) Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo, Ática. pp. 122-55.

_____. (1983b). “Ensaio de uma teoria da prática”. In: **ORTIZ, R.** (org.) Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo, Ática. pp. 46-81.

_____. (1983c). “Trabalhos e projetos.” In: **ORTIZ, R.** (org.) Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo, Ática. pp. 38-45.

_____. (1982a). “Condição de classe e posição de classe.” In: **Miceli, S.** (org) Introdução) A Economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva. pp. 3-28.

_____. (1982b). “Gênese e estrutura do campo religioso.” In: **Miceli, S.** (org) Introdução) A Economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva. pp. 27-76.

BRUMER, A. (1988). “O Sexo da ocupação: considerações teóricas sobre a inserção da mão de obra feminina na força de trabalho”. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, nº 8 vol. 3:20-36, out.

BRUSCHINI, C. (1994a). "Trabalho feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro". Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Ano 2, vol. 2, nº 3:17-32, jan/jun.

_____. (1994b). "O Trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes".

Estudos

Feministas. Rio de Janeiro, Ano 2, Número Especial:179-201, jul/dez.

_____. (1985). Mulher e trabalho: uma avaliação da década da mulher. São Paulo, Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina.

BRUSCHINI, C. & COSTA, A. O. (org.) (1992). Uma Questão de gênero. Rio de Janeiro/

São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.

BUARQUE, C. M. (1991). O Feminismo: mudança do paradigma. Recife. Dissertação

de Mestrado em Ciência Política - UFPE.

_____. (1986). Movimento de mulheres no Nordeste: estudo preliminar. Recife,

mimeo.

CASTRO, M. G. (1992). "O Conceito de gênero e as análises sobre mulher e trabalho:

notas sobre impasses teóricos." Caderno CRH. Salvador, nº 17:80-105, jul/dez.

CHODOROW, N. (1979). "Estrutura familiar e personalidade feminina". In: **ROSALDO, M. Z. & LAMPERE, L.** (org) A Mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro,

Paz e Terra. pp. 65-94.

CIÊNCIA HOJE. (1995). "Relatório de avaliação da Capes". Vol 19, nº112:61-64, ago.

COLLIN, F. (1993a). Praxis da diferença: notas sobre o trágico do sujeito. (2ª ed.) Recife,

SOS - Corpo.

_____. (1993b). As Mesmas e as diferenças. (2ª ed.). Recife, SOS - Corpo.

COMBES, D. & HAICAULT, M. (1987). "Produção e reprodução: relações sociais de

sexos e de classes". In: **KARTCHEVSKY-BULPORT, A. et. al.** O Sexo do trabalho.

Rio de Janeiro, Paz e Terra. pp. 23-44.

CORRÊA, M. (1984). "Mulher & família: um debate sobre a literatura recente". **BIB.**

Rio de Janeiro, nº 18:27-44, jul/dez.

CORRÊA, S. (1989). "Direitos reprodutivos como Direitos Humanos". In: **SOS- CORPO**

-
Grupo de Saúde da Mulher. Os Direitos reprodutivos e a condição feminina.
Recife, SOS Corpo. pp. 4-9.

COSTA, A. A. & SARDENBERG, C. M. B. (1991). "Feminismo, feministas e movimentos

sociais". Rio de Janeiro. mimeo. Trabalho apresentado no Seminário Mulher,

Desenvolvimento e Relação De Gênero. Centro João XXIII - CIAS.

COSTA, A. O. (1987). "É viável o feminismo nos trópicos? resíduos de insatisfação". In:

OLIVEIRA, E. M. (org.) Mulheres: da domesticidade à cidadania. Estudos sobre movimentos sociais e democratização. Impressão Conselho Nacional dos Direitos

da Mulher. Trabalhos apresentados na XI Reunião Anual da ANPOCS, Grupo de Trabalho Mulher e Política, Águas de São Pedro. pp. 87-93.

COSTA PINHEIRO, A. A. (1981). Avances y definiciones del movimiento feminista en

Brasil. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Facultad de Ciências Políticas y

Sociales da Universidad Nacional Autónoma de México.

D' EAUBOONE, F. (1977). As Mulheres antes do patriarcado. Lisboa, Vega.

DIAS, M. O. L. da S. (1992). "Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva

histórica e hermenêutica do cotidiano". In: **BRUSCHINI, C & COSTA, A. O.**

(org.)

Uma Questão de gênero. Rio de Janeiro/São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação

Carlos Chagas. pp. 39-53.

- DRUMONT**, M. P. (1982). "O Machismo como sistema de representações ideológicas recíprocas". In: **LUZ**, M. T. (org.) O Lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro, Graal. pp. 73-86.
- DURHAM**, E. R. (1983). "Família e reprodução humana". In: **FRANCHETTO**, B. et al. (org.) Perspectiva antropológica da mulher. Rio de Janeiro, Zahar. Vol. 4, pp. 13-42.
- _____. (1980). "A Família operária: consciência e ideologia". Dados Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol 23, nº 2:201-13.
- EISENSTEIN**, Z. (1984). "Capitalismo patriarcal y el caso del feminismo socialista". In: Teoria Feminista: Selección de Textos. República Dominicana, Editora Taller para CIPAF.
- ENGELS**, F. (1982). A Origem da família, da propriedade privada e do estado. (8º ed.). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- FERRAND**, M. (1994). "A Exclusão das mulheres da prática das ciências: uma manifestação sutil da dominação masculina". Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Ano 2, Número Especial:358-367, jul/dez.
- _____. (1989). "Relações sociais de sexo: maternidade e paternidade". mimeo. In: Relações sociais de gênero x relações de sexo. Departamento de Sociologia - Área de Pós-graduação. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero.
- FERREIRA**, A. B. de H. (1993). Minidicionário da língua portuguesa. (3º ed. revista e ampliada). Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FIGUEIRA**, S. (1987). "O 'Moderno' e o 'arcaico' na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social". In: **FIGUEIRA**, S. (org). Uma nova família?

O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. pp. 11-30.

FIRESTONE, S. (1976). A Dialética do sexo: um manifesto da revolução feminista. Rio de Janeiro, Labor.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. (1994). "Forma de família e socialização: novos desafios". Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Ano 2, Número Especial:336-346, jul/dez.

FOURASTIÉ, B. (1994). "Fenomenografia e vitalismo sociológico". In: Encontro das Ciências Sociais, 2. Anais. Recife, UFPE. pp. 23-32.

FOX-GENOVESE, E. (1992) "Para além da irmandade". Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Vol. 0, nº 0:31-56.

FRANCHETTO, B. et al. (1981). "Antropologia e feminismo". In: **FRANCHETTO, B.** et al. Perspectiva antropológica da mulher. Rio de Janeiro, Zahar. Vol 1. pp. 11-48.

FRY, P. & MAC RAE, E. (1983). O Que é homossexualidade. São Paulo. Brasiliense.

GARCIA, M-F. (1992). "O Segundo sexo do comércio: camponesas e negócio no Nordeste do Brasil". Revista Brasileira de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Ano 7, nº 19:84-102, jun.

GODELIER, M. (1981). "Os Fundamentos do pensamento selvagem", In: **CARVALHO, E. A.** (org.) Godelier: antropologia, São Paulo, Ática. pp. 76-90.

GOLDANI, A. M. (1994). "Retratos de família em tempos de crise". Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Ano 2, Número Especial:303-335, jul/dez.

GOLDBERG, A. (1989). "Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político". BIB. Rio de Janeiro, nº 28:42-70, jul/dez.

_____. (1987). "Gênero, mulher e identidade de esquerda: o feminismo no exílio". In: **OLIVEIRA, E. M.** (org.) Mulheres: da domesticidade à cidadania. Estudos

sobre movimentos sociais e democratização. Impressão Conselho Nacional dos

Direitos da Mulher. Trabalho apresentado na XI Reunião Anual da ANPOCS,

Grupo de Trabalho Mulher e Política, Águas de São Pedro. pp. 77-86.

GOLDBERG V. CRUZ, A. (1982). "Os Movimentos de libertação da mulher na

França e na Itália (1970-1980): primeiros elementos para um estudo comparativo do

novo feminismo na Europa e Brasil". In: **LUZ, M. T.** (org.) O Lugar da mulher:

estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro, Graal. pp. 33-58.

GOLDENBERG, M. (1991). Ser homem e ser mulher; dentro e fora do casamento.

Estudos antropológicos. Rio de Janeiro, Editora Revan.

GUEDES, G. (1995). "Brasil debate miséria em Pequim". Jornal do Comércio. Recife, 3

de setembro de 1995. caderno 1, p. 22.

HAHNER, J. E. (1978) A Mulher no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

HEILBORN, M. L. (1992) "Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil".

In: **BRUSCHINI, C. & COSTA, A. O.** (org.) Uma Questão de gênero. Rio de Janeiro/ São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas. p.93-126.

_____. (1991). "Gênero e condição feminina: uma abordagem antropológica". In:

NEVES, M. G. R. & COSTA, D. M. (org) Mulheres e políticas públicas. Rio de Janeiro,

IBAM/UNICEF. pp. 23-37.

HOLLANDA, H. B. (1992). "A Roupas da Raquel; um estudo sem importância". Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Vol. 0, nº 0:74-96.

ISTO É. (1996) "Passei no ITA, e daí?". nº 1372, 17 de janeiro de 1996. p. 16.

KERGOAT, D. (1987). "Em defesa de uma sociologia das relações sociais. Da análise crítica das categorias dominantes à elaboração de uma nova conceituação". In:

- KARTCHEVSKY-BULPORT**, A. et. al. O Sexo do trabalho. Rio de Janeiro, Paz e Terra. pp. 79-95.
- LEITE**, R. S. C. (1982). A Operária metalúrgica: estudo sobre as condições de vida e trabalho de operárias metalúrgicas na cidade de São Paulo. São Paulo, Semente.
- LÉVI-STRAUSS**, C. (1980) "A Família". In: **LÉVI-STRAUSS**, C. et al. A Família: origem e evolução. Porto Alegre, Editorial Villa Martha. pp. 7-28
- LOBO**, E. S. (1992). "O Trabalho como linguagem: o gênero do trabalho". In: **BRUSCHINI**, C. & **COSTA**, A. O. (org.) Uma Questão de gênero. Rio de Janeiro/São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas. pp. 252-266
- _____. (1988). Os Usos do gênero. mimeo. Trabalho Apresentado no XII Encontro Anual da ANPOCS, Águas de São Pedro.
- LOBO**, et al. (1987). "A 'prática invisível' das operárias". In: **KARTCHEVSKY-BULPORT**, A. et. al. O Sexo do trabalho. Rio de Janeiro, Paz e Terra. pp. 131-44
- LUZ**, M. T. (1982) . "O Lar e a maternidade: instituições políticas". In: **LUZ**, M. T. (org.) O Lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro, Graal. pp. 9-32
- MACHADO**, L. Z. (1992). "Feminismo, academia e interdisciplinaridade". In: **BRUSCHINI**, C. & **COSTA**, A. O. (org.) Uma Questão de gênero. Rio de Janeiro/São Paulo, Tempos dos Rosa/Fundação Carlos Chagas. pp. 24-38.
- MALHEIROS**, S. M. (1987). "Movimento feminista: um olhar para dentro" In: **OLIVEIRA**, E. M. (org.). Mulheres: da domesticidade à cidadania. Estudos sobre movimentos sociais e democratização. Imprensa Conselho Nacional dos

Direitos da Mulher. Trabalho apresentado na XI Reunião Anual da ANPOCS,

Grupo de Trabalho Mulher e Política, Águas de São Pedro. pp.. 71-76

MICHEL, A. (1982). O Feminismo: uma abordagem história. Rio de Janeiro, Zahar.

MORAES, M. L. Q. (1985). Mulheres em movimento: o balanço da década da Mulher do

de vista do feminismo, das religiões e da política. São Paulo, Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina.

MURARO, R. M. & **SUPLICY**, M. (1994). “O Sindicato das mulheres”. Folha de São

Paulo. São Paulo, 26 de maio de 1994.

NEIVA, A. P. (1995). “25 anos na vanguarda da Física”. Jornal do Comércio. Recife, 26

de novembro de 1995. caderno 1, p. 24.

OLIVEIRA, R. C. (1988). Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro/Brasília,

Tempo Brasileiro/CNPq. pp. 13-48.

ORTIZ, R. (1983). “Introdução: a procura de uma teoria da prática” In: **ORTIZ**, R. (org.) Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo, Ática. pp. 7-36.

PALLARES-BURKE, M. L. G. (1993). “Ousadia feminina e ordem burguesa.” Estudos

Feministas. Rio de Janeiro, Ano 1, nº 2:247-275, jul/dez.

PINTO, C. R. J. (1994). “Mulher e política no Brasil: os impasses do feminismo,

enquanto movimento social, face às regras do jogo da democracia representativa”.

Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Ano 2, Número Especial:256-270, jul/dez.

PORTINARI, D. (1989). O Discurso da homossexualidade feminina. São Paulo,

Brasiliense.

RODRIGUES, A. M. (1989). “Práticas e representações de pequenos funcionários

públicos de São Paulo". Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, Vol. 4, nº 11:85-103, out.

ROHDEN, F. (1995). Feminismo e religião: uma combinação recente. mimeo. Trabalho

apresentado na XIX Reunião Anual da ANPOCS. Caxambu.

ROMANO, J. O. (1987). "As Mediações na produção das práticas. O conceito de

habitus na obra de Pierre Bourdieu". In: **RIBEIRO**, I. (org) Sociedade brasileira contemporânea: família e valores. São Paulo, Loyola. pp. 43-84.

ROSALDO, M. Z. (1979). "A Mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica".

In:

ROSALDO, M. Z. & **LAMPHERE**, L. (org.). A Mulher, a cultura, a sociedade.

Rio de Janeiro, Paz e Terra. pp. 33-64.

ROSALDO, M. Z. & **LAMPHERE**, L. (1979). "Introdução". In:_____. (org) A Mulher,

a cultura, a sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra. pp. 17-32.

ROSEMBERG, F. (1994). "A Educação de mulheres jovens e adultas no Brasil".

In:

SAFFIOTI, H. I. B. & **MUÑOZ-VARGAS**, M. (org) Mulher brasileira é assim. Rio de

Janeiro/Brasília D. F., Rosa dos Tempos/NIPAS/UNICEF. pp. 27-62.

RUBIN, G. (1993). O Tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" dos sexos.

Recife, SOS-Corpo.

SAFFIOTI, H. I. B. (1992). "Rearticulando gênero e classe social". In: **BRUSCHINI**, C. &

COSTA, A. O. (org.) Uma Questão de gênero. Rio de Janeiro/São Paulo Rosa dos

Tempos/Fundação Carlos Chagas. pp. 183-215.

_____. (1987) "Feminismos e seus frutos no Brasil", In: **SADER**, E. (org.)

Movimentos sociais na transição democrática. São Paulo, Cortez. pp. 105-57.

- _____. (1976). A mulher na sociedade de classe: mito e realidade. Petrópolis, Vozes.
- SALEM**, T. (1981), "Mulheres faveladas: com a venda nos olhos". In: **FRANCHETTO**, B. et. al. Perspectiva antropológica da mulher. Rio de Janeiro, Zahar. Vol 1. pp. 49-99.
- SARAMAGO**, J. (1988). A Jangada de pedra. São Paulo, Companhia das Letras.
- SARTI**, C. (1988). "Feminismo no Brasil: uma trajetória particular". Cadernos de Pesquisa. São Paulo, nº 64:38-47, fev.
- SCHTRUK**, C. A. (1995). "Mulheres abrem novas frentes de trabalho". Folha de São Paulo. São Paulo, 27 de agosto de 1995. caderno 6, p. 1.
- SCOTT**, J. (s/d). Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. mimeo.
- SCOTT**, R. P. (1994). "Gênero, desigualdades sociais e família entre diferentes segmentos sociais pernambucanos." In: Encontro das Ciências Sociais, 2. Anais. Recife, UFPE. pp. 126-36.
- _____. (1990). "O Homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico". Cadernos de Pesquisa. São Paulo, nº 73:38-47, maio.
- SILVA** Filho, J. de C. (1992). A Besta fera e as águas de baixo: um estudo sobre representações. Recife, Dissertação de Mestrado em Antropologia - UFPE.
- SOARES**, Vera. (1994). "Movimento feminista: paradigmas e desafios". Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Ano 2, Número Especial:11-24, jul/dez.
- SORJ**, B. (1992a). "Feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade". In: **BRUSCHINI**, C. & **COSTA**, A. O. (org.) Uma Questão de gênero. Rio de Janeiro/ São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas. pp. 15-23.
- _____. (1992b). "O Feminino como metáfora da natureza". Estudos Feministas. Rio de Janeiro, vol 0, nº 0:143-50.
- STADTLER**, H. (1995). Antropologia feminista. mimeo. Apresentado em uma Reunião do Núcleo Família e Gênero, Mestrado em Antropologia - UFPE. Recife.

TOSCANO, M. & GOLDENBERG, M. (1992). A Revolução das mulheres: um balanço do

feminismo no Brasil. Rio de Janeiro, Revan.

VEJA. Mulher. (1994). "A Teia se expande". Número especial, ago/set, 1994. pp. 6-21.

VELHO, G. (1987). Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia das sociedades contemporâneas. (2° ed). Rio de Janeiro, Jorge Zahar. pp. 13-38; 39-54; 103-10.

YANNOULAS, S. C. (1994). "Iguais mas não idênticas". Estudos Feministas. Rio de

Janeiro, Ano 2, vol. 2, nº 3:7-16, jan/jun.

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados Pessoais

Curso----- ano de ingresso

Nome_____ sexo_____

Data de nascimento_____

Endereço_____

Residência de Origem_____

Estado Civil_____ N* de Filhos_____

Bloco 1 - Profissão

- 1- Sua profissão é mais procurada por homens ou por mulheres?
- 2- Como foi sua escolha da profissão?
- 3- Que importância tem a sua profissão no seu projeto de vida?
- 4- como é para você conciliar profissão/ casamento? e profissão/atividades domésticas?

Bloco 2 - Afetividade

- 1- Como são divididas as tarefas domésticas na sua casa?
- 2- Em quais circunstâncias você realiza tarefas domésticas?
- 3- Como é a divisão de atividades na criação dos filhos?
- 4- Fale-me das suas relações afetivas. (no geral e a atual)
- 5- Como você escolhe seus(as) parceiros(as). Critérios de personalidade ou físicos.
- 6- Que método contraceptivo você utiliza? Por quê? Como é feita a escolha?
- 7- Qual sua opinião sobre aborto? Por quê?

Bloco 3 - Feminismo

- 1- Na sua opinião, quais as principais idéias do feminismo?
- 2- Como você as conheceu?
- 3- Qual sua avaliação dessas idéias, por quê?
- 4- O feminismo propôs uma nova imagem (modelo ou papel) para homens e mulheres?
O que você acha delas?
- 5- Você conhece alguma feminista? Qual sua opinião sobre ela? E das feministas em geral? Por quê?
- 6- Você acha que o feminismo contribuiu para mudanças na sua vida pessoal?